

AMOR SEM MEDIDA



1000138340695

LITERATURA UNIVERSAL

www.sebouniversitario2.com



EDITORA VOZES LTDA. PETROPOLIS, RJ

M. Raymond, O.C.S.O.

Amor sem Medida



EDITORA VOZES LTDA.

AMOR SEM MEDIDA

Crônica de uma Família

NESTA obra dará com uma história da qual você nunca ouviu falar. Calhando maravilhosamente como base de romance, enquanto fato, prova com assaz proeza que jamais houve uma história tão sem igual. Trata-se de uma família constituída por sete homens fortemente animados pela alegria de viver e pelo amor de lutar, e por duas mulheres imbuídas de sentimentos não menos ardorosos dos prazeres da vida, sobrepujando os sete em esportividade e sociabilidade. Estas suas vidas introduziram-nos no seio de todas as classes da humanidade. Papas, Reis, Cardeais, Diplomatas, Santos e pecadores tornavam-se, no decorrer dos anos, amigos ou inimigos desta família genial. Armou cerco a grandes cidades e até mesmo deu show perante os grandes da terra e, como um furacão, unida, esta família arvorou-se contra o maior sítio e fabuloso show de sua vida. Toda riqueza, toda honra e fascinação foram descartadas — esta família constituiu-se contra o mundo.

AMOR SEM MEDIDA

PADRE M. RAYMOND, O.C.S.O.

AMOR SEM MEDIDA

Crônica de uma Família



EDITORA VOZES LIMITADA
PETRÓPOLIS, RJ

1964

Título do original: "The Family that Overtook Christ".

Copyright 1942 by P. J. Kenedy & Sons.
New York, USA.

Tradução do Pe. Ivo Montanhese, C.SS.R.

Censor ad hoc: Pe. José Rodrigues de Sousa, C.SS.R.,
Professor do Seminário de Santo Afonso em Aparecida — S.P.

I M P R I M I P O T E S T

SÃO PAULO, 31 DE MAIO DE 1963.

P. JOSÉ RIBOLLA, C.SS.R.,
SUPERIOR PROVINCIAL.

I M P R I M A T U R

POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO. E REVMO. SR.
DOM MANUEL PEDRO DA CUNHA CINTRA,
BISPO DE PETRÓPOLIS.
FREI WALTER WARNKE, O.F.M.
PETRÓPOLIS, 10-8-1964.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

INTRODUÇÃO

A IRMÃ SUPERIORA fechou o livro cuidadosamente. Era a "Vida de São Bernardo de Claraval". Depois, em tom de censura, exclamou:

— Esse autor merecia uma boa...

— Que é que há, irmã? Que acha de ruim nesse livro?

— O autor fez de um santo de Deus tudo, menos um santo. Pegou as loucuras infantis, as extravagâncias de Bernardo no noviciado, e nisso baseou sua vida, como se se tratasse de fatos heróicos de um santo. Escute um pouco isto:

Pegando o livro folheou algumas páginas e foi lendo:

... "Era tão heróica a modéstia de seus olhos que, no fim de um ano de noviciado, não sabia quantas janelas havia na igreja..."

Que bobagem! Quem saberia isso? Fui noviça dois anos; voltei ao noviciado todos os verões durante vinte e dois anos, e agora mesmo não saberia dizer quantas janelas há em nossa capela. Mas ninguém me atribuirá uma modéstia heróica a meus olhos, e penso que ninguém me canonizará. Pelo menos por enquanto, acrescentou com um sorriso.

Seu irmão, com quem conversa nesse instante, riu-se.

— Não, por enquanto não! Mas vamos ver. Não lhe parece insignificante esse pormenor para condenar o livro todo? Admito que muitos autores de vidas de santos, desconhecendo intimamente a vida religiosa ou espiritual, cometem erros semelhantes. Mas você irá pôr este livro em sua lista negra, por causa desta bobagem?

— Oh! foi só um exemplo, replicou a Irmã. O livro todo me desagrada. Conta o que Bernardo fez e não o que foi.

— Mas, Irmã, você nunca deve esquecer a sua filosofia: "Você é o que você faz".

— De jeito nenhum! Enquanto o mundo fôr mundo, haverá sempre escribas e fariseus, publicanos e pecadores. E se nós sabemos só o que fazem, nunca saberemos o que são. Porque se eu interpreto devidamente meu Novo Testamento,

muitos dos escribas e fariseus eram os pecadores, enquanto alguns dos publicanos e pecadores se converteram em grandes santos. Está compreendendo, Padre? São muitos os autores que não atinam com o ponto exato onde começa a santidade. Escrevem como se se tratasse de algo exterior, relatam as maravilhas que o santo realizou, falam interminavelmente dos milagres que operou, e parecem proclamar constantemente que eram santos por causa daquelas maravilhas.

— Mas você não admite que os milagres são os selos da aprovação divina?

— Claro que sim. Mas, por favor, compreenda o meu modo de ver. Vocês, os teólogos, fazem uma grande diferença entre "*gratiae gratis datae*" e "*gratiae gratum facientes*". Sem empregar o latim, dir-lhe-ei que os milagres podem mostrar-me o santo, mas não como chegou a ser santo, e é isso precisamente o que eu quero ver. O que me intriga não é o resultado dum processo, mas o processo em si mesmo. Minha tarefa não é ser santa, mas sim tornar-me uma santa. Parece-me que isto não é um paradoxo.

— Em absoluto! respondeu o irmão. Compreendo bem o seu modo de ver os milagres.

— Veja, Padre! Toda a vez que leio um livro repleto de acontecimentos milagrosos, me dá vontade de escrever ao autor e contar-lhe sobre um velho mestre de retiros que tivemos, homem com um profundo senso de humor e com um sentido não menos profundo de Teologia. Dizia que, se os milagres fossem a única prova de santidade, teríamos que chegar à conclusão de que a mula de Balaão foi uma santa maior do que São José e até mesmo do que a Santíssima Virgem Maria. A mula realizou um milagre: falou. Enquanto São José e Nossa Senhora não realizaram nenhum prodígio que os acreditasse como santos. Mas o prudente pregador de retiros acrescentava: Contudo, eu estou convencido de que semelhante prodígio não transformou nem um pouco a mula de Balaão, mas deixou-a mula tal qual era antes.

O irmão riu de boa vontade e falou:

— Irmã, nunca vi você assim disposta de ânimo. Fala com desenvoltura, com facilidade e com graça. Agora diga-me: que qualidade de vida de santo gostaria de ler?

— Uma que fale a verdade. Uma que mostre o homem trabalhando para ser santo, e não santo já perfeito. Uma

que mostre o homem tendo por modelo a Cristo e não os absurdos de uma escola de hagiógrafos. Está compreendendo o que eu quero dizer, Padre? Gostaria de ver um santo com a humanidade de Jesus Cristo! Ah! essas hagiografias que fazem do sobrenatural o antinatural!... Que Deus perdoe a seus autores o dano que causam ao mundo! Não dizem os teólogos que "a graça aperfeiçoa a natureza, mas não a destrói?"

— Sim.

— Então, por que são tantos os autores que retratam seus heróis dedicados quase que exclusivamente a "matar suas paixões e a aniquilar-se a si mesmos"?

— Mas, Irmã, devemos mortificar-nos e castigar-nos.

— Vem dizer isso a mim? Como noviças não tentamos "matar" uma paixão diariamente?

— De fato, riu o irmão, essa era a prática no noviciado.

— Poderia dizer que era a má prática do noviciado, interrompeu a Irmã Superiora. E era a consequência dessas péssimas biografias de que estamos falando. Quando descobríamos que nossas paixões não estavam mortas, que eram piores que a Fênix da lenda e tinham sete fôlegos como os gatos, não ficávamos desesperados por não nos tornarmos santas? E quanto ao aniquilamento do nosso próprio "eu"?... Ouça, Padre: eu costumava fazer novenas de auto-aniquilação. Sim. Antes de cada festa. Mas quando aprendi um pouco de Filosofia e alguma coisa de Teologia, quando aprendi a identidade do "eu" e da alma, a incomunicabilidade de nossas personalidades individuais e a imortalidade de nossas almas pessoais, comeci a compreender a esterilidade de minhas novenas, o absurdo de alguns escritores ascéticos que nunca fazem distinções claras, e a verdadeira sabedoria de São Francisco de Sales.

— Sobre o quê?

— Diz mais ou menos isto: o "eu" morre um quarto de hora depois que nós. Chego a pensar que seus cálculos são um pouco prematuros. Penso que o nosso "eu" morre somente três dias depois que estamos no túmulo. Qualquer outra opinião me parece somente provável.

— Bem, fique com sua opinião, Irmã. Até agora, no entanto, só me disse o que não quer ler numa vida de santo. Diga-me o que pretende.

— Parece-me que está zombando de mim. Já que se presume escritor, desafio-o. Escreva-me uma “verdadeira” vida de santo.

A Irmã acentuou o adjetivo “verdadeira”, depois continuou:

— Faça a exposição da vida interior de um grande homem que chegou a ser um grande santo. Conte-me o que estava em ebulição em sua alma enquanto êle lutava contra o egoísmo e os tentáculos do pecado. Pode escrever em estilo poético se quiser, mas não repita nenhuma fábula. Pinte-o de todos os modos possíveis sob o prisma do amor. Não relate extravagâncias nem explosões loucas de sentimentalismo. Seja simples e popular em seu estilo, embora mantendo sempre a dignidade. Seja só o suficientemente elevado para ser automaticamente bom. Seja sempre sábio, mas sem pedantismo. Conte a verdadeira história de um homem que chegou a ser santo, de maneira tão interessante que me atraia do começo ao fim. Para conseguir isso, faça sobrenatural, se quiser, o seu herói, mas não antinatural. Coloque todos os fatos diante da pedra de toque da Teologia, da verdadeira Filosofia e, sobretudo, da verdadeira psicologia humana. Em outras palavras, meu irmão, diga a verdade! Que nunca possa existir a desilusão com referência à sua obra. Não me deixe abraçar entusiasmada o que escreve, para que mais adiante, em meus anos maduros, eu me dê contas de que abracei uma sombra e alimentei um sentimentalismo pueril. Faça com que seu santo seja para mim um caminho que me conduza à Divindade. Não me importa que seja longo, cansativo ou absurdo, contanto que me conduza a meu Deus. Peço sobretudo que não me proporcione um atalho atraente e encantador que só me leve a uma compaixão sentimental...

... Foi uma tarefa tremenda que você me impôs, Irmã Maria Clara. Aqui está o meu grande esforço. Se tem algum mérito, é seu. Os defeitos, são todos meus.

* * *

Sòmente quero dar um aviso aos meus leitores. Não se enganem! Pelo molde com que forjei êste livro, pode parecer-lhes uma novela. Mas não se deixem enganar. E' uma história. Os fatos são “fatos”. Muitas das palavras são palavras de São Bernardo, tiradas de seus sermões ou de suas cartas. Dramatizei muito. Inventei pouco ou quase nada.

Assim, precisam tomá-la tal qual é: uma história perfeitamente fiel. Alguém perguntará: — Por que a forma de conto?

Minha única resposta é que já temos muitas novelas histórias e biográficas; assim, por que não têmos alguma história romanceada em uma biografia, romanceada? Esta família viveu. Então por que não representá-la como “viva”? E, além disso, como é sòmente por meio de nossa vida cotidiana que haveremos de nos tornar santos, tinha de encontrar um modelo. Estou certo de que os senhores, eu e todos os homens, poderemos aprender muito da vida cotidiana da família de São Bernardo que nos ensina como podemos fazer do sobrenatural o natural. Que família!

E, agora, lembrem-se de que estou traçando um esboço e não uma vida completa de cada um dêles. Sòmente São Bernardo precisaria de um volume duas vèzes mais grosso do que êste. Espero, contudo, que êsses resumos satisfaçam e estimulem a todos. De minha parte, como nunca tinha conhecido uma família semelhante, estou certo de que ficarão contentes com quem lhes apresento.

FR. M. RAYMOND, O.C.S.O.

8 de setembro de 1942.

Natividade de Nossa Senhora.

SUMÁRIO

Introdução	5
------------------	---

PARTE I

OS PAIS

O velho Guerreiro	<i>Venerável Tecelino</i>	15
A Mãe que chegou a ser santa . . .	<i>Beata Alice</i>	47

PARTE II

OS IRMÃOS MAIS VELHOS

O irmão mais velho de Bernardo ..	<i>Beato Guido</i>	77
O homem de idéia fixa	<i>Beato Geraldo</i>	111

PARTE III

BERNARDO

O homem que se enamorou de Deus .	<i>São Bernardo</i>	157
-----------------------------------	---------------------	-----

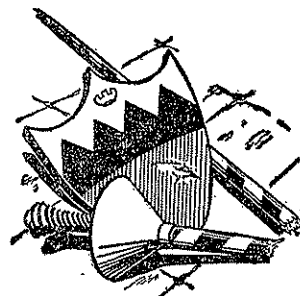
PARTE IV

OS IRMÃOS MAIS NOVOS

Colaboradora no serviço de amor ..	<i>Beata Umbelina</i>	223
O homem que guardava a entrada .	<i>Beato André</i>	253
O homem sem artificios	<i>Beato Bartolomeu</i>	281
O pobre menino rico	<i>Beato Nivaldo</i>	313

PARTE I

Os Pais



CAPITULO I

O VELHO GUERREIRO

"... sua honradez subjuga".

— O QUE ACONTECE? Você está com uma cara de um metro de comprimento, falando sôzinho e machucando as pontas de suas magníficas botas de cavalgar no limpa-pés para lhes tirar a lama. O que acontece?

— Nada! Nada! Nada! Vá-se embora e não venha me amolar... — Geraldo de Fontaines virou-se e começou a andar.

— Calma, menino, calma! disse seu irmão mais velho Guido, pegando-o pelo braço, e segurando-o depois pelos ombros. O pessoal da cavalaria disse-me que o seu cavalo estava todo banhado em suor quando você chegou. Disseram ainda que você saltou da sela e pôs-se a correr, sem dizer uma palavra a ninguém. Geraldo, você já tem idade para saber que não se pode tratar assim um animal. E eu também já tenho idade para perceber que alguma coisa séria está acontecendo com você. Diga-me: o que está se passando?

— Oh! uma coisa muito séria, sim... E você ficaria no mesmo estado em que estou, se visse o que eu acabei de ver.

— O que você viu?

— Vi nosso pai agir como um covarde.

Guido empalideceu. Arregalou os olhos. O lábio superior começou a tremer enquanto a mandíbula se projetava para a frente. Depois, num tom de voz muito baixo, com os dentes cerrados, exclamou:

— Se você não fôsse meu irmão, eu o estrangularia agora mesmo pelo que me acaba de dizer. Diga-me logo do que se trata, senão lhe corto o rosto com o chicote.

Geraldo estremeceu nas rudes mãos que o estreitavam e o sacudiam furiosamente. Suas faces estavam rubras e seus olhos despediam chamas de indignação ao exclamar:

— Pode bater; pode! Bata! Não me importa o que aconteça. Estou com nojo e envergonhado até o mais fundo da alma. E você também ficará quando ouvir a verdade. Uma verdade horrível. Mas não a contarei a ninguém. Tenho até vergonha de falar.

Enquanto dizia isso, tirou violentamente as mãos de Guido de sobre seus ombros. Mas Guido estava verdadeiramente furioso. Agarrando-o novamente, fê-lo girar sobre si mesmo. Olhou bem dentro dos olhos e repetiu colérico:

— Se não me diz, agora mesmo o estrangulo. O que fez papai?

Lágrimas de raiva brotaram nos olhos de Geraldo. Repetiu:

— Agiu como um covarde!

Guido começou a sacudi-lo violentamente outra vez, gritando:

— Já que você repete isso, bato-lhe agora mesmo.

E apertando as garras nos ombros do irmão até que as juntas dos dedos ficassem brancas e estalassem, sacudindo-o, dizia:

— Conte-me o que se passou!

Geraldo estorcia-se de dor, debaixo das mãos férreas de Guido. As lágrimas escorriam pelas faces do pobre menino, enquanto dizia:

— Nosso pai não quis lutar. Estendeu a mão a seu inimigo. Estamos desonrados.

Os olhos de Guido abriram-se desmesuradamente. A bôca ficou escancarada. Todo o seu ser pareceu transformado. Balbuciou:

— Nosso pai não quis lutar? Geraldo, Geraldo, o que está dizendo? Diga-me, o que significa isso?...

O tom de sua voz agora era um lamento. Não parecia mais o irmão mais velho uns segundos antes tão enfurecido. Parecia um suplicante, desejoso de saber a verdade. Estava horrorizado.

— Ah! Guido! Eu não sei o que aconteceu... exclamou Geraldo. Outro dia eu ouvi dois escudeiros dizerem que nosso pai teria de se bater em duelo. Comecei a investigar e fiquei sabendo até a hora e o lugar onde eles iriam duelar. Esta manhã fugi para as clareiras do bosque, lá onde Alfredo tem sua cabana. Escondi-me no meio da ramagem. Sabia que meu cavalo ficaria quieto. Então eles chegaram: nosso pai e dois escudeiros. Chegou também um cavaleiro desconhecido, com seus escudeiros, o qual papai poderia ter feito em pedaços só com um olhar. E o que fez êle? Que fez o grande Tecelino, o Ruivo, famoso conselheiro do Duque de Borgonha, um dos cavaleiros mais afamados do ducado? Que fez nosso pai, nosso pai?... Ouça, Guido. Meu pai... estendeu a mão direita, dirigiu palavras meigas àquele infeliz cavaleiro — a quem eu quisera ter morto com minha espada! — e os dois apertaram-se as mãos. Depois entraram na cabana e assinaram uns documentos. Vi o cavaleiro afastar-se em sua cavalgada. Tive ímpetos de correr atrás dêle e estrangulá-lo. Isso ia ser fácil! Mas estava tão envergonhado, que galopei para casa. Guido, Guido, como poderemos andar de cabeça erguida no Ducado? Nosso pai é um covarde!...

Guido com as costas da mão golpeou a bôca de Geraldo. Foi um golpe forte e doloroso que, ferindo os lábios, cortou-os e gôtas de sangue começaram a despontar. Geraldo ficou atônito pelo fato de seu irmão lhe bater, muito mais do que pela dor causada. Assombrado, sentiu o sangue escorrer pelo queixo.

Quando Guido viu o sangue, segurou o irmão pelos ombros e, apertando-o contra o peito, disse-lhe:

— Perdão, Geraldo, sinto muito! Foi sem querer. Perdão, Geraldo, por favor. Mas, nunca, nunca diga isso de pa-

pai! Nunca! Na guarda do Duque não há covardes. E papai é membro dessa guarda há muito tempo, antes de você e eu termos nascido. Não sei o que se passou no bosque. Aceito sua versão de que papai não quis combater; mas nunca diga que ele não combateria mais. Haverá alguma explicação para isso. Confio nêle. Tenho vergonha de você ter pensando isso dêle. Mas perdoe-me essa bofetada.

— Hum! — gemeu Geraldo — crê que nesse momento não tem importância alguma essa bofetada. Nada me importa. Vi no bosque que papai não quis bater-se...

Os lábios de Guido apertaram-se e o mesmo fizeram seus punhos.

— Geraldo, ... se você não se calar, eu...

Não disse mais nada, pois justamente nesse momento o pai dobrava a esquina da cavalaria. Parou repentinamente ao ver a atitude dos filhos.

Olhando para um, depois para outro, perguntou:

— O que se passa por aqui?

Foi uma pergunta tranqüila, feita em tom calmo e profundo. Mas Guido reparou que a voz lhe saía cansada. Olhou para o rosto do pai, e viu que estava desfigurado. As rugas da fronte pareciam mais fundas, os olhos encovados, a boca com um travo amargo. As maxilas estavam mais salientes. Guido fixou mais seus olhos e continuou observando. O pai parecia mais velho, mais cansado. Engoliu em seco a saliva e disse:

— Papai, o que se passa com o senhor? Parece cansado, doente. O que acontece?

Tecelino aprumou-se e levantou a cabeça. Fechou a boca e seus lábios ficaram cerrados, formando uma linha só. Era de nôvo o guerreiro, com o perfeito domínio de si mesmo. Mas o esforço foi notado. Sem responder a Guido, olhou para Geraldo, que tinha virado as costas, parecendo não se interessar pela conversa.

— Geraldo, o que aconteceu?

— Nada! respondeu o môço, sombrio, enquanto sacudia com força a poeira da roupa.

— Venha aqui e me diga...

Interrompeu-se ao ver no rosto do filho que se virava, os lábios verterem sangue.

— Como, vocês estavam brigando?

— Não foi isso, exatamente, interveio Guido. E' verdade que lhe dei uma bofetada bem na boca. Mas foi uma bofetada imprevista. Ele já me perdoou.

— Por que deu em seu irmão?

— Eu prefiro que ele mesmo diga o motivo para o senhor.

Tecelino olhou para Geraldo. Sômente percebeu, por mais que o olhasse, que seu filho se tornava cada vez mais corado. Esperou. O silêncio tornou-se pesado e constrangedor. Guido apoiava-se ora num pé, ora noutro. Geraldo continuava limpando a roupa, enquanto o pai olhava ora para um, ora para o outro, com o rosto franzido.

— Vamos, disse finalmente, êsse não é o procedimento de meus filhos.

— Pois bem... disse finalmente Guido. Geraldo disse algo sôbre o senhor...

— Ah! — interrompeu o pai — de modo que eu sou o causador. E o que disse êle de mim?

Guido ficou constrangido. Finalmente disse:

— Disse que o senhor hoje não quis bater-se em duelo...

Os olhos de Tecelino fecharam-se. Era como se acabasse de receber um golpe em pleno rosto. Empalideceu quando perguntou:

— Não queria combater contra quem?

— Isso não soube dizer. Disse que se tratava de algum pobre cavaleiro...

— Geraldo, você estava no bosque, hoje?

A pergunta estava carregada de tristeza.

— Estava! respondeu Geraldo com veemência. Estava e vi tudô. Eu disse a Guido que o senhor se comportou como um covarde. Foi por isso que êle me bateu.

Tecelino parecia vacilar. Seu rosto tornou-se mais pálido ainda. Podia-se perceber como se contraíam seus músculos, enquanto cerrava os dentes. Suspirando profundamente, disse:

— Haverá outros que dirão o mesmo...

Depois, dirigindo-se a Geraldo, passou-lhe o braço ao redor do pescoço e com outra mão limpou-lhe o sangue que escorria pelo queixo. Disse:

— Meu filho, quero que me ame sempre como me ama neste momento. O que Guido toma por deslealdade é sômente a profunda lealdade e carinho que você sente por mim, ao mesmo tempo que a lealdade e carinho de Guido por mim

fizeram com que êle batesse em seu rosto. Lamento que tivesse estado hoje no bosque. Lamento ainda mais que tenha falado do que aconteceu. Mas, já que assim fêz, venha ao meu quarto para que eu explique o meu procedimento. Tratarei de ensinar a ambos uma lealdade mais profunda e um amor ainda maior.

Os três abandonaram o pátio em silêncio, dirigindo-se para o castelo.

Passaram pelo corredor e subiram a escada. Sem uma palavra, entraram no quarto de Tecelino. Uma vez fechada a porta, sem ruído, Tecelino fêz sinal aos filhos para que se sentassem. Esticando o braço, apanhou uma lança quebrada que pendia da parede. Dirigindo-se a Geraldo, pôs a lança em sua mão, perguntando:

— Você sabe quando se quebrou essa lança e como foi?

— Sim, pai, respondeu sêcamente Geraldo que continuava furioso.

— Então, meu filho, sabe também que quase perdi a vida por causa dessa lança. Sabe que ela me feriu aqui, no costado direito. E se o cabo da lança não se partisse, teria penetrado até o meu coração. Êsse é o único troféu que conservo de tôdas as batalhas em que tomei parte. Sabe por quê?

— Não, não sei, respondeu Geraldo agora com menos aspereza.

— E você sabe, Guido?

— Também não, embora freqüentemente tenha feito a mim mesmo a pergunta. O senhor venceu inúmeras batalhas, e só conserva como recordação essa lança que quase lhe arrancou a vida.

— Sim. E' o único troféu que guardei como um tesouro. Conservo essa lança quebrada para me recordar sempre de Deus e do agradecimento que lhe devo. Como sabem, estive muitas vezes diante da morte; mas, nesse dia, se o cabo da lança não se tivesse partido, estaria então diante de Deus. E se isso tivesse acontecido naquela ocasião, teria de me apresentar diante de Deus com as mãos vazias. Por isso, essa lança é uma censura constante; diz-me que um dia terei de enfrentar a Deus e que minhas mãos não deverão estar vazias. Essa lança me lembra sempre que devo ser grato a Deus pela vida ao recordar-me como estive perto da morte. Só guardo essa lembrança da misericórdia de Deus. Compreendeu, Geraldo?

— Sim! foi a resposta sêca do môço, que nesse momento estava bem longe ainda de ser cordial.

— Está bem, meu filho. Agora quero que contemple outro Homem, cujo lado foi traspassado também pela lança. Mas esta não se quebrou. Penetrou, e penetrou até o fundo do coração.

Enquanto falava, Tecelino tirou da parede o seu belo Crucifixo e aproximou-o de Geraldo. O rapaz levantou a vista assustado. O pai nunca lhe havia falado com tanta solenidade como agora. Guido escutava também atentamente, pois, embora fôsse o primogênito, jamais vira o pai agir daquela maneira.

Tecelino, o Ruivo, era um homem de emoções profundas, mas cuidadosamente ocultas. Era conhecido como um homem pacífico, sempre acolhedor no castelo de Fontaines, cujo ardor só se manifestava no combate. Com efeito, o ardor que se apossava dêle, ao entrar em combate, intrigava a maioria das pessoas, pois a metamorfose produzida não dava idéia de que aquêle famoso conselheiro do Duque de Borgonha era um homem que havia lutado e havia alcançado o pleno domínio das emoções mais fortes e profundas de sua alma. Agora, em pé diante dos filhos mais velhos, com um enorme crucifixo nas mãos, mostrando a chaga aberta no lado de Cristo, manifestava um sentimento de intensidade que jamais os filhos puderam ver nêle durante os dezoito anos de Guido e os dezessete recentemente completados de Geraldo.

— Meu filho, disse o pai, contemple com freqüência esta ferida e deixe que ela lhe fale e lhe diga que existe uma vitória maior que a de vencer um inimigo; que existe um inimigo mais difícil de ser vencido do que aquêle que lhe vem ao encontro com armadura e empunhando uma lança; que existe uma batalha mais amarga do que as que se travam em campo aberto. Você disse que eu não quis combater hoje com um pobre cavaleiro. Você tem razão, meu filho. Não quis combater, e êsse é o motivo.

E ao dizer isso, levantou o Crucifixo.

— Você chama-me covarde. Espero que nisso não tenha razão. Meu inimigo não era digno de minha espada. Não foi o medo do homem que me fêz estender-lhe a mão num gesto amigável. Oh! Geraldo, fiz isso como um ato de amor a Deus. Sim, meu filho, deixe-me dizer-lhe que existe

uma vitória maior que a de vencer um inimigo, e esta é muito mais difícil. Começa a compreender agora?

— Eu sim, interrompeu Guido. O senhor perdoou a seu inimigo por amor a Deus.

— Isso mesmo, meu filho. Por amor a Cristo. E você, Geraldo, compreende?

— Não! foi a brusca resposta do môço. Um duelo é um juízo diante de Deus. Eu quisera que o senhor tivesse lutado hoje.

Tecelino suspirou, enquanto colocava o Crucifixo no seu lugar. Contemplou-O amorosamente, depois tirou a lança das mãos de Geraldo e colocou-a perto do Crucifixo. Então virou-se dizendo:

— Algum dia, você irá compreender, Geraldo. Mas, até que amanhã êsse dia, lembre-se que Cristo não desceu da cruz, se bem que seus inimigos o desafiassem a fazê-lo, como prova de que Deus não o havia abandonado. Sinto, filho, que hoje o tenha magoado tão profundamente com minha ação. Como bálsamo para essa ferida, autorizo-o a entrar neste aposento a qualquer hora para contemplar a cruz e a lança partida. Elas podem ensinar-lhe a lição que eu não soube ensinar-lhe.

Geraldo levantou-se da cadeira, e lançou os braços em redor do pescoço do pai, soluçando:

— Oh! pai, papai, eu creio no senhor. Tenho confiança no senhor. Eu amo-o e respeito-o. Mas, por que... o senhor não aceitou o duelo?

Tecelino bateu nos ombros do filho e sorriu. Era um sorriso triste, porque tinha dó do filho, e simpatizava totalmente com o coração ardente do môço que queria ser leal, mas não podia desprender-se das idéias preconcebidas.

— Vamos, meu filho, continuou quando o tumulto da dor tinha passado no coração de Geraldo. Sua mãe nem ninguém deve saber o que ocorreu hoje. Prometa-me isso!

— Prometo, respondeu Geraldo chorando.

— Muito bem. Vá com Guido e limpe o sangue do rosto e também as lágrimas. Chegará o dia em que compreenderá tudo isso.

Despedindo-os de seu aposento, fechou a porta atrás dêles.

Uma vez sôzinho, apoiou-se à porta, olhou para o Crucifixo e exclamou em voz alta:

— E' doloroso que nos possam julgar covardes, e sobretudo nosso próprio filho. Mas eu suporto tudo por Vós. Dai-me forças, Senhor.

Recordações das Cicatrizes

Geraldo manteve sua promessa, e assim o resto da família nunca soube como Tecelino, num rasgo surpreendente de valor moral, tinha ganho a reputação de covarde diante de seu segundo filho.

Um dia, muitos meses depois, Tecelino encontrou Geraldo em seu aposento, olhando para o Crucifixo e para a lança quebrada. Ao perguntar ao rapaz o que estava fazendo, surpreendeu-se com a resposta:

— Tento decifrar um enigma; mas ainda não descobri nada.

Dito isso, o môço deixou o aposento. Tecelino pôs-se a rir, e falou às paredes que não o podiam ouvir:

— Êsse rapaz será um homem de idéia fixa. Espero que seja um grande ideal.

O senhor de Fontaines não conseguiu ensinar a seu filho o que se propusera. A dificuldade era psicológica e não pedagógica. Na mente de Geraldo, a memória e a imaginação estavam cheias de coisas mirabolantes. Era preciso desalojar algumas delas antes de dar entrada a outras. Mas êle estava aferrado a essas idéias. Assim, em seu conceito de cavaleiro, não entrava o conceito de caridade. Já se começava a desenhar o homem de um ideal fixo.

Tecelino teve maior êxito com o resto da família, especialmente com Umbelina, a única filha. Se a influência dos seis irmãos a fizera intrépida como um jovem, conservava, porém, intacta a sua delicadeza feminina, e seu pai lhe dedicava um afeto de verdadeiro admirador. Chamava-a "minha pequena rainha" e êsse tratamento a menina aceitava com tôda a graça de uma autêntica soberana. Um dia o pai a surpreendeu quando estava ajoelhada diante do oratório dedicado a Santo Ambrósio, mandado erigir por êle. Contemplou-a com assombro e exclamou:

— Oh! minha querida rainha, neste momento você me tira vinte anos das costas. Ao ver você aí ajoelhada, pensei ser uma menina a quem eu amei muito.

— Ah! então conte-me tudo, papai...

Umbelina tinha nessa ocasião quinze anos, idade em que a palavra "amor" implica num mistério e num romantismo que abarcam o mundo inteiro. Tecelino sorriu ao responder:

— Venha e sente-se aqui ao meu lado. Vou-lhe contar.

Umbelina veio assentar-se graciosamente num tósco banco onde estava o pai. Ele começou:

— Tinha os cabelos exatamente como os seus, minha pequena rainha, macios, sedosos e enfeitadoramente negros. Tinha os olhos iguaizinhos aos seus, e nêles sempre se refletiam as estrelas radiantes. Sua pele era transparente como a sua. Uma bôca cheia de doçura onde, quando sorria, apareciam entre os lábios uma fileira de pérolas brancas como quando você sorri. Sim, Umbelina, ela parecia-se extraordinariamente com você, como uma visão de um anjo tal qual a vejo agora.

— Oh! exclamou Umbelina, devia ser então muito formosa.

O riso do pai era cristalino e alegre. Sabia que a menina não visava exatamente à complacência que expressava sua exclamação. Mas era tal o seu senso de humor que não lhe podia assim mesmo passar inadvertida a ingenuidade.

— Isso é o que lhe dizia, Umbelina. Era sumamente formosa, porque se parecia muito com você.

— Era rica?

A pergunta foi formulada tão rapidamente que Tecelino viu que a filha se achava tão absorta na outra mulher, que se olvidara de si mesma. Continuou:

— Sim, era muito rica. Era filha de um poderoso senhor. Este se preocupava em que fôsse educada de tal forma que sua inteligência, sua memória e sua vontade fôsem tão belas como seu aspecto exterior. Era tão rica em ideais como o era em propriedades. Enfim, uma môça encantadora.

— ... Papai a amava muito?

Tecelino estava-se divertindo. Via que sua pequena rainha se achava presa à narração.

— Amei-a com tôda a minha alma e com todo o meu coração.

— Qual era o seu nome?

— Oh! era um nome belíssimo. Um nome que a descrevia perfeitamente, porque significava "verdade". Um nome que brota dos lábios de quem ama com harmonia pura porque é composto de uma exclamação e de um suspiro. Você

está compreendendo, minha pequena rainha? O seu nome também é como uma canção nos lábios de um apaixonado; mas o daquela jovem era uma exclamação admirável e um suspiro de saudades. Sua música era ouvida com adoração.

— Oh! que bonito! Diga êsse nome, papai, para que também eu o ouça.

— Alice... suspirou o pai, fazendo o nome ressoar como uma carícia.

Umbelina levantou-se de um salto dizendo:

— Mas êsse era o nome de mamãe.

— Sim. E a jovem que descrevi, aquela que você me recordou com tanta veemência, aquela que então eu amava e que amo agora, é sua mãe.

Umbelina ficou por um instante calada. Depois começou a rir, dizendo:

— Que velhinho brincalhão! Eu pensei que o senhor estava me contando uma intriga amorosa. O senhor me enganou. Mas é bom ouvir o senhor falar assim de mamãe.

— Mas também disse muitas coisas de sua filha, explicou Tecelino sorrindo. Sinceramente, minha pequena rainha, você é igual à sua mãe, quando eu a cortejava. Quando vi você rezando diante do oratório de Santo Ambrósio, pensei estar novamente em Montbar, há vinte anos atrás, contemplando Alice, a minha encantadora Alice. Mas, diga-me: por quem estava rezando agora?

— Agradecia a Santo Ambrósio por ter-lhe salvado a vida há muitos anos. O senhor esteve muito doente naquele tempo?

— Tão mal, minha filha, que nem sabia onde estava, nem o que acontecia. Mas não me importava.

— O senhor quer contar-me tudo?

— Voltávamos de Jerusalém...

— Assim não é modo de começar. Quem voltava? Que faziam em Jerusalém?

— Bem! Você quer a história completa? Então escute: Era no ano do Senhor de 1075. O mundo andava em ebulição. Nós todos estávamos ansiosos. Naquele tempo eu tinha vinte e cinco anos e me encontrava na plenitude de minhas forças. Tinha entusiasmo e desejo de aventuras. As ocasiões não faltavam. Fui convidado a ir à Inglaterra, porque Guilherme, o Conquistador, antes Duque da Normandia, fôra coroado rei, e os cavaleiros franceses eram bem acolhidos pelo

nôvo regime. A perspectiva de emoções era grande, pois os saxões aferravam-se às suas terras e aos seus antigos costumes, dispostos a defendê-los a ferro e fogo.

Ao mesmo tempo, tinha desejo de ir à Alemanha, mas por motivo bem diferente. Era imperador da Alemanha o jovem Henrique IV. Eu sentia ferver o sangue em minhas veias, no desejo de encontrar este imperador para travar um combate a sós com ele. Henrique IV havia ultrajado até mesmo o nome da nobreza, sublevando-se contra a autoridade do Papa Hildebrando a quem tudo devia, pois fôra seu tutor na infância, e havia poucos anos fôra eleito papa. Fêz uma pausa e continuou:

— Eram tempos difíceis aquêles, minha cara Umbelina. O sangue fervia e por tôda parte se combatia. Também para a nossa França os tempos eram calamitosos. Muitos de seus príncipes e bispos se sentiam ofendidos pelos decretos do Papa contra a horrível conduta do clero. Eu sentia grande indignação. Queria lutar, mas não sabia com quem nem contra quem. Queria lutar. Aquela era uma época triste, Umbelina, tanto para a Igreja como para o Estado. Justamente então o bispo de Langres, Reinaldo, me fêz uma pergunta que mudou completamente o rumo de minha vida. Seu olhar agudo havia penetrado em minha alma e sua pergunta foi “nunca pensara eu em lutar por Deus?” Não soube responder nada. A pergunta me incutiu medo. Mas continha possibilidades maravilhosas!...

“Lutemos contra Henrique IV na Terra Santa! Lutemos por Hildebrando com as armas espirituais da oração e da peregrinação. Façamos alguma coisa por Deus, uma vez que parece que há tantos empenhados em fazer alguma coisa contra Ele”.

Tecelino continuou:

“Uni-me ao bispo e com um pequeno grupo começamos nossa jornada até o sepulcro de Cristo, onde oramos por seu Corpo Místico, que é a Igreja. Foi a primeira batalha que eu experimentava. Era uma batalha sem sangue. Mas Deus não estava disposto a deixar-me sem uma cicatriz. No regresso, passando por Constantinopla, caí doente com febres. Nada se pôde fazer para me dar alívio. Meu corpo queimava e meu pensamento delirava; mas ainda me sobrava um resto de discernimento para poder pedir uma relíquia de Santo Ambrósio. Não sei o que se passou depois. Meus companheiros

disseram que me tinham por morto, mas o bispo conseguiu uma relíquia e a colocou em minha cabeça. Na manhã seguinte eu estava ajoelhado diante do nicho do Santo, dizendo o que você há pouco estava dizendo: “muito obrigado”.

— E o senhor estava completamente curado?

— Totalmente, minha pequena rainha. Estava muito fraco, é verdade. Continuamos, porém, nosso caminho, e cada dia que passava trazia-me melhoras. Conservava a relíquia em meu poder, e agora se encontra aí, nesse nicho. Deus não foi muito bom comigo?

— Talvez, papai, porque o senhor também foi muito bom para com Ele.

— Oh! não! Oxalá eu tivesse sido bom para com Ele! Mas eu sei o que você quer dizer, minha pequena rainha, e você tem razão. Deus nunca esquece um pequeno esforço por Ele. Por isso, tôdas as vezes que se ajoelhar diante de seu oratório, você precisa fazer duas coisas: agradecer a Santo Ambrósio a minha cura, e pedir a Deus, com a mesma prece que fiz há vinte e cinco anos na Palestina, pela sua Igreja, Umbelina, pois as coisas não andam boas. Precisa rezar pelos nossos príncipes e bispos, uma vez que muito dependemos deles.

— Farei isso, papai... Agora diga-me o que sentiu quando se achou sobre o Monte Calvário.

— Ah! minha filha! As palavras não bastam para expressar o que senti, respondeu Tecelino em tom solene.

— Bem! Mas por que não seguiu com os cruzados em 1098?

Tecelino sorriu com tristeza, sacudiu a cabeça e exclamou:

— Como desejava marchar com eles!

— Que foi que o reteve?

Tecelino fixou-a atentamente e, caindo numa sonora gargalhada, respondeu:

— Uma princesinha com reflexos de ouro nos cabelos e com o brilho das estrelas nos olhos. Uma pequena rainha a qual nós todos chamamos Umbelina, mas a quem eu sempre tenho a tentação de chamar Alice. Ela me reteve. Meu coração me impulsionava para a cruzada, mas o estrito dever me dizia: fique! Não gostou disso?

— Claro que sim, papai. Tudo o que o senhor faz sempre está bem feito. Mas com freqüência pergunto a mim mes-

ma o motivo. Mostre-me agora a cicatriz que Deus lhe deu em sua peregrinação.

— Acabo de mostrar-lhe, minha filha. Está em minha memória. E' uma cicatriz que nunca se apagará. Como você sabe, o tecido da cicatriz é sempre mais duro que o resto da carne. Por isso, é que lhe digo que a cicatriz que Deus me deu em Constantinopla não se apagará nunca. E' grande e profunda, e muito, muito áspera mesmo. Sempre tenho presente em minha memória o fato de que Ele quase me chamou à sua presença quando tinha apenas vinte e cinco anos. Teria pouca coisa boa para Lhe oferecer, não acha?

— Não sei, papai...

— Pelo menos se não a tivesse tido e a seus irmãos e também aquela outra jovem que tanto se parecia com você.

— Nós iremos ajudá-lo a subir até ao céu?

— Muito mais do que minha peregrinação, meu nome e minhas posses. Olhe, Umbelina, se não ganhei o céu pelo que fiz por vocês, temo que nunca o ganharei. Porque a única escada para escalar o céu, além da escada de Jacob, é a do sagrado dever. Sempre tentei subi-la. E você e seus irmãos são os degraus mais firmes para isso. Ou de outro modo: eu olho a vida como outra peregrinação. A primeira que fiz foi à Jerusalém terrestre; a segunda será para a Jerusalém celestial. E como meus companheiros me salvaram a vida com a relíquia de Santo Ambrósio na primeira peregrinação, assim também meus companheiros da segunda me salvarão a alma. Conhece meus companheiros, Umbelina?

— Conheço. A jovem cujo nome era uma exclamação e um suspiro, seis bons moços às vezes rudes e revoltosos e uma pequena rainha.

— Muito bem! E o que a pequena rainha tem de fazer diante do oratório?

— Agradecer a Santo Ambrósio o ter dado minha mãe a meu pai e pedir pela Santa Igreja.

— Muito bem! exclamou Tecelino. Você é uma boa aluna. Gostaria de poder dizer o mesmo de todos os seus irmãos.

— Talvez esteja pensando em Bernardo. Bernardo é o primeiro na escola.

— Não, riu-se o pai, estava pensando em Geraldo. Mas agora vou deixá-la. O Duque me espera. Ponha em prática a lição imediatamente, porque hoje mesmo terei de julgar

um caso que se refere à Igreja. Reze para que eu use de justiça.

Ditas essas palavras, beijou a filha, enquanto murmurava:

— Alice... Umbelina... Minha pequena rainha...

E saiu.

O Duque enfurecido

Poucas horas depois, ressoaram no Palácio Ducal as vozes furiosas do Duque de Borgonha, misturadas frequentemente com o nome de Tecelino, o Ruivo.

Eram as primeiras horas da tarde, e a criadagem do Duque acabava calmamente as tarefas do dia, mas a sala do Conselho não estava tranqüila. O Duque percorria o aposento como um leão enjaulado e, sem falar a ninguém em particular, ia dizendo:

— Gosto de homens retos, mas não tão retos que até caíam para trás. Acredito que é necessário ter as mãos limpas; mas penso que para isso não seja preciso passar a navalha para tirar os cabelos. Eu bem sei quanto vale a honradez; mas isso não significa que seja preciso acabar-se na miséria, e isso é precisamente o que vai acontecer se esse Tecelino, o Ruivo, continuar decidindo sentenças contra mim. Esse homem já não tem a consciência delicada; tem-na extremamente tímida. Fica pálido ante a idéia de parcialidade e se envergonha só de ouvir a palavra "favoritismo". Pode ser que a deusa da Justiça tenha os olhos vendados e as mãos atadas; mas há alguém com os olhos mais vendados e as mãos mais manietadas do que ela: o Senhor de Fontaines.

— Mas, Excelência, trata-se somente de uns campos. Além disso, os monges necessitam deles assim como de seus dízimos, falou Séguin de Volnay.

— Eu lhes daria os campos, os bosques, os dízimos e as colheitas. Não é isso que dói, Séguin. Não! O que me causa dor é perder a batalha! E tendo meu conselheiro como juiz. Não fui eu quem fundou praticamente essa Abadia de São Benigno de Dijon? Meu pai Oto I e meu tio Hugo I, cujo nome também é o meu, não fizeram outra coisa senão dar sempre mais para a Igreja. Não, Séguin, entenda-me bem. Não são os campos, mas a batalha, que me importa não perder. E a culpa de que eu a perca será de um só homem: Tecelino, o Ruivo. E' um homem demasiado reto.

— Mas, Excelência, procurou acalmar o mordomo-mor Raniero, há um jeito de pôr fim a isso. Tecelino não nasceu membro do Conselho, nem é preciso que morra nesse cargo.

— Hum! resmungou Hugo. E' uma sugestão brilhante. Prescindir de um dos mais valentes e esforçados guerreiros que jamais passou pelo Ducado, de um conselheiro que não conhece outro temor que o de Deus, desfazer-se de um homem que vê tudo com a agudeza da águia, e... tudo por quê? Para conservar uns campos que não utilizo e uns dízi-mos de que não necessito! Não, Raniero, isso não! "Barba-Ruiva" continuará no Conselho; mas gostaria de tirar-lhe o cargo de juiz, ou, ao menos, conseguir que êle se dobrasse uma fração de polegada. Êle é demasiado honrado.

Raniero respondeu, rindo:

— Vossa Excelência me lembra mais o seu tio que o seu pai. Hugo I sempre procurava acender uma vela para Deus e outra para o... E isso não pode ser. Se quer a Tecelino como chefe e conselheiro, terá de suportá-lo como juiz. Se quer servir-se de sua temeridade e de sua vista agudíssima, terá de aceitar também sua honradez inquebrantável.

— Ah! é disso que me queixo, resmungou o Duque. Sua honradez não se dobra. Verga-se antes para trás. E êle não poderia ter-me dado hoje sua decisão? Não se tratava de uma questão puramente técnica? Êle não poderia ter dito que no passado eu tinha razão, mas que no futuro os monges de Dijon poderiam usar os campos e os dízi-mos? Não poderia ter feito isso?

— Poderia, Excelência, mas a questão é que eu não sou Tecelino.

— Mas isso não seria conforme a honradez?

— Seria! Mas Barba-Ruiva não se dobra diante do Duque de Borgonha nem diante de ninguém. V. Excia. diz que êle se inclina antes para trás, é isso mesmo. Embora eu não consiga imitá-lo, tenho inveja dêle. Gostaria de poder prescindir de homens como Tecelino que só temem a Deus. Assim foi êle com seu pai, depois com seu tio, e agora com V. Excia. Foi sempre o mesmo desde que o conheci. E olhe que já faz tempo. Êle não era mais que um menino. Foi quando voltava da Terra Santa. Barba-Ruiva é tudo o que V. Excia. diz dêle: é valoroso, temerário, reto. Mas V. Excia. não disse tudo

ainda. Nem a metade. E são muitos os que não vêem aquilo que até agora não foi dito. Tecelino é um homem santo!

O Duque parou de percorrer a sala, olhou fixamente para Raniero e gritou:

— Por Deus, que está certo! E é isso que o faz reto, distinto. E' tão calmo, e tem pleno domínio de si mesmo em tudo, exceto no combate. Mas, quando penso em seu oratório de Santo Ambrósio, em sua peregrinação a Jerusalém, sua honradez quase ofensiva, sua adoração pela família, só encontro uma explicação, e é a que o senhor me acaba de dar. E' um homem de qualidades excepcionais. Contudo, gostaria que não fôsse tão honrado, exageradamente honrado, quando eu sou o demandado num juízo.

Na sala do Conselho ressoou uma gargalhada sonora de Séguin e Raniero ante os comentários do senhor Duque e de seus sentimentos tão contraditórios.

— Podem rir, disse o Duque. Podem rir quanto quiserem, mas não lograrão mudar-me como eu não consigo mudar Tecelino. Podem rir. Sei que perdi a causa, mas Tecelino ficará no cargo. Está dito: êle é um santo. Bebamos em honra do santo que serve tão bem ao Duque, que chega mesmo a enfurecê-lo.

Beberam e brindaram, entre risadas, ao Conselheiro Tecelino. Hugo II, Duque de Borgonha, recuperou seu ruidoso bom-humor.

Bodas de Prata

Muitos anos se passaram. Certa noite, o castelo de Fontaines aparecia recortado no azul-escuro do céu, pontilhado de prata. Dentro uma luz ainda brilhava. A noite era serena, e o seu silêncio profundo somente cortado por um cão que fazia serequata à lua.

Os contornos do castelo, debaixo da claridade da lua, pareciam infundir confiança e fortaleza e prometer verdadeira paz. Provavelmente era isso que dava vida ao castelo. Perto daquela luz que iluminava o interior da sala estavam sentados Tecelino, o Ruivo, e sua esposa Alice de Montbar. Acabavam de celebrar as bodas de prata, e agora enquanto a lua percorria seu caminho no espaço azul dos céus, disfrutavam as alegrias do dia e as recordações dos anos passados.

— Alice, parece a você que já se passaram vinte e cinco anos?

— Não! Parece-me que não se passaram nem vinte e cinco meses. E contudo sinto que isso foi sempre assim e que nunca existiu outra vida que esta no castelo em sua companhia, com os meninos e Umbelina. Sei que isso figura contradição, acrescentou rindo, mas na realidade não é. Às vezes imagino que foi ontem que meu pai me falou que você me pedira em casamento. Mas, quando penso nos filhos, julgo nunca ter tido outra vida nem outro carinho.

— O que você quer dizer, Alice, é que você se tornou uma mãe em todo o sentido; que de menina não resta mais que uma recordação vaga e imprecisa. Eu compreendo perfeitamente. Sua mocidade foi curta. Tornou-se mãe antes que ela terminasse. Tinha apenas quinze anos quando nos casamos. Não lhe parece que foi coisa recente?

— Como se fôsse ontem, Tecelino. Não obstante, quando olho para Umbelina e quando penso que, em sua idade, eu já era mãe de Guido e de Geraldo, começo a pensar que estou ficando velha.

Tecelino soltou uma sonora gargalhada, antes de responder:

— Então o que vamos dizer de mim? Quando nos casamos, eu tinha o dobro de sua idade. Se você é velha, eu então sou uma verdadeira antiguidade. Mas não é assim, Alice. Deus tem sido muito bom para conosco. Para mim você continua sendo tão bela como há vinte e cinco anos.

— Sim, porque me olha com os olhos do amor. Mas o espelho me diz a verdade. E como você diz, realmente Deus tem sido bom, muito bom. Agora, diga-me, Tecelino, você continua se preocupando com o mundo como há vinte e cinco anos atrás?

— Exatamente, Alice. Lembra-se do que aconteceu no ano em que nos casamos?

— Refere-se à morte de Hildebrando?

— Sim. E tudo quanto tem ligação com ela, antes e depois. Naquele tempo eu temia e tremia pelo Papa. Não me faltavam motivos para isso! O Vigário de Cristo teve de morrer no exílio, lugar para o qual o impeliram aqueles mesmos que o chamavam Santo Padre. Pensa naquele ingrato Henrique IV. Hildebrando fizera por ele tudo quanto pode fazer um pai ou uma mãe. E veja como correspondeu. Oh! que

sacrilégio! Ter a arrogância satânica de destronar o Papa e colocar outro no trono. Quando penso nisso, ainda hoje, o sangue me ferve nas veias.

Alice sorriu timidamente ao dizer:

— Temo bastante que o senhor de Fontaines não tenha ainda aprendido a lição. Não melhorou em nada ao contemplar o panorama desses vinte e cinco anos. Que mau discípulo se faz... Ou talvez seja eu a professora que não tem valor?

Tecelino respondeu vivamente:

— Já sei! Já sei! Você quer dizer que Deus equilibra as ações do mundo, e nisso tem razão. Hildebrando teve na condessa Matilde de Toscana uma segunda Débora, e ao mesmo tempo um Pedro Damião na Itália, um Lanfranco na Inglaterra, um Estêvão de Muret, um Hugo de Cluny e um Bruno com seus companheiros na Cartuxa, aqui mesmo em nossa pátria, que punham em evidência que o homem não tinha renunciado a seu Deus, e que Deus não tinha abandonado o mundo à sua maldade. Mas suponho que poderíamos recomençar agora nossa discussão exatamente no ponto em que paramos há vinte e cinco anos sem adiantarmos uma só vírgula. Nunca chegamos a comum acôrdo sobre quem era que olhava as sombras e quem olhava o sol. Não é mesmo?

Ao dizer isto Tecelino sorria. Depois prosseguiu:

— Contudo, olhando as coisas em seu conjunto, ainda há esperança, Alice. Continuo sustentando, no entanto, que se derivam mais danos imediatos das ações dos pecadores que dos santos. Olhe, para um que esteja disposto a imitar São Bruno, encontro cem ou mil dispostos a imitar nosso rei e seus escândalos.

— Você olha para as figuras isoladas. Filipe foi uma vergonha para a nobreza. Era mau, pior até que Herodes. Mas há o equilíbrio. Filipe repudia sua legítima esposa e se apodera da mulher do Conde de Anjou. Imediatamente surge um nôvo João Batista na pessoa de Ivo de Chartres. Filipe põe à mostra o animal que dormita em cada homem. Ivo, pelo contrário, manifesta a espiritualidade. E apesar do que você está dizendo desses cem ou mil, eu sustento que o protesto universal que se levantou contra o rei mostra quanto bem pode advir do mal.

— Gostaria de contagiar-me com o seu otimismo. Mas, quando vejo o aspecto geral das coisas, assusto-me. Não, talvez eu não seja suficientemente espiritual, porque vendo o equilíbrio de Deus na Inglaterra, temo que as coisas se desequilbrem nesse país. Guilherme apodera-se dos bens da Igreja, e ao mesmo tempo surge um Anselmo. Equilíbrio, diria você. Mas eu digo desequilíbrio. Porque Anselmo tem de partir para o exílio e Guilherme continua reinando.

— Oh! Tecelino! Vejo que você continua curto de visão como sempre. Um homem santo vale tanto quanto uma centena ou mil dêsses reis de quem fala. Anselmo influirá nos povos para que façam o bem, enquanto Guilherme ficará na história como um sinônimo de mau. Você, Tecelino, vive perto demais dos soberanos. Crê-os todo-poderosos, e não o são. Fazem muito ruído, mas isso também um tambor mudo o faz. Fazem a terra tremer por um instante, mas, isso faz também uma tempestade. E depois vem a calma.

— Sim, querida, respondeu o espôso rapidamente. Mas eu tenho visto tambores que reuniram exércitos devastadores, e vendavais que devastaram regiões inteiras.

— Então era a vontade de Deus. E onde êsses exércitos devastaram cidades a civilização surgiu de novo, e onde êsses vendavais sopraram arrasando tudo brotou uma nova seara.

— Mas o que ocorrerá se os exércitos e os vendavais persistirem?

— Não persistirão!

Tecelino pôs-se a rir ante a categórica afirmação da espôsa.

— Voltamos exatamente aonde paramos há vinte e cinco anos. Quando chegamos ao ponto x, você já não discute. Afirma. E sua afirmação final é Deus. Naturalmente você tem toda razão, Alice. A última palavra é sempre Deus. Mas, minha querida, falando seriamente, temo pela Igreja. Sei que as portas do inferno não prevalecerão contra Ela. Mas podem causar e causam um dano espantoso. A Igreja permanecerá. Deus deu-nos sua palavra. Mas não falou em que situação permanecerá. E é isso o que me preocupa... Parece-me neste momento que as coisas vão mal como nos tempos de Hildebrando. Henrique V da Alemanha é exatamente igual a Henrique IV, o arrogante. Prevejo grandes sofrimentos para Pascoal II que, como Gregório VII, terá de enfren-

tar grandes sacrilégios. Henrique I da Inglaterra é uma ameaça. Esse homem é um político calculador e intrigante. Não me fio nele nem um pouco. E aqui, em França, bem, esperamos que o governo unido de Luís VI e Filipe I seja menos nocivo que o governo único de Filipe I. O mal é que minhas esperanças se baseiam em areias movediças. Os soberanos querem ter demasiado poder sobre os prelados da Igreja. Isso é um mal. A questão da investidura leiga é um escândalo.

— A mim me parece, interveio Alice, que o mal reside no Sacro Império Romano, essa instituição que não tem nada de império e muito menos de sacro e nada de romano. Mas o que decidimos há vinte e cinco anos? Falamos num meio de reformar o mundo, não foi?

Tecelino deteve-se, pensou um pouco, olhou para sua risonha espôsa, e respondeu também sorrindo:

— Sim, lembro-me. Concluimos que há um jeito de reformar o mundo inteiro: reformando-nos a nós mesmos. Decidimo-nos pelo princípio básico de que a alma de toda a reforma é a reforma da alma do indivíduo. Decidimos que Deus nos pôs neste pequenino mundo, que nós chamamos Fontaines, com o fim exclusivo de embelezar para Ele este recanto. Sim, Alice, lembro-me. Mas nem por isso posso deixar de pensar em outros assuntos.

— Está certo. Mas, você pensa demais nêles. Pense menos, reze mais e você terá mais paz.

— Você sempre sai ganhando, riu-se Tecelino. O que diz é certo. Deveria rezar mais. Estou certo também de que Umbelina saiu igual à mãe...

— Assim seja! exclamou Alice, assim como a maior parte dos moços puxou pelo pai. Você está criando uma grande família de cavaleiros; enquanto eu gostaria mais que fôsem sacerdotes e bispos.

— E' porque o seu "equilíbrio" não funciona bem, Alice. Não são necessários uma centena ou mil cavaleiros para contrabalançar uma alma santa?

— Mas não numa só família, respondeu Alice. Se bem que não me queixe, estou realmente orgulhosa de Guido e Geraldo. Estou convencida de que André logo será armado cavaleiro. Mas Bernardo é meu.

— Não esteja tão segura disso! replicou Tecelino. Bernardo não é robusto, mas tem espírito mais ousado do que

todos. Além disso a forma pela qual consegue os primeiros lugares na escola faz-me pensar às vezes...

— Mas, não vá você incutir-lhe suas idéias. Deixe isso para mim. Quase que deixou isso a meu encargo durante vinte e cinco anos. Não vá interromper agora. Bernardo é meu. O resto pode ficar para você.

— Será para haver o seu “equilíbrio”? brincou Tecelino.

— Nada disso. Não estou fazendo trapaça. Você não conhece o fogo que arde no coração de Bernardo. Pode educar os demais para cavaleiros. Serão dignos filhos de tal pai. Mas deixe para mim o meu menino.

— Se Bernardo possui êsse fogo sei de onde o tirou. Não veio só do senhor de Fontaines; também a pequena castelã tem em sua alma uma fogueira. E tudo o que eu digo de Bernardo no momento é: que se faça a vontade de Deus.

— E o que eu digo é: faça-se! exclamou rapidamente Alice. Todas as suas inclinações e gestos mostram claramente para onde Deus o quer levar.

Tecelino contemplou com admiração sua espôsa.

— Vinte e cinco anos não a mudaram em nada. Graças a Deus!

— Sim. Eu digo mais: sejam dadas graças a Deus por êsses vinte e cinco anos.

— Antes de me unir a você nessa prece, permita-me que lhe faça uma pergunta bem pessoal.

— Qual?

— Esta: Faz vinte e cinco anos que cavalguei até Montbar, para perguntar a seu ilustre pai, Bernardo, se me daria a você em casamento. Ele vacilou e me respondeu: — “Não sei. Creio que ela se consagrou a Deus. Eu tinha intenção de que ela entrasse em um convento”. Agora, diga-me sinceramente: nesse vigésimo quinto aniversário, você lamenta que seu pai tenha mudado de opinião?

Alice demorou-se um pouco para responder. Cerrou os olhos, cruzou as mãos sobre o peito, inclinou a cabeça, tentando sondar as profundezas de seu coração. Aquela pausa parecia para Tecelino uma eternidade e não durou mais que um minuto. Depois levantou a cabeça, abriu os olhos, uns olhos formosíssimos, azuis, imensos, em cujo fundo brilhava uma luz interior. Abriu os braços, levantou-se e abraçando o marido, disse:

— Durante êsses vinte e cinco anos tenho estado precisamente onde Deus dispôs que eu estivesse, executando o que êle determinou. Poderia deixar de ser feliz? Estou convencida de que a vontade de Deus é que eu ame a você, crie seus filhos e meus filhos. Tecelino de Fontaines, Barba-Ruiva, sinto-me feliz neste momento assim como em cada um dêsses vinte e cinco anos que se passaram; feliz por ter meu pai mudado de idéia, porque estou certa de que era a vontade de Deus.

E com essas palavras beijaram-se com amor. Era um beijo de jovens amantes.

— Tecelino, ouço pulsar-lhe o coração. Não sei se é capaz de decifrar um enigma, disse Alice, apoiando sua negra cabeleira no peito do espôso.

— Procurarei, respondeu docemente o castelão.

— Por que se celebram êstes maravilhosos anos de ouro com umas bodas que se chamam de prata?

— Isso eu chamo delicado tributo de Alice Montbar, e meu coração lhe diz: muito obrigado. E agora, minha espôsa, voe ao país dos sonhos, e oxalá sejam êles de ouro em suas bodas de prata.

... o Senhor não pode rezar?

Oito anos depois Tecelino voltava a encontrar-se sentado debaixo de uma luz solitária. Mas, desta vez, a luz brilhava no castelo do Duque de Borgonha e não no de Fontaines. Diante dêle não estava sentada Alice, mas o barulhento e mal-humorado Hugo II.

— Mas, Barba-Ruiva, você está velho demais para essas coisas, rosnou o Duque. Sua decisão faz-me pensar que você voltou a ser criança.

— Excelência, respondeu Tecelino, não foi Nosso Senhor que disse o que nos aconteceria se não nos fizéssemos crianças?

— Sim! foi a resposta seca e ríspida. Mas não se referia à segunda infância! O que nos pedia era a simplicidade e não a caduquice. E essa sua decisão não passa de caduquice. Vámos, pense um pouco!

— Interessante! V. Excia. usa a mesma expressão que meu filho Bernardo usou. Sua resposta a todas as minhas

objeções e sua exortação final foi: "Vamos, pai, pense um pouco!"

— Esse seu filho Bernardo me causa mais preocupação que um exército inimigo. Começou por levar trinta dos meus melhores cavaleiros para Cister. Desde então meu Ducado virou um hospício de loucos. Todo o cavaleiro já armado ou que em breve iria receber a investidura, vai para Cister, para Claraval ou para uma de suas filiais. Agora o senhor quer levar o meu melhor conselheiro. Onde e quando pensa parar? Serei eu o próximo?

A voz de Tecelino ressoava ao responder:

— Hugo I terminou seus dias em Cister. Por que Hugo II não poderia findar os seus em Claraval?

— Porque lá é um lugar de loucos! Porque seria uma verdadeira loucura!... Vamos, Tecelino, diga-me: você tem quase setenta anos. O que vai fazer numa abadia?

Tecelino, ao ouvir isso, pôs-se de pé, cruzou as mãos atrás das costas e começou a andar de um lado para outro na sala do Duque de Borgonha.

— Excelência, disse finalmente, vou contar-lhe uma história. Não me interrompa, a menos que seja necessário. Tenho, como diz, quase setenta anos. Vivi uma vida feliz, uma vida folgada e abundante. E' claro que nela não faltaram pesares, sombras e amargas decepções. Mas, olhando o conjunto, foi uma vida feliz. Nasci de pais nobres, e isso hei de agradecer sempre a Deus. De meu pai herdei a robustez do corpo. De minha mãe, Eva de Grancy, a piedade de alma. Quando tinha vinte e cinco anos de idade, visitei a Terra Santa, pisei o Monte Calvário e vi o sepulcro de Cristo. Isso causa impressão num homem, Excelência, e faz com que a vida seja olhada sob outro prisma depois. Em minha viagem de regresso da Terra Santa estive às portas da morte, fui salvo pela relíquia de Santo Ambrósio. E, permita que o diga, isso também causa impressão num homem...

O Duque olhava-o em silêncio.

— V. Excelência sabe muito bem que nós, os nobres cavaleiros, com nossas façanhas ficamos apegados a nós mesmos e até chegamos a esquecer que somos seres dependentes. Uma escaramuça com a morte ou uma visita aos lugares em que Nosso Senhor morreu fazem-nos mudar de opinião. Pois bem, apenas minha alma assimilara essas duas experiências, casei-me com um anjo, se é que alguma vez

tenham existido anjos sobre a terra. Ela ensinou-me mais piedade prática que toda a minha peregrinação a Jerusalém. Alice de Montbar, meu senhor, era uma alma vivificada pela fé. Via o mundo e todas as coisas do mundo através de uns olhos que nem V. Excelência, nem eu, nem ninguém pode olhar. Ela via tudo à luz da fé, via tudo como fazendo parte do plano de Deus. Nada a perturbava porque para ela todos os acontecimentos eram, em uma ou outra forma, uma vinda de Cristo.

O contacto constante com uma pessoa assim produz seus efeitos também num homem. Ela tornou minha vida diferente. Sim, transformou-me.

Tecelino interrompeu a narração, mas não parou de percorrer a sala. Depois de dar outras duas voltas, continuou sua exposição, em voz mais baixa, porém mais exaltado:

— Alice morreu jovem, disse por fim. Tinha apenas quarenta anos quando nos deixou. Foi doloroso, Excelência. Fêz-me sofrer muito. Sofrimento na solidão da noite e na gloriosa luz do dia. Dizem que o tempo cicatriza as feridas; talvez seja verdade. Mas eu posso assegurar-lhe que algumas feridas necessitam de muito tempo para cicatrizarem.

Compreende-me, Excelência? Refiro-me à solidão e não à falta de resignação. Sei que foi a vontade de Deus que ela nos deixasse quando ele assim o quis. Resignei-me e continuo resignado. Mas a resignação não enche esse vácuo imenso que sinto. Absolutamente. Contudo Deus equilibra as coisas. Tive em Umbelina uma segunda Alice; agia como sua mãe, parecia-se fisicamente com ela e quase pensava como Alice. Acreditei então que minha velhice ia ser maravilhosa ao lado de meus filhos armados cavaleiros. Primeiro Guido, depois Geraldo e mais tarde André. Pensava que meus dias estariam cheios do retumbar dos cascos das montarias e do chocar das armaduras, já que meus filhos fariam o mesmo que fiz, e ainda mais. Contudo V. Excelência bem sabe o que ocorreu. Bernardo levou a todos. Pense bem, senhor Duque: levou a todos! E fiquei sozinho num castelo, completamente só, e se o ouço retumbar, são ecos vazios. Não vê, senhor Duque, que isso também é doloroso?

De novo Tecelino interrompeu seu discurso, mas não o seu vaguear pela sala.

— Agora, Excelência, vou dizer-lhe uma coisa. Eu tive uma vida que a maioria dos homens chamaria "feliz". E por

quê? Porque nasci nobre, herdei enormes posses, consegui uma espôsa encantadora, fui sempre venturoso nas armas, desfrutei alto conceito junto a meu soberano e senhor, e junto a uma família que era meu orgulho. Mas, Excelência, quem dissesse isto não saberia realmente em que consiste a verdadeira bênção da minha vida. As maiores alegrias que recebi em minha vida foram justamente aquelas que os homens chamam desgraças. Há muita coisa que tenho a agradecer a Deus, senhor; mas nunca poderei agradecer-lhe bastante o ter-me feito cair de joelhos, o ter enchido meus olhos e meu coração com lágrimas e o ter me obrigado a exclamar: "Vós sereis o Senhor Deus de tôdas as coisas!" Excelência, não há no vasto mundo o que possa fazer-nos compreender o que somos — insignificantes criaturas dependentes de Deus — como tão bem nos faz compreender a dor.

Depois de uma breve pausa, continuou:

— Cinco anos são passados desde que Bernardo e meus outros filhos se foram para Cister. Foram os anos mais longos e solitários de minha vida. Mas foram os mais proveitosos. Não há nada como a solidão para esclarecer a mente. Meu castelo deserto era para mim uma vasta solidão, onde despontou êsse grande pensamento: "O fim da vida é aproximar-me de Deus. O resto não importa".

Continuou a percorrer a sala em tôda a sua extensão:

— Prosseguindo meu assunto, digo-lhe — talvez V. Excelência já saiba — faz poucos dias Bernardo estêve em Fontaines. Sabe também que pregou um tremendo sermão sobre o Inferno. Mas talvez não saiba que tivemos uma longa conversa, da qual lhe relato agora alguns pormenores. Sua conclusão foi que Deus me estava chamando para o claustro. Não posso dizer com exatidão que aquilo me surpreendera. Fiz-lhe muitas objeções, quase iguais às que V. Excelência me acaba de fazer esta noite. — Perguntei-lhe: "O que pode fazer um homem de setenta anos numa abadia?" Sabe qual foi sua resposta?

— Qual?

— Fêz-me uma pergunta. Fixou seus olhos em mim e perguntou: "O senhor não pode rezar?"

Tecelino deixou que suas palavras causassem efeito sobre o Duque antes de prosseguir:

— Um menino de sete anos, continuou Bernardo, pode elevar seu coração e seu pensamento até Deus. Suponho que

um homem de setenta anos o possa também. Contamos com trabalhadores jovens e fortes em bom número. Mas, fazemos falta velhos que rezem a Deus com fervor. Marta preparou a ceia para o Senhor. Maria, porém, escolheu a melhor parte. Depois, senhor Duque, Bernardo disse-me algo que me fêz pensar muito. É a verdade mais consoladora que tenho meditado nesses últimos meses, talvez anos. Disse-me: "no grande mundo de Deus não existe isto que o senhor chama de velho inútil". Deus nunca fêz nada inútil, nem prolonga a vida a ninguém que seja inútil. Enquanto o homem respirar, Deus obtém dêle uma utilidade especial". Parece uma frase comum, não é mesmo? No entanto quantos não pensam assim. Julgam os velhos pessoas inúteis, trastes velhos... Estão e estamos equivocados. Deus nunca faz coisa inútil. Ai está, senhor Duque, por que eu vou para Claraval; porque não sou inútil e posso rezar.

O Duque ficou impressionado com o discurso e com os modos de Tecelino. Observava cada um dos movimentos de seu conselheiro e se embecia em suas palavras. A última frase lhe causou tanta impressão que lhe ocorreu até um sobressalto. Mas, antes que pudesse falar, Tecelino continuou sua história:

— E agora, Excelência, um último motivo. Em tôda a minha vida senti uma grande preocupação pela Igreja de Deus. E durante tôda a minha vida doeu no meu coração ver como os príncipes causavam tanto dano à Igreja. Por isso, quando meu filho pronunciou as palavras: "Paí, venha a Claraval para rezar pela Igreja de Deus e chorar pelos pecadores", foi como se meu próprio coração falasse.

Aqui tem, Excelência, em resumo, por que um velho de setenta anos vai entrar num claustro como leigo. Não é a solidão em que me deixaram os filhos; é o amor para com Deus. Meus braços estão débeis e o meu passo lento, mas meu coração e minha alma podem elevar-se até Êle. E isso é oração. Não serei inútil. Farei penitência e rezarei. Isso vai ser como dar glória a Deus, e glorificar a Deus é o único fim da existência humana. Poderá um homem com minha idade responder de outro modo a essa pergunta breve, inspiradora e firme: não poderá o senhor rezar?

Tôda a fisionomia do Duque mudara enquanto Tecelino falava. Nunca o ouvira falar com tanta unção e sentimento. Quando Tecelino lhe fêz a última pergunta, pôs-se de pé, estendeu a mão e disse:

— Dê-me sua mão, Barba-Ruiva, e permita-me dizer-lhe que tê-lo conhecido foi para mim um grande favor de Deus. Vá! Eu cuidarei de suas propriedades como me pediu. Velairei sobre Umbelina como se fôsse minha própria filha. Vá para servir-me de outra maneira. Reze por mim. Diga a seu filho Bernardo que sua pergunta “não poderá rezar?” e sua observação de que Deus não faz nada inútil, significam muito para mim. Nunca as esquecerei.

E com essas palavras os dois nobres cavaleiros apertaram-se as mãos, dizendo muito mais com êste gesto e com a luz de seus olhares, do que puderam falar com os lábios.

A morte no mais amargo campo de batalha

Dois anos são passados desde aquêlê dia em que Tecelino se despediu do Duque de Borgonha.

Nesse momento, Geraldo, o homem das idéias fixas, acha-se ajoelhado ao lado de um monte de terra fresca que cobre uma sepultura recém-coberta. Em pé, diante dêle, está Godofredo de la Roche, prior de Claraval. Já faz tempo que Geraldo está aí ajoelhado, imóvel como uma estátua. Sômente seus olhos se movem. Vagueiam da cruz de ferro que encima a tumba até a terra úmida que a cobre. Agora deita-se sôbre a sepultura, beija a cruz e a terra, e prorrompe em tristíssimos soluços, enquanto exclama:

— Perdoe-me, papai, perdoe-me por ter pensado um dia que o senhor era um covarde...

As lágrimas correm-lhe dos olhos. Aquêlê monge austero e ascético volta a ser uma criança.

O prior esperou. Deixou que aquêlê coração extravasasse tôda a sua amargura. Coloca a mão no ombro de Geraldo e diz:

— Vamos, Geraldo, vamos para minha cela. Lá você me contará tudo.

Apenas entrados na cela, Geraldo prorrompeu de nôvo em tristes soluços.

— Não choro de dor, Godofredo. Choro de vergonha. Não choro por meu pai; choro por mim. Imagine! Uma vez eu disse que êle era um covarde... Como pude ser tão estúpido? Êle respondeu-me que um dia eu haveria de compreender... E êsse dia é hoje, Godofredo!

Godofredo esperou sàbiamente que aquêlê homem lhe relatasse tôda a história a seu modo. Geraldo continuou:

— O senhor viu-o durante dois anos. Era um homem metódico, não é mesmo?

— Até demais!

— Quem não soubesse que aquêlê ancião leigo, chamado Tecelino, era o pai do abade de Claraval e de outros cinco monges da comunidade, poderia tê-lo suspeitado?

— Não! Ninguém poderia suspeitar.

— Pensou, alguma vez, no que isso significava? Meu pai que durante tôda a sua vida mandara em centenas de homens, que fôra conselheiro e amigo íntimo do Duque de Borgonha, dono de Fontaines e dos territórios que dêle dependiam, fôsse agora obedecer a seus próprios filhos! Para isso é necessário muito heroísmo, Godofredo. Todos nós podemos acostumar-nos ao voto de pobreza e não encontramos tantas dificuldades para observarmos o voto de castidade. Mas quem, tendo-se em conta de homem que durante tôda a vida acostumou-se a mandar, não se rebela instintivamente à idéia de obedecer a seu próximo?

— E' o germe de nossa independência inata, observou Godofredo.

— Sim, e como germina, quando aquêlê que manda é sob muitos aspectos um homem igual a nós. E quanto não terá custado a nosso pai obedecer a seus próprios filhos? Isso é algo milagroso, Godofredo.

— Realmente! E digo isso não porque foi seu pai, mas porque o conheci antes de seu ingresso entre nós. Se você comparâr seus dois últimos anos com os anteriores, ficará assombrado. Pense um pouco: seu pai levantava-se às duas horas da madrugada. Para quê? — Para louvar a Deus! Tra-

balhava na granja ou no estábulo durante longas horas. E para quê? Ele que havia sido cavaleiro, patrão e conselheiro, sujou as mãos e cansou o corpo com trabalhos verdadeiramente humildes. Por quê? Só para louvar a Deus! Guardava silêncio quase o dia inteiro; ficava satisfeito com as roupas mais pobres e com a comida mais simples. Tecelino de Fontaines, o favorito do Duque, passou os últimos anos de sua vida fazendo aqueles trabalhos aparentemente sem sentido, que lhe cansavam o corpo, negando-lhe todos os gozos da vida, sem descansar no duro leito nas poucas horas de sono, e alimentando-se com legumes. Por quê? Por quê? — Só para louvar a Deus! Ele foi modelo para nós. Os livros e os manuscritos são bons para nos conduzir pelo caminho da santidade. Melhor, porém, é a voz do mestre em pessoa. Para se obterem verdadeiros resultados, nada tão útil como contemplar um velho senhor, realizando o monótono trabalho diário com os olhos iluminados pela luz do amor e com uma canção de júbilo no coração. Esse é o melhor de todos os exemplos. E tudo isso seu pai executava, Geraldo!

— Deus lhe pague, Godofredo, respondeu Geraldo, enxugando as lágrimas. Eu sou filho, e é natural que o admire, mas escutar do senhor esse atributo que, eu creio, lhe é devido, enche-me de consolo. Meu pai era um guerreiro completo. E seus dois últimos anos o provaram muito mais que os sessenta e oito anos anteriores. Ele morreu naquele campo de batalha que eu começo a considerar o mais difícil, onde o homem deve vencer não só o mundo, o demônio, mas deve vencer-se a si próprio. Meu pai disse-me uma vez que existe uma vitória mais completa do que aquela em que se vence um inimigo que vem de fora, vestido de couraça e de lança em riste. Muito bem me provou o que disse, nesses dois últimos anos. Mas, de que me envergonho, e hei de me envergonhar durante toda a minha vida, Godofredo, é de ter um dia pensado que ele fosse um covarde. Eu era nesse tempo muito jovem. Não sabia em que se baseava o valor. Desde então comecei a compreender ao descobrir o que é preciso para provar nosso amor a Deus. Papai ensinou-me. Também minha vida há de ser digna de tal senhor. Ele disse-me que haveria de ensinar-me uma lealdade mais profunda e um amor mais intenso. Assim o fez. O que torna grande a vida de

um homem, e o que faz com que um homem viva conforme essa grandeza, é o amor de Deus. Assim foi meu pai.

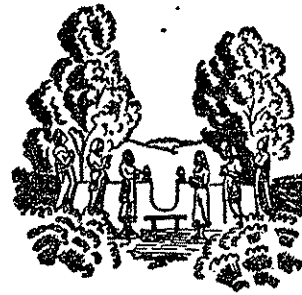
Ao dizer isso, os olhos de Geraldo brilhavam de uma luz resplandecente. Godofredo dava-se por pago em ter esperado tanto tempo junto da sepultura. Aquela entrevista o mudara em admirador daquele homem amargurado.

Geraldo foi logo à procura de seu irmão Bernardo. Enquanto a porta se fechava atrás dele, Godofredo exclamou:

— Sim! Seu pai possuía esse amor para com Deus. E sem medo de errar posso afirmar: De tal tronco, tal ramo. De tal árvore tal fruto.

* * *

E para nós, caro leitor, será de estranhar que a santa e grande Ordem Cisterciense tenha dado o título de venerável àquele velho guerreiro?



CAPÍTULO II

A MÃE QUE CHEGOU A SER SANTA

“O sangue fala...”

O ABADE JARENTON, vendo que a discussão não levava a fim algum, decidiu mudar de tema; mas o abade Frederico, que gostava de dar uma finalidade a tôdas as discussões, decidiu que não se devia mudar de tema. E, sem embargo, como não era mais que um hóspede em São Benigno de Dijon e fazia pouco tempo que conhecia o abade Jarenton, teve de empregar tôda a sua ciência na arte de conversar para parecer que se rendia ante seu hospedeiro, quando, na realidade, continuava mantendo tenazmente sua posição. Frederico era hábil. Jarenton, porém, tinha vivido entre os homens durante demasiado tempo para não descobrir suas manobras, e tinha de sobra senso de humor para não prestar-se ao jôgo de Frederico. Assim a discussão prosseguiu ainda que falassem de outros assuntos.

Para um era divertido; para outro, enfadônho. Jamais môsca e aranha, ou gato e canário se espreitaram mais cui-

dadosamente que aquêles dois abades enquanto falavam do tempo, das colheitas, dos prelados, dos príncipes e dos poderes do governo, ainda que na realidade não fizessem outra coisa senão discutir sobre a santidade. Frederico proclamava que ela era quase inteiramente obra de Deus; que os santos eram seus favoritos sobre os quais derramava uma graça tal que dificilmente poderiam ser outra coisa. Jarenton — pelo contrário — insistia em que cada filho de Adão e cada filha de Eva tinham em suas mãos a possibilidade de ser santos com a única condição de pagar o preço.

Frederico era alemão, física e mentalmente. Portanto, seu esforçado sistema de pensar e de falar, ponderado e persistente, oferecia um grande contraste com o sutil e loquaz Jarenton, francês, de inteligência muito viva. A discussão tinha ocupado a maior parte da manhã, durante a qual haviam comparado um texto da Escritura com outro, um santo com outro e um exemplo com outro. Apenas Frederico citava, triunfante, “Porque foi Deus quem obrou em vós a vontade e a consecução”, Jarenton lhe replicava de bom-humor: Sim, mas não se esqueça do versículo anterior e seguinte. Ambos imperativos! Se mal não me recordo, o anterior diz: “Cuida da tua salvação com temor e tremor”, e o seguinte continua: “Faze tôdas as coisas sem murmurar”.

Então Frederico tentou resumir toda a sua tese em uma só frase de S. Paulo: “Eu sou o que sou pela graça de Deus...”

Mas o sagaz Jarenton pediu-lhe que se recordasse do resto do versículo: “E sua graça em mim não foi em vão, mas trabalhei mais que todos êles...” E o abade francês pôs toda sua ênfase nessa réplica, acentuando tôdas as palavras “eu... trabalhei... mais que... todos êles...”

Frederico deixou-o saborear o triunfo. Depois pagou-lhe na mesma moeda, perguntando:

— E como termina êsse versículo? Não é mais ou menos assim: “contudo não eu... mas a graça de Deus em mim...”? Está escutando, senhor abade?

E foi acentuando as palavras: “contudo não eu... mas, a graça... de Deus... em mim...”?

Dava gosto ver dois intelectuais digladiarem-se. Duas mentes esclarecidas encontravam-se num duelo e toda aquela manhã transcorreria em ataques e contra-ataques.

Um santo fôra comparado com outro; São João Batista fôra comparado com São Pedro; os Apóstolos que corresponderam ao chamado divino foram comparados com o jovem rico que se afastara tristemente.

Logo que Frederico apontava as tendências pelagianas na tese de Jarenton, êste lhe recordava os princípios maniqueus. Frederico pergunta-lhe à queima-roupa se é o homem que haverá de determinar ao Deus Todo-Poderoso o que fazer. Jarenton replica perguntando se será Deus o destruidor do livre arbítrio em sua criatura.

Para terminar a discussão, Jarenton propõe:

— Vamos visitar a igreja?

Frederico levanta-se. Quando se dirige para a porta, observa:

— A igreja, onde as almas são santificadas por Deus através de seus Santos Sacramentos.

Jarenton apanhou as luvas no ar:

— Sim, a igreja, onde as almas se santificam a si mesmas, recebendo os Santos Sacramentos e louvando a Deus!

Houve uma trégua na discussão, enquanto Jarenton mostrava a seu ilustre hóspede as belezas de sua igreja. Talvez houvesse mesmo encerrado a polêmica, se não tivessem ouvido dois homens que conversavam entre si, diante de seis imagens de pedra.

O abade de Dijon fêz sinal a Frederico para que se calasse e o conduziu para um cantinho onde podiam ver e ouvir sem serem vistos nem ouvidos.

— Escute, disse Jarenton, isto promete ser interessante.

Esperaram uns segundos e veio a voz clara do primeiro homem:

— Essa terceira estátua representa o abade Bernardo. Não era lá grande coisa com a lança e a espada. Mas tinha talento. Foi êle que levou toda a família para o convento.

Frederico franziu as sombrancelhas em sinal interrogativo. Jarenton sacudiu a cabeça em sinal afirmativo. Depois acrescentou:

— E' verdade!

O abade alemão aguçou mais os ouvidos. O homem prosseguia:

— Era um mço extraordinário, e foi um homem mais extraordinário ainda. Cativou a flor da nossa nobreza, trinta dos melhores homens do Ducado, e levou-os para o claustro

nos pantanais de Cister. Isso foi o começo. Alguns anos mais tarde, quando foi eleito abade de Claraval, o vale ficou repleto de monges. Ai você tem retratada, nessas estátuas, toda a sua família.

Enquanto o homem ia mostrando as imagens de pedra, prosseguiu:

— Nestes mosteiros estavam muitos dos parentes de Bernardo. Um verdadeiro exército de nobres cavaleiros e outro tanto de servos... Quase inumerável. Até seu pai estava aí!... Sim, senhor, Tecelino, o Barba-Ruiva, o senhor de Fontaines, morreu faz alguns anos como irmão leigo na Comunidade de Claraval.

— Seu pai?... exclamou o outro homem cheio de espanto. O Conselheiro do Duque de Borgonha?

— Sim! O Conselheiro do Duque de Borgonha, respondeu o primeiro com ares de superioridade e complacência. Bernardo é uma maravilha. A estátua seguinte é a do jovem André. Era um rapaz de futuro!... Imagine só: foi armado cavaleiro antes de completar os dezessete anos! Que guerreiro teria sido! Mas foi atrás de Bernardo e com Bernardo ficou... Este é Bartolomeu, um moço encantador. Você nem pode imaginar. Tinha o físico de seu pai, mas o caráter de sua mãe. Todos gostavam dele... Este último é Nivaldo, a quem eu mais admiro.

— E por quê?

— Porque as mais risonhas perspectivas lhe sorriam. Tinha mais tempo para pensar no que ia abandonar. Pense bem: quando todos os seus irmãos foram para o convento, tornou-se ele o único herdeiro de Fontaines. Que fortuna não ia possuir? O grande castelo era a menor das heranças. Possuía tantas terras quantas pode um caminheiro circundar em dois dias de caminhada. Tinha servos que dariam uma colônia. Teria a amizade e o favor do Duque... Teria tido tudo o que um homem pode esperar. Todavia, também ele lá se foi para o convento. Quando teve a idade exigida, entrou para o mosteiro.

— E você julga que tinha idade para saber o que estava fazendo?

— Se possuía... Teve dois anos para pensar. Não era criança. Estava com quase 17 anos, e nenhum filho de Tecelino chegou a essa idade sem saber que dois mais dois são quatro. Sabia perfeitamente o que fazia, e sabia melhor

do que os outros, porque teve tempo de contemplar os dois aspectos da questão. Visitava seus irmãos em Cister e via como era aquilo e, pelo que me disseram uns amigos, em casa tinha de lutar com a oposição do pai, que constantemente lhe recordava que tudo aquilo devia ser seu. Naturalmente Tecelino queria que um filho perpetuasse o nome da família e conservasse as propriedades.

Frederico tornou a olhar para Jarenton com a fronte enrugada e inquiridora e recebeu a mesma resposta:

— E' isso mesmo.

O abade alemão era agora a personificação do interesse. Pôs-se à escuta com ansiedade para não perder nenhuma sílaba. Inclina-se para a frente enquanto Jarenton sorria.

— Bem, está tudo bem. Mas falta uma estátua, pois o abade Jarenton ainda não terminou a obra, disse o primeiro. Eu, por mim, mandaria fazer ainda mais duas. Uma do próprio Tecelino e outra de Umbelina, a única filha mulher, verdadeira rainha. Você ficaria encantado com ela. Casou-se com Guido de Marcy e toda a região afirmou que foi o melhor casamento com que se poderia sonhar. Sabe onde se encontra nesse momento a boa senhora?

— Não! Não sei.

— Está no convento de July.

— Como, exclamou o outro assombrado. Depois de casada?

Depois de casada, sim! respondeu o primeiro com orgulho. E agora o que me diz você? Não é certo o que se fala por aí? Não é certo que a maior glória de Dijon está fora de Dijon? Não é sublime falar da família de Fontaines? Você já ouviu falar de outro fato igual?

— Devo confessar que não. Mas estou confuso e quero que me ajude. Aqui estão seis estátuas e você diz que se deveriam fazer mais duas. Uma do pai e outra da irmã. Está bem. Todos são religiosos, por isso suponho que cada um terá o seu lugar na igreja. Mas, diga-me, o que faz ela aí? E mostrava a tumba da mãe. Somente ela não foi religiosa. Que lugar ocupa nessa igreja?

— Por que está nessa igreja? repetiu o outro, em tom indignado. Estou vendo que você não serve para criar gado. Agora não estranho por que o mandaram para cá a fim de aprender um pouco. Você não sabe que o sangue fala? Nunca

ouviu dizer: a voz do sangue? Oh! Clontof, como você é atrasado...

— Já ouvi, sim, respondeu Clontof, um tanto indignado. Mas eu queria agora saber o que tem de ver criação de gado e a voz do sangue com o que eu perguntei.

— Pois é claro, homem, se você soubesse, já teria a resposta.

— Durtal, deixe de brincadeiras! E' uma questão tão santa e estamos num lugar tão sagrado!

— Brincadeira? Brincadeira? Nunca estive mais sério em minha vida. Sua pergunta me assusta. Você diz que eles têm um lugar aqui porque eram religiosos, mas que a mãe não poderia ter porque não o era. Isso é demais, Clontof. Quer agora dizer-me de onde tiraram eles esse merecimento? Você não sabe que dos pais não se herda só a cor dos olhos, do cabelo e da pele, mas também a pureza do coração, da mente e da consciência? Você ignora que a honra, o valor e a virtude procedem dos pais? Não sabe que não só a beleza do corpo, mas também a da alma é herdada? Ignora que a voz do sangue grita alto em questão de religião como em outros fatores da vida? O que está a mãe de Bernardo fazendo aqui? Olhe, homem, se não fôsse ela, os outros também aqui não estariam. Ela deu à luz esses seis filhos e essa filha, como lhe disse. Ela foi a esposa de Tecelino, o Ruivo, e pode-se dizer que o transformou no homem extraordinário que chegou a ser. E ainda você me pergunta o que faz ela aqui? Essa é uma pergunta idiota. Ao contemplar as seis primeiras estátuas, a primeira coisa que Clontof devia perguntar, se você fôsse inteligente, seria: — "Quem foi a mãe delas?"

Clontof mordeu os lábios e não disse nada.

— A hereditariedade não termina com a carne e o sangue, nem mesmo com os caracteres físicos, continuou Durtal. Nunca. Infiltra-se na vontade da alma. A hereditariedade espiritual é um fato, Clontof. E' um fato tão real, como a hereditariedade física. Claro está, acrescentou, em tom mais ameno, que tudo é uma questão difícil, pois como num rebanho de gado escolhido, selecionado, aparece de vez em quando uma rês petiça, também numa família nobre surge uma ovelha negra. Mas isso não destrói o princípio da hereditariedade espiritual, como também não destrói o ter surgido na cria-

ção de animais puros uma cabeça degenerada, o desejo de criar animais puro-sangue.

— Então você quer dizer com isso que a santidade é somente questão de herança dos antepassados? perguntou Clontof, em tom que não só demonstrava dúvida como também desejo de discutir.

Durtal olhou para ele pensativo, e falou lentamente:

— Meu amigo, se eu semeio a melhor semente do mundo numa terra má, não consigo uma boa colheita; e se tiver bom terreno e semear nêle uma semente ruim, você já sabe que qualidade de colheita terei. Pois com os homens ocorre algo semelhante. Alguns que tiveram pais exemplares, por causa das más companhias ou pelo abandono em que se encontram, tornam-se maus; mas é preciso quase um milagre de primeira categoria para que um filho de uma mãe que não presta saia um santo. Há muita coisa, Clontof, há muita coisa no sangue! Não digo tudo, mas muito. Eu posso enxertar um rebento de uma árvore que não é boa numa árvore boa. Esse enxerto sairá com características da árvore boa. Mas conservará também suas características más, nos frutos que vier a dar.

— Mas, para você, nós somos como as árvores e o gado? perguntou enfurecido Clontof.

— Não! respondeu, rindo-se, Durtal. Mas estou quase a dizer que alguns o são. Escute, homem! Vou dizer-lhe isto: Bernardo era um môço muito bonito. Tinha olhos enormes, azuis, cabelo louro e pele macia e alva. De onde tirou essas características?

— Parece-me que de seus pais, resmungou Clontof.

— Bem... exclamou o bom Durtal. Seu pai era chamado Tecelino, o Ruivo, pois tinha os cabelos e a barba ruivos, enquanto a mãe, Alice de Montbar, tinha os olhos mais belos que eu vi em face humana. Agora lhe direi que Bernardo possuía um dos espíritos mais orgulhosos, mais atrevidos e mais ousados que já apareceram, e ao mesmo tempo era tão gentil, tão amável, tão generoso que os servos sob sua jurisdição nunca conheceram outro igual. A que você atribui essas características?

— Sei lá... respondeu Clontof mal-humorado.

— Pode calcular! A mesma coisa que você fez com os olhos, os cabelos, com a cutis. Pense assim: "Seus pais", e terá tãda a razão, porque a Borgonha não se pode gloriar

de um cavaleiro mais nobre do que Tecelino, o Barba-Ruiva e nos séculos vindouros, não só Fontaines, mas toda Dijon cantará os louvores de Alice, a generosa. E se você quiser saber por que Alice, a mãe dêses seis monges, está enterrada nesta igreja, a resposta é simples: por causa dos seis. Porque, como Deus é Deus, estou certo de que a santidade dêses se deve em grande parte à mãe. E que mãe, Clontof! Criou seus filhos nos próprios peitos, coisa que bem poucas damas nobres fazem em nossos dias. Tenho certeza de que êses filhos tiraram de tal criação muito mais do que apenas o alimento material. Quando cresceram, os joelhos da mãe foram sua única escola. O mesmo motivo que afastou as amas mercenárias, para a criação dos filhos, afastou também os mestres do ensino. Sômente quando já estavam maduros mental, física e espiritualmente, ela permitiu que se afastassem de suas vistas. E ainda aí continuava vigiando-os. Estejam certos, Clontof, que Alice de Montbar era uma mãe convencida de que sua missão não terminava a não ser com a morte, e o maior monumento à sua maternidade não são essas seis estátuas. O maior é a dedicação que êses filhos fizeram a Deus. Estas estátuas não estão aqui por causa da santidade daqueles que representam, mas por causa da santidade daquela que os trouxe ao mundo. O abade Jarenton não as mandou esculpir para honrar os filhos; mandou fazê-las para honrar a mãe. E fez muito bem. "Pelos frutos se conhece a árvore". Mas vamos! Pois vejo que as palavras de um velho como eu pouca impressão lhe causam. Vamos e perguntaremos a Ângela, a jovem viúva, e a Joana, a órfãzinha, por que Alice de Montbar está enterrada na igreja de São Benigno de Dijon. Vamos! Os homens se foram. O abade Frederico voltou-se para Jarenton com os olhos iluminados pela ansiedade, e com a voz vibrante de entusiasmo disse-lhe:

— Vamos segui-los!

Jarenton riu calmamente e respondeu:

— O senhor não teme que Durtal atrapalhe suas teorias a respeito da santidade? Parece-me que êle disse que a santidade não é questão nem de Deus, nem do homem, mas de nossas mães. Não, Frederico, não! Não é preciso que os sigamos. Poderá ouvir Ângela e a pequena órfãzinha Joana na minha sala de expediente. Antes, porém, vamos jantar. Vamos.

Faça-se a Vontade de Deus

Depois do jantar o abade Jarenton antes de folhear um grosso volume que se achava em cima da mesa, fez com que seu hóspede se acomodasse numa confortável cadeira. Folheou algumas páginas, encontrou o que procurava e fez girar a cadeira para estar de frente e poder olhar para Frederico e para o livro. Tendo-se acomodado, foi dizendo:

— Abade Frederico, muito lucrei com sua discussão desta manhã. Poderia ter abordado o tema muitas vezes sobre os dois pontos de vista. Às vezes argumento, como o senhor o fez, dizendo que os santos são os favoritos de Deus, que foram enriquecidos de graças. Tanto pelas Escrituras, como pelos exemplos, esta opinião tem lá suas forças. Contudo, no fundo de meu coração, tenho o pressentimento de que o ponto de vista que defendi hoje é certo. Até nos meus próprios ossos percebo que nós todos recebemos graças eficazes para nos tornarmos grandes santos, bastando cooperarmos com ela. Quando nos convidou a segui-l'O, Cristo obrigou-se a nos dar as forças necessárias para sua execução, para segui-l'O, não como o fizeram os Apóstolos no tempo da Paixão, mas, sim, bem de perto, como fez o Cireneu. Ou como diz Bernardo de Fontaines: "O suficientemente perto d'Êle para poder ser alcançado". Bernardo diz muito bem quando fala que pouco nos servirá seguir a Cristo se não O alcançamos. Mas, seja como fôr, esta manhã o senhor escutou alguma novidade na igreja, não é mesmo? Qual seu julgamento a respeito da conversa que ouvimos?

— Quanto à herança espiritual?

— Exatamente!

— Eu gostaria de meditar mais um pouco no assunto antes de dar uma resposta definitiva. No momento posso dizer que é aceitável. Se eu herdo as características físicas, por que não hei de herdar as espirituais? Alguns autores dizem que não é assim, que só o corpo é engendrado pelos pais, enquanto a alma procede diretamente de Deus. E isso é verdade. Mas a ação combinada da alma sobre o corpo e do corpo sobre a alma é tão íntima, que o homem pode ter lá sua razão. Além disso temos o provérbio: "Tal árvore, tal fruto", cuja evidência se provou tantas vezes na ordem moral como na física. Filhos guerreiros de pais guerreiros, filhas piedosas de mães piedosas. E' uma idéia que merece

ser tomada em consideração. Penso estudá-la mais detalhadamente em minha abadia, entre meus próprios homens. Durtal, porém, deu-me mais do que uma idéia esta manhã. Espicou minha curiosidade até o extremo. Quero e desejo saber tudo o que se refere a essa tal Alice de Montbar, que foi tão elogiada. Gostaria de ouvir o que vão dizer a viúva e a órfãzinha.

— Prometi-lhe que haveria de escutá-las, não é mesmo? Mas antes de conversar com elas, ouça-me primeiro. Como o senhor sabe, abade Frederico, faz muito tempo que estou na Ordem, contudo posso assegurar-lhe que aprendi mais coisas divinas dessa mulher, Alice de Montbar, do que me ensinaram os mestres religiosos e livros ascéticos.

— Isso bem pode ser tanto um grande elogio a essa mulher, como a triste confissão de uma situação deplorável.

— Pegue a primeira parte, replicou Jarenton, e fique sabendo que a lição que aprendi não foi de seus lábios, mas de seus costumes. A primeira grande verdade que me ensinou foi que, embora a caridade comece por si mesma, não termina aí. E essa é uma lição, como aquelas de Cristo, que nós, seguidores do mesmo Cristo, não sabemos fazer uso. Alice era uma dama nobre, com uma família numerosa e com enormes propriedades. Tinha servos e tantos que seria necessário não só uma pessoa, mas duas, o dia inteiro ocupadas em dirigi-los. Apesar disso, quase diariamente era vista nas choças pobres, ou na cabeceira das camas dos enfermos de Dijon. E é preciso notar que Dijon está situada a mais de três milhas do castelo de Fontaines. O senhor bem escutou de quem estava falando Durtal: a viúva Ângela e a órfãzinha Joana. São gente de Dijon. São meus paroquianos; e aqui, acrescentou marcando a página do livro, tenho muitos outros nomes de viúvas, órfãos, pobres e enfermos pertencentes à minha paróquia, que poderiam falar todos eles sobre a amabilidade de Alice e sua caridade cristã.

— Mandava-lhes mantimentos?

— Não! O que eu quero dizer é que ia pessoalmente visitá-los. Ah! se nós soubéssemos praticar a caridade de Cristo como o sabia aquela mulher, suspirou Jarenton. Sem dramatizar, sem exhibir-se, sem pretensões, sem presunção. Com uma naturalidade, uma facilidade, uma graça que tornavam encantadores seus gestos. O senhor sabe, abade Frederico, que ninguém é mais orgulhoso que o pobre. A piedade os mortifica.

E como repelem qualquer coisa que se lhes dê, se o doador a dá só por pena deles. E' um orgulho que eu não ousaria condenar já que tem o seu fundamento numa justa apreciação de sua inata pobreza. Os pobres dão-se conta de que são seres humanos e ainda que careçam dos bens temporais, possuem uma alma imortal e no essencial são iguais ao patrão, ao barão, ao conde, ao rei. Não condeno em absoluto, por conseguinte, o nobre e legítimo orgulho do pobre. Ainda acrescento: que os céus o abençoem! Se analisarmos detalhadamente esse orgulho, concluiremos que ele é a consciência de serem filhos de Deus e irmãos de Jesus Cristo. Não obstante, essa consciência pode tornar-se bem difícil para a pessoa que deseja ajudá-los. Convenci-me de que a missão de ajudar os pobres é uma das mais difíceis de nosso ministério. Dar sem ofender é uma verdadeira arte. Eu ainda não consegui dominá-la. Vi, porém, como o conseguiu essa mulher de Fontaines. Alice de Montbar dava aos pobres e, por alguma peculiaridade, eles recebiam com prazer. Jamais se julgaram humilhados em vista de seus donativos. A habilidade de Alice consistia em que a maior parte dos beneficiados por ela se sentissem como se fossem os doadores, cressem serem eles mesmos que lhe faziam o favor e lhe proporcionavam a felicidade em poder ajudá-los. Isso é o que eu chamo o gênio do cristianismo. O senhor conhece o Evangelho, Frederico, e sabe como Cristo dava, dava e dava sempre: um dia a saúde do corpo, ou a cura de um membro paralítico, ou a desenvoltura a um corpo tolhido; noutro dia, a pele limpa e rosada a corpo putrefato pela lepra; depois devolvia a luz às pupilas dum cego; a suave melodia aos ouvidos do surdo, e a maravilha da palavra à língua do mudo. A verdade é que "ia fazendo o bem", só molestando aqueles que, podendo fazer o bem aos pobres, não o faziam.

Os orgulhosos fariseus e os desprezíveis escribas sentiam-se molestados por Aquêlo que oferecia sua amizade e fazia milagres de misericórdia. Mas aqueles infelizes que conheciam as doçuras de sua mão misericordiosa não consideravam que Cristo fôsse condescendente ao compadecer-se deles. Possuía a arte de dar a tal ponto que aquêlo que recebia o favor nunca se sentia vexado...

Fêz uma pausa e continuou:

— Não continua Ele fazendo isso mesmo hoje em dia? Continua dando, dando e dando. Até se dá a si mesmo! E o

faz de tal modo que nem o senhor, nem eu, nem mortal algum nos sentimos atemorizados. Isso é o que eu chamo arte divina. E digo mais. Digo que Alice, a castelã de Fontaines, possuía essa arte em tôda a sua perfeição. Ângela, a viúva, dir-lhe-á como fazia Alice feliz ao permitir-lhe que a vestisse com roupas limpas e que depois as lavasse com suas próprias mãos.

— Lavava-as com suas próprias mãos? perguntou Frederico incrédulo.

— Sim, com as próprias mãos. Isso fazia parte de seu encanto; podia fazer isso sem jamais perder sua dignidade. Em sua presença todos, homens, mulheres e crianças, se sentiam à vontade. Até me disseram que ela pessoalmente limpava suas choças. Limpou a choça, fêz a cama e deu banho num pobre paralítico. E pelo que parece a choça, o leito e o corpo precisavam mesmo de uma boa limpeza.

— Talvez fôsse uma mulher generosa e compassiva como muitas mulheres em que há êsse instinto da generosidade.

— Talvez pudesse ter sido assim. Deus podia tê-la dotado dêsse caráter compassivo, sensível, dando-lhe além disso uma tendência para a bondade. Mas devo dizer-lhe que ela espiritualizava essa natureza e essa tendência, convertendo-as em caridade divina.

— Como pode provar isso, Jarenton? E' uma afirmação gratuita.

— Os alemães são científicos e gostam de ter prova de tudo, não é mesmo? Perfeitamente! Farei com que a pequena Joana prove o que afirmei. Joana é uma criatura encantadora. Tôda Dijon está encantada com ela. Tem uma imaginação fértil e é mais romântica que qualquer jovem amorosa. Um dia perguntou à nobre castelã por que vinha sempre sôzinha em suas visitas. — “Por que a senhora não vem acompanhada por algum escudeiro bonito ou algum valente paladino? As damas nobres e bonitas, como a senhora, deveriam sempre andar com escolta”.

A castelã sorriu, pegou a pequena nos braços e disse:

— Meu amorzinho, escolta-me o melhor cavaleiro do mundo, aquêlê que você precisa conhecer e amar também.

— E onde está êle? perguntou a menina assombrada.

— Aqui mesmo, respondeu Alice, apontando o coração. Depois continuou:

— Minha querida Joana, eu vou sômente com Deus para fazer as coisas de Deus. Não quero que ninguém me veja a não ser Êle.

E' natural que a pequena não entendesse nada da profundidade dessa resposta. Mas teve a inteligência suficiente para perguntar:

— Qual é a coisa de Deus?

— E' você, minha filha! Você é a obra de Deus, porque tudo que eu faço por você, a mais humilde das criaturas, faço por Deus.

— E' uma prova magnífica e admiro a profunda piedade dessa mulher, comentou Frederico pensativo. Mas não se ofenda comigo, abade, se lhe digo que os elogios que escutei hoje de manhã na igreja da bôca dêsse tal Durtal me impressionaram mais do que suas palavras.

— Ofender-me com isso? respondeu Jarenton rindo. Ofender-me? Em absoluto. Enquanto vejo a santidade em seus atos de caridade verdadeiramente heróicos e enquanto estas cinco páginas — acrescentou, mostrando o livro que tinha diante de si — poderiam dizer-lhe o mesmo que Ângela e Joana lhe diriam, sei que a maioria só verá nisso uma piedade profunda. São muitos os que se fiam só nas obras exteriores...

— O senhor falou bem, continuou Jarenton. Não é tão importante o que fazemos, mas como o fazemos. A quantidade como a qualidade de nossas obras deve ser pesada. Não tanto o empenho, como o amor empregado. Não olhar tanto as montanhas que movemos, como o motivo que nos leva a movê-las. Tudo isso está certo, Frederico. Mas temos de recordar-nos que temos de remover as montanhas; as boas intenções só não nos bastam.

— Vejo que toquei num tema que lhe é muito agradável, observou o visitante com um sorriso.

— Isso é mais que um tema, Frederico. E' uma verdade e um princípio que nos servem de guia. Um princípio que repito para mim mesmo e para os meus monges dia após dia. Não são os nossos trabalhos que Deus quer, mas o amor com que êsses trabalhos são realizados, e sublinho e torno a sublinhar a palavra “amor” e “trabalho”. Principalmente o “amor”, porque se falasse a língua dos anjos e dos homens e não tivesse a caridade... Se distribuisse os meus bens para socorrer os pobres, se entregasse o meu corpo à fogueira e não tivesse a caridade...

— De nada nos serviria... terminou Frederico.

— Absolutamente de nada. Mas asseguro-lhe que qualquer coisa feita por Alice — e fez muito mais do que pensam os habitantes de Dijon — fazia-a por amor. Não estou falando de uma alma piedosa. Falo de uma alma santa e a distância entre a piedade e santidade é infinita.

— Quanto mais o senhor fala, tanto mais vejo ser o senhor um homem verdadeiramente conforme meu próprio coração. Também eu sustento que a diferença entre a piedade e a santidade é essencial. Muitos afirmam que se trata somente de diferenças de grau. Eu digo, e parece que o senhor também o diz, que é assim: diferente. Acho que o mundo está cheio de almas piedosas, mas vazio de almas santas.

— De acôrdo. Para ser fiel à sua tese desta manhã, no entanto, é preciso pôr a culpa em Deus por tal situação.

— Assim é, respondeu o sincero e leal Frederico, e aí está a fraqueza de minha tese. Se se pode pôr a culpa no homem, pode-se dizer que sua culpa consiste em não cooperar com a graça de Deus.

— Afirmo que não somos tão sensíveis para com a graça de Deus, afirmou o abade francês. Eu acredito que nossos desejos são bons, mas nossas inteligências não podem captar os sussurros da Divindade. Afirmo que não estão prontas para recolher todos os raios da luz que Deus nos manda. Descobri que a maioria dos monges está cheia de bons desejos, mas não de agudas percepções. O que nos impede de sermos santos é a lentidão do pensamento e não a preguiça da vontade. Por isso muitas vezes tenho desejo de interromper esses pregadores que gritam: “sêde homens de oração! amai a Jesus! sêde santos!” e dizer-lhes: “E’ isso que eu quero ser. Meu coração está disposto. Minha vontade é boa”. A obrigação desses pregadores seria dizer: “como” se pode ser um homem de oração, “como” se pode ser santo, “como” se pode amar a Deus e a Jesus Cristo”.

Frederico franziu os lábios ante a eloquência de seu colega.

— Sei o que quer dizer, Jarenton. Compreendo o que o senhor sente. Mas Alice de Montbar pregava no sentido que o senhor está falando?

— Assim mesmo!

— De fato?

— E sem jamais proferir uma palavra. Alice ensinou-me como ser santo, sendo ela uma mãe perfeita.

— O que o senhor está dizendo?

— Que a chave do céu, ou se prefere, o segredo da santidade, não se apóia nem na oração, nem nas práticas de piedade. Nunca! Apóia-se no cumprimento da vontade de Deus com generosidade. Aqui está o resumo da vida de Alice de Montbar. Como estivesse convencida de que a vontade de Deus era que ela fôsse esposa de Tecelino, o Barba-Ruiva, mãe de seis filhos e de uma filha, enquanto viveu foi exatamente isso: esposa e mãe. Esposa e mãe perfeita, uma vez que, a seu ver, isso era o que Deus queria dela.

— Eis uma maneira de simplificar a santidade!

— Uma maneira também de santificar a simplicidade. Ah! se o mundo aprendesse somente o que Alice ensinou! Se um abade compreendesse que para ele a santidade consiste não em ser abade, mas sim que a vontade de Deus a respeito dele é que seja abade! Se os monges se compenstrassem de que a única coisa que têm a fazer para se tornarem santos é serem monges, porque a vontade de Deus a respeito deles é que sejam monges! Se os pais e as mães fôsem realmente pais e mães, não só segundo a natureza, mas pela graça de Deus, que mundo tão diferente seria esse e que lugar tão diferente seria o céu. Mas, geralmente, nós abades cremos que nossa missão é construir grandes mosteiros, aumentar as comunidades, realizar penitências rigorosas e ser faróis brilhantes pelo bom exemplo. Os monges são piores ainda e os leigos quase chegam a esquecer o elemento sobrenatural que há nos papéis naturais que hão de representar na vida. A falta de simplicidade é o que cerceia o rol dos santos e faz sobressair a multidão dos médiocres. A mãezinha que criou a família de Fontaines nos dá uma bela lição. Vem dizer-nos: “Sêde aquilo que sois, porque essa é a vontade de Deus”. Mas quantos de nós mesmos poderíamos santificar-nos sendo aquilo que somos?

— Poucos, bem poucos! Estamos sempre sonhando, desejando, esperando e fazendo planos e, inclusive, atrevendo-nos a ser algo ou alguém bem diferente.

— E’ por isso exatamente que não progredimos na vida espiritual com rapidez. Se Deus quer que eu vá atrás de um arado, nunca chegarei a ser santo se pretendo ser poeta. E, pelo contrário, se Ele quer que eu seja poeta, o único jeito

que terei para alcançar a santidade será esforçar-me para ser o maior e melhor poeta do mundo. Essa é a lição da parábola dos talentos. Temos de trabalhar com o que Deus nos dá. Se me deu um só talento, não me excluirá do céu porque não lucrei dois. Se quer que eu seja abade, nunca chegarei até Ele, deixando por uma falsa humildade o báculo pastoral e empunhando o cajado de um guardador de porcos. Tenho de utilizar meu báculo como chave para o reino do céu, pois cajado algum me abrirá aquela fechadura. Isto é o que nós temos de aprender e de estar sempre lembrados! O que estropia nossas vidas é o fato de enterrarmos nossos talentos e de lutarmos também para ser aquilo para o qual não fomos criados. O que nos impede de sermos santos é querermos ser aquilo que não somos. Isso vem refletido na insatisfação a respeito da vontade de Deus em relação a nós.

— Dificilmente aprenderemos de todo essa lição, disse Frederico.

— Contudo, tal verdade aparece em tôdas as páginas do Evangelho, continuou Jarenton. Pedro nunca se tornaria São Pedro se tivesse porfiado em ser manso como Bartolomeu ou amoroso como João. Não! Tinha de ser justamente Pedro — a pedra — ousado, orgulhoso, turbulento. Tinha de amar com amor varonil, porque êsse era o modelo em que o Senhor o havia vazado. Nada de ternos abraços, nada de apoiar a cabeça no colo de Jesus. Nada! Em lugar disso, seu caminho tinha de ser a desafiadora explosão de fé de suas palavras: "Tu és o Cristo, Filho de Deus vivo!" Depois sua generosidade entusiasmava na frase: "estou pronto a morrer contigo..." Depois a triste, humilde e desalentadora exclamação: "Tu sabes tudo, Senhor, tu sabes que eu te amo..." Ele não poderia ter ido por outro caminho para atingir sua meta! O que nos faz santos é sermos justamente o que Deus quer que sejamos, no lugar determinado. As avezinhas dos céus foram criadas por Deus para voar nos espaços azuis; assim a nossa salvação somente será possível se nos sentirmos satisfeitos em sermos avezinhas e voarmos para onde Deus nos colocou.

A capitulação

— Consegui pegá-lo, riu-se Frederico.

— Não! Diga-me antes que Alice me ensinou a verdade. Proporcionou-me a mais exata exegese das Escrituras, a qual

nunca me tinham ensinado tão bem. Vejo que ela alcançou a santidade por ser simplesmente uma mãe e porque essa era a vontade de Deus. E a lição que aprendemos foi que Cristo nos alcançou a salvação, não por ter morrido na cruz, mas porque a morte na cruz era a vontade de Deus a seu respeito. Novamente não se trata do que Cristo fez, mas como o fez. Não nos remiu com seus sofrimentos, mas por sua sujeição ou, se o senhor preferir, pela conformidade de sua vontade com a vontade do Pai.

— Está certo. Mas, agora, demonstre-me como se pode aplicar tudo isto com referência a Alice.

Jarenton estava embaraçado. Talvez tivesse ido mais longe do que Frederico pensava. Quando foi mencionado o nome de Alice, perturbou-se por um momento. Depois sorrindo disse:

— Que os céus bendigam os alemães. Não há dúvida de que os senhores sabem ater-se a um ponto e desta vez o senhor me pegou no ponto exato. "Sujeição" era a última palavra que me viera à mente. Pois bem: Posso dizer que Alice de Montbar começou sua vida real por uma sujeição, uma capitulação completa, sem condições, a Deus. E tal sujeição lhe proporcionou a única vitória real da vida: a santidade.

Jarenton fez uma pausa. Mas Frederico estava por demais empolgado para se mostrar paciente.

— Vamos! Continue. Conte-me tudo.

Seu hospedeiro sorriu. Vendo que Frederico estava interessado, continuou:

— Alice de Montbar estava destinada por seus pais à vida de convento. Com êsse fim educaram-na como poucas donzelas foram educadas, pois desejavam que reunisse condições para ocupar um alto posto entre as mais cultas religiosas. Alice era uma jovem dócil e inteligente e fizera grandes progressos nos estudos. Certo dia, o pai deu-lhe uma notícia fulminante. Era nada menos que isto: Tecelino, Barbaruiva, o senhor de Fontaines e conselheiro do Duque de Borgonha, pedira sua mão, e êle a havia concedido. Alice submeteu-se. Acatou a vontade do pai sem replicar. Quando anos mais tarde lhe perguntaram o que sentira quando o pai lhe anunciara seu casamento, respondeu: "Foi como se me arrancassem o coração do peito". Aquela sujeição custara-lhe um sofrimento tremendo. Quando lhe perguntaram como suportara

sem replicar, sua resposta foi uma pergunta: — Qual é o quarto mandamento?

Vinte e cinco anos mais tarde manifestou sua alegria por ter feito o que fizera. Chegara a convencer-se de que tal era a vontade de Deus a seu respeito.

Jarenton fez uma pausa antes de resumir seu ponto de vista. Frederico observava-o atentamente.

— Como o senhor vê, Frederico, Alice de Montbar começou em plena juventude a levar uma vida muito simples, guiada sem vacilações por sua estrêla polar, que era a vontade de Deus.

— E' alguma coisa, replicou o abade alemão. Mas ainda falta muito para se poder canonizá-la.

— Claro que sim, Frederico. Porém, depois das premisas que pus, o senhor não deve esperar obras extraordinárias, pois nunca as achará.

— Não preciso delas. O que eu quero é algo mais do que o consentimento para o matrimônio depois de ter sido destinada ao convento.

Jarenton contemplou o semblante sério de seu hóspede e sentiu a tentação de fazer uma brincadeira. Conteve-se em tempo e disse:

— O senhor não quereria modificar essa frase, meu senhor abade? Não seria melhor dizer "essa rápida sujeição à vontade de Deus, embora ela destruísse os planos de uma vida inteira"? O senhor já se deu conta de que eu estou baseando minha tese principalmente nesse ponto: Alice foi santa, não porque foi mãe, mas porque o foi em conformidade com a vontade de Deus.

— Considere modificada minha frase e continue sua argumentação.

— Vou fazer um resumo: Alice esteve às portas da morte sete vezes, sem exalar uma queixa.

— Muitas outras mães fizeram o mesmo. Algumas até fizeram mais. Conheço mulheres que deram à luz dez, doze e até catorze filhos, replicou Frederico friamente.

— Fizeram isso porque era a vontade de Deus? Consideraram isso uma tarefa imposta por Deus? Ou a aceitaram só como uma obra da natureza? O que importa, Frederico, não é o "que", mas o "como" fizeram. Alice sabia o que era ter um filho. Sabia que tinha de sofrer e horrivelmente. Mas sabia que assim estava cooperando com Deus

em um dos seus maiores atos. Para ela era um ato que a unia mais e mais ao seu Criador. Foi assim? Se foi assim, não precisava dizer-me nada mais. Se alguma vez uma mulher chegou mais perto do sacerdócio, essa mulher foi a senhora de Fontaines, porque quando dava à luz, apertava o filho contra o peito como qualquer mãe e pronunciava essas palavras maravilhosas, cheias de significado maternal: "meu filho"; mas, imediatamente, como raciocinando, elevava o filho na patena de suas mãos e o oferecia a Deus, pronunciando as palavras da consagração: "Este é o vosso filho, ó meu Deus. A mim o confiastes. Agradeço-vos essa confiança e com vossa ajuda espero ser fiel a ela". Depois abaixava o menino até tocar seu coração e entrava, vamos dizer assim, em comunhão com ele. A verdade é que aquela ação recordava intimamente a missa.

— Isso já é um pouco bem diferente, admitiu Frederico, sacudindo a cabeça. Isso é verdadeiramente religioso.

— Conseqüentemente fez honra àquela confiança, como o senhor ouviu hoje cedo Durtal dizer. De fato, essas estátuas são a história gravada em pedras de Alice de Montbar. O melhor elogio para uma mãe são os filhos. Seis filhos em Claraval e uma filha em July e seu espôso morto como irmão leigo, tendo passado dois anos no convento, dizem melhor do que ninguém que mãe católica era a senhora de Fontaines.

— As vocações vêm de Deus, Jarenton, observou Frederico com certa seriedade.

— De fato. Mas, se seus ouvidos não estiverem atentos para ouvir a voz de Deus, as vocações ficarão perdidas. E são as mães que tornam atentos os ouvidos dos filhos ao dizerem aos pequenos donde eles procedem, por que estão aqui e para onde vão. E' certo que as vocações vêm de Deus, Frederico, mas, com freqüência, ou poderíamos dizer, quase sempre, Deus fala através de outros. São muitas as almas que ouviram a voz e o chamado de Deus, porque o coração de uma mãe lhe fez eco. Durtal afirmava algo que pareceria exagerado, ou melhor dizendo, inadequado. Eu creio que, com efeito, existe a hereditariedade espiritual; mas o homem não é só o produto dessa herança como também uma combinação dela. O ambiente e a educação plasmam a alma. E Alice, participando dos três elementos na formação de seus filhos, cumpriu rigorosamente seu dever.

— Mas isso é um sentido estritamente militar do dever. Eu quero a santidade, objetou Frederico.

— Admito que o dever cumprido faz o soldado; mas o dever que se faz com amor, o dever que se cumpre porque é a vontade de Deus e é realizado só porque glorifica a Deus, não pode ser cumprido com um sentido militar. Foi assim que agiu Alice de Montbar. Há milhares de mães, Frederico, que são mães e nada mais. Que poderiam ser mães santas se sobrenaturalizassem o natural. Amam seus filhos com verdadeira loucura e fazem por eles até o impossível. Mas não o fazem para a maior glória e honra de Deus. Preparam os filhos para essa vida, não para a outra. Preparam-nos para ocuparem seu lugar na sociedade e no mundo, esquecendo-se que devem ter também um lugar na sociedade dos santos e uma posição também no outro mundo. Alice de Montbar preparou seus filhos para ambos os mundos e para ambas as sociedades, e fez isso sem sermões nem pieguice.

Jarenton falava com veemência. Seus lábios e seus olhos lançavam chispas. Falava de um tema caro ao seu coração e Frederico correspondia ao seu entusiasmo com um desusado interesse. Quando falou da pieguice, o abade francês inclinou-se para frente e, tocando nos joelhos do hóspede, disse:

— Frederico, lembra-se da frase retórica que diz: “Se queres que eu chore, chora em primeiro lugar”?

— Si vis me flere, flendum est tibi primum... respondeu Frederico.

— Já esperava que o senhor teria o provérbio na ponta da língua, disse Jarenton rindo. A meu ver, é perfeitamente aplicável na ordem espiritual. Se queres que eu seja santo, mostra-me como poderei sê-lo com teu exemplo. Ou mais simplesmente: Sê santo primeiro. Aqui se explicava todo o feliz êxito de Alice. Criou uma família santa. Isso é evidente para todos. O que poucos sabem é como fez isso. Conseguindo que o sobrenatural fôsse natural para seus filhos porque o era para ela mesma. Todos eles falavam de Deus com uma naturalidade como falavam do tempo, e falavam a Deus com a mesma facilidade e intimidade como se falavam mutuamente. Por quê? Porque assim também o fazia sua mãe.

Frederico inclinou-se para trás e murmurou com tristeza:

— Arte cultivada por poucos seres humanos, Jarenton. Somos poucos os que fazemos do natural o sobrenatural. De-

dicamo-nos a buscar o sobrenatural no antinatural e por isso há tantas almas desgarradas.

— E' lamentável ver tantas faces tristonhas na religião. Dizem que servem ao Deus de amor, e não obstante parece que corre em suas veias vinagre em lugar de sangue. Isso não se pode dizer de nenhum filho de Alice, pois divertiam-se mais que rezavam; estavam com mais freqüência nos lombos dos cavalos que postos de joelhos, e sabiam carregar uma lança tão bem como ir à igreja. Alice era uma mulher piedosa, mas não de uma piedade feminina. Afirmava que a trindade saúde, felicidade e santidade deve existir em cada indivíduo. Por isso o castelo de Fontaines e seus pátios estavam sempre vibrando com gritos de alegria e risos salutareos. Todos os seus moradores levavam uma vida natural, mas cheia do sobrenatural. Alice observava uma coisa que muitas almas piedosas esquecem: como o Deus Criador e o Deus Redentor são um e mesmo Deus, a natureza deve ser boa!

— Parece-me que o senhor conhecia bem o castelo e seus habitantes, disse Frederico.

— Talvez melhor do que conheça a mim mesmo, respondeu sem pestanejar o abade francês. Porque estudei a senhora dona Alice na vida e na morte.

— Na morte? repetiu o hóspede como que fazendo éco às palavras de Jarenton. O senhor esteve por acaso presente quando ela morreu?

— Estive presente, graças a Deus. Creio que nunca mais tornarei a presenciar outra morte mais feliz, bem-aventurada e santa.

— Quer contar-me essa morte? pediu Frederico com ansiedade.

Voando até Deus

— Começarei por dizer que Alice não morreu. Foi até Deus simplesmente. Esta foi a última lição que me ensinou. Mostrou-me, como ninguém o fizera em vida, que a morte é uma caminhada até Deus. O senhor talvez saiba que a família de Fontaines tinha uma grande devoção para com Santo Ambrósio. No dia de sua festa, todo o clero de Dijon se reunia no castelo para celebrar solene e socialmente tal acontecimento. Depois de uma manhã de devoção e preces, servia-se um lauto banquete. Em 1110 fomos convidados como de

costume. Ninguém suspeitaria que nessa data nasceria um nôvo santo para os céus. Não sabíamos do anúncio de Alice que iria para Deus nessa festa...

Anunciara-o havia meses, mas por um motivo ou por outro — eu suspeito que por sua saúde — nem Tecelino, nem os filhos deram atenção às suas palavras. Contudo às vésperas da festa, caiu enfêrma com febre alta. Tecelino quis adiar a festa para o dia seguinte. Alice não quis nem ouvir falar nisso. De manhã, embora a febre tivesse abaixado um pouco, pediu o Santo Viático e não a Comunhão. Esse pedido impressionou a Tecelino e aos filhos mais velhos. Mas, as aparências enganam. O estado da doente não era tão alarmante assim e Alice mostrava-se tão tranqüila e imperturbável como sempre. Depois de receber o Viático, ela pediu a Extrema-Unção. Por um momento fiquei hesitante. Se o estado da enfêrma não me animava a administrar-lhe a Extrema-Unção, a sensatez e a santidade dela me animavam para êsse ato. Eu sabia que nunca costumava dramatizar suas ações, e por isso compreendi que tinha algum motivo especial e sério para pedi-la. Ungi-a. Nunca vi tal recolhimento e fervor. Depois insistiu que fôssemos à capela para as nossas devoções e para o banquete. Obedecemos-lhe e saímos do quarto. Tudo transcorreu normalmente até o fim do almôço. Então percebi que Guido, o filho mais velho, era chamado à parte por um criado. Voltou quando o banquete estava no fim. Poucas vezes eu vi em minha vida semelhante misto de assombro, de solenidade e de seriedade em um rosto como no daquele môço, enquanto sussurrava alguma coisa ao ouvido do pai. Então Tecelino pediu-nos que fôssemos todos para o quarto de Alice. Poucos suspeitaram o que significava aquêlê chamado. Para mim êle soou como um dobre de finados. Fomos à presença de uma mulher que trazia nos olhos os esplendores dos céus e ficamos como que paralisados diante do fulgor de seu rosto. Quando falou, sua voz tinha uma doçura maravilhosa: “Reverendíssimos Padres, disse-nos, em breve vou para o meu Deus. Não quereis apressar minha caminhada, rezando a Ladainha de Todos os Santos?”

Jarenton fez uma pausa. Talvez, naquele momento, tornasse a escutar a doçura daquela voz com seu celestial encanto. Talvez tornasse a contemplar aquêlê rosto estranhamente refulgente. Frederico, porém, interrompeu-lhe o sonho com um pedido:

— Continue, continue. Conte-me tudo.

O abade francês olhou fixo para os olhos de seu hóspede com uma sinceridade perturbadora e acrescentou solene:

— Frederico, passei minha vida tôda nos santuários; devo, porém, dizer que, quando aquela mulher falou, compreendi que ela falava no mais santo dêles. Cada um dos presentes sentiu o mesmo. A atmosfera sobrenatural era patente. Deus estava bem perto. Ajoelhamo-nos e rezamos a Ladainha de Todos os Santos como nunca o fizéramos em nossa vida. Os patriarcas e os profetas eram algo mais que uns homens; os apóstolos e evangelistas eram pessoas vivas que eram invocadas; os mártires, confessores e virgens eram como nossos irmãos e irmãs mais velhos, enquanto permanecíamos ajoelhados, ouvindo aquela mulher respondendo às nossas invocações. Continuamos com firmeza, com segurança e com serenidade. De outro extremo do quarto nos chegavam as respostas ardentes, sinceras e sentidas. Todos os olhos se achavam fixos no rosto de Alice de Montbar e os seus estavam fixos no céu. Chegamos ao versículo: “Per Passionem et Mortem tuam: libera nos, Domine — Por tua Paixão e Morte: livra-nos, Senhor”. Alice levantou-se, fez o sinal da cruz com profunda reverência, estendeu os braços para os céus e deitou-se de nôvo. Desta vez, no sono longo e profundo da morte. Sua alma bendita voara para o céu. Um silêncio sagrado apoderou-se de todos. Aquilo era um mistério. Aquilo era a transformação sutil de uma vida. Aí estava Deus. No silêncio do terror que se seguiu, produziu-se um lamento que penetrou até as profundezas das almas de todos os presentes; era o lamento de um coração alquebrado: o de seu filho Bernardo.

Jarenton fez outra pausa. Desta vez Frederico não o interrompeu. Manteve-se quieto como que envolto em profundos pensamentos. Por fim disse:

— Isso, meu caro Jarenton, parece-se com a morte de uma santa.

— Realmente foi a morte de uma santa.

Jarenton mudou-se de posição. Prosseguiu com outro tom de voz:

— E a prova disso, Frederico, é o testemunho do povo. O povo humilde não se engana facilmente. Na hora de aquilatar a santidade, não se engana. Tem uma intuição extraordinária que lhe permite discernir o verdadeiro do falso, pe-

netra nos subterfúgios ou na hipocrisia e reconhece infalivelmente quem é e quem não é de Deus. Quando o povo simples proclama alguém santo, podemos aceitar sua proclamação.

— Estou de acôrdo. E que fez o povo no caso de Alice?

— Que fez o povo? repetiu Jarenton como se fôsse um eco. Uma revelação que surpreendeu a tôda a vizinhança. À beira do leito de Alice ocorreu tôda a nobreza, como era de se esperar. Mas o que não se esperava, era todo o povo de Fontaines como de Dijon. Todos tinham lágrimas nos olhos e nos lábios esta exclamação: “era nossa mãe”. Diziam isso entre soluços. Até mesmo Tecelino ficou surpreso com o número e a categoria de pessoas que davam aquêle título possessivo de “nossa mãe” à sua pequena espôsa. O que mais me confirmou na opinião, que já há tempo formara a respeito daquela mulher, foi a forma como o pobre povo se portava em sua presença e se ajoelhava diante de seu corpo. Mostrava mais respeito e reverência e um temor mais santo do que demonstrava nas igrejas. Isso foi o que me impulsionou a tomar uma decisão que a muitos pareceria atrevida. Vim até a abadia, reuni os monges e, com êles, fiz as três milhas de caminho até Fontaines. Entramos lá rezando. Enquanto a comunidade se ajoelhava junto dos restos mortais, chamei à parte Tecelino e disse-lhe: “Meu senhor, o corpo de sua espôsa santa não deve ser colocado ao lado dos corpos dos cristãos comuns. Permita-me colocá-lo num lugar digno em minha igreja, junto aos santos”. Tecelino hesitou. Nunca foi um homem precipitado em suas decisões e, além disso, era humilde. Temi que negasse ceder a meu pedido. Parecia estar pesando cuidadosamente a questão. Por fim inclinou a cabeça em sinal de consentimento. Meu coração saltou de alegria. Os monges levantaram o corpo sôbre os ombros. Entoamos o hino “Benedictus” e assim começamos uma solene procissão de Fontaines até Dijon. Ao nos aproximarmos da cidade, saiu-nos ao encontro tôda a população, com velas acesas e com a cruz para receber aquela que abertamente já proclamavam bem-aventurada. Dirigimo-nos para a igreja. Aí a colocamos no lugar onde surpreendemos os homens hoje de manhã. E’ preciso dizer-lhe, Frederico, que, ao colocá-la, pareciam-me relíquias sagradas num lugar sagrado.

O abade alemão permaneceu imóvel por um momento. Seus olhos estavam abertos, mas não viam nada. Estava abis-

mado em seus pensamentos. Depois levantou-se, fixou o rosto de Jarenton e disse:

— Tem aí uma fôlha e uma pena? Gostaria de fazer alguns apontamentos. O senhor contou-me a história de uma grande espôsa e mãe. Gostaria de recordá-la.

— Conte-lhe a história de uma grande santa, replicou Jarenton, dando ao hóspede o que pedira. De uma grande santa por ter sido precisamente uma grande espôsa e uma grande mãe. Mas ainda não terminei.

— Nem depois que a deixou enterrada?

— Nem então, porque sua maternidade não terminou com o enterro, o que é uma prova positiva de sua santidade.

Frederico olhou seu hospedeiro com curiosidade e perguntou logo:

— Que prova é essa?

Preparou-se para tomar nota.

— Não o omitiria por nada neste mundo, respondeu o abade francês. “Porque demonstra que o amor de mãe é mais forte do que a morte e porque o amor sempre acha meios para tudo”.

O amor acha um caminho

Jarenton aguardou até que Frederico estivesse pronto para escrever, e então disse:

— Tenho muito mais fé nos atos realizados depois da morte do que durante a vida.

— Que é que o senhor quer dizer com isso? perguntou o abade alemão, levantando os olhos do seu escrito.

— Que embora o carvalho esteja contido em potência na semente, não construímos nossas paredes e nossos sólidos pavimentos com sementes. Significa que ainda que o rapaz chegue a ser um homem, prefiro estudar o homem e dizer que classe de rapaz êle foi, a olhar para o rapaz e tentar adivinhar que espécie de homem será. A maior parte das coisas que nossas crônicas relatam a respeito dos santos, de suas visões e profecias, vistas ou ouvidas antes de seus nascimentos, podem ser perfeitamente certas; contudo, parecem-me mais seguros os milagres e visões acontecidos depois da morte.

— E’ um ponto de vista interessante, sorriu Frederico.

— Interessante e muito certo para o nosso objetivo. O senhor disse que eu contei a história de uma grande mãe.

Eu afirmo que contei a história de uma grande santa, e agora provarei demonstrando como continuou velando por seus filhos também depois da morte.

— A coisa parece ser interessante mesmo, disse Frederico, ajeitando-se para ir tomando notas.

— Bernardo que a adorava era o seu preferido. Em todas as decisões importantes de sua vida, Bernardo consultava sua mãe, ouvindo-lhe os sábios conselhos. Dois anos depois da morte de Alice, o jovem meditava no passo mais importante de sua vida. Estava pensando em entrar para Cister. Porém o mundo o atraía com insistência. A carne se revoltava. Bernardo sentia-se desorientado, como em casos semelhantes sucedeu a muitas almas. Precisava de mão forte que o conduzisse. Onde achá-la? Seu pai e seus irmãos mais velhos estavam em Grancy, lutando pelo Duque, e só tinha perto de si Umbelina e seus irmãos menores. Lutou só contra a inclinação e, quando acreditou estar decidido, foi a Grancy comunicar ao pai sua decisão. No meio do caminho deteve-se, todas as suas dúvidas apareceram de novo e as velhas dificuldades pareceram-lhe ainda maiores. Já não estava seguro de sua decisão. Viu então diante de si o rosto de sua mãe, e tomou sua resolução definitiva. Apesar das profundezas da sepultura, apesar do término que é a morte, o amor de uma mãe encontrou um meio de continuar cuidando de seu filho.

— Foi uma visão real? perguntou Frederico.

Pelo menos o suficientemente real para solidificar a vocação de Bernardo. Não foi porém a única, pois o amor de mãe não morre e sempre encontra um caminho para se manifestar. Alice tornou a aparecer a André quando este mais necessitava.

— Quando foi? tornou a perguntar Frederico.

— Quando Bernardo discutia com seu irmão, procurando convencê-lo para que entrasse em Cister. André ambicionava ser armado cavaleiro, e a meta de sua ambição era bem clara. O tinido das armas e o eco da honra o atraíam muito mais que todos os quadros de Cister pintados por Bernardo. Parecia que este levava a pior, até que de repente André levantou a cabeça e viu diante de si a mãe. Aproximou-se da silenciosamente, beijou-o como tantas vezes o fizera durante

sua meninice e depois apontou para Bernardo. Foi o suficiente. Para André, já nenhuma importância tinha a glória ou ser armado cavaleiro. André foi em busca de Deus. O amor resuscitara outra vez da tumba e Alice continuava fazendo o seu papel de mãe para com seus filhos.

— Basta! exclamou Frederico. O senhor venceu com seu argumento. Aqui anotei o resumo da vida de uma santa.

Estendeu a amarelenta fôlha com seus apontamentos.

— Posso lê-los? perguntou Jarenton.

— Naturalmente! respondeu Frederico, entregando as notas ao abade francês.

Jarenton viu escritos, com letras claras, miúdas e firmes, estes dez pontos:

1070: Nascimento de Alice de Montbar.

1085: Casamento com Tecelino, o Barba-Ruiva, senhor de Fontaines.

1110: Morte no dia de Santo Ambrósio.

Sepultada na igreja de São Benigno em Dijon.

Filhos: seis filhos, todos em Claraval.

Filhas: uma, atualmente em Jully, tornou-se monja depois de seu casamento.

Espôso: morreu como irmão leigo, depois do falecimento da espôsa.

Duas aparições depois de morta a seus filhos.

Grande espôsa, grande mãe, grande santa.

Sobrenaturalizava o natural.

Jarenton leu em voz alta e comentou rindo:

— Tipicamente alemão, meu querido Frederico, tipicamente alemão. Os fatos frios em sua ordem cronológica. Sistemático. Sóbrio. Firme e judicioso. Tipicamente alemão.

— Claro, amigo Jarenton, replicou Frederico, também com bom-humor, o senhor não passou o dia a dizer-me que existe um só caminho para a santidade, sendo aquilo para o que Deus nos tem feito? Eu quero ser santo e, assim sendo, não posso ser outra coisa senão tipicamente alemão.

— Ah! Ah! exclamou o abade francês. Finalmente o senhor admitiu meu argumento, não? Acaba de confessar que depende de si próprio, que é o senhor mesmo que terá de conseguir o seu fim.

— Não está se esquecendo de alguma coisa?

— De quê?

— Parece-me que se esquece de quem me fez alemão. Penso que foi Deus...

Jarenton respondeu rindo:

— O senhor é algo mais do que alemão. E' incorrigível...

* * *

O corpo da gloriosa Alice permaneceu onde o colocara Jarenton até o dia 17 de outubro de 1250, quando uma santa inveja moveu os monges de Claraval a obter um Breve do Papa Inocêncio IV que lhes permitisse trasladar os restos mortais para o mosteiro onde seu espôso e filhos viveram. Finalmente, no dia 21 de março de 1251, o corpo desta grande mãe foi colocado num jazigo em frente a Nosso Salvador na igreja abacial de Claraval. Mãe e filhos reuniram-se no mesmo lugar.



CAPITULO I

O IRMÃO MAIS VELHO DE BERNARDO

“Está Você falando sério?”

— ALGUMA COISA ESTÁ ERRADA, exclamou Tecelino, baixando os olhos até sua sorridente esposa, que segurava a primeira neta apertada contra o coração.

— Só se fôr para você, velho Barba-Ruiva, porque a pequena e eu estamos satisfeitas. Não é mesmo, Adelina? perguntou Aliçe meigamente, chegando os lábios aos ouvidos daquele pedacinho de gente que contava apenas um mês de vida.

— Não, sorriu Tecelino, a anormalidade não é minha, mas sua, somente sua, querida. Você é demasiado jovem para ser tão velha.

— Velha? Velha? Quem é velha? Sinto-me como se tivesse vinte anos.

— E parece que tem mesmo, respondeu Tecelino alegremente. E nisso está a anormalidade: Fazer o papel de

avôzinha que lhe fica tão bem, Alice. Teremos de procurar algo que expresse melhor a verdade.

— Vamos, deixe de galanteios. Sou bastante velha para adorar êsse anjinho e, como gosto disso, pode chamar-me do que quiser.

E com essas palavras dedicou tôda a sua atenção à pequena criatura que tinha nos braços.

— Não estou com galanteios. O que faço é reprovar nosso filho que a fêz tão velha quando na realidade é tão nova.

Guido que se achava de pé atrás da mãe, com os olhos brilhando de orgulho, ao vê-la tornar-se jovem ninando sua primeira filha, olhou para o pai e disse:

— O senhor fala como o senhor Duque, meu pai. Ninguém sabe quando o Duque faz um cumprimento ou prepara uma agressão.

O pai aproximou-se da mesa e colocou sôbre ela suas luvas.

— Pois veja, meu filho, foi sua senhoria o Duque quem me deu uma idéia. Está preocupado com você e, por isso, vem falar comigo.

— Isso é costume dêle. Sempre faz as coisas indiretamente. Por que está preocupado agora?

— Não está prôpriamente preocupado. O que êle queria era cumprimentar sua espôsa, sua mãe, você e a mim. Por isso tinha de mostrar-se resmungão, áspero e crítico. Hugo sempre age assim, não indireta mas contraditôriamente.

— E o que tinha para dizer? perguntou Guido.

— Saudou-me com um: Como vai indo o velho esta manhã? Respon-di-lhe: Não sou tão velho assim, pois tenho só um dia a mais do que ontem.

— Nada disso, replicou-me com sua voz rouca: Tem um título de mais velho.

— Isso me intrigou. Poderia querer dizer muitas coisas. Como vocês sabem, o velho Duque gosta muito de confundir a gente com títulos significativos, freqüentemente cáusticos e cortantes, se bem que às vêzes tragam recompensa. Como se quisesse deixar-me apanhar, repliquei com seriedade e lhe disse: E que título agrada a S. Excia. dar-me esta manhã? “Avôzinho”, resmungou.

Todos se puseram a rir pela maneira como Tecelino se exprimiu. Era um verdadeiro grunhido que expressava em seu

tom tôda a repulsa que um homem é capaz de manifestar.

— Está vendo, Isabel, disse Guido a sua espôsa, que preocupação causou você a papai?

— Nada disso, exclamou Tecelino. Paguei ao Duque na mesma moeda. Primeiro lhe disse que a idade está nos ossos e não nos recém-nascidos. Depois, se tinha de se incomodar com alguém por causa de meu nôvo título, êsse alguém seria êle mesmo. Isso o intrigou tanto que teve de me perguntar por quê. Ao que lhe repliquei: “se não tivesse feito um homem a meu filho antes que êle chegasse à idade de vinte anos, eu não seria avô neste momento”.

— E quem o fêz homem? resmungou S. Excia. Respon-di-lhe imediatamente: V. Excia. o fêz, golpeando os ombros com a espada e armando-o cavaleiro quando ainda criança.

— “Está bem, está bem, respondeu o Duque de bom-humor. Bem que quisera mais ombros como o de seu filho para poder golpear com a espada e armar cavaleiro”. — “Mas V. Excia. não se deu conta de que, assim fazendo, fêz com que o rapaz se tornasse um atrativo para as jovens do ducado?”

— Como os homens são presunçosos, exclamou Isabel de Forez, a jovem, vivaz e belíssima espôsa de Guido. Meu pai disse-me que Guido pedira minha mão. E o senhor fala como se eu tivesse pedido a dêle.

— Valha-me Deus! Prefiro lutar com as ironias do Duque do que com as de V. Excia., dona Isabel. Você está-se tornando demasiado esperta para mim...

— Talvez você se esteja tornando velho demais, replicou Alice, levantando momentâneamente as vistas da pequena criança que tinha nos braços. Insinuar que as bem educadas filhas dos condes ficam de olhos nos rapazinhos que são armados cavaleiros, por casualidade, faz-me suspeitar que o Duque tinha razão.

— Parece que pisei em falso desta vez, Guido, comentou alegremente Tecelino. As damas se queimaram. E' por isso que gosto de falar com o Duque resmungão. Os homens são tão compreensivos!...

— ... Uns com os outros, completou Isabel. O abismo chama pelo abismo, as profundezas das vaidades clamam pelas profundezas da presunção.

— Pois neste momento me acho nas profundezas da curiosidade, disse Guido a sua espôsa. Gostaria de saber o que respondeu o Duque.

— Ao falar de você como cavaleiro, fêz um elogio...

— Não diga, respondeu Guido enrubescendo, eu já sabia. Mas pensei que o senhor deixaria passar por alto.

— E quando falei das jovens do Ducado, fêz outro elogio muito maior a Isabel.

Isabel ficou visivelmente vermelha e suas longas e sedosas pestanas sombrearam os brilhantes olhos. Tecelino fixou os olhos na orgulhosíssima mãe e disse:

— Por Deus! O Duque tinha razão, Isabel, minha filha. Sinto-me orgulhoso em ser seu sogro!

Isabel lançou uma olhada para Tecelino e corou mais ainda. Guido, percebendo a perturbação da espôsa, colocou-se atrás de sua cadeira, dizendo:

— Bem! E que tinha o Duque para dizer de minha espôsa?

— Disse que se êle lhe tinha granjeado a estima de tôdas as môças quando o armou cavaleiro, eu conseguira que todos os homens o invejassem, ao permitir-lhe que desposasse a mais formosa filha que tenha nascido de um conde.

— Ah! os homens me causam tédio!... exclamou Isabel enquanto suas faces enrubesciam, fazendo ressaltar ainda mais o fulgor de seus olhos, que reluziam como duas safiras.

— E você deixa a nós homens sem respiração, retrucou Tecelino, enquanto se dirigia para a jovem, pondo-lhe as mãos sôbre a cabeça como para abençoá-la.

Depois, fixando os olhos nos de seu filho que se achava atrás de sua conturbada espôsa, disse:

— Guido, nossa pequena Isabel tornou-se mais formosa desde que se tornou mãe. Felicito-o.

Alice observou o efeito que as palavras do espôso causavam em sua jovem nora, e o efeito que a beleza de sua nora causava em seu espôso. Admirou a modéstia de Isabel e a galanteria de seu senhor. Gostaria de prolongar êsse doce idílio. Mas o cuidado da jovem mãe induziu-a a dissolver o pequeno grupo, dizendo:

— E a pequena Adelina como também sua mãe dizem que os homens a aborrecem. Vamos, Isabel, pegue seu pequeno anjo. Êstes homens a estão enfasiando. Ela quer dormir.

Isabel, gostando da mudança, deslizou através do aposento e, tomando nos braços a menina, começou a dizer-lhe essas ternas incoerências que só uma mãe é capaz de pronunciar na presença de uma criatura. Formava um quadro verdadeiramente encantador, no centro da sala, em plena floração de sua primeira maternidade, esquecida de tudo quanto não era a pequena criatura que segurava nos braços.

Tecelino e Guido mostravam sua admiração com o olhar, enquanto Alice traduzia todo seu amor. O senhor de Fontaines inclinou-se para seu filho e lhe murmurou:

— A bela Madona!

Guido sorriu, apreciando o preto de admiração, e dirigiu-se à espôsa dizendo:

— Venha, motivo de inveja, vamos fazer dormir nossa pequena filha.

Quando se retiraram, Tecelino voltou-se para Alice e repetiu:

— Sim, meu amor, você é demasiado nova para ser tão velha. O título de "avôzinha" nunca lhe assentará bem.

Alice replicou:

— Seus olhos parecem, esta tarde, abertos para a juventude e a beleza, e sua língua disposta especialmente para as galanterias. O que acontece? E' porque Isabel desabrocha na plena floração de sua beleza?

— Realmente, hoje ela está extraordinária. Nunca me dera conta até agora. E' uma jovem formosíssima. Será por causa da maternidade?

— Tecelino, disse Alice, às vêzes você parece uma criança. Claro que é a maternidade. Esta completou sua natureza, conferindo-lhe uma nova dignidade e aprumo.

— Não, não é isso, querida. E' a luz que há nos seus olhos; é o resplendor de seu rosto; é êsse brilho, êsse colorido, essa glória que envolve todo o seu ser. E' outra personalidade.

Sua espôsa, conhecedora de seu modo de ver as coisas, sabendo que, apesar de sua torrente de palavras, continuava procurando a palavra adequada para pedir uma explicação, perguntou-lhe tranqüilamente:

— O que ocorre com os jovens que se reúnem com nobres cavaleiros?

— Adquirem seus hábitos, respondeu Tecelino com uma vacilação que mostrava claramente sua curiosidade.

— E o que ocorre com as jovens que entram em contacto com uma nobre duquesa, com uma condessa ou com uma rainha?

— O mesmo! replicou o marido um pouco intrigado.

— Então por que se maravilha você com a nova beleza de sua nora? Durante quase um ano esteve em estreitíssimo contacto com o Autor da Vida e o Deus da Beleza. Você sabe que as mães trabalham junto com Deus para que os habitantes dos céus possam ver a luz na terra. Você tem razão, querido. Há um novo resplendor em Isabel: é o resplendor de Deus. Cooperou nove meses com o Criador dos homens. E agora você não se arrepende de ter nascido homem e não mulher?

Tecelino contemplou longamente sua esposa. Em seus olhos resplandecia o amor. Depois, com doçura mista de solenidade, exclamou:

— Querida, agradeço-lhe sua explicação tão certa e tão agradável. E graças a Deus por você.

Está você falando sério?

Mais ou menos cinco anos mais tarde, Guido teve ocasião de recordar as palavras do pai a respeito da vivacidade e do gênio de sua esposa. Voltava para casa, cavalgando como um conquistador, porque tinha a consciência de ter tomado uma grande decisão e estava a ponto de empreender uma grande aventura. Isabel recebeu-o efusivamente. Exclamações pelo seu breve regresso, perguntas sobre seu estado de saúde, palavras de júbilo se atropelavam, jorrando de seus lábios, quando ele se inclinou para ela para pegar em seus braços as duas pequenas filhas. A vida parecia-lhe um sonho enquanto escutava a alvoroçada recepção de sua encantadora esposa e contemplava os sorridentes olhos de suas filhinhas. Percebeu que sua pulsação se acelerou ao responder com um “não” quando se lhe perguntou se estava ferido; com outro “não” se Grancy tinha sido tomada, porque sabia que a seguinte pergunta seria: “então, por que veio para casa?”

Com efeito, assim foi. Teve de responder que viera para despedir-se porque ia tornar-se monge na abadia de Cister.

No começo Isabel pôs-se a rir e perguntou que mistura costumavam pôr no vinho de Grancy. Quando, porém, Guido

continuou dizendo que seu tio Gauderico, seu irmão André e muitos outros cavaleiros acompanhavam Bernardo, o riso cessou.

— Você está falando sério? perguntou.

Recebeu a resposta de que falava sério até demais. Guido relatou como Bernardo havia chegado a Grancy, falando de viver com Deus com tal força e união que Gauderico, largando as armas, acompanhou o irmão mais novo. Depois foi André. Finalmente ele também resolveu fazer o mesmo. Isso se Isabel lhe outorgasse o consentimento.

Até agora Guido nunca vira uma mulher apaixonada no auge de seu furor. A explosão de cólera da esposa o assustou. Assutou tanto como nunca o fizeram as cargas dos inimigos armados até os dentes. Retrocedia enquanto a mulher avançava para ele com os olhos em chamas e gesticulando ferozmente. A fúria e a rapidez de seu ataque o surpreenderam de tal modo, que não chegou a compreender todas as suas palavras, mas entendeu o suficiente para dar-se conta de que procedera aos olhos de Isabel como um imbecil por dar ouvidos a seu irmão menor e mais ainda por haver sonhado que ela daria seu consentimento.

— Monte a cavalo e volte para Grancy, onde é possível que você recupere o juízo. E que eu não volte a ver seu rosto até que você esteja disposto a arrastar-se de joelhos para pedir perdão a essas duas pequenas crianças por causa de sua loucura...

As últimas palavras que Guido ouvira foram estas:

— Vá embora!

Montou a cavalo, mas não voltou para Grancy. Foi a Fontaines à procura de Bernardo para lhe comunicar as novidades. Encontrou seu irmão nos aposentos, fazendo uma lista de nomes. Quando entrou, Bernardo lhe disse:

— Alegro-me porque você veio, Guido. Ajude-me a fazer essa lista. Tenho aqui os nomes de vários de nossos parentes e amigos os quais desejo engajar em nossa empresa. Olhe!... Tenho uma dúzia. Estão aqui o tio Gauderico, o jovem Bartolomeu, André. Geraldo virá com o tempo. Além disso estão Hugo de Mâcon, Godofredo de la Roche, nosso primo Roberto, e você...

— Eh! pare aí... exclamou Guido, procurando sorrir alegremente.

— O quê? murmurou Bernardo, levantando os olhos da lista.

— Tire o último nome da lista.

— E por quê?

— Por causa de três mulheres!

— Que três mulheres são essas?

— Isabel de Forez e suas duas encantadoras filhas... Sinto, Bernardo, mas Isabel não quer dar o consentimento. E como é natural, sem seu consentimento, não posso ir.

O sorriso desapareceu dos lábios de Guido e uma seriedade profunda sombreava-lhe o rosto, ao dizer:

— Não fui um diplomata em minha missão. Dei a notícia muito bruscamente e minha boa esposa por pouco não teve um ataque de histeria.

— Mas você não discutiu com ela? exclamou Bernardo impaciente. Não lhe falou o que Deus exige e espera de nós? Não lhe fez ver que esta empresa é a mais nobre que podem empreender o coração, a mente e todo o ser do homem? Mas... Não? Então o que foi que você lhe disse? Vamos ver.

Vendo que Bernardo estava meio irritado, Guido resolveu parecer o irmão mais velho e dizer:

— Meu amigo, você não conhece as mulheres, pois do contrário não falaria assim. E' difícil discutir com uma mulher irada; é impossível falar com aquela que se acha à beira da histeria. Assim foi que deixei minha Isabel ao sair de casa.

— Eu vou discutir com ela, exclamou Bernardo, com um tom autoritário, e a convencerei.

— Não seja louco, homem. Ouça um homem mais velho e que sabe mais que você. Isabel tem razão. Sou seu marido. Sou o pai de suas filhas. Estou ligado a ela e a elas por toda a minha vida.

— Chega! replicou-lhe Bernardo de mau-humor. Tudo isso já tratamos anteriormente. Ela pode ir para um convento. As meninas podem ir morar com o avô ou vir para cá. Umbelina ficaria encantada com elas.

— Está certo, Bernardo, respondeu Guido com calma. Poderiam fazer isso. Mas não querem. Tem de haver um consentimento verdadeiro, voluntário. Lamento que minha esposa não dê o seu, porque você me persuadiu a dar a Deus mais do que lhe dei até agora, e bem quisera eu dar-me totalmente, como você planejou. Mas conhece o velho ditado:

"A caridade começa por si mesma, e em casa". Tenho de voltar atrás. Tenho, porém, um projeto.

— Qual?

— Viverei de um modo bem diferente. Servirei a Deus no mundo como esposo e como pai. Deixarei de ir atrás das vaidades e da fama. Recusarei honras do Duque. Darei todo o supérfluo aos pobres. Serei tão monge quanto seja possível a um homem, vivendo fora do mosteiro. Este foi o pensamento que Deus me inspirou enquanto cavalgava para cá.

— Deus nunca inspira contemporização. Embora sua resolução seja heróica, para mim não é mais que isto: um modo de contemporizar.

— Mas outra coisa não posso fazer. Sou casado.

— Também o tio Gauderico o é, e no entanto não retrocedeu.

— Ele tem o consentimento da esposa.

— E vamos conseguir isso também da sua...

— Não fale bobagens. Conheço Isabel de Forez. Tomou sua decisão e não há homem no mundo que seja capaz de fazê-la voltar atrás.

— Guido, é necessário que você venha. Tenho de reunir meu grupo, ou tudo estará perdido. E você me é necessário. Não posso fracassar! exclamou Bernardo com impetuosidade.

Em seguida, mudando de tom, continuou:

— Você é nosso irmão mais velho. Sempre assim o consideramos. O que você fazia estava bem feito. O que dizia era lei para nós. E agora você não entende ou não compreende o que seja para os outros se você voltar para trás?

— Mas, Bernardo, eu não volto atrás. Eu quero ir! Mas e minha mulher e filhas?

Bernardo levantou-se, tomou o chapéu e a capa, e dirigiu-se para a porta.

— Aonde vai? perguntou-lhe Guido.

— Vou ver sua mulher! respondeu Bernardo com decisão, saindo do aposento depressa.

— Não irá sem mim! gritou-lhe Guido enquanto corria atrás do irmão mais novo.

Cavalgaram depressa até a casa de Guido. Durante o caminho não trocaram nenhuma palavra entre si. Mas os pensamentos voavam pelas suas fantasias mais rápidos que o bater dos cascos dos animais. Guido caminhava preocupado

com Bernardo e com a espôsa. Sabia que seu irmão era muito veemente e se achava demasiado absorto em seu projeto para poder falar com calma; sabia também que sua espôsa não tinha freios na língua. uma vez que a pusesse em movimento para discutir com Bernardo. Aquêlo galope para casa tornou-se desagradável para Guido e, apesar da pressa que tinha em chegar, Bernardo saltou da sela e pôs-se diante da porta primeiro do que êle. Então sucederam-se surpresas sôbre surpresas. Bernardo saudou Isabel com um sorriso e um cumprimento:

— As rosas corariam de vergonha se lhes fôsse dado poder contemplar as flôres de sua face, Isabel; e suas filhas, continuou, enquanto se inclinava para pegar a pequena Adelina nos braços, são a mãe em miniatura.

Isabel era mulher, e embora ainda não estivesse acalmada do acesso de cólera, ao julgar-se pelo modo como olhava para seu marido, a saudação e a maneira de Bernardo a abrandaram o suficiente para poder dizer em tom bastante amistoso:

— E o que pretende meu belo cunhado em troca de sua galanteria?

Guido ficou mudo, sem poder articular uma palavra. Aquilo era justamente o contrário do que êle havia antecipado e temido. Bernardo continuou rindo, enquanto punha no chão a pequena Adelina e lhe dizia:

— Continue, continue sendo tão bela como sua mãe, Adelina; mas não adquira nunca sua inteligência penetrante.

Isabel fêz eco à risada de Bernardo numa oitava de escala mais alta, e acrescentou:

— Seja tão prudente como sua mãe, Adelina, e saiba que todo o homem adulator é sempre um pedinçhão, por mais belo e eloqüente que seja. O que está tramando, Bernardo?

— Veja, Adelina, disse Bernardo dirigindo-se ainda à pequena miniatura de Isabel, de cinco anos, veja! Apareço para uma visita cordial, e desde o começo torno-me suspeito.

— Sei que não veio para contemplar as rosas de minhas faces, nem as estrêlas dos olhos de minhas filhas, replicou Isabel. Sei também que sua presença aqui em companhia dêsse meu marido louco, acrescentou, mostrando Guido com um gesto de desprezo, de cabeça, significa uma discussão. Estou disposta a sustentá-la. Começemos.

— Você ouviu isso, Adelina? começou Bernardo, agachando-se para poder olhar sua sobrinha nos olhos. Você ouviu? Sua mãe está dizendo palavras feias de seu pai. Penso que é melhor você e sua irmãzinha irem brincar no jardim para recolher essas belas fôlhas douradas, vermelhas e castanhas que êsse verão produziu tão fantásticamente...

— Ah! se é isso tudo o que deseja, disse Isabel, logo estará feito.

Chamou a criada com um tom autoritário. Esta apareceu imediatamente.

— Leve as meninas para o jardim. Vamos ficar sós um instante.

A empregada sorriu para as pequenas, que pareciam estar entusiasmadas com a perspectiva de poder recolher as riquezas coloridas de outubro. Logo que desapareceram, Isabel sentou-se com grande compostura, e mostrando graciosamente um lugar, perguntou ao cunhado:

— Não quer sentar-se?

— Se você não se importar, prefiro ficar de pé mesmo, pois penso ser muito breve.

— Mas eu vou sentar-me, porque estou certo de que não vai sê-lo, disse Guido.

— Você ainda tem língua? Pensei que a tivesse perdido juntamente com o juízo... Estêve mudo desde a chegada!...

— Calma, Isabel! Sejam sensatos neste assunto.

Bernardo falava num tom suave.

— Sensatos?... Sensatos?... gritou Isabel. Eu não quero outra coisa. Mas, quando um dos cavaleiros mais promissores de Borgonha abandona o sítio de Grancy para voltar para casa e diz à sua preocupada espôsa e às suas duas filhinhas que vai tornar-se monge, não creio que isso possa ser chamado sensatez.

— Mas, Isabel, você pensou bem neste assunto? perguntou Bernardo no mesmo tom doce e suave.

— Pensar bem?...

Isabel interrompeu-se logo e, adotando um tom de fina brincadeira, disse com grande calma:

— Pobre rapaz! Você é bonito, inteligente, segundo dizem por aí. Agora eu me alegro que sua mãe já não esteja mais vivã para vê-lo nesse estado. Você deveria voltar bem depressa para o castelo, meu querido Bernardo, e ir logo para a cama. Alguém precisa chamar bem depressa um médico.

E com voz estridente, com os olhos flamejantes, gritou:

— Porque você está louco!

— Isso eu já sabia... exclamou Bernardo tranqüilamente. Como você também estaria se visse alguém interpor-se nos desígnios de Deus. Você já se deu conta que seu espôso quer servir a Deus Todo-Poderoso?

— E a quem pensa você que os casados servem? Talvez ao diabo?...

— Não! respondeu Bernardo rapidamente, mas isso é diferente. Guido quer dedicar sua vida exclusivamente a Deus.

— E quantas vidas tem você? perguntou Isabel com uma olhada desdenhosa dirigida para Guido. Acho que tem uma só e jurou dedicar-me esta. Você não disse algo semelhante a "até que a morte nos separe", no dia de nosso casamento, querido espôso?

As últimas palavras de Isabel estavam impregnadas de sarcasmo e fizeram Guido levantar-se.

— Sim, Isabel, disse e penso cumpri-lo, a não ser que você esteja disposta a fazer algo mais nobre. Eu não queria que Bernardo viesse...

— Mas Bernardo veio... interrompeu o irmão, e veio para ver se a nobre dama, filha do Conde de Forez, não está disposta a fazer algo de nobre para Deus. Pense bem, Isabel! Você tem a ocasião de realizar um sacrifício para Deus Todo-Poderoso, uma ocasião para provar seu amor por quem a amou até a morte, uma ocasião de mostrar seu sangue nobre, tanto o que herdou de seu pai, como o que herdou de Nosso Senhor Jesus Cristo. Não quer mostrar sua nobreza?

Isabel tinha colocado suas mãos sobre o regaço, estava sentada tesa e observava cada gesto de Bernardo. Quando este chegou ao ponto culminante de sua pergunta, inclinou-se para trás e respondeu com muita calma:

— Vejo que no Colégio de São Vorles de Châtillon-sur-Seine ensinam a Retórica e a arte da declamação. Não é uma lástima que não ensinem também um pouco de Lógica?... Meu querido Bernardo, nunca algum sacerdote lhe disse que o vínculo do matrimônio é indissolúvel? Claro que essas são palavras que um menino como você não compreende. Isso quer dizer: uma vez que um homem e uma mulher se uniram pelo Sacramento do matrimônio, marido e mulher continuam sendo até a morte. E isso por lei de Deus, ouviu?

E enquanto se ia acabando sua calma, foi elevando a voz e inclinando-se para a frente perguntou:

— Então, como pode Deus chamar Guido para o claustro, quando há seis anos o chamou para me desposar? Deus se contradiz? Ou será que em Châtillon ensinam uma Teologia nova?

— Não! respondeu Bernardo pensativo, não é uma Teologia nova, Isabel, é a antiga Teologia e muito profunda. Não se lembra de ter ouvido alguma vez as palavras: "Amigo, sobe mais para cima"?

— Sim, respondeu Isabel, com uma entonação de voz que não demonstrava o mínimo carinho por Bernardo, mas não me recordo de tê-las ouvido como sendo aplicadas a um espôso com a agravante de que sua espôsa tivesse de descer em lugar de elevar-se. Qual o papel que me reserva quando Guido fôr a Cister para ser o seu companheiro de diversões? Terei de ficar aqui, tecendo meias e luvas para os dois? E Adelina e sua irmã? Precisarei dizer-lhes: queridas, cresçam depressa e tratem de casar-se logo para que seu pai viva tranqüilo lá com Bernardo nos deliciosos pântanos de Cister?... Vamos, Bernardo, responda com a lógica própria de sua idade.

— Isso é o que eu pretendo fazer, respondeu Bernardo com tãda fôrça e calor. Mas o ambiente está contra mim. Enfim, Isabel, perdoe-me e não discutamos tão acaloradamente. Conversemos com tãda a calma.

— Com tãda a calma? Com tãda a calma? gritou Isabel. E encolhendo os ombros, exclamou:

— Com tãda a calma, Bernardo? Sim, com tãda a calma possível. Agora escute! Eu aceitei Guido para o bom e para o mau. Ele continua sendo meu, selado com o sêlo sagrado do grande Sacramento de Deus. Naquele dia fizemos um voto que eu proponho manter. Eu sou sua e êle é meu "até que a morte nos separe".

— Sim, Isabel, o que diz é absolutamente certo. Mas significa êsse voto que ambos deverão viver juntos? Será que não podem ser uma só alma como são um só corpo? Guido não poderia ser sua inspiração e seu amor como monge dedicado a Deus, e você ser a sua grande inspiradora e o amor de Guido como monja?

— Que disse você? gritou Isabel.

— Como monja, replicou Bernardo com ardor. Isto é, como uma mulher que ama a Deus mais que a si mesma; como uma mulher que sabe o que valem este mundo e a vida; uma mulher que é capaz de ver longe, porque suas ambições são mais elevadas que as de um homem a seu lado, uma casa e um lugar na sociedade; uma mulher com anseio de conseguir um verdadeiro nome, uma mansão celestial e um lugar entre os santos; uma mulher....

— Uma mulher que nunca se tivesse casado nem criado duas filhas para Deus, replicou Isabel como um raio.

Bernardo fez uma pausa. Aproximou-se de Guido que se convertera num desolado ouvinte daquele apaixonado choque de idéias e corações, e lhe disse:

— Parece que sua mulher nunca ouviu falar de mulheres casadas que foram para um convento. Não conhece a disciplina de Deus nessas questões?

Guido levantou os olhos e com dor na voz respondeu:

— E' inútil, rapaz. Isabel tem razão de seu lado. Você a tem de seu lado. E os dois olham o mesmo objeto em ângulos diferentes.

— Eu olho do ângulo de Deus, disse Bernardo.

— E eu? perguntou Isabel por sua vez. Quer fazer-me o favor de dizer de que ângulo eu olho? E' por acaso o do diabo?

— Não, Isabel! Eu não disse isso. Nem insinuei. O que quero dizer é que você tem uma grande oportunidade para fazer algo sublime por Deus e a está desperdiçando. Tem oportunidade de mostrar-se verdadeiramente nobre, de sacrificar alguma coisa íntima e amada, de ser uma heroína de Deus....

— Vamos! Deixe a retórica de lado, que já me aborreço!... interrompeu Isabel. Guido poderá tornar-se monge quando eu estiver morta....

Ditas essas palavras, levantou-se e fez um gesto de sair do aposento. Mas Bernardo, com o rosto incendiado, pôs-se diante dela e com a voz entrecortada pela emoção contida, disse-lhe:

— Isabel de Forez, preciso dizer-lhe, com toda a sinceridade de minha alma, que seu marido será monge com sua autorização. Você acaba de dar-lha, isto é, com sua morte, ou melhor, com a nobreza de sua alma.

— Você procura intimidar-me? perguntou Isabel altaneira.

— Não. Não faço mais que profetizar. Lembre-se de minhas palavras: antes da Páscoa da Ressurreição, ele estará livre, ou com seu consentimento, ou com sua morte!

E com essas palavras terríveis, Bernardo inclinou-se diante de sua cunhada, fez um aêno a Guido e saiu rápido da sala.

Isabel ficou parada no lugar onde estava. Seus olhos estavam fixos na porta pela qual saíra Bernardo. A rapidez de sua respiração demonstrava a agitação de sua alma. Sua voz era firme, mas a palidez de seu rosto desmentia as palavras que dirigiu ao marido:

— Diga a esse seu irmãozinho que não me assusto com facilidade.

E saiu da sala como uma rainha.

Estranhos caminhos

As fôlhas douradas e castanhas que Adelina e sua irmãzinha amontoaram naquele memorável dia de outubro achavam-se cobertas pelas primeiras neves do inverno, quando Bernardo cavalcou de novo rumo a Fontaines. Desta vez, contudo, fôra mandado chamar por sua cunhada. Foi recebido no solar silencioso habitado por uma enfermidade temida. Logo foi introduzido no quarto de Isabel, onde encontrou Guido inclinado sobre sua palidíssima espôsa.

Apenas entrou, Isabel movimentou-se, e estendendo os braços, suspirou:

— Quanto me alegro porque você veio, Bernardo! Quanto me alegro!

Depois que Bernardo lhe beijou as mãos, deixou-se cair novamente sobre os travesseiros e alisou um lugar sobre a colcha para que ele se sentasse. O monge virou a cabeça de um lado para outro, procurando outro lugar para se sentar. Mas Isabel moveu a cabeça, dando umas palmadas na colcha e disse:

— Não, não! Sente-se aqui, a meu lado....

Bernardo obedeceu. Guido achava-se de outro lado do leito, segurando a mão da espôsa.

Isabel estendeu a mão esquerda a Bernardo. Quando ele a tomou, cerrou os olhos e suspirou profundamente. Du-

rante um momento, reinou silêncio. Depois sem abrir os olhos, com voz débil, Isabel murmurou:

— E ainda não chegou a Páscoa, não é mesmo, Bernardo?

— Não, Isabel.

— Contudo estou enfêrma. Muito doente. Enfêrma de morte.

— Não diga isso, Isabel, atalhou Guido com voz entrecortada.

— E' o que eu digo, replicou Isabel. Peço aos dois que me escutem. Estou muito cansada e apenas posso falar.

— Nós a estamos escutando, disse Bernardo suavemente, depois de uma pausa em que os suspiros de Isabel soavam tristes como soluços afogados.

— Abriram-se meus olhos, disse a enfêrma, e vejo como nunca tinha enxergado antes. A última vez em que nos vimos, Bernardo, eu pensei que você estava louco e que suas palavras, antes de ir-se, eram palavras coléricas. Agora vejo que a louca fui eu e que suas palavras foram uma profecia. Parou um instante para tomar alento. Os olhos de Guido e de Bernardo se encontraram por sôbre o leito.

— Os caminhos de Deus são muito estranhos, continuou dizendo a enfêrma, e não pretendo investigá-los. O que vejo com clareza é que Deus quer Guido...

Fêz outra pausa, depois da qual, com voz mais firme, continuou:

— E eu quero dá-lo a Deus!

Depois dessas palavras, pareceu perder os sentidos. Bernardo e Guido trocaram olhares e depois olharam para o pálido rosto que repousava nos travesseiros.

Bernardo pôs-lhe a mão sôbre a fronte, e Isabel abriu os olhos. Então duas lágrimas cristalinas rolaram pelas suas faces emagrecidas. Dirigindo para Bernardo seus olhos apagados, disse:

— Os caminhos de Deus são muito estranhos, não é mesmo, Bernardo?

E virando-se para Guido, murmurou:

— "Até que a morte nos separe..." Mas Deus o reclama para si, e eu tenho de deixá-lo livre. Pode ir!...

De nôvo fechou os olhos e, no silêncio do quarto, ouviu-se esta prece:

— Oh! meu Deus! êle é vosso. Poderíeis tê-lo arrebatado com a lança ou com a espada, ou num acidente, e eu não

teria protestado. Agora vos digo: Tomai-o! Tomai-o vivo e amai-o na vida como na morte...

Tornou a abrir os olhos e as lágrimas correram de nôvo. Desprendeu sua mão da mão de Bernardo e, estendendo os braços para seu marido, exclamou:

— Beije-me, Guido, meu querido, e selemos êsse sacramento como selamos o outro.

Guido inclinou-se reverente sôbre ela e suas lágrimas misturaram-se com aquelas que corriam pelas faces descarnadas de Isabel. Beijou-a com uma solenidade sagrada.

Isabel soltou o braço que estava em redor do pescoço de Guido e estendeu a mão a Bernardo, dizendo:

— E você, profeta de Deus, quer testemunhar meu ato de renúncia com um beijo de irmão?

Bernardo inclinou-se sôbre ela e, antes que seus lábios tocassem o rosto de Isabel, disse-lhe:

— Isabel, querida irmã, esta enfermidade não é de morte. Deus tem-lhe preparada outra tarefa. E eu sei que a realizará plenamente..

Quando Bernardo se ergueu, depois de beijá-la, Isabel abandonou suas mãos, uma na mão de Guido e outra na mão de Bernardo, seu irmão menor. Descansou assim um momento e sorriu, com tristeza, quando exclamou:

— Sinto-me feliz! Agora vou descansar. Vocês podem sair...

Os dois irmãos saíram do quarto da enfêrma nas pontas dos pés. Quando chegaram ao salão principal, Bernardo virou-se para o irmão mais velho, dizendo:

— Os caminhos de Deus são caminhos seguros! Finalmente você está livre!

O semblante de Guido não refletia o entusiasmo de Bernardo. Era evidente o seu sofrimento.

— Você crê que ela sarará?

— Sarar? Sarar? Mas ela já está curada. Digo-lhe a verdade. Esta é a mão de Deus que lhe mostra o caminho.

— Gostaria de ter sua fé, Bernardo. No momento o que consigo ver é uma espôsa doente e talvez um pouco supersticiosa.

Bernardo sobressaltou-se ao ouvir isso. Olhou para Guido com um relâmpago de cólera no olhar e exclamou:

— E você é meu irmão mais velho? Não tem vergonha? Que pretende você que Deus faça mais? Aparecer pessoal-

mente a você e falar? Sua mulher recusou o consentimento. Caiu enfêrma. Agora dá-lhe o consentimento. Ficaré boa. E agora você fala de superstição! O melhor que você pode fazer é ir confessar e acusar-se de presunção! Espero que se una a nós o mais tardar dentro de um mês. Encontrar-nos-emos em Châtillon-sur-Seine. E venha preparado para se entregar inteiramente a Deus.

Ditas essas palavras, Bernardo apertou a mão de Guido, saltou sôbre a sela, esporeou o cavalo e logo só se viu a neve levantada pelos cascos do veloz animal.

O complexo do "irmão mais velho"

Dez anos depois, em 1122, Guido percorria o caminho que serpenteava no meio do bosque do vale de Claraval. Estava em companhia de Guilherme de Saint-Thierry, abade da fundação cluniacense naquela cidade. Era na primavera. Os rebentos despontavam suas florezinhas por entre as fôlhas enegrecidas que foram a beleza do verão anterior. As tímidas anêmonas levantavam envergonhadas suas cabecinhas de cinco pétalas, contemplando com maravilha e assombro o estranho mundo de sol e de sombras. Aqui e acolá, sob os sombrios barrancos, blocos de neve sem derreter ainda, anunciavam que sua majestade o Inverno acabava de fazer sua apressada retirada. O abade tinha olhos para tôdas aquelas provas que tão vivamente falavam da vida e da morte. Guido, porém, parecia cego para tanta beleza. Caminhava devagar, com a cabeça inclinada, sem ver coisa alguma. Estava profundamente preocupado. Guilherme permitiu que caminhasse em silêncio um bom trecho. Depois, com uma sonora gargalhada que espantou um bando de passarinhos, exclamou:

— O que se está passando, Guido, é que você nasceu antes de Bernardo. Nem seus cabelos se estariam tornando brancos, nem sua fronte estaria quase sempre enrugada se você tivesse nascido no mesmo tempo que êle ou alguns anos depois. Você padece daquilo que eu denomino: "afeição de irmão mais velho".

— Trata-se de alguma enfermidade? replicou Guido sêcamente.

— Sim, respondeu rindo o abade. E' uma enfermidade incurável. Já ouvi contar de um ancião de oitenta anos que se preocupava com o seu "irmãozinho mais nôvo". E êsse tal

"irmãozinho" já tinha setenta e seis anos. Por que se preocupa você tanto com Bernardo? Creio que êle já passa dos vinte e um. E além disso é seu abade.

— Eu sei, replicou Guido, um pouco agastado, e como abade respeito-o, honro-o. E por isso mesmo preocupo-me com êle.

— Aí está! exclamou Guilherme. E' o que acabo de dizer. Você sofre da "afeição de irmão mais velho".

— O senhor padeceria se tivesse presenciado o que eu vi êste ano que passou...

— Por exemplo...

— Por exemplo? Caminhava eu com Bernardo pelas ruas de Château-Laudon, quando de repente se acerca de nós um rapaz e mostra-nos uma horrível fístula. Pede que Bernardo a cure. Não lhe roga que peça a Deus por êle, que o benza, mas, olhe bem, pede que o cure. E sabe o que fêz o nosso humilde irmão? Que é que fêz êle que passa a vida pregando a humildade? Sem vacilar um só momento, levantou a mão, traçou o sinal da Cruz sôbre o pé do rapaz. Para mim isso não é só uma imprudência, mas o cúmulo de presunção!

— Hum! Hum! resmungou o abade. E que aconteceu ao pé enfêrmo?

Guido olhou-o de soslaio, muito cauteloso, e resmungou:

— Ficou curado.

A alegre risada de Guilherme tornou a ressoar no bosque solitário, fazendo dessa vez com que um esquilo, que tomava os primeiros raios de sol primaveril, fugisse rápido para sua toca.

— Por que está rindo o senhor?

— Por causa da grande presunção que opera milagres.

— Milagre?! Fábula! Eu digo-lhe que tal ação é tentar a Deus.

— Mas Deus deixou-se tentar, não?

— Sim, mas isso não autoriza meu irmão a tomar a liberdade que está tomando, compreendeu? Já ouviu falar de Josbert, visconde de Dijon?

— Creio que já ouvi falar dêle. Parece que é um homem duro como o ferro.

— E eu sei disso muito bem, pois é nosso parente próximo. No-comêço do ano passado caiu doente com paralisia. A família mandou buscar imediatamente a Bernardo e a mim. Fomos, levando também conosco, nosso tio Gauderico. Quan-

do chegamos a casa, encontramos Josbert sem fala. A família estava preocupadíssima, porque Josbert não se aproximava dos sacramentos havia muito tempo, e o ataque de paralisia parecia muito grave. Pediram a Bernardo que fizesse o quanto estava em seu poder para ajudá-lo. E sabe o que fez nosso humilde irmão?

— Não, respondeu o abade, reprimindo um sorriso.

— Pois disse: “Esse homem ofendeu gravemente a Deus; foi um tirano para com os pobres e orgulhoso em se tratando dos bens da Igreja e de suas propriedades... — Prometei restituir ou reparar todos os seus abusos; garanti que poreis fim a tôdas as suas injustiças e eu prometo que terá ocasião de confessar-se. Prometo em nome de Deus”. O senhor já ouviu semelhante presunção: “Prometo em nome de Deus”?

— Bem! E o que se passou?

— Claro, prometeram logo. Embora eu e Gauderico dissessemos a Bernardo que ele era temerário, imprudente, presunçoso e ousado diante de Deus, limitou-se a sorrir e murmurar: “Tende confiança. O que julgais tão difícil Deus poderá fazê-lo facilmente”. Esse é o nome que ele deu agora à presunção: “confiança”!

— Já estava percebendo. Continue contando...

— Dirigimo-nos a uma igreja vizinha, e Bernardo celebrou missa na intenção do enfermo. Apenas terminara, quando o filho mais velho de Josbert se precipitou na sacristia exclamando: “Meu pai pode falar. Está pedindo confissão. Venha!”

— Pelo que parece, a presunção operou milagre...

— Milagre?! Milagre?! Loucuras!... Foi a graça da missa, exclamou Guido indignado.

— Claro, claro! Agora, diga-me, Guido, qual sua opinião a respeito de tôdas essas historietas que circulam sobre seu irmão, dizendo que ele opera milagres? Esta, por exemplo, do rapaz que tinha uma fistula, a do visconde paralítico, a de...

— Fábulas! Fábulas!... Tôdas fábulas...

— Tôdas?...

— Bem! não sei se tôdas... respondeu Guido meio indeciso. Mas olhe, senhor abade, não falemos de coisas das quais ninguém está certo. Não sei se essas histórias são certas ou não. O que eu gostaria é que elas terminassem. De nada servem para meu irmão. Só talvez para levá-lo a alguns erros.

Eu sei que ele é santo, muito santo, e posso assegurar que durante a oração recebe numerosas revelações. Até aqui vai. Mas só até aqui. Eu desconfio do extraordinário.

— Guido, estimo-o pela sua bendita franqueza. E' sua virtude mais característica. Gosto da grande “afeição de irmão mais velho” de que você padece. Agora, responda-me com toda a sinceridade: E' difícil a vida cisterciense?

Tão rapidamente como seu companheiro trocou de assunto, desviando a conversa sobre Bernardo e seus milagres, a atitude de Guido mudou também. Seu passo tornou-se mais rápido, levantou a cabeça e até sua voz perdeu aquela tom de hostilidade. Voltava a ser o antigo Guido, o soldado.

— E' uma pergunta muito complexa, senhor. Para alguns essa vida seria impossível; para outros fácil. Para aqueles que se situam no meio-térmo, bastante dura.

— E para você?

— Guido deteve-se. Arrancou uma anêmona, que parecia tremer na sombra de um carvalho. Fê-la girar um instante entre os dedos e continuou olhando para Guilherme.

— Para mim, no começo, ela foi impossível.

— O que quer dizer?

— Exatamente o que digo. Que no princípio essa vida se fazia impossível. O senhor deve recordar-se, meu bom abade, que eu fui armado cavaleiro quando ainda não contava dezoito anos. Casei-me antes dos vinte, antes de ser maior de idade. Deve também ter em conta que passei muitos dias e muitas noites entre homens que viviam a vida num ritmo acelerado. A ação, a energia, a excitação flutuavam no ar que respirávamos. Enquanto servia ao Duque, tive de cruzar minhas armas com mais de um inimigo valoroso, e experimentei o vinho inebriante e forte da vitória. Minha vida deslizava entre o acampamento, a batalha, o lar e a batalha novamente. Jamais conheci um momento de ócio. Então vim para Cister. Que diferença! Em lugar dos ruidosos, bravos e alegres companheiros, encontrei-me na companhia de ascetas silenciosos. Em lugar do chocar das espadas e das escaramuças com a morte, em lugar dos momentos carregados e sobre-carregados de tensão, encontrava-me no silêncio do terreno pantanoso, com o horário do canto dos salmos, o cultivo dos campos e o canto dos salmos outra vez. Posso assegurar-lhe, senhor abade, que aqueles primeiros meses foram de enlouquecer.

Guilherme de Saint-Thierry ficou totalmente surpreendido. Em toda a sua vida nunca ouvira uma confissão tão sincera. Também nunca esperara nada tão humano de um monge de Cister. Somente pôde murmurar:

— Sim, compreendo. O contraste era tremendo. Devia achar mais fácil o combate e o entrechocar-se das armas. Como conseguiu perseverar?

Guido jogou fora a flor que arrancara, e sorriu um pouco timidamente:

— A meu ver, o motivo fundamental foi essa enfermidade de que o senhor diz que eu sofro. Creio que, na realidade, minha “afeição de irmão mais velho” como o senhor a chama, manteve-me nas fileiras, fazendo frente ao inimigo naqueles primeiros tempos terríveis. Tinha de pensar em Bernardo, em Geraldo, em Bartolomeu e em André. Não podia enganá-los. Eu era seu irmão mais velho. Se retrocedesse, eles poderiam perder a coragem.

— Esse é um motivo humano, contestou o abade, e sorriu ao acrescentar:

— Logo, essa enfermidade tornou-se salutar, não é mesmo?

— Pelo menos naqueles dias. Eu a tenho por um dom de Deus. Um grande dom, apesar de que o senhor a chame “afeição”. Pergunto-lhe, bom abade, se Nosso Senhor Jesus Cristo não sentiu algo parecido com isso, “afeição de irmão mais velho”, quando se pôs de joelhos no Horto de Getsêmani, na noite da quinta-feira santa e viu a morte de frente? Pergunto: não teria ele ouvido uma voz imperiosa que lhe ordenava: “Não decepcioneis vossos irmãos”? Gosto de pensar que foi isso que o fez exclamar: — “Seja feita vossa vontade e não a minha”. Pode ser que eu esteja equivocado, mas essa é minha maneira de sobrenaturalizar o natural.

— É um belo pensamento, Guido, que nos aproxima de Jesus, muito mais que o pensamento de que ele é somente nosso Deus e Senhor. Tinha esses pensamentos desde o princípio?

— Creio que não, respondeu Guido sinceramente. Ao menos não com tanta clareza. Indubitavelmente, Deus estava muito próximo. Muito profundo, bem dentro do meu ser, devia achar-se a determinação inquebrantável de ser leal a Deus em minha vida de cisterciense. Eu não tenho a imaginação nem a fantasia de Bernardo, como o senhor vê. Sou mais

velho e não sou capaz de segui-lo nos vãos. Ele continua sendo bastante romântico neste particular. Mas devo dizer-lhe, abade Guilherme, que não eram os ecos dos combates ou a recordação daqueles que combateram a meu lado que mais me atormentava. Não. Era o eco da risada de uma criatura e o alegre palrar de duas criancinhas. Era a recordação dos suspiros da mulher que eu ameie e conquistei, a coisa mais difícil de se suportar.

Fêz uma pausa e acrescentou:

— Nós mesmos somos nossos piores inimigos e a lembrança nosso mais cruel verdugo.

— Não me é difícil imaginar, conveyo Guilherme. Mas agora deve sentir um consolo extraordinário ao pensar onde se encontra sua mulher e o que está fazendo.

— Assim é, respondeu Guido pensativo. Deus humilha-me cada vez com seus favores. Também me proporciona mais intenções pelas quais devo rogar. O senhor sabe que minha querida Isabel foi eleita superiora de Jully?

— E não somente isso. Sei também que é uma verdadeira mãe e um belo modelo para todas as religiosas. Olhe Guido, eu espero grandes coisas desse mosteiro, porque, como você sabe, a espiritualidade de uma casa depende quase totalmente da santidade de sua superiora. A pequena Adelina está com sua mãe, não é mesmo?

— Sim, a menina padece de uma enfermidade parecida com a minha, “afeição de irmão mais velho”, embora em minha filha pudesse ser chamada “afeição de filhinha”. Ela quer estar ao lado da mãe.

→ Novamente parece que Deus quer sobrenaturalizar o natural, não é mesmo? Mas conte-me mais alguma coisa sobre você mesmo e sobre sua vida de cisterciense.

— O meu primeiro ano foi o pior. O mais doloroso não eram as austeridades físicas desta vida, meu abade. O corpo pode acostumar-se com qualquer coisa. A comida é simplíssima e pouca. Os leitos são duros. As horas no côro e no serviço do campo são longas. Mas freqüentemente eu passara horas mais longas e dormira em leitos mais duros, enquanto combatia por S. Excia. o Duque. Não, não é isso o mais difícil. Mas os sofrimentos espirituais... Ah! isso é outra questão!

— Como é isso?

— O senhor sabe que Estêvão Harding foi um abade muito compreensivo e muito compassivo. Sabia o que haveria de nos perturbar; e assim com grande prudência ocupava nossos dias por completo. Apenas tínhamos um momento livre durante os primeiros meses de noviciado. Mantinha-nos tão ocupados, que carecíamos de tempo para pensar no que tínhamos deixado para trás.

Os dias passavam depressa; mas as noites... Ah! que noites aquelas em que o sono era afugentado pela lembrança dos ecos do passado!... Mas ao senhor não interessam meus pesadelos dos anos transcorridos.

— Penso que os compreendo perfeitamente. O que ignoro é quanto tempo demorou para desaparecerem suas dificuldades.

— Tôdas as dificuldades? repetiu Guido como um eco, acentuando a palavra "tôdas". Meu bom abade, tôdas as dificuldades estarão terminadas para mim quando estiver morto. Cada época da vida tem suas dificuldades próprias. As do meu noviciado foram as mais cruéis, porque a tentação consistia em voltar atrás, retroceder. Quando saímos de Cister, encontramos uma nova série de dificuldades que nos aguardava em Claraval. Nossos primeiros anos foram terríveis. A pobreza era extrema. Não tínhamos alimentos suficientes, nem roupas. Para piorar as coisas, Bernardo achava-se na sua pior fase ascética. Exigia mais que a perfeição. Mas tão logo ele voltou à realidade e relaxou a pobreza absoluta, vi-me em novas dificuldades. Sou o vice-ecônomo dêste mosteiro. Meu irmão Geraldo é o ecônomo. Isso significa que eu e Geraldo temos de cuidar de todo o bem temporal relacionado com esta comunidade sempre crescente e com êste vasto e profundo vale. Às vezes me pergunto o que eu sou na realidade: um monge, um camponês, um lenhador, um pastor, um pedreiro, ou o quê? Não me pergunte quando desapareceram as dificuldades.

— Percebo! disse o abade rindo. Mas Guido, quanto à vida em si, ao silêncio, ao claustro, aos jejuns, ao trabalho... foram tão difíceis na realidade?

Guido virou-se na estrada, olhou para o mosteiro antes de responder. Só depois que atravessou um arroio que murmurava, salpicando com suas águas as margens verdejantes, respondeu:

— A vida cisterciense é impossível, a não ser que se tenha contemplado a Cristo no Calvário. Tudo o que se refere a ela, está um pouco exagerado, não lhe parece, abade Guilherme?

— Falando comparativamente, sim, respondeu o abade. Sua Ordem pratica uma penitência mais estrita que nenhuma outra Ordem da Igreja atualmente...

— Mas êsse exagêro necessita de alguma justificação, concluiu Guido. E há só uma. E', como diz Bernardo, o convite que os amantes recebem como ordem.

E' o "vem e segue-me" de Jesus Cristo.

Deteve-se e apoiou a mão num carvalho troncudo, como se estivesse estudando sua robustez. Depois de uma breve pausa, virou-se para o abade que também parara, e lhe disse:

— O único motivo, senhor, que posso expor para justificar-me o ter dado o beijo de despedida a duas criancinhas, o ter dito adeus para sempre em vida à mulher a quem prometi sustentar e manter "até que a morte nos separasse", é o tremendo exagêro que forçou a Redenção; o horrível exagêro de um Deus cravado num madeiro. Estou procurando alcançar a Jesus Cristo, como Bernardo nos ensina com tanta freqüência a fazer. Agora, para quem quer que abarque o conceito da vida, para quem quer que compreenda a verdade do Calvário, esta vida cisterciense é uma delícia, apesar de ela espicaçar, mortificar e cansar.

— Quer dizer que nem tudo é questão de "afeição de irmão mais velho", não é mesmo? comentou Guilherme, enquanto passavam a última curva do caminho, e apareciam a seus olhos os edifícios do mosteiro.

— Espero não contradizê-lo, mas creio que, na realidade, é só isso mesmo. E' precisamente "essa afeição de irmão mais velho" de Jesus Cristo que estimula a nós todos, Seus irmãos mais novos, para que nos apressemos e O alcancemos.

— E você dizia que não era tão idealista quanto Bernardo?

— Bernardo é um idealista-realista. Mas Jesus Cristo é o Primogênito de muitas fraternidades.

— Chega! exclamou o abade, Bernardo está contagiando a todos em sua arte de citar as Escrituras. Mas aí vem

êle. Preciso falar-lhe. Muito obrigado, Guido, por sua sinceridade e sua inspiração.

— Minha, o quê? perguntou Guido.

Mas Guilherme já estava longe.

A ajuda do mais velho

Guido acertara, quando resumira sua vida como uma sucessão de dificuldades. O ano de noviciado foi duro; o primeiro ano em Claraval, mais duro ainda. E êsse seu vigésimo primeiro ano, o mais duro de todos. Guido não se importava que Guilherme de Saint-Thierry estivesse equivocado ao assegurar-lhe que padecia de uma incurável "afeição de irmão mais velho". E' claro que tal "afeição" êle a adquiriu há uns quarenta e cinco anos, quando sua mãe, no castelo de Fontaines, deixava o pequeno Geraldo a seus cuidados. Guido tornou-se daquele dia em diante o "irmão mais velho". Depois vieram Bernardo, Umbelina, André, Bartolomeu e Nivaldo. Assim sendo, pouca probabilidade lhe restava de cura. O primogênito de qualquer família numerosa começa a ter responsabilidade muito cedo, e não a põe de lado mesmo na velhice. Isso aconteceu com Guido. Preocupava-se pelo bem-estar físico de seus irmãos e, como vimos, preocupava-se muito pelo bem-estar espiritual. Sempre foi assim e assim continuaria sendo. Para os outros isso se tornava cansativo, mas era realmente admirável. Porque, além do indescritível amor e cuidado de uma mãe, talvez não exista no mundo de Deus um carinho mais terno do que o do "irmão mais velho".

Em meados do verão de 1135, quando Claraval ardia sob um sol implacável, Bernardo mandou chamar Guido com gesto irritado e voz cansada. O complexo de "irmão mais velho" não atingia só uma parte. Bernardo e os demais irmãos confiavam em Guido. O hábito da juventude amadurecera em justa apreciação na idade adulta, e procuravam Guido para se aconselhar e receber ajuda.

Bernardo nomeara-o vice-ecônomo, não tanto por causa de sua posição na família, como por causa de sua prudência e seu espírito prático. E por isso, apesar de ser pai espiritual de Guido, Bernardo continuava dependendo daquele a quem sempre recorria desde a infância. Êsse era mais ou menos o pensamento de Bernardo, quando escutou atrás da porta os inconfundíveis passos do irmão. Sentiu a conhecida pancadi-

nha na porta e deu ordem para que entrasse com um gesto que denotava decisão. Guido entrou. Chegava banhado de suor. O hábito branco estava colado ao corpo. Seu rosto estava vermelho e sulcado de filêtes de transpiração. Guido sentia o calor e estava cansado. Ajoelhou-se. Recebeu a bênção de seu irmão e perguntou:

— Está preocupado com alguma coisa, reverendo Pai?

— Muito preocupado, respondeu Bernardo vivamente. Saiba o que me disseram a respeito do monge que faleceu na Normandia? E' verdade que você mandou que o sepultassem lá mesmo?

— Foi, respondeu Guido firme e tranqüilamente.

— Por quê? tornou a perguntar Bernardo bruscamente.

— Julguei que era mais prático e prudente. Estamos preocupados com a construção do mosteiro e necessitamos todos os braços disponíveis. Também me pareceu que a pobreza o exigia. A Normandia está muito distante. Não temos cavalos que possam fazer a viagem; teríamos de gastar muito.

— Hum! resmungou Bernardo, então a questão é de dinheiro e de cavalos?

— Sem falar de homens. Temos uma tarefa gigantesca com a edificação do mosteiro. Não podemos prescindir de nenhuma pessoa. Além do mais, insistiu Guido, não é isso coisa rotineira? Que importa onde esteja o corpo, se a alma foi para Deus?

— Êle pedira para ser sepultado aqui em Claraval, junto de seus irmãos, respondeu Bernardo.

— Sentimentalismo!

— O quê? perguntou Bernardo vivamente.

— Eu disse "sentimentalismo"! replicou Guido. E o senhor sabe muito bem que não é outra coisa. Quantas vezes escutei o senhor dizer aos postulantes que deixassem seus corpos na porta, que aí dentro só encontrarão lugar para suas almas? E o senhor tem razão. Então, por que nos preocupamos com um cadáver? Foi um bom monge. Sua alma certamente está salva.

— E' assim que você encara o assunto? Pois olhe: vou dizer-lhe uma coisa. Você também será privado da satisfação que êle ansiava. Não será sepultado em Claraval!

Guido contemplou seu irmão, estudando-o atentamente, e encontrou-o sumamente decidido. Seus olhos despendiam chamas; suas sobrancelhas cerravam-se numa expressão de con-

triedade. Guido enxugou o suor do rosto enquanto, procurando sorrir, dizia:

— Não me agrada êsse tom de voz, reverendo Pai...

— Vamos, chame-me Bernardo. Entre nós não é necessário formalidades.

— Está bem, reverendo Pai, respondeu Guido. Êsse seu tom de voz me faz retroceder a vinte e três anos atrás. Foi com êsse mesmo tom que o senhor predisse a minha espôsa sua capitulação ou sua morte. Agora está o senhor profetizando ou é só o calor do momento?

— Não é o calor, respondeu Bernardo rapidamente e procurou sorrir.

O ambiente do quarto mudou completamente com aquê-le sorriso. Bernardo não parecia a mesma pessoa que falara minutos antes. Tinha uma doçura, um encanto, uma serenidade radiante em seu rosto que exigia a resposta de outro sorriso de Guido, que exclamou:

— Assim está melhor! Muito melhor!

— Está fazendo um pouco de calor, não é mesmo, Guido? Mas por que tem você de fazer as coisas ainda mais quentes com sua mesquinhez? Oh! a pobreza nunca exige uns braços a mais, quando se trata de um irmão. Nunca! A economia e a parcimônia não são parentes nem distantes da pobreza religiosa. Mas a coisa já está feita. Deixemos isso!

— Lamento tê-lo desapontado, Bernardo. Mas são as conseqüências de o senhor ter nomeado vice-econômico a um bôbo. Eu devia ser soldado raso...

— Você deve ser aquilo que os outros querem que seja, interrompeu-o o irmão mais novo. Agora dê-me sua opinião. Que lhe parece enviarmos o jovem Nivaldo à Bretanha? O Duque Conon doou-nos um terreno para uma fundação em De Buzay. Meditei seriamente em tirar Nivaldo de Vaucelles e enviá-lo como prior a De Buzay. Que diz você?

— É a primeira vez que lhe ocorre nomear alguém da família como superior.

— Sei, respondeu Bernardo. O nepotismo não me agrada.

— O rapaz fez um trabalho magnífico em Vaucelles...

— Sim, concordou Bernardo. Todos estão entusiasmados com seu modo de dirigir os noviços. Muitos o chamam de "o perfeito mestre de noviços".

— Então, por que não deixar as coisas como estão?

— Porque creio que poderão melhorar, replicou Bernardo. Julgo que Nivaldo é um perfeito chefe. Tem alguns anos de experiência, modelando noviços. Com monges sob sua direção, creio que terá grande êxito. Que tal?

— Sei que fará o quanto estiver em seu poder. E' um môço que sabe o que faz. Também tem o dom de dirigir. Todos o querem. Dará a êles sua doutrina sobre o amor de Deus.

— Minha doutrina? perguntou Bernardo. Você não quereria dizer a doutrina de Deus? Eu não faço outra coisa que pregar o primeiro mandamento.

— Sei. Eu queria dizer que Nivaldo pregará o primeiro mandamento de Deus no estilo de Bernardo. O único motivo que tenho para vacilar é que se trata de nosso irmão mais novo. Gritarão as mentes mesquinhas: "favoritismo".

— Não creio, exclamou Bernardo pensativo. Em vinte e um anos nunca escutei nem sombra de uma acusação.

— Mas nunca deu um cargo que não representasse uma verdadeira carga para nós. Geraldo ecônomo, eu vice-ecônomo, André porteiro, Bartolomeu sacristão, Nivaldo mestre de noviços. Nenhum desses ofícios representam a menor glória. Por isso o senhor nunca ouviu nada. Mas nomear Nivaldo prior... Mas também, por que não? Na minha opinião êle está apto para o cargo.

— E' exatamente o que pensei. Acho que vou seguir meu velho princípio de colocar o homem adequado no pôsto adequado, sem ter em conta o parentesco, o carinho ou a crítica.

— Hum! resmungou Guido. Como é êsse princípio? Então posso tirar a conclusão, segundo o princípio, de que eu e Geraldo não somos mais que uns burros de carga, não é mesmo?

Bernardo olhou para seu irmão mais velho e, em seus formosíssimos olhos, brilhou um relampejo de alegria ao responder:

— Geraldo é bom; mas você deve lembrar-se de que não é mais que o vice-ecônomo.

Depois de compartilhar com Guido um olhar de grande compreensão, disse-lhe:

— Olhe, Guido, é com a maior sinceridade que lhe digo: de boa vontade enviaria você para a Bretanha. Mas me sentiria perdido sem o meu irmão mais velho perto de mim.

— Basta! Basta! exclamou Guido, levantando a mão. Quase fiquei vaidoso. Se o senhor ousasse fazer semelhante coisa, eu estaria certo de que o calor de Claraval, ou o trabalho na Itália, ou êsse horroroso cisma o deixaram um tanto afetado. Sabe alguma coisa de Umbelina?

— Dela mesmo, não. Tenho, porém, notícias de Jully. Quando voltava da Itália, soube que a comunidade de Jully está observando com interesse o que ela denomina “uma corrida para alcançar a Cristo”. Isabel, Umbelina e Adelina parecem rivalizar em seus esforços para serem santas. E pelo que ouvi, Adelina tomou a dianteira.

Os olhos de Guido brilharam. Todo o seu semblante resplandecia ao dizer:

— Que estranhos e maravilhosos são os caminhos de Deus!... Agradecemos nós a Deus tantos benefícios? Imagine só: minha espôsa, minha filha, minha irmã servindo a Deus, e só a Deus num convento. E’ maravilhoso! E’ inspirador! Alegro-me que se tenham deixado cativar por seu fogo e corram para alcançar a Cristo.

— Meu fogo? sorriu Bernardo. Meu fogo?... Não ouvi dizer algo sobre “sua” espôsa, “sua” filha, “sua” irmã, Guido? Mas antes que você se deixe levar em rapsódias e êxtases, vá-se embora e deixe-me trabalhar um pouco. Já perdi bastante tempo com você. E faça-me o favor de rezar para que venha o fim dêsse horrível cisma.

* * *

Transcorreram o verão e o outono sem que sobreviesse mudança alguma no cisma causado pelo antipapa Pedro de Leão. Durante aqueles meses Bernardo começou seus sermões sobre o “Cântico dos Cânticos”, atemorizando a Guido que temia que não fôsse prático abrir o coração e mostrar profundezas de cuja existência muitos nem sequer suspeitavam. Foi uma época de provação para os dois irmãos. O cisma pesava na mente de Bernardo, e tudo o que o preocupava inquietava também a Guido. Além disso estavam construindo um nôvo mosteiro com capacidade para uns setecentos monges. Os príncipes e prelados solicitavam monges para novas fundações em seus domínios. Cada nova fundação significava novos trabalhos e preocupações para Guido, pois êle devia preparar os monges para a jornada.

Em 1136, julgava que já tinha muito o que fazer em Claraval. Mas Bernardo que pensava de outro modo, chamou um dia seu irmão à cela para dizer-lhe:

— Guido, quero que vá à diocese de Burges para tomar conta da construção do nôvo mosteiro. Veja se estão construindo direito e de acôrdo com as tradições cistercienses. Lamento ser tão precipitado, mas é necessário apressar-se se você quer ir junto com o doador.

Aquêle laconismo surpreendeu um pouco a Guido. Porém como estava acostumado com as ordens peremptórias de Bernardo, partiu no mesmo instante.

Quando os ventos de outubro desfolhavam as folhas amarelo-vermelhas das árvores, Guido já havia colocado o telhado do mosteiro. Pensou que podia regressar para junto de seus irmãos em Claraval. Na véspera de Todos os Santos dirigiu sua montaria para o mosteiro de Pontigny, porque estava acometido por uma forte febre que lhe acelerava o pulso e o fazia vacilar sobre a sela.

Na porta do mosteiro caiu de bruços sobre o pescoço do cavalo, deslizando para a terra justamente no momento em que chegava o porteiro. Era tão grave o estado do enfêrmo que foi imediatamente transportado para um leito na enfermaria. Todos os recursos do mosteiro foram postos à sua disposição, já que se tratava de um irmão do abade de Claraval. Por mais que fizessem, a febre não cedeu. Na hora das Completas, Guido, olhando em redor de si com os olhos cheios de dor, conseguiu sorrir, enquanto dizia:

— Deus vem! Inesperado como um ladrão, mas não tão escondido. Minha lâmpada está acesa. Estou preparado para ir ao encontro do Espôso.

Na mesma hora, a umas cem milhas de distância, a comunidade de Claraval achava-se reunida na sala capitular. Bernardo dirigiu a vista sobre as quatro fileiras de monges encapuzados e irmãos leigos e, com um soluço na voz, disse:

— Rezai, irmãos, comigo, as preces pelos moribundos. Nosso irmão mais velho Guido entrou em agonia.

Começaram as preces. O fervor de Bernardo causou admiração a mais de um monge. Todos rezavam com sinceridade, suplicantes e solenes. A todos os que se achavam na sala capitular parecia que os céus estavam sobre êles e que Deus se inclinava para recolher cada sílaba que seus lábios pronunciavam. A voz quente e comovedora de Bernardo, que

dirigia as orações, parecia afogada em lágrimas ao pronunciar uma petição atrás da outra. De repente parou. Um murmúrio de surpresa perpassou pela sala. Os monges, surpreendidos, contiveram a respiração. A voz de Bernardo cortou aquêlê silêncio pesado e disse em tom triunfal:

— Meus irmãos, mudemos de oração. Peçamos agora a Guido que interceda por nós junto de Deus. Nosso irmão mais velho chegou ao lugar onde poderá fazê-lo.

Os monges entreolharam-se com estranheza sem pegar no momento o significado das palavras de Bernardo. Só os mais atilados perceberam que, com uma só frase, Bernardo lhes anunciara a morte e a beatitude de Guido. Gradativamente, como uma chama que vai clareando uma estrada escura, a compreensão foi tomando conta de todos os monges. Os rostos iluminaram-se, os olhos inundaram-se de lágrimas de júbilo e de gratidão ao contemplar as estrêlas, e um suspiro de “graças a Deus” foi quase imperceptível.

Guido foi sepultado em Pontigny, longe de seu amado Claraval, como Bernardo profetizara naquele dia quente de 1135. Mas a felicidade de seu irmão mais velho nos céus não foi diminuída pela falta de uma sepultura no Vale da Luz.

Dezesseis anos mais tarde Bernardo achava-se muito doente em Claraval. Muitos monges pensavam que era chegada sua hora. Um deles viu aproximarem-se do leito quatro homens, os quais identificou como sendo Godofredo de Langres, Humberto de Igny, Guido e Geraldo, os dois irmãos de Bernardo. Aquêles quatro homens abraçaram Bernardo e conversaram com o enfêrmo durante longo tempo. Quando se afastaram, Bernardo lhes perguntou:

— Vão sem mim?

E êles responderam:

— Desta vez, sim. Mas depois da nova colheita, nosso desejo e o seu serão satisfeitos.

Guido continuava fazendo seu papel de irmão mais velho. Tinha de preparar Bernardo para a morte. No mês de agosto seguinte, reuniram-se no céu.

Pode ser isso uma loucura?

A maioria de nós compreenderá e estará de acôrdo com as palavras que Isabel de Forez pronunciou naquele memorá-

vel dia de outubro de 1111. O pedido feito a uma jovem espôsa, cheia de vida, e a permissão para se fazer monge enquanto ela deveria entrar num convento, bem que merecia resposta: “Estão loucos!”

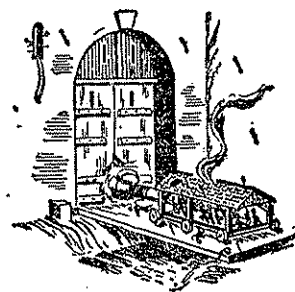
Esta resposta encontrará eco no coração e na mente da maioria de nós. Mas também não estaremos de acôrdo nem compreenderemos a permissão que deu algum tempo depois. E poderão ser contados nos dedos os que compreendem e estão de acôrdo sôbre o que fêz uns anos mais tarde. Alguém até sentirá a tentação de dizer que se tornou louca. Mas escutemos o que nos relata a história:

... Não muitos anos depois que Guido entrou em Cister, Isabel de Forez entrou no convento beneditino de Jully. Sua piedade e zêlo eram tais que pouco depois de sua profissão foi nomeada superiora, merecendo a qualificação de “mulher de virtudes raras e mãe de muitas virgens”, e mais tarde o título de “Beata Isabel”, mostrando que sua vida foi coroada com o único êxito pelo qual merece a pena lutar: a santidade. Sua pequena Adelina acompanhou-a a Jully e foi por ela educada na vida religiosa. Depois da morte da mãe, Adelina trasladou-se para o convento de Poulangy, que adotou a reforma de Cister e do qual chegou a ser abadessa. Sob sua orientação, Poulangy tornou-se famosa por sua santidade. Hoje Adelina ostenta o mesmo título que seu pai e sua mãe: chamam-na “Beata Adelina”.

Se Isabel de Forez tivesse insistido para que Guido permanecesse a seu lado e Bernardo agisse como o fêz, jamais seria conhecida além do estreito círculo dos servos analfabetos que habitavam aquêlê rincão que chamamos Fontaines nos curtos anos daquela época que a “História” chamou de “obscura”. Hoje, que mudança! Que contraste! Indubitavelmente os caminhos de Deus são estranhos, muito estranhos. Mas não é uma estranheza gloriosa? E’ verdade, o pedido de Bernardo parecia uma loucura. E era mesmo. Mas conseguiu três bem-aventurados para o céu.

Quanto à irmã mais nova de Adelina que permaneceu no mundo, a História nem sequer guardou seu nome. Só sabemos que ela se casou com alguém cujo nome ninguém sabe.

Isso dá o que pensar, não é mesmo?



CAPITULO II

O HOMEM DE IDÉIA FIXA...

"Temos que ser exagerados..."

GERALDO EXPERIMENTOU a malha de sua couraça de aço. Sempre queria fazer isso por si mesmo, pois afirmava que seu coração era um tesouro precioso demais para confiá-lo a dedos descuidados de qualquer um. Não encontrou falha alguma na armadura, contudo franziu a testa ao esticar o último anel.

— Está rasgada em algum lugar, Geraldo? há aqui um armeiro trabalhando nas redondezas.

Geraldo deixou cair a armadura sobre um tronco de árvore que servia de banco, e respondeu:

— Não, Dionísio, não há nada na couraça. Mas há por aqui alguns anéis soltos que nenhum armeiro poderá unir.

— Por que não? Quem está trabalhando lá embaixo é o próprio David em pessoa. Não há melhor ferreiro do que ele em todo o país.

— Eu sei, replicou; mas David nunca trabalhou nessa espécie de anéis a que me refiro. Você tem visto por aqui meu tio Gauderico?

— Não, não tenho visto.

— Pois êle é um anel... Viu meu irmão André ou Guido?

— Também não.

— Pois André e Guido são mais dois anéis...

— Que quer você dizer, Geraldo? O que se está passando? Já nem parece você mesmo. Fala como se fôsse uma pessoa desconhecida para mim. Está com um aspecto esquisito. Vamos, coragem, homem! Êste cêrco não durará muito tempo. Tomaremos Grancy antes que a neve desapareça. Vamos, ria...

— Dionísio, disse Geraldo, você que está há mais tempo no exército do que eu, diga-me, você acredita que estejam com o juízo no lugar aquêles que abandonam o cêrco para se fazerem monges?

Dionísio colocou de lado a couraça de aço e sentou-se no tóco.

— Neste exército pode-se ver de tudo, Geraldo. Mas eu digo que homens de verdade nunca abandonam um cêrco. Mas por que pergunta você? E por que essa cara tão séria? Ria, homem, que o riso não faz mal...

— O riso me mataria. E para que o riso se afaste de seus lábios, vou dizer-lhe que Gauderico e meus dois irmãos abandonaram êsse cêrco para se fazerem monges. Monges cistercienses.

— O quê? exclamou Dionísio, pondo-se de pé num salto e pegando Geraldo pelo braço. Repita isso, depressa.

Geraldo moveu os cantos dos lábios com impaciência, enquanto empurrava Dionísio e foi dizendo:

— Fique quieto, senão você acordará todo o acampamento. Sente-se e medite comigo.

Dionísio protestou, mas Geraldo o fez retroceder e sentar-se novamente no tóco caído. Dionísio era homem pequeno, orgulhoso, vivaz, rápido e forte como o aço. Geraldo, com sua juventude, sua constituição robusta e sua grande força, era um contraste vivo junto a seu companheiro. Quando conseguiu fazer sentar seu amigo alvoroçado, Geraldo, em pé a seu lado, dominando-o com sua estatura, disse-lhe:

— Chamam-me "Geraldo, o de idéia fixa", não é mesmo?

Dionísio preferiu menear a cabeça, resmungando dentro de si alguma coisa. Geraldo prosseguiu:

— Alegro-me de que assim me chamem. Alegro-me de que seja verdade. Desde pequeno tinha uma idéia fixa e, agora que sou homem, continuo a tê-la. A idéia de ser um homem, um homem mesmo, um cavaleiro tão nobre, tão valente, tão temerário como meu pai. Há alguma coisa de mal nisso?

— Em absoluto! replicou Dionísio com um gesto de contrariedade. Mas o que tem a ver isso com Gauderico, André e Guido?

— Eles não são homens de idéias fixas. Até me vem a vontade de perguntar se êles são, de fato, homens.

— Espere! exclamou Dionísio, levantando-se rapidamente e erguendo um braço em sinal de protesto. Você está falando de dois veteranos e de um novato que promete.

— Sei, sei, protestou Geraldo apressadamente enquanto obrigava Dionísio a sentar-se novamente. E é isso o que me atormenta. O que se passou com êles? Se tivessem partido para se tornarem Cavaleiros Hospitaleiros, compreenderia, pois não teriam mais que pôr a capa negra com a cruz vermelha de Malta sobre os ombros, conservando suas armaduras e suas armas e tôda a habilidade no manejo delas para a glória de Deus. Mas não! Tornaram-se habitantes dos pântanos. Foram-se, abandonando suas armaduras e armas. Foram-se para vestir a cogula de cisterciense, para serem pastores e para guiarem o arado...

— O que está você dizendo, Geraldo? Então Gauderico, senhor de Tuillon, foi tornar-se monge? Mas êle é casado! E' um dos principais chefes do exército! Você está errado ou está louco!...

— Você tem razão, Dionísio, eu devo estar errado ou louco, ou então são êles que o estão. Mas devo dizer-lhe que meu irmão Bernardo, faz uns três dias, apareceu no exército, falando como um fanático. Estava possesso com a idéia de servir a Deus como monge cisterciense, e conseguiu inculcar o mesmo entusiasmo em Gauderico, senhor de Tuillon, homem casado e de grande influência no exército. Levou meu irmão André, rapaz de grande futuro e que prometia ser o cavaleiro mais valoroso da Borgonha. Hoje voltou para me convencer também. Agora quero que me diga quem é o desequilibrado...

— Não compreendo, Geraldo. Você quer dizer que seu tio, seus irmãos deixaram o exército para sempre? Que vão tornar-se monges?

Geraldo cruzou as mãos atrás das cadeiras, inclinou a cabeça, olhou desesperado para seu pequeno companheiro, dizendo:

— Quantas vezes preciso repetir-lhe as coisas, Dionísio? Três vezes já lhe disse que os três deixaram o exército. Já não estão aqui. Fizeram-se monges!... O que eu quero saber é isto: quem está louco, eles ou eu?

— Quem está louco sou eu! exclamou Dionísio, saltando de seu assento, dando largas passadas ao longo da tenda. Sim, estou louco. Passo uma hora ouvindo você dizer bobagens e você nunca diz bobagens.

— Sente-se aí e fale sério, ordenou Geraldo, mostrando-lhe o rústico assento.

— Não! exclamou Dionísio. Eu farei como Godofredo de Bulhões. Assentar-me-ei no chão, e que venham três ou cinco emires falar comigo.

— O que está você falando?... Godofredo de Bulhões... emires... e sentando-se no chão... Levante-se daí!...

— E' porque você nunca escutou a história, falou Dionísio sem levantar-se. Uns tantos emires desceram das montanhas da Samaria para apresentar suas homenagens e presentes ao nôvo rei de Jerusalém. Acharam-no sentado, assim como eu estou agora, porém sem um soldado, como eu neste momento. Ficaram assombrados ao encontrar o rei só, sem séquito e fizeram uma observação irônica acêrca do assento real. Godofredo com grande calma, à maneira oriental, perguntou: — "E por que não serviria a terra de assento enquanto vivemos, se dela saímos e para ela haveremos de voltar?" Os emires saíram assombrados com sua sabedoria. E agora mostre-me a sua. Conte-me tudo.

Geraldo deu um suspiro de desalento, sentou-se no tóco em frente a Dionísio e começou:

— Meu irmão Bernardo...

— E' um jovem esguio, bonito, de cabelos ruivos como o pai, e pele branca como a mãe?

— Sim, êste é Bernardo. Olhe, faz três dias, veio ao acampamento...

— Inflamado... concluiu Dionísio. Isso eu sei. Mas o que disse êle? Como conseguiu que Godofredo escutasse suas arengas? Quais foram seus argumentos?

— Já não adianta repetir-lhe, respondeu Geraldo enfadado. Bernardo fala tão bem como um derviche dança. O importante não é o que diz, mas como diz. Não é só sua boca que fala, mas seus olhos, sua cabeça, suas mãos, seu corpo e todo o seu ser. Dizia a eles muitas coisas sobre o modo de serem grandes homens e heróis generosos a fim de servirem a Deus como cavaleiros. Hoje voltou com a mesma cantilena...

Naquele momento ouviu-se uma voz que perguntava:

— Está aí agora? Vou vê-lo.

No mesmo instante, Geraldo e Dionísio vieram abrir a rústica entrada de sua tenda e viram aparecer Bernardo em pessoa. Êste entregou as rédeas do animal a um môço e dirigiu-se a pé até onde se encontravam. Vinha com a decisão pintada no rosto e em cada movimento do seu corpo.

Dirigindo uma saudação com a cabeça ao rechonchudo Dionísio, foi direto para Geraldo e perguntou-lhe bruscamente:

— Geraldo, você virá? Geraldo levantou-se devagar, pôs as mãos nos ombros do irmão e disse:

— Bernardo, se você me pedisse que ingressasse entre os Cavaleiros do Santo Sepulcro, organizados no ano passado por Balduino, rei de Jerusalém, eu meditaria em seu convite. Se me pedisse que fôsse para a Alemanha, e fizesse o impossível para esmagar o sacrílego Henrique V, eu não vacilaria em obedecer. Mas quando me fala em Cister... perdoe-me, mas tenho ganas de rir. Eu sou um homem, um cavaleiro, um guerreiro e penso continuar sendo isso por toda a minha vida. Está escutando? Penso continuar sendo isso por toda a minha vida. Assim sendo, vá-se embora depressa e não perca seu tempo nem me faça perder o meu. Êle é demasiado precioso tanto para você como para mim.

— Aqui está falando o homem de idéia fixa, hein? perguntou Bernardo, fixando o irmão.

— Isso mesmo, Bernardo. O homem de uma grande idéia fixa. Uma idéia que não é precisamente a de converter-me em monge nos pantanais. Neste momento você enxerga aquela cidade com seu castelo e suas fortificações? E' Grancy. Está vendo todos êsses guerreiros? São os homens do Duque de Borgonha que a sitiam. Portanto, já está vendo que êste

não é lugar para meninos bons que querem ser monges. Por isso, vá-se embora!

— Assim o farei, Geraldo. Mas antes de ir, quero que ouça o seguinte: é evidente que só o sofrimento será capaz de tirar de sua cabeça essa idéia fixa... Pois bem! Escute:

Avançou um passo para perto do irmão e disse:

— Em breve êsse lado será traspassado. Pôs a mão no lado direito de Geraldo, bem embaixo das costelas. Por essa chaga serão abertos seu coração e sua cabeça.

Geraldo soltou uma gargalhada.

— Lembrar-me-ei do lugar exato, Bernardo.

Tirou a mão de Bernardo que apontava seu lado.

— Mas agora seja um bom irmãozinho e vá-se embora. Tenho de cuidar dêsse parapeito.

Bernardo virou-se nos calcanhares e seu silêncio foi mais eloqüente. Dirigiu-se rapidamente para seu corcel que o esperava. Quando o tropel dos cascos do cavalo se perdia na distância, Dionísio fêz o primeiro movimento desde a aparição de Bernardo. Levantando-se do chão, tomou a couraça de aço de Geraldo, examinou-a atentamente e exclamou:

— Veja se está em condições, Geraldo. Veja se está boa de fato. Não me agradeu o que seu irmão disse. Que vulcão aceso! Então Bernardo é assim, hein? Agora compreendo por que Gauderico, André e Guido abandonaram o cêrco. Êsse jovem Bernardo tem mais ardor do que dez de nós. Que homem! Você tem razão em dizer que não fala só com a bôca, mas com todo o seu ser. Parece-me que acabei de ver uma catapulta. Alegro-me que não tenha me dito nada...

— Acho que você teria ido com êle, respondeu Geraldo troçando.

— Não digo nem que sim, nem que não, respondeu o atarracado guerreiro, movendo a cabeça. Tenho minhas idéias próprias a respeito do assunto.

— Eu também. Você as ouviu. Acho melhor esquecermos Bernardo e acomodar-nos neste lugar do melhor modo possível. Talvez tenhamos de passar semanas aqui.

Com essas palavras puseram mãos à obra. Mas enquanto as mãos de Dionísio pegavam uma coisa ou outra, e seus pés iam de um lado para outro, sua mente estava ocupada, estudando o contraste daqueles dois caracteres. A primeira aparição de Bernardo deslumbrara-o, maravilhando-se da força concentrada em sua esbelta figuar. Depois contemplou Ge-

raldo e sorriu ao pensar como lhe assentava bem o apelido de "Idéia Fixa". O diálogo com Bernardo o fizera ver um homem de cabeça dura, disposto a não ceder um passo enquanto não se lhe mostrassem as provas positivas do que era absolutamente necessário fazer.

Dionísio fêz um gesto afirmativo com a cabeça, enquanto meditava, de que tais mentalidades e tais homens lhe agradavam muito. Reconhecia que são vagarosos em começar, mas que, uma vez em movimento, adquirem tal impulso que se convertem em forças irresistíveis.

Se não estivesse tão absorto em sua tarefa, Geraldo teria visto brilhar nos olhos de Dionísio um sorriso irônico enquanto examinava seu rosto. Finalmente, Dionísio disse de si para si que os homens do tipo de Geraldo não sofrem um processo lento de pensar, mas colecionam idéias preconcebidas. Apodera-se dêles uma idéia, chegam à persuasão e esta se converte numa verdadeira obsessão.

Quando chegou a êste ponto de sua análise, soltou uma gargalhada. Geraldo, surpreendido, virou-se e perguntou-lhe:

— Por que está rindo?

— Estava pensando que para sacudir certos homens e livrá-los de suas idéias fixas, é necessário que Deus ajude.

— Está se referindo a mim?

— A você e a todos os que são como você. Tudo o que tenho a dizer-lhe antes de deixá-lo, senhor cavaleiro, é que sua atitude mental é tão perniciosa como pode ser também proveitosa. Levá-lo-á à santidade ou ao suicídio. Adeus!

Dizendo essas palavras, fêz uma inclinação enquanto saía de gatinhas da tenda rústica, deixando Geraldo na dúvida sôbre se ria ou se se enfurecia com a cômica retirada do amigo e com o retrato traçado sôbre sua pessoa. Optou por rir.

Dionísio acertara em sua observação. Geraldo era desses indivíduos que só têm um fim, um objetivo e uma ambição. E tais indivíduos terminam santos ou suicidas. Geraldo estêve a ponto de ser ambas as coisas.

Tempo para pensar

Naquela alegre tarde de outono de 1111, Bernardo regressava desconsolado para Fontaines, porque empenhara co-

ração e alma a fim de conseguir que seu irmão favorito se unisse a êle na grande aventura cisterciense.

Geraldo, o segundo dos irmãos, era-lhe o mais caro e o mais encantador. O pessoal chamava-o "o simpático Geraldo", porque a alegria se irradiava de seu rosto, de seus olhos e de toda a sua pessoa. Não era um líder como Bernardo, não possuía o caráter autoritário e destemido de Guido; mas por sua tranqüila simplicidade e natural afabilidade era o mais popular dos filhos de Tecelino. Bernardo amava-o com êsse carinho pouco ostensivo, mas ardente, que existe entre irmãos de quase a mesma idade e caracteres diversos.

Quando Bernardo virou a última curva o sol recortava a silhueta do castelo de Fontaines no fundo de um cenário de chamas vermelhas. Era um espetáculo emocionante, e Bernardo levantou-se na sela enquanto seu coração se elevava e seu espírito ganhava as asas da inspiração. Até o cavalo parecia contagiado, sacudindo a cabeça; fazendo voar sua negra crina porque percorria o último trecho do caminho. Um sopro da brisa noturna roçou as copas de um robusto carvalho que se achava na beira da estrada, fazendo com que um punhado de fôlhas douradas do outono caíssem sobre o cavaleiro e sua montaria. Bernardo contemplou o turbilhão de fôlhas douradas e pôs-se a rir, exclamando:

— Já sei que o espírito de Deus soprará sobre Geraldo e o libertará como libertou estas fôlhas. Libertará completamente dessa idéia fixa a êsse querido e cabeçudo irmão.

Quase ao mesmo tempo em que Bernardo fazia o elogio do vento, Dionísio contemplando Geraldo perguntava-lhe:

— Quer vir à minha tenda? Vamos jogar uma partida sob a luz dos archotes.

— Esta noite não estou disposto, Dionísio. Vou recolher-me antes que saiam as estrêlas. Quem sabe o que poderá acontecer antes que se tenham ocultado de nôvo?

— Bah! exclamou Dionísio amuado. Não acontecerá nada por parte dessa cidade dorminhoca. Preferem os fortes muros do castelo à planície aberta. Não nos molestarão. Dou-lhe minha palavra.

Depois mudando de tom, acrescentou:

Bem, se não quer reunir-se conosco, estou certo que não o fará mesmo. Conheço-o bem. Portanto, durma tranqüilo e tenha bons sonhos...

Afastou-se. Apesar dos bons desejos de Dionísio, os sonhos de Geraldo não foram muito suaves naquela noite. Nêles apareceram Bernardo, Gauderico e Guido nas mais incríveis combinações com os emires de Samaria, os guerreiros de Grancy, os monges de Cister... Mas foram os guerreiros de Grancy que o despertaram de improviso. Primeiro ouviu debilmente seu nome pronunciado com grande excitação:

— Geraldo! Geraldo! Geraldo!

Lutando com o sonho, saltou do leito e acabou de despertar ao ver lançar-se sobre êle um pequeno grupo de homens vestidos com cotas de malha.

Fêz um movimento para empunhar sua lança de combate, mas isso foi tudo. Depois sobreveio a escuridão.

Duas horas mais tarde, Geraldo jazia na masmorra de Grancy com correntes nos pés e nas mãos e duas sentinelas sentadas junto dêle.

— Êste homem está muito ferido, disse um dêles ao olhar novamente para a venda que lhe pusera na ferida.

— Temos de curá-lo, respondeu outro. Êle precisa viver para ganharmos um bom resgate.

— Quem é?

— Não sei. Ouvi que o chamavam: Geraldo. Ao julgar pelo alojamento e pela armadura, deve ser muito nobre.

A primeira sentinela inclinou-se sobre o lado direito de Geraldo e apalpou a faixa da ferida. Deu um grunhido de satisfação e disse:

— Está ferido bem debaixo das costelas e com a ponta de uma lança. Teve sorte que não penetrasse mais. Quem o capturou?

— Eu o feri. Entrei em sua tenda primeiro que os outros; tinha-me pôsto de lado para evitar a luz da entrada, quando despertou. Saltou rápido do leito, como um raio, seu braço procurou alcançar a lança. Vi minha oportunidade, cravei minha lança debaixo de seu braço estendido e aí você o tem, relatou um outro.

Naquele momento um gemido do prisioneiro interrompeu a conversa. Geraldo agitou-se, moveu os lábios inarticuladamente e abriu os olhos. Depois de olhar um instante a seu redor, com espanto e assombro, começou a gritar:

— Oh! eu sou um monge, um monge cisterciense!...

Os guardas olharam-se mutuamente e o mais jovem prorrompeu numa gargalhada sonora:

— Ah! Ah! Ah! Essa é boa! Pensei que capturávamos um nobre que nos traria bom resgate e não é que feriu um pobre monge! Dou-lhe de presente, Pedro. Mostre sua arte de curar feridas. Vou dormir. Foi uma noite de cachorro.

Geraldo escutou, com toda atenção, e as névoas de sua mente foram-se dissipando pouco a pouco. Procurou mover-se. Mas notou que tinha os pés e as mãos presos pelas cadeias. Sentiu dor atroz no lado direito, bem debaixo das costelas, no lugar em que Bernardo pusera a mão. Cerrou os olhos febris. Enquanto a porta se fechava atrás daquele que que o ferira, murmurou:

— Quisera ser monge cisterciense!

As semanas passavam e a ferida de Geraldo cicatrizou. A cabeça e o coração lhe doíam muito. Preocupavam-no e atormentavam-no as palavras de Bernardo que se cumpriram com toda a exatidão. Procurava atribuir-lhes uma estranha coincidência. Procurava esquecê-las. Não queria dar-lhe o nome de profecia, porque isso significava renúncia à idéia fixa de sua vida: ser um famoso cavaleiro.

Mas passando-se os dias e êstes se convertendo em semanas e as semanas em meses, sem ter outra coisa que fazer senão contemplar as quatro paredes de sua prisão, Geraldo começou a admitir pouco a pouco a possibilidade de viver outro gênero de vida que aquela de homem de arma. Todavia, na realidade não acreditava nela, pois para fazer isso precisaria algo mais que uma profecia de Bernardo. Foram dados, porém, alguns passos para que o admitisse. Concedeu que a predição de Bernardo podia ser alguma coisa mais que predição, e que a vida nos pântanos não podia ser pior que viver numa cela de prisioneiro.

A neve caíra uma ou outra vez desde que Dionísio predissera que Grancy seria tomada, e Grancy não caiu. Pelo contrário, as neves de 1111 iam-se derretendo sob calor de março de 1112, quando Geraldo recebeu a notícia não de que Grancy fôra tomada, mas de que Bernardo, com trinta nobres, partia para Cister. Não podia dar crédito a seus próprios ouvidos. Apesar de suas correntes, ia de um lado para outro em sua cela e murmurava furioso e admirado:

— Trinta?... Trinta?... Não! Não pode ser!... Contudo Bernardo não mente. Trinta?... Quem são êles?... É maravilhoso... Sim, é maravilhoso e horrível. Por isso é que Grancy não foi tomada! Esse irmão fanático revolucionou todo

o exército. Trinta!... Como chegou a conseguir trinta? Seria uma profecia aquilo que me disse? Ou seria puro acaso que me ferissem justamente no lugar que assinalou? Trinta? Bernardo manda-me dizer que devo confiar em Deus, e que tudo sairá bem. Hum! Dizer é fácil, mas...

Geraldo levou a mão ao lado e apalpou a cicatriz produzida pela lança. Cinco meses numa cela pareciam uma eternidade. Era isso exatamente o que parecia para o cativo Geraldo. Sua intranquilidade aumentava com o cativo e enfurecia-se com o exército que não tomava a cidade, ao mesmo tempo se indignava porque não pagavam seu resgate. Naturalmente Bernardo e seus planos com Cister ocupavam grande parte de seus pensamentos.

Às vezes tentava imaginar guerreiros como Guido e Gauderico realizando o monótono trabalho do dia monástico e ria e compadecia-se dêles. Mas ao querer imaginar o motivo que os impulsionara a ir para lá, sentia nascer em sua alma a consciência de Deus que o aterrava. A mãe havia-lhe ensinado bem e o pai proporcionara-lhe o melhor dos exemplos. Mas foram precisos cinco meses de prisão em cela para que nascesse essa consciência de Deus e a sentisse na medula de seus ossos.

À medida que passavam os dias, dizia para si mesmo que talvez os cavaleiros pudessem tornar-se monges e servir a Deus lealmente. Perguntava-se, porém, se não seria mais conforme a suas vidas professar em Jerusalém como hospitaleiros ou guardiães do Santo Sepulcro do que ficarem em Cister. Aquelas Ordens religiosas recém-fundadas atraíam Geraldo. E à medida que a consciência de Deus germinava numa prisão de Grancy, deu-se conta de que deveria retribuir com alguma coisa a Deus pelo que Ele lhe dava.

Ao amanhecer de um dia de março, antes que a última flor de pétalas de prata se apagasse no firmamento, enquanto se revolia em seu duro leito Geraldo sonhou que ouvia uma voz que lhe dizia:

— Hoje serás libertado.

Despertou com o clarear da aurora e passou um dia interminável, perguntando-se o que poderia significar aquele sonho.

Ao cair da tarde, achava-se de pé perto da clarabóia, contemplando as primeiras estrelas que pareciam penduradas nas nuvens. Inconscientemente mexeu nas algemas dos pul-

sos e sua surpresa tornou-se espanto ao ver que elas caíram a seus pés. Olhou ansiosamente para a porta e ninguém aí estava. Inclinando-se, tocou os grilhões dos pés que também caíram no chão. Já não sonhava.

Aquelas palavras: "Hoje serás libertado", de seu sonho, ressoavam em seus ouvidos. Não se atrevia acreditar, e, no entanto, esperava ansioso que fôsem verdade. Com a máxima cautela dirigiu-se para a porta, e seu assombro subiu a ponto de fazê-lo perder a consciência. Encontrou-a aberta e o corredor vazio. Com seus nervos esticados pela tensão, avançou através dêle com toda a cautela, deslizando rente à parede e nas pontas dos pés até o pátio do castelo. O pátio também estava vazio. Mas o coração estêve a ponto de parar, quando Geraldo observou que a porta maciça estava cerrada. Mas a frase: "Hoje serás libertado" tornou a soar em seus ouvidos. Tremendo de ansiedade e angústia, aproximou-se do enorme ferrôlho. Timidamente pôs a mão sobre êle. Retrocedeu de um salto, horrorizado. O ferrôlho cedera à pressão de seus dedos.

Com o coração pulsando violentamente, abriu o portão o suficiente para poder passar por êle.

Quando o portão se fechou atrás dêle, Geraldo sentiu um verdadeiro pânico ao encontrar-se no meio de um labirinto de ruas das mais concorridas do mundo.

Tôda Gráncy parecia estar nas ruas naquela hora, precisamente naquela rua, naquele lugar.

Muitos se dirigiam para a igreja. Isso proporcionou a Geraldo uma idéia desesperadora. Se pudesse chegar até aquela igreja, estaria salvo, pois o direito de asilo não poderia ser violado!

Sentia-se pregado ao solo, mas o instinto o impulsionou a mover-se. Arfando, dirigiu-se ao lugar sagrado. Parecia-lhe que todos o olhavam fixamente. Mas como ninguém o deteve, seguiu adiante. Cem metros... cinqüenta... quarenta... trinta metros o separavam ainda da igreja. Foi avançando. Agora apenas uns dez metros. Nesse momento Geraldo esfriou. Bem diante dêle estava o irmão do seu carcereiro. Que fazer? Lutar? Fugir?

Geraldo sentiu-se impulsionado a fazer ambas as coisas. Mas, antes de ter tempo de decidir, ficou sem respiração ao ver que aquêle homem o saudava, dizendo-lhe:

— O senhor precisa apressar-se se não quiser perder o sermão.

Geraldo não esperou outra coisa. Correu para aquêle sermão como nunca o fizera antes em sua vida. Alcançou a porta, deu um passo largo, e quando passou o umbral deu o suspiro mais longo e profundo de sua vida, e o mais agradecido de seus vinte e cinco anos. Estava salvo, absolutamente salvo. Um milagre fôra realizado. Geraldo naquela noite pouca coisa ouviu do sermão, porque seu pensamento se achava totalmente ocupado, repassando os acontecimentos dos últimos cinco meses. E mesmo para sua cabeça dura tudo aparecia com uma imensa claridade: Deus o chamava.

Era o cumprimento da profecia de Bernardo através do sonho que tivera de manhã e sua assombrosa fuga durante a noite. Sim, Deus o estava chamando aos gritos. Era certo. Tinha de fazer alguma coisa. Não havia outro remédio senão abandonar sua idéia fixa e libertar-se do ideal que tão profundamente havia arraigado em seu coração. Devia abandonar numa renúncia completa as façanhas cavaleirescas e a fama que ambicionava e marchar para Cister.

O homem de idéia fixa estremeceu. Ajoelhou-se e, como ação de graças, murmurou profundamente emocionado:

— Sim, meu Deus, eu irei!

Dionísio visita Cister

Catorze meses depois daquela heróica e simples ação de graças, o pequeno Dionísio caminhava pelos bosques pantanosos de Cister até ao descampado em que se erguia o mosteiro.

Depois de uma breve conversa com Estêvão Harding, o sorridente abade do mosteiro, Dionísio obteve permissão para visitar seu antigo companheiro de armas. A notícia da visita encheu de alegria o coração de Geraldo, o qual, ao ver seu velho camarada, estendeu os braços, apertou-o contra o coração e ergueu-o no ar até fazer estalar os ossos.

— Ei! cuidado, Geraldo, cuidado! protestou Dionísio. Sou uma criatura de barro e você vai me fazer em pedaços.

O riso de Geraldo ressoou cristalino, na plenitude de sua mocidade e, enquanto depositava Dionísio no chão, disse-lhe:

— Essa é minha doce maneira de dar-lhe as boas-vindas, querido irmão. Já sabe que nós aqui não falamos a não ser

por sinais. Esse é o sinal com que expresso minha alegria em vê-lo outra vez. E agora, diga-me: como vai?

— Sou eu que lhe pergunto, respondeu Dionísio. Tem a aparência de ter feito uma dura campanha. O que se passa? Ao vê-lo, dá-me a idéia de que fez um longo cerco com pouca razão. Não lhe deram nada para comer?

— Claro que nos dão de comer. Mantenho-me em perfeitas condições de combate. Nem uma só onça a mais. Olhe minhas mãos. Nunca estiveram em melhores condições. Duras, calejadas, umas garras de ferro.

E ao dizer isso, agarrou Dionísio e levou-o a um banco.

— Estou vendo, estou vendo. Uma garra de ferro forjado! E foi subtraindo seu braço das mãos de Geraldo.

Quando este último arranjou uma banquetta no lado oposto da mesa Dionísio olhou-o, sorriu e disse-lhe:

— Oh, homem de idéia fixa! Depois de tudo aquilo, Bernardo tinha razão. Foi ferido, foi prêso. Capitulou, hein?

— Oh! sim, êle tinha razão. Graças a Deus! Vou chamá-lo para que fale com você...

— De modo nenhum! gritou Dionísio horrorizado. Não quero nem ver Bernardo. Poderá profetizar-me alguma coisa. Vim para vê-lo e não para ver Bernardo.

— Geraldo, em que empregou todo esse tempo?

— Em me matar, respondeu rindo Geraldo.

— Assim parece mesmo, respondeu Dionísio muito sério. Emagreceu...

— Não me refiro a isso, Dionísio. Um qualquer pode matar o corpo. O que procuro matar é o homem velho que mora dentro de mim. O outro "eu" que quer ser grande, admirado. O desejo de ser "alguém", sabe? E' ao velho Geraldo que eu estou tentando matar. E devo dizer-lhe, meu amigo, que é o inimigo mais difícil que encontrei. Nunca combati tanto em minha vida. E' duro morrer.

Dionísio olhou com enfado para o sorridente Geraldo, perguntando:

— Pode-se saber de que está falando? Fale como eu. Quero saber o que fez nesse ano que passou. Que tal a vida que leva aqui?

— E' como um torneio, Dionísio. Não há um só momento de aborrecimento. Adversários por toda parte, luta, luta e mais luta. Você deveria unir-se a nós. E' uma coisa realmente gloriosa!

— Deveria! deveria... respondeu Dionísio. Mas diga-me: luta com estas roupas?

— Lutamos com elas, trabalhamos com elas e dormimos com elas. Comemos com elas e lemos com elas. Nossa campanha não permite luxo. Você gostaria delas.

— Sei disso, respondeu o pequeno cavaleiro, com um tom de voz que demonstrava sua clara negativa. Não vim aqui para me alistar, mas para averiguar o que você fez. Diga-me em termos simples, que está você fazendo?

— Que seriedade fora do comum, Dionísio?! Que bicho o picou? perguntou Geraldo, enquanto punha seus antebraços sobre a rude mesa e se inclinava para o companheiro.

— Passei um ano todo sem esquecê-lo. Fiquei sabendo de sua prisão e de sua fuga. Fiquei sabendo que se apressou em vir para cá, e durante catorze meses fiquei esperando sua volta. Quando soube que tinha feito os votos, compreendi que a sorte estava lançada. Nunca você faltou com sua palavra na vida; por isso tive de vir para me certificar do que aconteceu com sua idéia fixa.

— Ainda a conservo, respondeu Geraldo sorrindo.

— O quê? Mas se você sempre quis ser o cavaleiro mais famoso do exército...

— Realmente... e ainda quero.

— Mas então por que fez os votos?

— Precisamente para me tornar o mais bravo cavaleiro...

— Faça-me o favor de falar com juízo, Geraldo!

— Falo-lhe com muito juízo. E' você que não escuta. No mundo há mais de um exército e mais de um Soberano. Você pensa que eu falo do Duque de Borgonha e de seus guerreiros. Não, Dionísio, estou falando do exército do Rei dos reis.

— Já percebi que você se tornou alegórico. Explique-me tudo.

— Não tenho muito que explicar.

— E' verdade que você se levanta às duas da madrugada?

— Em parte, é verdade, mas aos domingos nos levantamos à uma e meia, e nos dias de festa à uma da manhã.

— Mas por quê? Por que fazer tudo ao contrário? Deus fez a noite para descansarmos. Por que perturbá-la com cânticos e salmos? Isso é o que eu quero saber. Dizem que os senhores passam sete horas por dia na igreja e outras tantas

nos campos, trabalhando como servos, não comem mais que uma vez por dia e só um molho de ervas com vinho agüado e pão negro. Eu passo um ano pensando nessas coisas. Para mim, isso tudo parece um pouco ou muito absurdo. E' desumano. Por que defendem isso? Por que não vivem como os demais homens?

— Creio que um dos motivos é porque a maioria das pessoas não é como deveria ser, respondeu Geraldo rindo.

Depois, mais sério, prosseguiu:

— Você perguntou muitas coisas, Dionísio. Isso prova que pensou muito em nós. Afigura-me que se admirará se lhe disser que essas mesmas perguntas fiz a mim mesmo milhares de vezes desde que o vi pela última vez em Grancy. Sim, perguntei-me por que esses cistercienses fazem tudo ao contrário, como você diz. Quando os demais dormem, nós estamos despertos e cantando. Quando os demais procuram elevar-se de pôsto na vida, procurando subir, subir sempre mais, nós pomos os nossos esforços em descer. Enquanto os servos querem elevar-se a nobres e os nobres anseiam por tornar-se soberanos, nós que éramos nobres tornamo-nos servos e mais abaixo do que eles. Enquanto a maioria dos homens pretende libertar-se dos trabalhos manuais e do trato vil com o gado, com as sementes e com a dura terra, os monges de Cister não trabalham em outra coisa. O homem é social e procura sempre uma maior sociabilidade, nós procuramos o silêncio. Os homens mimam o corpo, servindo-lhe bons alimentos e os melhores vinhos, nós nos contentamos com o mais simples, o mais vulgar, o mais ordinário alimento. E' como você disse, fazemos tudo às avessas.

— E', concordou Dionísio. Exatamente às avessas. Por quê?

— Talvez seja porque a maioria faz as coisas ao contrário; as coisas de cima põem embaixo, as de dentro, fora. Diga-me: quantas vezes ocorreu a mim e a você volvermos nossos pensamentos até Deus quando púnhamos cerco a uma cidade ou atacávamos uma fortaleza? Quantas vezes ocorreu fazermos alguma coisa pelo Rei dos reis enquanto servíamos ao Duque de Borgonha?

— Sempre cumprimos nosso dever. Nunca nos apoderamos do alheio, nunca maltratamos os vencidos, nunca injuriávamos os fracos nem os indefesos. Pode-se dizer que os homens de Borgonha sempre foram retos, nobres e justamen-

te orgulhosos. A "Noblesse oblige" tem grande significado para nós, respondeu Dionísio com muito entusiasmo.

— Sei. Mas não me disse o que significa para Deus. Não compreende, Dionísio, que a maior parte dos homens servem a si mesmos? Não serve ao Duque, nem ao Ducado nem a Deus. Sejam os francos. Não foi o Duque nem sua causa que nos impulsionaram a sermos valorosos e a realizarmos proezas. Não se tratava de outra coisa que de obtermos glória. Olhe, Dionísio, se você ou eu tivéssemos nascido na Normandia, é bem provável que seríamos ingleses nesta hora.

— O que quer dizer com isso?

— Que todo soldado é um soldado da fortuna.

— Você tornou-se cínico, trovejou Dionísio.

— Não! Sincero, isso sim. Olhe: se estivéssemos estado na Normandia, teríamos voltado nossa atenção para a Inglaterra, onde o grande Duque Guilherme, o Conquistador, se fazia rei. Não é mesmo?

— Talvez...

— E sendo homens que amávamos a luta, não seria provável que tivéssemos cruzado o Canal para passarmos a um país que prometia luta?

— Provavelmente...

— Compreende então que teríamos feito o que qualquer soldado vagabundo faria, qualquer soldado assalariado, em busca de um combate, de fama, ainda quando nos chamassem de "homens fiéis a nosso soberano"?

— Bem! Mas que tem a ver tudo isso com Cister? E com os monges cistercienses? gritou Dionísio que começava a se impacientar.

—⁴E' o motivo de sua existência. A maioria dos homens, Dionísio, não procura mais que a si mesmos. Os monges cistercienses matam o "eu". A maioria dos homens busca a fama, a fortuna e a satisfação pessoal. E só. Os monges cistercienses somente buscam a glória de Deus. São muitos os homens que se convertem em deuses. Nós procuramos imitar a Deus. Agora, diga-me: quem tem os fins mais invertidos, o mundo ou os monges?

— Se o senhor leva as coisas até esse extremo, não pode haver mais que uma só resposta. Mas diga-me, Geraldo, não crê que há exagero? Há muitíssimas pessoas boas no mundo. Muitíssimas! E não há exagero em seu mosteiro? Há muitíssimos outros monges, que não comem como os se-

nhores, não dormem como os senhores, nem trabalham nem cantam como os senhores. Diga-me: sua vida é tão horrível como dizem por aí?

— Olhando do lado de fora, talvez pareça horrível; mas olhando-a por dentro, é um pedaço do paraíso.

— Está falando com sinceridade? perguntou Dionísio, mais com gesto da cabeça e com a luz dos olhos do que com a voz.

Geraldo tinha ficado sério. O sorriso tinha desaparecido dos lábios, e as leves rugas do rosto tornavam-no sombrio. Já não era o mesmo Geraldo do cerco de Grancy. Os catorze meses de vigílias e regime vegetariano converteram o robusto guerreiro num esbelto e emagrecido monge. Olhou profundamente o seu pequeno interlocutor e disse-lhe:

— Olhando a casca da fruta, nunca poderá saber a polpa que contém. Disse-lhe que Cister por dentro é um pedaço do paraíso; mas devo acrescentar que antes de se converter em tal é um pedaço do inferno.

Dionísio levantou-se de seu assento. Este era o antigo Geraldo. Fincou os cotovelos na mesa, inclinou-se para o jovem monge, cujo olhar parecia o de quem vislumbrasse os horizontes na distância e visse tétricas sombras.

— Alguém, Dionísio, resumiu o ano de noviciado em uma só frase que diz: “Esquecendo” o mundo e pelo mundo “esquecido”. Não é um mau resumo. Acertou com uma feliz escolha de palavras e uma escolha dos tempos. Esse “esquecido” é inapreciável. Se houvesse escolhido outro tempo do verbo, pareceria que o mundo nos custa a esquecer, mas sua lembrança é mais breve que um suspiro. Quando para cá viemos, produzimos certa sensação em nosso círculo de amizades, eu sei. Mas também sei que uma maioria, quase todos, exceto os mais íntimos, nos esqueceram. Somos “olvidados” rapidamente. Uns em doze horas, outros em doze dias, outros em doze semanas. Não importa. Isso nos abre os olhos para o que é verdadeiramente real. Isso nos mostra o amigo certo nas horas incertas.

Geraldo, antes de falar para seu amigo, parecia murmurar para si mesmo. Tinha o olhar fixo na janela, mas seus olhos olhavam sem ver. Depois virou-se para seu camarada:

— Mas “esquecendo o mundo” é outra coisa. Para isso são necessários mais que doze dias ou doze semanas. Talvez

mais de doze anos. Algumas lembranças são extremamente longas, Dionísio. E’ muito duro esquecer os amigos da infância, e mais duro ainda esquecer os da juventude. Muitas vezes vi você com os olhos da imaginação enquanto cavava a terra, enquanto cortava as árvores. Vi a Jorge, Maurício, Carlos e a todos aqueles que estavam conosco, cavalcando lado a lado e depois juntos no estrépito das batalhas. Sim... há coisas que não se esquecem facilmente!... Lembra-se... Mas não é bom revolver a lembrança... Só lhe direi que a emoção que fazia ferver o sangue em nossas veias quando conquistávamos uma posição era embriagadora. As vezes nos assalta essa embriaguez. Recordo o lugar que era meu e o que poderia ser. Recordo o sonho que norteou minha juventude e se converteu num ardente ideal quando me tornei homem. Digo-lhe que não esqueci o que queria ser. Não. Há coisas que não deixam nossa alma.

Geraldo fez uma pausa. Dionísio não ousava mexer-se. Tinha os olhos fixos no rosto do monge, sem deixar de perceber qualquer lampejo de luz ou qualquer sombra que nêle se estampasse. Naquele momento ouvia o que viera ouvir. Ouvia-o, porém, numa forma totalmente inesperada. A alma sincera de Geraldo falava com absoluta clareza e Dionísio estava cativo de sua narração.

O jovem monge levantou rapidamente os olhos depois de contemplar por longo tempo suas mãos e acrescentou:

— Suponho que gostaria de perguntar: por que permaneço aqui, se não posso esquecer completamente?

— Isso mesmo, respondeu logo Dionísio. E não só eu pergunto, mas um bom número de cavaleiros dos quais você não se esqueceu, com tanta facilidade como crê.

— Dionísio, falei-lhe como o nosso abade fala para nós. Durante os últimos catorze meses, uns foram cinza, outros azuis e outros ainda negros, profundamente negros. Mas aprendi alguma coisa da inversão do mundo e dos homens. Tornei a aprender o que minha mãe me ensinou; estou tornando a aprender o que você, eu, e todos nós professamos crer sempre. Estou procurando aprender e viver o “Credo” o qual freqüentemente nos limitamos a recitar.

— A que vem isso?

— Estou procurando viver só para Deus, procurando alcançar o Cristo. Deus criou-me para Ele. Criou-me para conhecê-lo, amá-lo e servi-lo. Aqui posso fazer as três coi-

sas. Dizem que os anjos no céu passam sua vida em profunda adoração. Procuro rivalizar-me com eles. E por isso digo que Cister é um pedaço do paraíso. Fora de seus muros só se percebe sua austeridade; agora deixei-o dar uma olhada para dentro a fim de você apreciar como é impressionante. Pode ser que a casca seja dura e amarga, mas quando se chega à polpa...

Geraldo suspirou e Dionísio mexeu-se no assento.

— Você fala como se estivesse extasiado, Geraldo.

— Procuro amar a Deus, e como êsse é o caminho seguro para fazê-lo, isso me encanta.

O pequeno cavaleiro levantou-se e deu uma volta pelo aposento.

— Então é preciso o senhor atravessar o inferno para depois entrar no céu?

— Mais ou menos assim, respondeu sorrindo Geraldo. Mas para não dizer isso em linguagem de acampamento, digamos que o Calvário é o preço que temos de pagar para a glória da Ressurreição.

— Mas por que sermos tão extremados, Geraldo? Por que tanto exagêro e tanta penitência? Êsse mosteiro sobressai como um farol.

— Sei e espero que seja assim mesmo. Você ainda não captou o segredo. Nós como que equilibramos o mundo e por isso temos de ser exagerados.

— O que quer dizer com isso, que equilibram o mundo? Geraldo fez um gesto com as mãos:

— No mundo há pecadores exagerados, não é mesmo?

Dionísio consentiu com a cabeça.

— Para igualar as coisas é preciso que haja penitentes exagerados. Nós somos êsses penitentes. Tentamos equilibrar os pecadores.

— Hum! resmungou Dionísio meditativo. Deu uns passos até a porta e virou rápido nos calcanhares. Encontrou-se com Geraldo.

— Espere um pouco! Há pouco me dizia que estava rivalizando com os anjos, que seu único trabalho era louvar a Deus. Dizia que sua vida era Deus unicamente. Agora me diz que vive pelo mundo, pelo mundo mau, para contrastar com os pecadores? Êsses dois objetivos parecem-me contraditórios, porque, em vez de equilibrar o mundo, é bem possível que os senhores se tornem a maior contradição do mundo.

E' melhor que o senhor decida, Geraldo. Era o homem de idéia fixa, mas agora... já não sei mais.

— Quantas pessoas há em Cristo? perguntou Geraldo, apontando o dedo para Dionísio que estava perplexo.

— Uma.

— E quantas naturezas?'

— Duas.

— Você acha alguma contradição nisso?

— Não! Mas que tem a ver isso com o senhor?

— Logo direi. Mas no momento tenho de alicerçar bem minha tese. Falamos que duas coisas podem estar numa sem contradição, não é mesmo? Agora responda-me a isto:

— Quem o criou?

— Deus!

— Quem o remiu?

— Deus!

— E quantos deuses há?

— Um!

— Então a criação e a redenção podem ser realizadas por um Deus só sem contradição?

— Claro que sim. Mas torno a perguntar: o que tem isso a ver com sua vida?

— Verá dentro de pouco, mas vai permitir que lhe pergunte se conhece o lema de São Bento, pois sabe que nós somos beneditinos.

— Sim, sei, embora não o sejam. Cluny é beneditino e os senhores são parecidos com os de Cluny, como a noite com o dia.

— Deixemos êsse ponto por agora, e diga-me se conhece o lema de São Bento, insistiu Geraldo.

— "Ora et labora", reze e trabalhe, traduziu Dionísio.

— Ambas as coisas em um só monge e sem contradição, acrescentou Geraldo com interesse. Agora lhe direi, Dionísio, que a oração *pode ser* trabalho e em certas ocasiões trabalho duro, enquanto o trabalho *deve ser* sempre oração. Logo, não é preciso dizer a um pecador como você que muitas vezes a oração se impõe como uma penitência... assim às vezes o "ora et labora" significa oração e penitência como você bem pode ver. E as duas ocupações formam a nossa vida. Com freqüência há intercâmbio entre elas. Mas o que você não chegou a compreender até agora é que o objeto e o fim de ambas é o mesmo. Rogamos a Deus que tenha

piedade dos pecadores e fazemos penitência por eles para aplacar um Deus ultrajado. E ainda quando pareça têmos dois objetivos em vista, a nossa única ambição é glorificar a Deus que nos criou com esse propósito. Compreende?

Dionísio fez sinal afirmativo com a cabeça, e Geraldo continuou:

— Nossas vidas são atos prolongados de adoração e reparação, e a mim parece que nossa reparação é o maior ato de adoração, e nossa adoração, a reparação mais satisfatória. Lutamos para fazer algo mais que rivalizarmos com os anjos. Temos a sublime audácia de dedicar nossas vidas ao único propósito de sermos como Jesus Cristo. Sua vida foi a adoração e a reparação perfeitas. Mas quem poderá afirmar com absoluta certeza se seu primeiro propósito foi o de glorificar o Pai ou de sacrificar-se pelo homem? A mim agrada pensar que ambos foram um e mesmo fim. E a única razão de eu vestir este hábito e lutar sob a bandeira de Cristo nesses pântanos de Cister é fazer o que Ele fez. Você já está vendo que continuo com minha idéia fixa. Continuo lutando para ser o melhor e mais valente cavaleiro entre todos, ou melhor, para ser como o maior Cavaleiro de todos os que lutaram para a salvação do mundo e para a glória de Deus.

Dionísio cobriu os olhos com as mãos, enquanto dizia:

— Estou escutando a Geraldo de Fontaines?... E' aqui onde lhe ensinam tôdas essas coisas? Parece-se com um combatente e fala como um combatente.

— E o sou realmente, Dionísio, não há dúvida. Sòmente que troquei de armas e mudei de exército e de rei. Isso é tudo. Continuo tendo meu ideal e minha idéia fixa, só que agora são mais elevados. Sabe suficientemente latim para compreender o significado dêste toque de clarim que é o: — "Domino Christo vero Regi militaturus"?

— "Combater por Cristo, o verdadeiro Rei"... traduziu Dionísio.

— Pois essa é a divisa dada por São Bento a todos os que vivem debaixo de sua Regra. Agrada-me essa palavra "militaturus". Nela ouço o entrecocar das espadas e das armaduras e o relinchar e escoicear dos cavalos. Cada vez que a ouço, parece-me estar numa batalha.

— Por Deus, Geraldo, você não mudou! Continua sendo humano. Não sabe como me agrada ouvi-lo falar assim! exclamou Dionísio com alívio.

— Já sei o que você está pensando, Dionísio. Você viu alguns homens diminuídos com hábitos de monge e creu que eram os verdadeiros. Não! São apenas caricaturas. Um monge é um seguidor de Jesus Cristo. Por isso tem que ser varonil, pois seu Chefe e Rei foi o maior homem do mundo. Venha comigo e vou mostrar-lhe os monges em suas tarefas.

Dionísio dirigiu-se para a porta com Geraldo. No momento em que ia abri-la, deteve-se e, pondo a mão no braço de Geraldo, disse:

— Promete que Bernardo não me falará?

— Nem Bernardo, nem ninguém lhe dirá uma só palavra. E' a Regra. Além disso, brincou Geraldo, não o julgo assaz forte para equilibrar o mundo. E aqui não admitimos ninguém a não ser homens hercúleos.

E saíram da sala.

Um homem só

Passaram-se dois anos. Geraldo encontrava-se em Clara-val sumamente preocupado. As árvores da ladeira conservavam apenas algumas folhas amareladas que tremiam sob o vento cortante que já cheirava a neve. As preocupações de Geraldo tinham sua justificativa. A despensa do mosteiro estava vazia e o inverno se aproximava. No ano anterior, o abade Estêvão Harding o enviara com seu irmão para fundar o nôvo mosteiro. Bernardo, nomeado abade, designou Geraldo ecônomo. Este não tardou em averiguar que o cargo de ecônomo quer dizer trabalho e preocupação, uma vez que se é responsável pelo andamento temporal do mosteiro. Tem de tomar conta da granja, das construções, do gado e até da lenha que é consumida. Sua obrigação consiste em cuidar que não faltem na despensa cereais, legumes; que no barril de vinho não falte este líquido, ainda que seja um vinho aguado. Que não falte o grão com que se possa fazer uma massa que depois de ser levada ao forno possa receber o nome de pão ainda que duro e prêto.

Geraldo viu nascer-lhe os primeiros fios de prata em seus cabelos no primeiro ano em que esteve em Clara-val. Agora, em fins de 1115, tinha a fronte sulcada de rugas.

Por mais que detestasse, não houve outro remédio senão bater à porta da cela de Bernardo e dizer-lhe:

— Reverendo Pai, estamos num verdadeiro apuro.

— Oh! exclamou Bernardo com um sorriso. Pensei que me vinha trazer alguma notícia.

— Estou falando sério, Bernardo, respondeu Geraldo sem corresponder ao sorriso do irmão. A despensa está praticamente vazia e vão chegar as neves.

— “Olhai os lírios do campo...”, começou Bernardo, sempre sorrindo.

— Sim, já sei, interrompeu Geraldo... “e os pássaros do céu”. Mas neste momento não há lírios nos campos e os passarinhos emigraram para o Sul. Sejamos práticos...

— Rezemos, retrucou Bernardo, alargando seu sorriso. De quanto necessitaríamos para o inverno?

— Assim no momento, não sei exatamente, reverendo Padre; mas creio que se tivesse umas doze libras poderia enfrentar o inverno com tranqüilidade.

— Eu não tenho nem um cêntimo, respondeu Bernardo. Mas tenho muita confiança em Deus. Volte para seu trabalho e eu me encarregarei de suas preocupações. Vou importar a Deus com orações.

Geraldo saiu da cela do abade e dirigiu-se para o bosque onde se encontravam os demais monges. Ao se aproximar deles, ia murmurando dentro de si:

— ... Marinheiro, confie em Deus, mas reme até a margem... Talvez seja porque eu não rezo bastante...

Algumas horas mais tarde, enquanto lutava com um grosso tronco, ouviu uma voz que lhe perguntava:

— E' o senhor o despenseiro daqui?

Geraldo deu um salto, deixou cair o tronco e contemplou o rosto sorridente de seu abade e irmão Bernardo.

— “Benedicite”, reverendo Pai, disse Geraldo gaguejando.

— “Dominus”, respondeu Bernardo.

— Assustou-me... disse Geraldo.

Enquanto subia para o lugar em que se encontrava Bernardo, acrescentou:

— Sim, eu sou o ecônomo deste mosteiro, porque meu irmão tinha de designar alguém para o cargo e não encontrou ninguém fora de mim. Por que me pergunta?

— Sabe contar?

— Antes eu sabia.

— Então conte isto.

Bernardo entregou-lhe uma pequena bolsa.

Geraldo abriu-a e, sentando-se sobre o tronco, começou a contar umas moedas. Quando acabou, olhou para Bernardo e perguntou assombrado:

— Onde arranjou este dinheiro?

— Quanto há?

— Doze libras! exclamou Geraldo.

— Quanto precisava para enfrentar tranqüilamente o inverno?

— Exatamente doze libras.

— E então?

— Então? Diga-me de onde tirou este dinheiro? suplicou Geraldo.

— Creio que não seja essa a resposta conveniente. Então confie sempre em Deus e, em vez de se importunar, importe a Deus com suas orações. Apenas me ajoelhei no oratório para contar ao nosso Rei o apuro em que nós nos achamos, apareceu André para anunciar-me que estava na portaria uma senhora desconhecida que desejava ver-me. Desci e encontrei uma senhora cheia de ansiedade e angústia. Disse-me só isto: Padre Abade, queira rezar por meu espôso que está muito enfêrmo. E antes que tivesse tempo de lhe responder uma palavra, depositou em minhas mãos a bolsa e, apertando-a, acrescentou:

— Aceite este pequeno obséquio. Creio que lhe será de alguma utilidade.

E foi-se embora sem dizer mais nada. Não abri a bolsa, Geraldo, mas sei que continha nossa provisão para o inverno.

Geraldo bateu no peito, dizendo:

— Eu não rezo bastante. Não confio bastante em Deus... Não...

— São muitas as coisas que não faz. E' um pecador terrível... acrescentou o irmão.

Nem essa brincadeira conseguiu apagar dos olhos de Geraldo uma onda de tristeza. Percebendo isso, Bernardo sentou-se a seu lado e disse-lhe:

— Sabe, Geraldo, quero que me dê alguma idéia para eu falar amanhã no capítulo. Estou estéril. Diga alguma coisa que possa interessar a todos, desde o velho Gauderico até Guido e nosso jovem primo Roberto. Pense em alguma coisa viril, em algo que os impressione.

— Conte-lhes exatamente o que acaba de se passar e diga-lhes que não sejam como eu. Eu não tenho bastante confiança.

— Já sei que não tem... Já me falou antes. E eu acreditei logo. Agora diga-me: qual é seu ideal? Quais são os pensamentos que mais o empolgaram? Qual é sua âncora de salvação quando reboia a tormenta?

Geraldo guardou a bolsa do dinheiro em seu bôlso, ali-sou o hábito:

— O senhor tem o dom de fazer as perguntas mais inesperadas, nos momentos mais inoportunos. Deixa-me embaraçado. Contudo lhe direi que o pensamento que mais me atrai é Jesus Cristo.

— E' demasiado vago, Geraldo, por demais amplo, comentou Bernardo.

— Não para mim. Quase todos os monges consideram esta vida como se fôsse "algo", não é mesmo? Eles têm o côro, o claustro, a cela, o jejum, o trabalho manual. Pense que essa perspectiva não só torna a vida desalentadora, mas até repugnante. Eu considero tudo como "Alguém". Para mim o côro está vibrante de cânticos com Jesus Cristo, em Jesus Cristo, e por Jesus Cristo. Meu cargo de ecônomo, com todo o trabalho e toda a preocupação que representa, não é mais que um cargo que me deu Jesus Cristo e que hei de cumprir por Jesus Cristo. Meu abade é meu irmão, sim, meu irmão Bernardo e meu irmão em Jesus Cristo. Compreende como esse ponto de vista muda tudo? Sei que me expressei mal, mas penso que dá para ter uma idéia, não é mesmo?

— Sim, compreendo a idéia e aprecio muito seu ponto de vista; mas isso só é possível sob a luz da fé.

— Ah! Bernardo, essa vida não pode ser contemplada sob outra luz! Se fôr contemplada só sob a luz da razão, é uma verdadeira loucura. Pelo contrário, se a contemplarmos como uma resposta às palavras de Cristo: "Vem e segue-me", então veremos como é a mais sublime sabedoria. Há de ser "Alguém" para não ser um suicídio lento e estúpido.

— Que maneira brusca que você tem de expressar-se, irmão.

Bernardo esmagou na palma da mão duas folhas secas.

— Melhor diria sincera que brusca, acentuou o ecônomo. Se contemplamos esta nossa existência como uma maneira de *viver*, estamos loucos. Mas se a contemplamos sob

o prisma do *amor*, de amar a Deus e de viver nêle, por êle, e para êle, podemos trabalhar, preocupar-nos, passar frio, calor ou miséria e até morrer de fome se preciso fôr, com o sorriso nos lábios e uma canção no coração. Porque então seria "Alguém" e não "algo".

— Chega! disse o abade, levantando-se. Se eu fôr capaz de dizer tudo o que você disse, e de dizê-lo do mesmo modo como disse, amanhã de manhã ninguém dormirá no capítulo. Agora volte para seu trabalho e não perca êsse dinheiro.

Sorrindo docemente, traçou o sinal da Cruz sôbre sua cabeça e se retirou.

Geraldo foi acompanhando-o com a vista enquanto se afastava por entre as árvores e quando desapareceu exclamou:

— Sim, senhor! Pedir a mim idéias, quando êle está saturado delas!

E com um olhar para o céu, que era uma ação de graças, continuou seu trabalho com o madeiro.

Geraldo visita a granja

Aquelas moedas deram para encher a despensa com o suficiente para que a pequena comunidade pudesse fazer frente aos rigores do inverno. Com a primavera e com a fama sempre crescente de Bernardo, as preocupações de Geraldo diminuíram, mas seu trabalho aumentou. Claraval começava a ser Claraval. Uma vinha ostentava suas bem traçadas parreiras numa encosta, enquanto na ladeira oposta os trigais ondulavam aos raios do sol. Atrás da abadia, em linhas retas, as árvores frutíferas e depois a horta recortada em canteiros. No meio serpenteava a água cristalina que descia do Aube, irrigando-a. As águas desembocavam no fundo do vale. Geraldo fizera o ofício de lenhador, de pastor, de granjeiro e até de pescador. Construíra canais, açudes, reprêas, utilizando as águas do Aube para irrigação, tanques de criação de peixes e para mover o moinho.

Na falta de homens, de cavalos e força motriz no vale da Luz, utilizou a força do rio e a obrigava a realizar mil tarefas diferentes e depois a devolvia ao seu leito natural com a satisfação de tê-la aproveitado bem. Mas as suas atividades não se restringiam às imediações do mosteiro, pois nas encostas pastavam rebanhos e nos campos o gado ses-

teava sob a sombra dos carvalhos e das tílias ou ruminava pachorrentamente as ervas verdes como esmeraldas colhidas às margens dos regatos. Geraldo era responsável por tudo aquilo. À medida que os anos transcorriam, os terrenos do mosteiro se alargavam e foi necessário construir granjas nos lugares mais distantes da abadia, uma vez que os empregados e os pastores não podiam voltar para casa à noite. Geraldo tinha de visitar todas essas granjas para certificar-se de que os irmãos estavam bem e que o trabalho ia para a frente. Enquanto cuidava disso, olhava aqui, dava ordens ali e perguntava-se rindo:

— Como é que dizem que nós os monges somos uns folgazões?

Um dia do ano de 1125, chamou um dos irmãos e disse-lhe:

— Amanhã, irmão Conrado, tenho de fazer visita a uma granja bem distante e quero que venha comigo.

O irmão fez uma inclinação com a cabeça. Na manhã seguinte, achava-se conversando com o prior do convento Godofredo de La Roche, parente da família de Fontaines. O prior apontou para sua cela e sacudiu a cabeça. Penetraram no edifício. Uns minutos depois o irmão saía com um embrulho cuidadosamente arrumado, oculto debaixo da capa. Geraldo reuniu-se com ele, pouco depois, perguntando-lhe:

— Está preparado?

O irmão fez sinal afirmativo.

— O que está levando aí? perguntou Geraldo, mostrando o embrulho que se achava perto do irmão.

— Algumas provisões para a granja. O prior aconselhou que as levasse.

Geraldo inclinou-se para verificar.

— A granja está distante e vai ser um dia muito quente. Mas não pesa muito. No caminho, podemos nos revezar. Quero que goze essa saída, irmão. Para mim representa trabalho, para o senhor não. O seu papel é de observador e de companheiro. Quero que admire as terras da granja.

O irmão agradeceu sorrindo e preparou-se para acompanhá-lo. Todos gostavam de Geraldo. Isso era inevitável, pois possuía entusiasmo, vigor juvenil e esbanjava simpatia.

Geraldo acertou em suas previsões. Foi um passeio muito longo num dia quentíssimo. Durante o caminho, pegou o embrulho do irmão mais vezes do que este desejava, porque

Geraldo era seu superior. Mas o que poderia fazer com um homem que sorria continuamente e dizia coisas agradáveis cada vez que lhe tirava o pacote das mãos? Quando desciam a última ladeira, e chegavam a um campo aberto, dando umas palmadas no embrulho que recebera das mãos de Geraldo, exclamou com um relâmpago de satisfação nos olhos:

— Vamos arranjar um lugar para isso, hein?

Como não os esperavam na granja, só se achava em casa para recebê-los o irmão cozinheiro. Alegrou-se muito em ver Geraldo e demonstrou isso, beijando-o nas faces, na autêntica maneira francesa. Depois encarregou o irmão Conrado de cuidar das panelas e do fogo, saiu precipitadamente do edifício, assobiou suavemente, e um cavalo veio logo num largo trote, acudindo à sua chamada. De um salto cavalgou o animal e dirigiu-se para o bosque. Vinte minutos mais tarde achava-se de volta com outros quatro irmãos leigos que saudaram Geraldo da mesma maneira efusiva que o cozinheiro.

O irmão Conrado mantivera-se distante durante esta cena, e até que a mesa estivesse pronta e cada um tivesse ocupado seu lugar, não desfez o embrulho que tão cuidadosamente ele e Geraldo haviam trazido. Dentre uma sortida provisória tirou uma garrafa de vinho do melhor de Claraval. Com grande cortesia depositou-a em frente de Geraldo, dizendo:

— O Padre Prior envia-lhes isso como surpresa.

Geraldo olhou para a garrafa e depois para o irmão:

— Para mim só?

— Tudo, até a última gota!

Geraldo sorriu, agradecendo-lhe. Arrancou a rolha e o som produzido fez com que dois dos irmãos lambessem os lábios.⁴ O sorriso de Geraldo alargou-se mais. Dirigiu-se para a vasilha onde guardavam a água potável e despejou nela até a última gota do precioso vinho. Depois foi tomando um por um os copos dos seis irmãos e os encheu, tirando o líquido da vasilha, dizendo:

— O Padre Prior lhes envia isto como surpresa, por meu intermédio. Experimentem!

E com mais alegria no rosto, voltou para seu lugar. Os irmãos juraram que nunca provaram água mais saborosa.

Conrado examinou a terra e deu suas abalizadas opiniões sobre ela. Achou que era boa, mas necessitava de um pouco de adubo. Geraldo examinou mais que a terra. Observou os irmãos, suas habitações, seus cavalos, o material de

que dispunham e um sem-fim de possibilidades do campo, o bosque, a cascata resplandecente, que ao saltar de pedra em pedra escachoava nas pequenas poças e cantavam uma líquida melodia; tudo o que se podia aproveitar foi observado por êle.

Foi uma tarde longa e proveitosa. Quando se dispunham a abandonar a granja, o mais velho dos irmãos aproximou-se de Geraldo. Estava encurvado. Tinha a cabeça inclinada para a frente. Mas quando levantou a vista, por debaixo de seus cílios esbranquiçados os olhos eram como dois oásis de paz, de pureza e de presença de Deus. Sua voz era débil e rouca, mas em suas palavras percebia-se a suavidade e delicadeza que só brotam das gargantas de quem amadureceu e envelheceu na íntima companhia de Jesus Cristo. Naquele momento perguntou com serenidade:

— Poderia dizer-lhe uma palavrinha?

— Claro, Hugo, respondeu Geraldo, com uma voz que não denotava o mínimo cansaço. Mas suponho que me dirá mais de uma palavra, porque sua presença recorda-me Fontaines e o som de sua voz evoca-me a lembrança de meus pais e de meu lar.

— Isso é o que eu queria dizer-lhe, Geraldo, respondeu suavemente e com carinho o ancião. Servi a seu pai e a sua família durante os melhores anos de minha vida. Quando vieram para Claraval tive de segui-los, pois para mim a vida era êles. Suponho que mais de um servo tem o coração estreitamente ligado a êles. Eu amava muito a seu pai. Êle era meu orgulho, meu ideal. Se o amei como cavaleiro, quase o adorei como monge. E o que quero dizer-lhe agora é que sua ação em nos distribuir vinho tão generosamente, com tanta simplicidade e bom-humor, fêz-me retroceder trinta anos atrás. O senhor o fêz como seu pai teria feito. Cada dia vai parecendo mais com êle, Geraldo, e tenho motivos para pensar que não é só fisicamente. Não creio ser atrevimento se lhe digo que peço todos os dias que o faça exatamente como êle. Êle era um santo.

Os olhos de Geraldo encheram-se de lágrimas, enquanto o ancião continuava falando. A única resposta que lhe pôde dar foi pôr-lhe as mãos sobre os ombros encurvados, sorrir-lhe entre lágrimas e beijar as faces enrugadas daquele humilde e santo irmão que em outros tempos fôra seu servo.

Bernardo faz um contrato com Deus

O irmão leigo teria ainda novos motivos para achar Geraldo parecido com o pai, se pudesse vê-lo em março de 1137, reunindo em Viterbo uma multidão de tôdas as categorias, com facilidade e encanto como o mais fino diplomata.

Aquêles que só vinham por curiosidade eram logo despachados por êle, se bem que com uma palavra amável de explicação. Pelo contrário, aquêles que traziam a alma chagada pela dor física ou espiritual, colocava-os de lado, enquanto aquêles que tinham algum assunto urgente, conduzia-os imediatamente ao reduzido aposento onde se achava Bernardo.

Geraldo adquirira grande experiência no manejo das multidões, porque essa foi sua missão em cada cidade da França e da Itália, onde Bernardo se detivera. Seu irmão nem sempre pregava ao povo; mas quando pelas cidades se difundia a notícia da chegada do abade de Claraval, o campeão do Papa Inocência II, as massas congregavam-se diante da casa em que se hospedava, pedindo clamorosamente para vê-lo. Geraldo servia de amortecedor para Bernardo, e recebia de cheio o impacto da multidão, que o abade quase não percebia.

Naquela manhã, em Viterbo, Geraldo, sentado diante duma mesinha, tomava nota dos nomes dos aspirantes. Fôra uma manhã muito agitada e sentia-se esgotado. Acabara de despedir uma mulher muito faladora e anotava sua petição apressadamente, quando um homem, colocado no último lugar duma longa fila, avançou para êle. Sem levantar a vista, Geraldo perguntou-lhe afavelmente:

— O que deseja?

A resposta foi surpreendente:

— Quero saber se tenho o pêso suficiente para equilibrar o mundo. Olhe-me, continuou dizendo o desconhecido, ao mesmo tempo que estendia os braços e dava a volta sobre si mesmo, de forma que Geraldo, ao levantar a vista, só pôde ver as costas do homem baixo envolto numa capa de peregrino.

Geraldo ficou surpreendido com a pergunta e intrigado pela voz do indivíduo, que parecia evocar à sua memória certas recordações. Estava certo de que não escutava essa voz pela primeira vez. Mas não podia dizer onde a ouvira.

— Este homem seria um religioso fanático ou um louco? perguntou a si mesmo, procurando coordenar os pensamentos que lhe surgiam na cabeça.

Contemplou aquelas espáduas algum instante e respondeu:

— Então quer equilibrar o mundo, hein? Duvido que seja possível. Deve saber que é bastante difícil.

— Já sei, replicou o peregrino. Mais difícil do que nós cremos. Contudo, conheço uns homens que o tentaram num pântano.

Geraldo convenceu-se de que se tratava dum demente, e como não desejasse provocar cena desagradável, decidiu ir para frente:

— E obtiveram algum êxito? perguntou.

— Sim! Pelo menos conseguiram enviar um pecador desde a França até Jerusalém, respondeu o peregrino, virando-se para seu interlocutor.

Geraldo pôs-se de pé de um salto, estendeu os braços e dirigiu-se para o peregrino:

— Dionísio! Dionísio! Dionísio!...

Sua voz estava comovida pelo assombro, alegria e grande afeto. Abraçou carinhosamente o velho amigo, perguntando enquanto lhe dava palmadas nos ombros:

— Que está fazendo? Como veio parar aqui em Viterbo, velho amigo?

— No momento estou-me deixando golpear por um amigo, por um monge doido que não faz idéia da força que tem, respondeu o peregrino com voz entrecortada.

Os circunstantes sorriam ante o encontro dos dois amigos. Todos eram latinos acostumados a essas efusões do coração; mas o vigor masculino e o calor que Geraldo demonstrava eram causa de admiração até para eles.

Geraldo teve a presença de espírito para lhes pedir desculpas e levar Dionísio para outro aposento. Quando lá chegaram, Geraldo tornou a abraçar o amigo, seu antigo companheiro de armas, dizendo:

— Quanto me alegro em vê-lo, Dionísio. Mas o que significa essa capa que traz?

— É uma longa história, Geraldo. Demasiado longa para lhe contar agora. A única coisa que lhe posso dizer é que sua família privou o Duque da Borgonha de um grande guerreiro e o fez atravessar montes e mares para visitar os lugares em que Cristo viveu e morreu. Mas ainda não me con-

verti. Não foi você quem conseguiu isso, nem o jovem Nivaldo, nem sequer seu pai. Mas cada um de vocês contribuiu para alguma coisa. Dediquei-me à meditação porque você se fez monge; porque seu irmão mais novo se uniu ao bando; porque seu nobre pai morreu no mosteiro. Mas o que me fez abandonar as armas e vestir esta capa de peregrino foi a entrada de sua irmã Umbelina no convento de Jully. Quando a vi abandonar tudo o que possuía, disse para mim mesmo: Dionísio, já é hora de você também começar sua viagem. E aqui estou. O resto, porém, de minha história terá de aguardar esta manhã para ouvi-la, se é que posso vê-lo ainda.

— Claro que poderá, respondeu Geraldo. Venha depois da missa. Mas...

— Sim. Estarei aqui quando a missa estiver terminada. Agora conte-me alguma coisa sobre você. Como está passando?

— Realmente não sei. Não tenho tempo para averiguar isso. Bernardo chama-se a si mesmo "a quimera do século", porque diz que não é nem monge nem secular. E tem motivos para dizer isso, já que está sempre em movimento. E como me designou para acompanhá-lo em todos os lugares, eu poderia chamar-me o "maior camaleão do mundo".

— Por que dar-se êsse título fantástico?

— Olhe Dionísio, na última vez que nos vimos, lutava para ser um contemplativo enclausurado. Para conseguir, tive de mudar de cores muitas vezes. Não acredita?

— De acôrdo. De guerreiro vermelho, converteu-se em pacífico monge branco.

— Realmente. E ainda não me convertera naquilo que queria ser e já me enviaram a Claraval. Uma vez aí, Bernardo nomeou-me ecônomo. Mais trocas de cor. Tive de ser Marta e Maria ao mesmo tempo, e apenas comecei a ser, meu irmão converteu-se na "voz do século", e me designou para seu porteiro plenipotenciário. Creio que já vi tôdas as cidades da França, Alemanha e Itália. Sou tão contemplativo enclausurado como você.

Dionísio achou muita graça nos gestos de Geraldo em seu rápido resumo da vida nos últimos vinte anos.

— Não sei se você é um "camaleão", Geraldo; mas tenho de reconhecer que troca de cores com a mesma rapidez como age. Não me cabe dúvida de que é o maior do mundo.

— Ah! exclamou Geraldo irônico. Já estava com medo de que fôsse contagioso.

— O quê?

— A expressão do rosto. Temo que estou pegando hábitos italianos de tanto conviver com eles. Aqui não é necessário conhecer o idioma. Basta observar os rostos deles para entendê-los. Falam mais com os olhos, com o movimento da boca e dos brancos dentes, do que com a língua. Fico fascinado quando os contemplo, e suspeito que me tornei como eles.

— Bem, Geraldo, sei que está muito ocupado, e quero que amanhã me reserve o dia livre para mim. Assim, deixo-o agora. Mas antes quero que me diga a verdade: — Bernardo é tudo isso que a gente diz dele?

— Não sei. Que é que dizem?

— No Oriente o chamam o "Taumaturgo do Oeste". Asseguram que faz milagres diariamente, quase todas as horas.

— Dizem bem, Dionísio. E grandes maravilhas também! Não lhe digo que faz milagre cada hora, nem diariamente. Mas eu não saberia dizer o número de milagres que realizou.

— Então é verdade?

— E' absolutamente verdade. Bernardo é amigo íntimo de Deus. Disto estou seguro.

— Por mil caracóis, por que se queixa então, dizendo que é um camaleão? exclamou Dionísio, com sua antiga fofosidade.

— Não me queixo. Estava explicando-me somente. Estou encantado de permanecer perto dele, ainda que fôsse só para defender sua pessoa dos pecadores como você.

— Como está seu coração, Geraldo? perguntou Dionísio sério.

— Não sei! Creio que está forte e trabalhando bem.

— Neste caso posso dizer-lhe sem temor...

— O quê?

— Que não precisa defender Bernardo muito tempo de mim. Quero vê-lo.

— Quer vê-lo?... Então perco outra vez!

— Perde o quê?

— Meu título! Meu título ganho à custa de tanto trabalho, lamentou Geraldo jocosamente. Eu já não serei o maior camaleão do mundo. O maior será você.

Os dois puseram-se a rir gostosamente. Enquanto Dionísio abria a porta, disse:

— Sim, creio que já mudei. Mas a culpa é da família de Fontaines. Até amanhã, Geraldo, e não se esqueça de reservar-me meia hora de entrevista com Bernardo.

— Isso eu não poderia prometer nem ao Papa Inocêncio, Dionísio. Mas farei todo o possível por um camaleão como você. Até amanhã e que Deus o acompanhe!

Na manhã seguinte, depois de ouvir missa, Dionísio voltou à residência, na qual penetrou sem dificuldade. Mas, em lugar de Geraldo, foi Bernardo, o abade de Claraval, quem o recebeu. Dionísio contou, mais tarde, a uns amigos que Bernardo o atravessou com um olhar e lhe disse ao vê-lo:

— Você é Dionísio, o antigo cavaleiro, atual peregrino e futuro monge. Geraldo delirou com você a noite toda.

— Delirou? perguntou Dionísio assustado, ao ver que o sorriso abandonava o rosto de Bernardo, e seus olhos refletiam a ansiedade.

— Sim, Dionísio, ele passou a noite delirando. Ontem, à tarde, sobreveio-lhe uma febre repentina, que nada e ninguém puderam debelar.

— E como está agora?... Posso vê-lo?

— Não, Dionísio, hoje não poderá vê-lo. Mas amanhã será outro dia. Geraldo estará suficientemente bom para poder ver o homem de quem tanto falava.

Dionísio olhou para ele com inquietação.

— Está certo disso?

— Sim, estou.

O abade acentuou a última palavra.

— Mas o senhor disse que ninguém pôde fazer nada...

Dionísio parou no meio, caiu de joelhos e exclamou:

— Reverendo Pai Bernardo, perdoe minha insistência. Mas sempre estimei tanto Geraldo...

— Levante-se, Dionísio, interrompeu-o Bernardo, abençoando-o. Compreendo perfeitamente sua insistência. E para tranquilizá-lo, dir-lhe-ei que esta noite fiz um contrato com Deus. Disse-lhe que necessitava de Geraldo nesta viagem. Disse-lhe que, se mo conservasse agora, poderia levá-lo em qualquer outra ocasião e de qualquer outra forma. Eu sei que Geraldo ficará bom ainda esta noite.

O peregrino, que ficara em posição de sentido diante da palavra imperativa de Bernardo, escutava a declaração do abade sobre o contrato que fizera com Deus com os olhos e a boca aberta. Em sua vida nunca ouvira ninguém com

tal reverência, com igual amor e igual atenção. Aquilo o assustava. Mais tarde afirmou que tal fato o fez sentir um temor santo, como aquêle que sentira ao pisar o monte Calvário pela primeira vez. Compreendeu que se achava na presença de um homem de Deus.

Bernardo percebeu seu espanto e aliviou a tensão ao dizer-lhe com um sorriso:

— Geraldo ficará encantado em vê-lo amanhã, Dionísio, e eu também estarei encantado em vê-lo em Claraval. Mas, diga-me: por que um cavaleiro tão valoroso como você não se uniu, há mais tempo, aos Templários da Terra Santa?

— Tentei fazê-lo, Reverendo Pai, mas não podia afastar de meus pensamentos o senhor, Geraldo e toda a família de Fontaines. E, além disso, temi continuar sendo mais guerreiro que monge, ainda que me revestissem da capa branca com a cruz vermelha sobre a cota de malha. Quando me ajoelhei diante do Presépio de Jesus, disse: “Se Cister permitiu a toda uma família de guerreiros converter-se em guerreiros de Cristo, o mesmo fará por mim”. Por isso voltei. E quando tiver liquidado meus negócios, peço-lhe que me receba.

— Não, não o fará. Não precisará pedir-me nada. Você é quem me fará o favor de continuar sendo o companheiro de armas de Geraldo.

Dionísio agradeceu-lhe emocionado. O abade, depois de abençoá-lo novamente, acompanhou-o até à porta para despedi-lo.

... *Ao encontro da morte com uma canção...*

Justamente um ano depois, Dionísio apresentou-se em Claraval, decidido a pedir como anunciara, ou a fazer um favor a Bernardo. De um modo ou de outro estava mais ou menos decidido a tornar-se monge. Esperou na pequena portaria, enquanto André, que reconheceu e acolheu cordialmente o antigo cavaleiro, fôra avisar Bernardo sobre sua chegada. O abade desceu e surpreendeu Dionísio com um forte abraço fraternal.

— Dionísio! Oh! Dionísio! Quanto me alegre em vê-lo!

Quando se separou do recém-chegado, tinha lágrimas nos olhos.

— Venha, amigo! Vamos à minha cela. Aqui não é lugar para conversas íntimas.

Dionísio seguiu-o através do saguão, subiram um lance de escadas e entraram num pequeno aposento abobadado. Uma vez fechada a porta, depois que seu hóspede se assentou, Bernardo sentou-se também. Apoiou os braços sobre uma pequena escrivaninha, e começou a dizer:

— Deus cumpriu o contrato, Dionísio. Dêste modo tenho de dar-lhe duplas boas-vindas: aquelas que Geraldo lhe teria apresentado e as minhas.

— Geraldo não está aqui? perguntou Dionísio sem perceber o sentido das palavras de Bernardo.

— Não! Está ausente. Está muito distante. Contudo, ao olhar para você, penso que está muito perto. Geraldo morreu, Dionísio.

— O quê? Morreu? perguntou Dionísio, apurando-se na cadeira como movido por uma mola.

— Sim, Dionísio, Deus é muito exato em seus contratos. Não se lembra de Viterbo? Disse a Deus que poderia levar a Geraldo em qualquer momento, contanto que mo conservasse durante aquela viagem.

— Sim, lembro-me... murmurou baixinho Dionísio.

— Pois não fazia muito tempo que regressáramos, quando Deus o levou. Foi uma coisa muito bonita.

— Conte-me, suplico-lhe...

— Para poder apreciá-la completamente, era preciso que estivesse presente. Mas gosto de falar sobre isso. Parece-me que o tenho mais perto de mim... Voltamos da Itália e pusemo-nos em cheio nos trabalhos, começou contar o abade, procurando melhor comodidade na cadeira. Durante nossa ausência, muita coisa ficou acumulada. Talvez por me achar absorto naqueles afazeres, esqueci o contrato. Talvez fôsse a bondade de Deus que me fez esquecê-la. Seja como fôr, o certo é que me esquecera. Até que uma noite me surpreenderam com a notícia de que Geraldo estava morrendo. Nosso enfermeiro não é homem pessimista e já atendeu a muitos irmãos para reconhecer quando a morte está próxima. Por isso compreendi que sua chamada era importante. Apressei-me em descer e, enquanto voava escadas abaixo, encomendava-o a Deus. Recordei-me do contrato que fizéramos em Viterbo. Eu propusera os termos do contrato e ele os aceitou. Agora não me restava outro remédio que verificar como se cumpriria. Tudo foi como um relâmpago; ao atravessar o saguão, roguei a Deus me permitisse falar as últimas pala-

vas com Geraldo. Ao chegar à porta, fiquei parado, assombrado, porque ouvi que ele cantava... Sim, estava cantando, Dionísio. Cantando enquanto a morte se avizinhava! Pensei que talvez estivesse delirando. Mas não! Quando entrei, olhei-o nos olhos. Estavam fixos, radiantes, cheios de júbilo. Cantava o salmo 148. Ainda me parece ouvi-lo...

Bernardo fez uma pausa. Seus olhos também estavam claros, radiantes, jubilosos.

— “Aleluia! Louvai a Javé, nos céus; louvai-O nas alturas”. Cantava com voz clara e suave. Isso é o que nosso Geraldo cantava enquanto morria, e cantou até o fim. Quando terminou, olhou para mim e, sorrindo, disse-me:

— “Isto é o fim, Bernardo!” E repetindo as palavras do Salvador disse: “Em vossas mãos, Senhor, encomendo meu espírito”.

Ungi-o. Quão formosas são as palavras dêsse Sacramento! Naquela noite, enquanto traçava o Sinal da Cruz com o Óleo Sagrado sobre os cinco sentidos de meu irmão, senti um rasto de fogo em minha alma. Quando terminei, inclinado sobre ele, murmurei: “Geraldo!” Abriu os olhos, tornou a fechá-los e repetiu como um murmúrio: “Meu Pai! Meu Pai! Meu Pai!” Custava-lhe pronunciar algumas palavras e o fazia em voz baixa. Mas suas palavras estavam impregnadas de amor, admiração e santo temor. Tornei a chamá-lo: Geraldo, Geraldo!? Voltou-se para mim e, com um último olhar de admiração, exclamou: “Oh! Bernardo! Como... Deus... é bom... conosco, porque é... nosso... Pai!” e caiu para trás morto.

Ditas essas palavras, as mãos de Bernardo caíram sobre a escrivaninha, e ficou com os olhos fixos no vácuo. Dionísio compreendeu que estava contemplando o rosto de Geraldo. Não quis interromper aquele momento. Por fim sussurrou:

— Sim... uma morte belíssima.

— Realmente! Mas devo dizer-lhe, Dionísio, que pôde ser tão bela, porque sua vida foi igualmente bela. Geraldo sempre foi um homem de idéia fixa. Durante anos só pensou em Cristo como seu Rei e Chefe, considerando-se um soldado em seu exército. À medida que os anos iam passando, foi-se tornando dia a dia filho de Deus. A morte surpreendeu-o como o sono surpreende uma criancinha muito cansada, que ama e confia totalmente no pai. O sobrenatural é o

mais natural, Dionísio, e Geraldo compreendeu o seu segredo.

O abade depois disto guardou silêncio. Dionísio pôs-se de pé, erguendo sua reduzida estatura. Cerrou os dentes. Bernardo viu o guerreiro profundamente emocionado, e perguntou-lhe, surpreendido:

— Vai-se embora?

— Se me permite, Padre, desejaria estar alguns instantes só.

Bernardo compreendeu. Os dentes apertados e os lábios contraídos de Dionísio eram expressivos. O sábio abade descendeu com doçura:

— Fique sozinho se deseja. Ou se prefere, vá conversar um pouco com André. Ele lhe mostrará o mosteiro e os arredores.

Dionísio agradeceu com um sinal da cabeça e saiu.

Desceu as escadas, bem mais lentamente do que subira, sentindo que a solidão se apoderava de seu coração, ao pensar quantas vezes Geraldo havia subido aqueles mesmos degraus, absorto em Deus, seu Rei e seu Pai. Ficou uns minutos no saguão. Compreendeu logo que necessitava falar sobre Geraldo com alguém. Dirigiu-se à portaria à procura de André. Encontrou-o, dedicando-se ao estudo de algumas notas.

— Que está fazendo, André? perguntou num tom de voz o mais alegre possível.

O porteiro levantou os olhos, surpreendido.

— Bernardo enviou-me a falar um pouco com você. E' para me mostrar meu futuro lar.

— Vai ficar aqui?

— Sim. Tem alguma coisa contra?

— Absolutamente não! Salvo que certamente recordará a Bernardo alguém a quem muito amou.

— Refere-se a Geraldo? Bernardo o amava muito, não?

— Muito mais do que alguém pode supor. Justamente agora estava repassando o panegírico que fez dêle no capítulo. Um dos monges o copiou. E' o transbordamento de um coração amante. Pegue-o e leia-o enquanto atendo a essas pessoas.

André entregou ao postulante uma página de escrita miúda.

Dionísio sentou-se na cadeira que André desocupara e foi lendo com ansiedade:

... "Até quando terei de dissimular? Quanto tempo ainda poderei ocultar dentro do meu peito o fogo que consome meu coração esstraçalhado?... Que tenho a ver com o "Cântico dos Cânticos", quando me acho submerso num oceano de dor? Até agora violentei meus sentimentos, lutei por ocultar minha dor, para não parecer que a fé sucumbira ante o carinho natural. Por isso enquanto todos vós choráveis, eu era o único que não vertia uma lágrima. Com os olhos secos segui o féretro; com os olhos secos permaneci diante da tumba até que se cumprisse o rito sagrado. Com os meus próprios lábios pronunciei sobre o cadáver as palavras do ritual. Com minhas próprias mãos atirei o primeiro punhado de terra sobre o corpo do meu amado Geraldo, que em breve não tardaria em converter-se em terra. Os que me observavam, choravam, perguntando por que eu não chorava... Procurei resistir a minha tristeza com todas as forças que a fé me podia proporcionar. Mas, meus irmãos, devo confessar-me vencido e dar rédea solta à minha imensa dor... Sabeis, meus filhos, como é razoável essa dor, e quão digna de lágrimas a perda que sofri, pois todos sabeis o amigo fidelíssimo que foi arrebatado de meu lado... Era meu irmão pelo sangue; mas muito mais pela profissão religiosa... Compadeci-vos de minha sorte, vós para quem esse transe é desconhecido! Eu era débil de corpo, e ele me sustinha. Eu era covarde, e ele me alentava. Eu era descuidado e negligente, e ele me estimulava. Eu era esquecido e pouco previdente, e ele tomava e dirigia tudo... Oh! por que te afastaste de meu lado? Por que foste arrebatado dos meus braços? Se nos amávamos tanto em vida, por que nos separou a morte? Oh! divórcio cruel, que só a morte tem poder para provocar... Por que estivemos tão unidos pelo carinho fraternal? E se estávamos, por que teríamos de nos separar? Oh! tristíssima sorte! Mas digna de compaixão é a minha, e não a tua. Porque tu, meu irmão, se te separaste de alguns entes queridos, estás agora unido com outros mais amados. Mas qual poderá ser o meu consolo se te perdi, tu que eras meu único apoio? Quem me dera uma rápida morte para em breve te seguir! Eu não saberia invocar a minha morte antes da tua, pois isso te prejudicaria, atrasando tua entrada na glória. Mas sobreviver-te não é mais que dor e trabalho. Enquanto viver, viverei na amargura e na tristeza. Correi, então, lágrimas sentidas, pois aquela que com sua presença evitava que queimásseis

minhas faces, já não está neste mundo. Derramai vosso amargo rio para lavar a hediondez de meus pecados que provocaram a justa cólera dos céus... E vós, os virtuosos e santos, dai-me vossa indulgência. Choro e lamento a perda de Geraldo. Minha alma estava soldada à sua. Mas uniam-nos menos os laços das inteligências, que a harmonia das vontades. Quem poderá impedir-me de lamentar sua perda? Senti desprenderem-se minhas entranhas, e por mais que se me diga: "não lamente", tenho de lamentar, porque minha fortaleza não é a fortaleza da pedra, e minha carne não é bronze. Confesso minha pena, e não me importa que me chameis carnal. Não nego que seja humano. Não sou insensível à dor, e o pensamento da morte, aproximando-se de mim ou dos meus, horroriza-me. E Geraldo era meu, totalmente meu... Choro por ti, meu amado Geraldo, não porque tua sorte seja digna de lástima, choro porque te foste de meu lado... Oh! se Deus me concedesse a certeza de que não te perderei para sempre, mas que tu somente te adiantaste! Se Deus me quisesse dar a certeza de que, embora tarde, um dia poderei unir-me a ti lá onde estás! Que ninguém me venha dizer que não devo permitir que o pesar natural se apodere de mim! O bom Samuel entregou-se à sua dor pelo réprobo rei Saul, e o piedoso David, pelo traidor Absalão... E eu, em minha desgraça, choro por alguém maior que Absalão. O próprio Jesus Cristo, contemplando Jerusalém e prevendo sua sorte futura, chorou sobre a cidade. Por que não tolerar que eu sinta a minha própria desolação que não é futura, senão presente?... Por que teria eu de permanecer insensível ante minha ferida recém-aberta? E' indubitável que posso chorar de dor, posto que Jesus chorou de compaixão. Na tumba de Lázaro, nosso Salvador não repreendeu quem chorava, mas, pelo contrário, uniu suas lágrimas às deles. "E Jesus chorou", escreve o Evangelista. Aquelas lágrimas divinas não significavam desconfiança, e sim davam testemunho da realidade de sua natureza humana. Depois chamou prontamente o morto à vida. Tampouco meu pranto é sintoma de debilidade de minha condição. Que chore por haver sido golpeado, não revela queixa contra quem me golpeou. Não! O que faço é apelar para sua compaixão, esforço-me para adoçar sua severidade. Por isso, ainda que minhas palavras sejam imensamente tristes, não envolvem a menor queixa. "Vós sois justo, Senhor, e retos vossos juízos". Destes-nos Geraldo e o arrebatastes.

Ao lamentar sua ausência, não nos esquecemos de que foi somente um empréstimo... Mas agora minhas lágrimas obrigam-me a terminar..."

André regressava no momento em que Dionísio lia essas últimas linhas. Contemplou por um instante seu busto inclinado, sem dizer uma palavra. Quando Dionísio levantou a cabeça, André viu seus olhos arrasados pelo pranto, e perguntou-lhe com doçura:

— Que aconteceu?

— Acabo de ver o coração dolorido de um irmão. Se alguém me tornar a dizer que Bernardo de Claraval é duro e sem sentimentos, eu juro que o mato...

E através de suas lágrimas relampejou em suas pupilas o ardor do homem valoroso profundamente comovido.

— Precisa saber, Dionísio, que muito mais que a morte de um irmão, choramos a morte de um santo. Se o Evangelho estiver certo, Geraldo recebeu do mais justo dos juizes a coroa da glória. Não tinha êxtases como São Paulo. Não fez milagres como São Pedro e demais apóstolos. Mas indiscutivelmente percorreu o caminho traçado por Jesus... o caminho ordinário.

— O caminho ordinário? Que quer dizer?

— Refiro-me ao caminho de Nazaré. O caminho que Jesus e Maria percorreram durante trinta longos anos. Ordinário, vulgar. Quando Jesus começou as pregações, os nazarenos mutuamente se olhavam admirados. Conheciam-no desde muito tempo e chamavam-no simplesmente: "o Filho do carpinteiro". Essa é a revelação que dá sentido às nossas vidas, Dionísio. Geraldo vivia tão recatado como Jesus, contudo podia dizer como o Mestre que sempre fazia as coisas que eram agradáveis ao Pai. Dessa forma nos ensinaram a caminhar. Assim caminharam sempre meus irmãos. E dessa forma deve caminhar você também se ficar em Claraval.

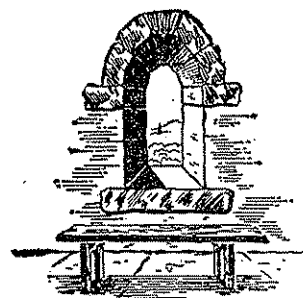
— Oh! creio que ficarei, sim, exclamou Dionísio com veemência. — Para ser como Geraldo, se não me atrevo a ser como Jesus.

* * *

No dia 1º de julho de 1702, a Congregação dos Ritos aprovou um Ofício em honra do "homem da idéia fixa". As As lições para as Matinas foram tomadas da apologia de Bernardo. Em 1871, Pio IX aprovou uma missa belíssima em honra de Geraldo, que é rezada no dia 30 de janeiro de cada ano. Parece uma combinação do amor fraternal de Bernardo, da impetuosa decisão de Dionísio e dos conceitos que Geraldo tinha como "homem de idéia fixa", pois nela se pede a Deus poder servi-lo na terra com absoluta unidade de propósito e mérito para encontrá-lo no céu como nossa única glória.

PARTE III

Bernardo



CAPITULO ÚNICO

O HOMEM QUE SE ENAMOROU DE DEUS

“... pouco aproveitará a um homem seguir a Cristo se não consegue alcançá-l’O”.

NÃO TENHA MÊDO da cabeça do escorpião, Umbelina. O veneno está na cauda.

— De qual dos meus admiradores você está falando, “Olhos Grandes”?

— De nenhum. Não faço outra coisa senão generalizar... Sòmente generalizar. Mas não se esqueça de que cada adulator é um mendigo, ainda que na conversa não peça nada.

— Bernardo, você está procurando dizer-me alguma coisa, mas não o entendo. O que estará querendo dizer?

— Só isto, irmãzinha: tenha sempre por suspeito o amor que parece sustentar-se sôbre a esperança de conseguir alguma coisa.

— Todos os amôres, Bernardo, esperam conseguir alguma coisa, e todos os amantes procuram uma amada. O amor absolutamente desinteressado é igual à amizade platônica e ao altruísmo...; palavras para um dicionário, não realidade da vida.

— Você, Umbelina, fala como um filósofo pessimista.

— Falo como uma mulher otimista. Não se esqueça de que o amor quer possuir e conservar. Olhe! Quem vem cavalgando por essa avenida ensolarada, galhardo como Godofredo de Bulhões e, provavelmente, julgando-se dez vezes mais nobre e cem vezes mais orgulhoso? Pois é um exemplo de amante que quis obter alguma coisa e a obteve.

Bernardo olhou para a direção indicada por sua irmã e no fundo da avenida banhada pelos raios do sol poente que acariciavam as moitas de tomilho da colina vizinha, viu aproximar-se um corcel que, evidentemente, herdara o espírito de seu cavaleiro, pois trotava até à entrada do castelo com a cabeça erguida, o pescoço orgulhosamente arqueado e as crinas ao vento.

— E' André! exclamou Bernardo. Nosso inflamado cavaleiro! Eu julgo que cavalga consciente de sua dignidade, não é mesmo? Abriu alguma vez o pavão sua cauda real com mais orgulho?

— Bernardo, às vezes me pergunto como você pode querer bem à gente, com essa língua e essa imaginação perversa. Faltam para André motivos para estar orgulhoso? Apesar da fama desta terra por causa de seus rijos e bravos guerreiros, quantos homens foram armados cavaleiros em Borgonha antes de completarem os dezessete anos? Sinto-me tão orgulhosa de meu irmão mais novo, que já é um homem tão grande, que só sua presença me agita o sangue e me acelera o pulso.

— Você deveria ter nascido homem!

— Às vezes creio que realmente o sou, respondeu Umbelina rindo-se. E isso não é para estranhar, já que em minha família não nasceram senão homens e só com eles pude brincar e conversar. Confesso que ser a única mulher numa família de sete filhos é humilhante.

— Sim, sei disso, Umbelina. Humilhante para nós! Nosso pai fêz-nos tratá-la sempre como se fôra uma rainha. E quanto a nossa mãe... Ai! mãe, mãe querida...

Seguiu-se uma pausa. Os irmãos viram da torre do castelo uma paisagem que teria encantado um artista. Mas nenhum deles se deu conta da maravilha da encosta dourada, que hoje em dia se chama "Côte d'Or", porque ambos ficaram absortos, recordando sua doce mãe, enterrada poucos meses antes.

— Ela lhe faz muita falta, não é mesmo, Bernardo? perguntou Umbelina com voz meiga.

— Muito mais do que se pode imaginar, apesar de ser você minha "irmã favorita".

— Entendo o que quer dizer, Bernardo. Posso dizer o mesmo de você. Por sua surpreendente compaixão e compreensão, você foi sempre um "irmão" para mim. Guido deixou de pensar em mim quando se enamorou. Geraldo tem sempre uma idéia fixa, e esta não sou eu. E André, Bartolomeu e Nivaldo são ainda muito crianças para me compreenderem e compreenderem minhas "coisas". Só nossa mãe e você...

— Venha aqui, Umbelina. Sente-se perto de mim. Tenho de lhe dizer uma coisa. Precisava trazê-la a este aposento da torre, que é meu confessionário. Quando chego aqui em cima e contemplo essa planície que se estende até o horizonte impreciso do Jura e os mágicos pântanos alpinos, penso com mais clareza e me sinto muito mais perto de Deus. Parece-me que necessito retirar-me do bulício do pátio das armas do castelo para poder fazer alguma confidência. Com nossa mãe vinha muitas vezes sentar-me aqui. Olhávamos as paisagens distantes, o povo rival de Talent, e falávamos da paz, ou dirigíamos a vista até a cidade de Dijon e falávamos da Cidade de Deus. Outras vezes contemplávamos as vinhas que se derramavam a nossos pés, enraizadas nesse rico solo que se veste com as côres do pôr-do-sol e falávamos d'Aquêle que disse: "Eu sou a videira e vós os ramos".

Bernardo levantou-se, aproximando-se da janela com o rosto cheio de ansiedade:

— Quão formosa é a "Côte d'Or"! Realmente é uma encosta de ouro, não é mesmo? Quando contemplo as uvas e os rebentos das videiras e subo até a encosta sombreada de árvores, fico emocionado como você ficou há pouco quando viu André cavalgando na avenida ensolarada. Oh! Borgonha! Oh! Borgonha, terra de meu orgulho! Terra de homens bons e de bons vinhos! Terra onde todos se chamam irmãos

ou parentes, em cujos ares se respira cordialidade! O Ducado onde quase nunca reina a paz, mas em que não falta a prosperidade! A pátria da caridade e do cavalheirismo! Minha Borgonha, terra coroada de altivos castelos que se levantam entre a França e o Império, fecunda mãe de homens fortes e de nobres mulheres!

Umbelina parecia beber com os olhos a formosa paisagem: vinhedos, pomares, colinas coroadas de castelos, a encosta mais ao longe, e a mancha azul das montanhas do Jura. O sol poente caía sobre a rica terra, afogando-a em luz. Umbelina permaneceu um instante silenciosa. Depois perguntou:

— Você gosta muito da Borgonha, Bernardo?

— Sim, Umbelina. Amo-a e tenho de a deixar.

— Que está dizendo?

— Você viu André voltar, não? Vem chegando de Grancy, onde os homens da Borgonha se preparam para a batalha. Amanhã mesmo irei a Grancy para dizer a papai, a Guido, a Geraldo e a tio Gauderico que não penso ir às escolas da Alemanha, mas ao mosteiro de Cister.

— Bernardo, quantas vezes discute você as coisas? Guido e Geraldo não o convenceram? Não lhe demonstraram nosso pai e o tio Gauderico que todos o indicavam como o melhor aluno das escolas? Pensei que o haviam persuadido de que, se continuasse obstinado em fazer-se monge, deveria ir a Cluny. Não é bom para você tornar a repisar esse terreno que está mais que batido. Que aconteceu?

— Umbelina, dirija sua vista até as colinas e mais para além do bosque e medite comigo. A quinze milhas ao Sul daqui, nas profundidades de um bosque onde geme o vento e as árvores suspiram, existe uma colônia de homens com uma só ocupação em sua vida. Para mim eles são os verdadeiros cavaleiros da Borgonha, apesar de muitos deles terem sido servos. São eles que sustentam o verdadeiro torneio que vale a pena; são eles que travam a única batalha digna de verter sangue; os que guerreiam pelo único Rei ao qual todo o homem deve guardar fidelidade eterna.

Respirou e continuou falando com paixão:

— Houve mudança no mundo e nós crescemos, Umbelina. Quando éramos crianças, não havia para mim, fora de papai, outro herói que Godofredo de Bulhões. Lembra-se como partiram nossos cavaleiros na primeira cruzada? Lembra-se

da ansiedade com que transcorreram aquelas primeiras semanas e meses? Agora sabemos que todos os pensamentos e corações da França se achavam no Oriente. Chegaram notícias que fizeram vibrar de júbilo todo o castelo. Os velhos, rejuvenescidos, prorromperam em gritos de guerra e lágrimas. Recordo nossa mãe ajoelhada em oração durante horas e horas como uma estátua de pedra. Jersualém tinha sido conquistada e Godofredo de Bulhões proclamado rei. Nosso mundo teve consciência de Deus naqueles anos, Umbelina. Os guerreiros tinham um ideal para combater. Queriam conquistar o sepulcro de Cristo, e nasceu um cavaleirismo de Cristo. A guerra civilizava a nossa pátria, enobrecia nossos cavaleiros e fazia estremecer as consciências que pareciam atrofiadas. Lembra-se?

— Não me havia de recordar? Como poderei esquecer? Embora muito menina, estive nesta torre, junto com nossa mãe, vendo como o Duque Oto de Borgonha se afastava, em seu cavalo, para nunca mais voltar.

— Mas voltou, Umbelina. Agora está aqui.

— Somente seu corpo repousa no mosteiro desses monges dos quais você tanto fala, e aos quais ele amava com todo o coração.

Bernardo viu sua oportunidade, e apressou-se em aproveitá-la.

— E por que os amava, Umbelina?

— Você sabe muito bem disso! Muitas vezes ouviu que nosso pai foi chamado pelo Duque o qual lhe disse: "Barbaruiva, finalmente temos santos em nosso Ducado. Lá, nas profundezas dos bosques pantanosos de Cister, há um grupo de gigantes espirituais. Haveremos de ajudá-los de todo o modo possível. Deus está perto. Eles O encontraram".

— Por isso, vou para Cister. Vou em busca de Deus. Vou para fazer-me santo.

— Fazer-se santo? Você? Vamos, Bernardo, não seja ímpio!

— Não fale assim, Umbelina. Não pensa o que está falando. Talvez muitos chamassem humildade essa sua atitude. Mas não é. Aproxima-se da estupidez. A você, a mim e a todos os mortais foi concebida a vida só para um fim. Creio que já chegou a hora de deixar de brincar com a vida e de dedicar-me a viver seriamente. Vou em busca de Deus. Vou para me tornar santo. Para isso fui criado.

— Não se exalte, Bernardo! disse-lhe Umbelina ao ver que seu rosto se incendiava e que seus olhos despediam chamas.

— Não me exalto, Umbelina. Pelo contrário. Quando subimos a esta torre, estava disposto a dar-lhe alguns conselhos sobre o amor e sobre os amantes, pois são muitos os cavaleiros que a cortejam, e nem todos são do meu agrado. Mas em vez de falar-lhe do amor, quero falar-lhe da vida. E' a mesma coisa, se bem que poucos o percebam. Vou dizer-lhe que Deus é vida e que Deus é amor. Mas quantos de nós mortais refletimos sobre isso? E' triste dizê-lo; há muitos entre os homens que não O procuram e não O compreendem; êsses para mim estão mortos. Há outros que O compreendem, mas não O buscam; a êstes eu chamo ímpios. Outros, por fim, O compreendem e O buscam; êstes são os santos. Eu quero ser um dêles.

Umbelina levantara do chão uma lança quebrada. Fê-la girar nos dedos, enquanto seus olhos tinham uma expressão ausente de quem se encontrasse imerso em profundos pensamentos. Finalmente, perguntou:

— Diga-me, Bernardo; só em Cister se pode achar a Cristo?

— Não! Não é isso que eu quero dizer. Só que Cister é o lugar mais seguro para mim. E' onde posso procurá-lo. Talvez o único lugar onde O poderei encontrar.

Fêz uma pausa e depois continuou:

— Umbelina, sempre acreditei que nós dois fôramos os amigos mais íntimos do mundo. Mas agora eu pergunto se realmente você me conhece. Sabe do incêndio que abrasa minha alma? Diga-me, como costumam chamar a nosso pai?

— Tecelino, o Barba-Ruiva.

— Justamente. E acrescente a isso, que o Duque de Borgonha jamais perdeu uma batalha quando Tecelino, o Barba-Ruiva, combateu a seu lado. E que sabe sobre a família de nossa mãe?

— Alice de Montbar, respondeu Umbelina, erguendo inconscientemente a cabeça, é descendente dos Duques guerreiros de Borgonha.

— Muito bem. Tal é a nossa linhagem. Descendemos de uma raça de conquistadores. Olhe seus cabelos, ou melhor, olhe-se no espelho. Contemple sua cútis transparente, e pense o que significa, Umbelina. Nós somos filhos do sol do

Meio-dia. Nossos antepassados vieram com certeza dos bosques do Norte. Somos franceses pela cultura, mas borgonheses pelo sangue, e isso significa paixão. Você acredita que as mulheres foram feitas exclusivamente para o amor. Eu lhe digo que o mesmo ocorre com o homem. A paixão, Umbelina, é um agente transformador, pode fazer do homem um animal ou um anjo. E a paixão é minha força e minha fraqueza.

— O que quer dizer com isso?

— Se você se conhece, Umbelina, precisa conhecer-me também. Diga-me: fiz eu alguma vez uma coisa pela metade?

— Nunca. Nossa mãe dizia sempre que seu espírito era demasiado feroso para sua constituição franzina. De outro lado, nosso pai insiste que você não é um valente, mas um louco.

— Aí você tem o que eu quero dizer. Hei de pôr tudo o que tenho e o que sou e o que posso ter no que quer que eu faça. Nisso estriba-se minha força e minha fraqueza.

Umbelina parecia perplexa. Com certa vacilação, disse em voz baixa:

— Não consegui compreendê-lo...

— Olhe, Umbelina, em Châtillon-sur-Seine, aprendi alguma coisa mais que latim. Realmente aprendi muitas coisas que os bons sacerdotes não nos ensinaram nunca, e uma delas é que ser sacerdote é um perigo.

— Você fala como um herege, Bernardo.

— Falo como irmão de Umbelina de Fontaines, um irmão que conhece a si mesmo e conhece suas fraquezas. Você já ouviu falar de Suger, não é mesmo?

— Refere-se ao monge de Saint-Denis?

— Refiro-me ao embaixador real. Abandonou seu lar para se fazer favorito do rei.

Umbelina olhou fixamente para o irmão.

— Claro que não! Abandonou seu lar para se fazer monge.

— E é monge agora? perguntou Bernardo, sem tirar a vista da árvore distante, que estivera contemplando.

— Você quer dizer que agora está bastante comprometido com os assuntos do Estado?...

— Quero dizer que tanto êle como muitos prelados estão escravizados, afirmou Bernardo em um tom amargo. E' por isso que vou para Cister.

Voltou-se para a jovem e acrescentou:

— Vamos falar um pouco de História. A História diz que depois da queda do Império Romano, a Igreja absorveu as nações bárbaras do Norte, instruiu e realizou o paradoxo de uma “civilização bárbara”. E’ indubitável que naqueles primeiros tempos a Igreja santificou o Estado. Ninguém pode pensar em Clóvis, em Pepino ou em Carlos Magno, ou estudar o desenvolvimento gradual das nações do Oeste, sem maravilhar-se com o gigantesco papel representado pela Igreja na formação de nosso mundo. A Igreja santificou o Estado; agora, Umbelina, o Estado está secularizando a Igreja.

— Exagêro...

— Ê?... Pois ia dizer-lhe que os prelados são tidos na conta, e muitos dêles agem, na realidade, como se fôssem príncipes feudais. Ia dizer-lhe que os arcebispos, bispos, abades e até os sacerdotes se acham sob o domínio dos barões, dos duques, dos condes e dos reis. Mas, como a vejo em dúvida, limito-me a perguntar-lhe: quem é agora o Papa?

— Pascoal II.

— Ah! é assim? perguntou Bernardo. Os alemães admitiram sempre isso? Reconhecera-o o imperador Henrique IV como sucessor de S. Pedro? Foram unânimes os arcebispos e bispos do outro lado do Reno em reconhecê-lo como Pontífice? Absolutamente não! Para êles houve quatro papas distintos, enquanto Pascoal ocupara a Sé de Pedro. E Henrique V está demonstrando que é um digno sucessor de seu indigno pai. Veja só o que fez êste ano! Apoderou-se do Vigário de Cristo sobre a terra e o considerou prisioneiro. Durante dois meses angustiosos submeteu-o a torturas morais, obrigando-o a outorgar as investiduras. Isso é sacrilégio espantoso, Umbelina, e é o sinal de nossa época. Os imperadores germânicos consideram o Papa como seu capelão e o Pontificado como uma espécie de feudo. O sistema feudal é que governa a Igreja.

— Mas Gregório VII, Urbano II e também o nosso Pascoal II tomaram medidas para remediar o mal...

— Sim, respondeu Bernardo, pondo-se a rir. Também nossos monges de Cluny já têm duzentos anos. Mas olhe agora para êles...

— Que há de mal em Cluny? indignou-se Umbelina.

— Oh! nada! Só que não é para mim. Nem Cluny nem mosteiro algum fora de Cister. Se alguém me perguntasse por

que, responderia simplesmente: Questão dos tempos e do meu temperamento.

— Sua atitude, Bernardo, faz-me lembrar uma história que ouvi uma vez e na qual agora começo a acreditar. E’ uma história sobre você mesmo. Um velho parente nosso contou-me que, antes de seu nascimento, nossa mãe sonhou que tinha em seu ventre um cachorrinho branco que estava sempre latindo. Um santo ermitão interpretou o sonho, dizendo-lhe que não se preocupasse, pois a criança que trazia no seio seria algum dia um “cão de guarda da casa de Deus e ladraria muito contra os inimigos da fé”. Agora me parece que você está ladrando. Morde também?

— Creio que a morderei, se você não me tomar a sério. Que ocorre com vocês mulheres, que andam sempre a divagar?

Umbelina apontou a lança que tinha nas mãos contra Bernardo e, tocando-o levemente, disse:

— Não estou divagando, “cachorrinho guardião”; não faço outra coisa senão o que nossa mãe fazia. Protejo-o para que não calunie o clero.

— Assim são as mulheres! Se lhes referimos os fatos da História e inclusive a vida cotidiana, acusam-nos de caluniadores.

Depois noutro tom, acrescentou:

— E Cister, o que lhe parece, minha santinha?

— Nada! Só ouvi dizer que um grupo de fanáticos está realizando aí um não sei quê de reformas.

— Isso não é digno de você, Umbelina. Faça-me o favor de pensar e não ser superficial. Olhe mais profundamente para ver o que eu vejo. Êsse grupo representa a idealização do desprendimento do mundo, um argumento encarnado e um protesto em carne e sangue contra tudo o que lhe disse sobre os sacerdotes, prelados, barões, bispos, imperadores e Papas. Ouça a mensagem que Cister envia ao mundo. Êsse pequeno grupo grita a verdade; grita que o homem não foi criado só para o servo se converter em soberano, mas para ser santo. Abra os olhos e os ouvidos e depois medite.

— Já o faço. E como tanto lhe agrada falar claro, quisesa saber por que êsse reduzido grupo há de ser tão exagerado em suas afirmações; por que Bernardo de Fontaines tem de se enterrar num pântano para achar Deus, se Deus está em toda parte; por que o pimpolho de uma das mais nobres famílias de Borgonha tem de se converter num arador

de terras para ser santo; que necessidade terá para seguir a Cristo, de tornar-se escriba e fariseu, num velho crítico, que não faz outra coisa que procurar faltas em tôdas as Ordens religiosas existentes. Quisera por fim saber por que tôda essa violência, quando Ele mesmo disse: "Aprende de mim que sou manso e humilde de coração". Quisera saber por que se há de renunciar a um mundo que Deus amou e entregou a seu Filho Unigênito. Quisera saber...

— Você quer saber muita coisa, interrompeu Bernardo. Espere para ver se posso dizer-lhe algo sôbre o que quisera saber. Mas antes de tentar, deixe-me dizer que, quando você se zanga, torna-se mais formosa. Seus olhos brilham como as estrêlas nas noites escuras e seu rosto tem o moto contínuo do mar...

— Deixe de cortesias e responda a minhas perguntas.

— Minha filha, você parece-se com uma amazona.

— Você é assim, Bernardo. Passa sem transição da adulação ao insulto.

Os olhos de Umbelina lançavam chispas de despeito. Mas não tardaram em serenar-se e adquirir um mundo de ternura enquanto insistia:

— Vamos ver, irmão, por que Cister?

— Precisamente pelos motivos que você expôs. Porque é violento. "O reino dos céus sofre violência e só os violentos o arrebatam". Porque é humilde e humilhante; para se fazer santo é necessário descer e não subir. Devo enterrar-me num pântano para buscar a Deus porque Ele, que está em tôda parte, para a maioria dos homens não está em lugar algum. E quanto ao exagero... qualquer coisa que não seja medíocre é exagerada. E se há algo que eu rechace com tôda a minha alma, é a mediocridade. Está compreendendo, minha irmã, não é que eu presumo. Nada disso. Se vou a Cister, não é porque me considere forte, mas fraco. Não porque me julgue grande, mas porque sou pequeno. Não porque me tenha por sábio, mas por saber-me ignorante. Lembre-se de que Deus escolheu as coisas simples do mundo para confundir os sábios e as pequenas para confundir os fortes.

— Mas seu pai... sua família, seu sobrenome... quis ainda objetar Umbelina.

— Tenho de honrá-los, já sei. Pertença a uma raça de guerreiros, a uma família de nobres cavaleiros. Precisamente

para honrá-los, tenho de ir a Cister, para tomar parte no grande torneio do Amor. Vou em busca de Deus. Vou para me tornar vassalo do grande Rei que sabe apreciar a lealdade e recompensar a fidelidade. Quando para cá subimos, a primeira coisa que lhe falei, Umbelina, foi do amor, e você não me compreendeu. Disse-lhe que o amor não procurava nenhuma recompensa. Com isso queria dizer-lhe que o amor não é mercenário, se bem que não seja inútil. Creio que me expressei com tôda a clareza quando lhe digo que amar a Deus, sempre tem a sua recompensa. E eu quero amar a Deus. Eu quero achá-l'O e como você diz "possuí-l'O e conservá-l'O".

— E está certo de que é necessário o passo que pensa dar? Olhe para além dessas colinas. Deus as criou. Contemple as névoas de púrpura daquelas montanhas distantes. Deus também as criou. Deus é quem pinta essas nuvens com as cores que nenhum ser humano poderia reproduzir e ninguém pode contemplar sem sentir o coração pulsar mais aceleradamente.

Voltou-se para o irmão com o rosto afogueado de emoção e lhe disse:

— Você não poderá encontrar Deus aqui?

— Ora, Umbelina, ora! Você tem os olhos vendados. Venha! Seja valente como sempre! Seja minha irmã e meu irmão e olhe as realidades frente a frente. Pense que vou deixá-la por Deus, e por mais ninguém a deixaria. Não abandono por Deus o "mundo perverso". Não! Graças a Deus, nós nunca fizemos parte desse mundo. Vou abandonar por Ele um mundo bom e glorioso. Os montes, as planícies e as montanhas azuladas, a solidão dos bosques densos e o grande silêncio das noites estreladas. A isso é que vou renunciar por Ele!... E sobretudo vou deixá-la, irmã querida!... Mas desçam. O sol quase se pôs. As sombras cobrem as muralhas, e a brisa da noite sopra fresca nas árvores. O dia está terminando, e todavia sabe o que eu sinto na alma?

— O quê?

— Essa brisa que anuncia ao mundo sonolento a chegada da aurora. Você a sentiu alguma vez? A mim, encantou-me recebê-la em pleno rosto. É uma promessa viva de coisas melhores que me faz respirar mais apressadamente e andar com mais ligeireza. Faz-me palpitar numa grande expectativa. Essa é a sensação que sinto em minha alma. Exalta-me

de tal forma que se não a conhecesse bem como a conheço, dar-lhe-ia um beijo. Mas tenho muito apêgo às minhas orelhas, a verdade seja dita.

— Ai! Bernardo... Bernardo! exclamou Umbelina, enquanto lhe batia de leve no rosto. Você é meio poeta, meio cavaleiro andante e meio palhaço!... Vamos descer e ver André. Seu segredo está bem guardado em meu coração.

Você será o primeiro que anunciará a classe de cavalaria que irá seguir. Mas antes devo dizer-lhe que continuo pensando que Cluny abriga em seu seio homens santos e que se pode achar a Deus sem abandonar o mundo. E que continuo sendo uma grande admiradora dêsse tal Abelardo de quem em todo o reino se fala tanto mal. Ele venceu na dialética a Guilherme de Champeaux. Eu sonhava que você iria rivalizar-se com ele... Mas desçamos antes que venha a noite.

— O que você realmente queria dizer é isto: desçamos antes que eu me ponha a chorar.

E com estas palavras Bernardo de Fontaines saiu correndo do aposento.

Umbelina atirou-lhe atrás a lança, enquanto gritava:

— Corra, cachorrinho branco. E ladre, ladre!

Com essas brincadeiras e corridas os dois irmãos ocultavam a grande emoção que lhes invadia a alma.

Tecelino recupera um fugitivo

— Onde está Nivaldo, Umbelina? perguntava Tecelino, o Barba-Ruiva, senhor de Fontaines, o mais leal vassalo do Duque de Borgonha, mostrando impaciência em suas palavras.

— Perguntei aos criados, pai, respondeu Umbelina, entrando na grande sala do castelo, e disseram-me que hoje de manhã ordenou que lhe encilhassem seu ruão favorito e, sem aceitar a companhia de nenhum escudeiro, tomou o caminho do Sul.

— Do Sul? uivou mais que gritou Tecelino. Já sei o que isso significa! Partiu outra vez para Cister.

— Se foi assim, pai, não há motivos para preocupações. O abade Estêvão Harding o mandará de volta como fez noutra ocasião. E' até bom, porque assim nos trará notícias de Bernardo e dos demais.

Umbelina procurava consolá-lo e acalmá-lo.

— Sim, filha, sim, eu o sei. Mas essas escapatórias são muito freqüentes. O abade lhe disse que era demasiado jovem para reunir-se a seus irmãos. Eu lhe tenho dito que espere até que saiba o que é o mundo, antes de o abandonar. Ouvi você falar-lhe como uma mãe. Contudo, êsse cabeça dura monta a cavalo sozinho, sem dizer uma palavra, e parte para o Sul. Não está certo! Que terá sucedido com esta terra? Estou começando a crer que o Duque tem razão.

— Em quê, pai?

— Em dizer que sobre a terra de Borgonha baixou uma peste de fanatismo religioso. E, logicamente, êle culpa a Bernardo de ser seu propagador.

— Está aborrecido?

— Eu não diria tanto. Mas muito surpreendido e intrigado, como estamos nós. Intrigado e confuso. De brincadeira, mas com certo tom de gravidade e sinceridade, disse outro dia que Bernardo transtornou de tal maneira as coisas em Borgonha, que em lugar de ser Cister um mosteiro do Ducado, o Ducado converteu-se em berço do mosteiro.

— Então está realmente desgostoso...

— Não. Está perplexo e um tanto preocupado. E não é para estranhar. No ano passado, quando em guerra, Bernardo levou trinta nobres dentre nós, trinta campeões, cavaleiros e futuros cavaleiros; o Duque e os nobres ficaram atônitos com o acontecido. A Borgonha é terra cavaleiresca e intrépida, mas nunca foi fanática. Não obstante, aquilo era mais que um comêço. A partir de então, não passa uma semana sem que o Ducado perca outro nobre prometedor ou um bom cavaleiro. O Duque necessita de homens para o combate. Está muito bem isso de ser piedoso, mas também temos de ser homens práticos. A Borgonha não é um mosteiro; é um Ducado situado entre duas grandes potências. Por isso hão de se travar guerras; é mister manter a justiça e propagar a sociedade. O Duque precisa de seus cavaleiros, mais do que os mosteiros de monges. Até onde pode alcançar minha inteligência, os imperscrutáveis caminhos de Deus e a vida religiosa hão de ser coisa exclusiva de poucos; a grande maioria dos homens e mulheres deve servir fora dos claustros. Por isso devemos considerar êsse movimento como um delírio coletivo de febre e fanatismo.

— Por que diz isso, pai? Bernardo expôs a questão com tanta lógica. Eu não vi nada de fanatismo ou febre nêle. Achei-o firmemente lógico.

— Refiro-me a essa corrente contínua, Umbelina. Seria difícil compreender em outro momento. Mas agora torna-se duplamente incompreensível. Desastres como a guerra, a peste e a fome fazem o homem voltar-se para Deus. A prosperidade nunca foi fonte de vocações religiosas. Nestes tempos a Borgonha desfrutava de uma grande prosperidade. O começo do século viu voltarem da Terra Santa os nossos cavaleiros resplandecentes de vitórias e inspirados de santo ardor. Faz bem pouco, os homens da Borgonha criaram uma nação nova na Península Ibérica, e o primeiro rei de Portugal é nosso compatriota. Êsses triunfos bélicos não fazem monges, mas sim homens belicosos. As colheitas são boas. A encosta dourada vive conforme seu apelido. Os vinhedos, as plantações frutíferas e as planícies produzem magníficos resultados. A paz e a prosperidade reinam no país.

Tecelino perdera-se em profundos pensamentos; passeava pela sala e parecia falar mais para si mesmo do que dirigir-se para Umbelina, ao continuar:

— E temos o torneio. Jamais foi inventada coisa igual para manter em ebulição contínua o sangue dos guerreiros. E como ficam altivos com a presença das belas damas! Tudo isso é agradável e tentador. E sem apreciar essas belezas, muitos dos nossos jovens mais promissores voltam as costas à vida, como o fez Bernardo. E' curioso. Pense em Nivaldo. Que mais poderia pedir ou desejar um môço em sua idade?

— Nivaldo é uma criança. Por que levar tão sério seus estouvamentos?

— Aí está o problema, minha filha. Por que um rapaz que acaba de completar treze anos, herdeiro dêste castelo e de todos os seus domínios e que está intimamente ligado a nosso Duque, se sente fascinado pela idéia de se tornar monge, a ponto de fechar os olhos a tudo quanto um homem normal pode desejar? Você diz que são arrebatamentos juvenis. Talvez assim seja. Mas são uns arrebatamentos muito estranhos em um jovem de sua idade.

— Talvez Bernardo tivesse razão quando disse que o mundo começava a ter consciência de Deus, ainda que parecia contradizer-se, ao declarar ao mesmo tempo que o cle-
ro era escravo do Estado.

— Que mais lhe disse? Que outras razões lhe apresentou para ir a Cister?

— Falou de ir para se tornar santo.

— O quê? exclamou o pai surpreso.

O riso agudo e musical de Umbelina mostrou, em cada nota, a graça que inspirava a pergunta e o tom paternos.

— Isso mesmo pergunto eu, com o mesmo tom de surpresa.

— Eu não estou surpreso, mas assombrado. Bernardo deveria ser embaixador de um grande rei.

— Por quê?

— Porque é muito esperto. A você êle disse que ia para fazer-se santo. Sabe o que disse em Grancy? Que ia a Cister para se tornar homem! Bernardo é sabido e muito esperto!... Se tivesse tentado convencer Gauderico, Guido, ou Geraldo e André, convidando-os a ir com êle para serem santos, êles ter-lhe-iam rido na cara ou teriam ficado furiosos.

Tecelino começou a percorrer a sala de um lado para outro, murmurando entre os dentes:

— Então foi a Cister para fazer-se santo?... heim? Que coisa!...

Umbelina interrompeu as murmurações do pai:

— Ao senhor êle não falou que ia para fazer-se santo?

— Naturalmente que não! gritou Tecelino.

Em seguida, em tom mais tranqüilo, acrescentou:

— Nós os homens temos uma idéia tão exaltada da santidade e dos santos que nem ousamos aspirar a ela. Se Bernardo houvesse falado disso em Grancy, teria tido uma recepção completamente diversa. Por isso maravilho-me não de sua esperteza, mas de sua prudência. Estávamos em Grancy, preparando-nos para o cerco. Em tais circunstâncias você não pode imaginar a tensão que existe. Os nervos ficam na flor da pele. O sangue ferve; os homens mostram-se intranqüilos como corcéis fogosos mordendo o freio. Fala-se pouco e lacônicamente. A única coisa que preocupa as mentes é a batalha que se aproxima. Estávamos nessa tensão, quando apareceu Bernardo e nos comunicou sua decisão. Falou de fazer-se homem, de pôr cerco a uma cidade maior que Grancy, de combater por um Soberano mais poderoso que nosso Duque, de mostrar o valor de maneira mais humana e mais viril que com o fogo, a espada e a morte. Qual foi o resultado de suas palavras? Foi que seu tio Gauderico, o maior, o mais

experimentado e mais afamado cavaleiro do grupo que o escutava, uniu-se a êle, antes que Grancy fôsse tomada de assalto. Logo o seguiu seu irmão Guido apesar da mulher e das duas filhinhas. Geraldo não fez caso dêle. Mas já sabemos onde se encontra agora. E também sabemos onde se encontram os trinta nobres de Borgonha, Umbelina. Bernardo deve ter usado qualquer sorte de magia!

— Parece-me que fez qualquer espécie de milagre. Pen-se no que aconteceu a Geraldo. Ficou ferido exatamente no lugar em que Bernardo lhe anunciou; foi capturado e prêso exatamente como Bernardo prognosticara. Foi libertado por meios desconhecidos: seus grilhões caíram sem chave, sem ferro e sem fogo. As portas da prisão se abriram de maneira inexplicável. Caminhou pelas ruas de uma cidade inimiga e, apesar de ser reconhecido, ninguém o deteve nem o molestou. Acredito que também eu estaria em Cister se me acontecesse coisa semelhante... disse pensativa Umbelina.

— Sim, comentou Tecelino. Foi um acontecimento estranho. Sabe o que mais me chama a atenção?

— O quê?

— Que os trinta se mantiveram fiéis em Châtillon-sur-Seine durante êsses seis longos meses. E' fácil compreender que um grupo persevere em seu objetivo debaixo de um abade como Estêvão Harding num mosteiro que estabeleceu costumes e ordem. Mas êsses trinta homens viveram debaixo do comando de Bernardo, observando as normas impostas por êle e fazendo quanto se lhes mandava. Eu esperava que algum dêles se fartasse um dia e saísse; mas êsse môço sem experiência da vida religiosa, como êles, conservou-os fortemente unidos e depois de seis meses os levou a Cister. Conheço um pouco os homens, e digo-lhe que isso foi um milagre que não consigo compreender completamente. Vamos, preciso procurar Nivaldo. Quer vir comigo?

— Oh! se quero! Mas se meus ouvidos não me enganam, creio que poderemos poupar a caminhada. Escute! Não está ouvindo um cavalo no pátio?

Ambos se puseram à escuta e perceberam claramente o ruído dos cascos nas pedras do pátio. Dirigiram-se para a porta; antes de alcançar o vestibulo, ouviram uma voz que não era de Nivaldo, dirigida aos servos.

— E' Guido de Marcy, o sobrinho do Duque, murmurou Umbelina. Deve trazer alguma mensagem do tio.

Tecelino sorriu, olhando para a filha e num tom divertido e um pouco irônicamente sério, retrucou:

— Certamente é isso. E estou convencido de que a profunda preocupação de minha filha pela mensagem do Duque é que a fez ruborizar-se e acelerar sua respiração... Umbelina, sua ingenuidade acaba de me revelar algo que há tempo desejava saber. Você gosta de Guido de Marcy?

— Sim, pai, gosto... murmurou a donzela.

— Bem! respondeu Tecelino, pondo no monossílabo quase um discurso todo. Eu também gosto dêle. Vamos ver agora que novas traz.

Pegando no braço da filha, Barba-Ruiva atravessou o saguão do castelo de Fontaines. Não havia chegado ao extremo oposto, quando a porta se abriu e entrou um criado acompanhado do cavaleiro. Ao ver Tecelino e sua filha, o criado inclinou-se e retrocedeu. Mas o cavaleiro adiantou-se com a mão estendida e, com voz vibrante que denotava boa saúde e bom-humor, exclamou:

— Senhor de Fontaines, tenho tão boas novas de vossos filhos, que não poderia esperar mais para vos comunicar.

— E supponho que não julgaria que tais notícias caíssem nos meus ouvidos e nos de minha única filha ao mesmo tempo, não é mesmo?

Guido de Marcy sorriu. Seu sorriso era franco, aberto, quase infantil e por isso sumamente agradável.

— Meu tio disse-me que o senhor de Fontaines é o homem mais sutil do Ducado. Começo a crer.

Tecelino dirigiu a vista de Guido para Umbelina e de Umbelina para Guido, e respondeu rindo:

— Teria de ter os dois olhos afetados de catarata para não ver os corações descobertos e não descobrir a claridade dos olhos. Os dois são inapreciáveis. Mas vamos ver quais as notícias que me traz.

— Cister fundou outro mosteiro na Borgonha.

— Com êsse já temos três no Ducado.

— Assim é. Cister, La Ferté e agora Pontigny. Umbelina, adivinha quem está dirigindo Pontigny?

— Quem?

— Um parente seu, Hugo de Mâcon.

— É que diz disso seu tio, Guido? perguntou Tecelino.

— Está orgulhoso, embora proteste muito porque os melhores homens de armas se façam monges. Vi-o num dia em

que regressava de Cister. Estava fora de si. Não conseguia dizer mais que: "Sim, são homens; verdadeiros homens; homens de Deus. E pensar que todos são meus súditos!" Por muito que vocifere e proteste ao vê-los trocar as malhas da couraça pela cogula de monges, sente-se orgulhoso deles. No meu modo de ver, oculta seu enorme orgulho debaixo de ruidoso protesto.

Os três puseram-se a rir. Tecelino puxou a fila e saíram para o pátio:

— Suponho que não se importaria de cavalgar um pouco conosco, rumo ao sul, Guido. Umbelina e eu estávamos para ir a Cister.

— Para ver vossos filhos?

— Não! Para trazer de volta um fugitivo. Nivaldo quer converter-se em um "homem de Deus", como seu tio os chama, antes de tornar-se um mocinho. Não quero ter de deixar a seu tio ou a meus servos a propriedade de Fontaines. Mas pelo que parece, e pelo aspecto que as coisas tomam, não vou poder deixá-lo a Umbelina, pois quando chegar o momento, suspeito que já será a esposa de certo sobrinho de seu tio, o qual não sei se você conhece, Guido. A irmã dele é a duquesa de Lorena.

— Talvez vós vos refirais ao único filho varão de minha mãe. Espero de coração que assim o seja, respondeu depressa o jovem cavaleiro.

— Vamos ver, vamos ver, gaguejou Tecelino.

Naquele dia não chegaram a Cister, pois quando tinham percorrido mais ou menos a metade do caminho, encontraram um rapazinho que cavalgava um belo ruão. Ao vê-los, fincou as esporas em seu cavalo e se aproximou prorrompendo em alegres exclamações:

— Papai! Papai! O abade Estêvão disse-me que me admirará quando eu fôr um pouco maior!

Ninguém quis esfriar o triunfo jubiloso daquele menino de treze anos. Não se pode apagar as luzes radiantes da felicidade que ardem nos olhos de um juvenzinho; não se pode esfriar a efervescência da brilhante juventude. Por isso a voz de Tecelino, Barba-Ruiva, tomou o tom de entusiasmo mostrando por seu filho, quando lhe respondeu:

— Isso é magnífico, meu filho. Mas agora, antes que você se torne um segundo sequer mais velho, voltemos logo

para casa. Vamos, Umbelina! Vamos, Guido! Aposto que eu e Nivaldo chegaremos uma hora antes de vocês ao castelo!

— E' uma aposta que eu perderia de boa vontade, disse em voz baixa Guido, sorrindo para Umbelina.

Tecelino não ouviu porque ele e Nivaldo haviam espoado seus corcéis. Ao diminuir a marcha para atravessar um arroio, o pai, voltando-se para Nivaldo, disse-lhe:

— Creio que apostei com grande vantagem.

E todo o seu ser irradiava a alegria de viver e a paz que havia em seu coração.

A esposa de Guido visita Cister

Guido de Marcy perdeu aquela aposta que fizera com Tecelino. Mas em troca ganhou sua filha. Assim não teve motivos para lamentar-se.

Precisamente uns três anos depois daquela cavalgada pelo bosque, encontramos Umbelina sentada num aposento reservado para hóspedes na abadia de Claraval.

Inútilmente procurava limpar os olhos com um diminuto lenço de rendas, tão lindo como pouco prático. Tinha chorado. Mas agora que o abade, de aspecto ascético, lhe sorria, o lencinho procurava fazer desaparecer até o último vestígio das lágrimas. E até conseguiu fazer cara alegre ao dizer:

— Reverendo Pai Bernardo, deveria ensinar seus irmãos porteiros a não ladrarem.

— Não posso evitar, Umbelina. Não conhece o velho ditado que diz: "Filho de peixe peixinho é"? Você não me chamava o "branco cachorrinho ladrador"? O que pode esperar então de meus filhos?

— Sim, mas seu latido era pior que a mordedura. Mas André tem um modo de morder pior que seu latido, e só Deus sabe como isso é tremendo. Tôda a minha comitiva deve tê-lo ouvido. Torná-se vergonhoso para mim que meu próprio irmão se ponha a latir diante de meu séquito. Estou certa de que, nesta hora, minhas damas estão rindo nas minhas costas.

— Bem, como é a esposa de Guido de Marcy, sua fortuna é tão grande que não diminuem essas costas. Pode-se saber o que o porteiro disse?

— Olhou-me dos pés à cabeça. Depois olhou os laiaos e a carruagem. Depois contou o número das damas em voz alta. Tornou a olhar-me, analisando todos os defeitos, até os sapatos, e depois disse em voz alta e rude:

— Realmente me parece uma carcaça muito luxuosamente enfeitada.

— Não, por Deus, Umbelina, isso não! exclamou Bernardo tapando os ouvidos com as mãos.

E acrescentou com uma gostosa gargalhada:

— Estou certo de que você confundiu suas palavras. Não posso crer que André tenha dito o que eu mesmo diria.

— E que me teria dito? perguntou Umbelina, levantando a cabeça e olhando Bernardo com um ar ameaçador.

Bernardo respondeu friamente:

— Haveria de lhe dizer que você está horivelmente enfeitada.

Umbelina, mal-humorada, balançou a cabeça de tal forma que o complicado toucado estêve a ponto de vir abaixo.

— Já vejo que Bernardo de Claraval tem a língua afiada como Bernardo de Fontaines. Não gosta de vestidos bonitos?

— Gosto. Mas quantas vezes me pergunto se as mulheres compreendem que assim como o hábito não faz o monge, tão pouco os ricos vestidos fazem a mulher. Uma mulher, Umbelina, pode estar ricamente vestida e não ser formosa. A sêda, a púrpura, os adornos de côres brilhantes possuem seu encanto, não o conferem. Quando você põe tais adornos no corpo, eles exibem sua beleza própria, mas não a dão a seu corpo. E quando você os tira, essa beleza desaparece. Então, por que converter-se em cabide de enfeites?

— Que queria que eu fizesse? Que me fizesse monja?

— Poderia fazer coisas piores, minha querida.

— Bernardo, disse Umbelina, com voz enfática e erguendo orgulhosamente a cabeça, já não sou sua pequena querida. Sou a esposa de Guido de Marcy!

— Congratulo-me com você. Falou isso como uma rainha. Mas venha cá e diga-me: encontrou o amor?

— Sim, Bernardo, achei o amor. Tenho um espôso que me adora, um lar formosíssimo e muitos amigos encantadores.

Umbelina falou isso num tom acariciador e doce.

Naquele momento os dois irmãos achavam-se sentados mais ou menos na mesma atitude de quatro anos atrás, no aposento da torre. Mas que mudança havia sofrido sua aparência externa! Umbelina havia florescido em tôda a plenitude de beleza que a infância prometia. O matrimônio proporcionara-lhe alguma coisa mais que um nôvo nome.

Conferira-lhe uma distinção e uma dignidade que a faziam verdadeiramente uma grande dama. Não há outra maneira de o expressar, pois se tratava de algo mais que a mera perfeição externa de sua aparência, por perfeita que fôsse. Havia nela algo de profundo e secreto que fazia seus olhos radiantes como estrêlas; um porte e uma consciência de sua dignidade em seu andar, que criavam a seu redor uma atmosfera que era impossível deixar de reconhecer a descendência e a nobreza. A esposa de Guido de Marcy merecia com justiça sua reputação de formosa. No entanto, Bernardo, também belo, na última vez que o vimos, com seu cabelo ruivo, sua pele transparente e seus enormes olhos luminosos, emagrecera. Tinha as faces encovadas e os ossos salientes; a linha de seus lábios era mais fina, mais reta, mais firme e um tanto dura, enquanto seu queixo por causa do emagrecimento aparecia quase agressivo. Seu rosto era o retrato do asceta perfeito. Era o rosto de um guerreiro depois de uma duríssima campanha. Quase se tornaria repulsivo, se aqueles traços angulosos não fôssem dulcificados pelos olhos enormes, cuja beleza se realçava ao luzirem no fundo de suas órbitas. Pareciam dois profundos poços cheios de doce compreensão e iluminavam de tal forma suas faces que se não pudesse ser chamado formoso, dever-se-ia dar-lhe o nome de belo.

Era evidente que Bernardo havia sofrido muito, tanto mental como fisicamente. Embora contasse somente vinte e sete anos e há três anos fôsse abade, sua aparência denotava essa madureza que proporcionam os sofrimentos espirituais.

Cada linha e cada ruga de seu rosto era como uma cicatriz acusadora, o balancete permanente de uma dura batalha. Seus olhos tinham êsse fulgor que se aprecia nos olhos de quem contempla o tempo à distância e sabe discernir o último horizonte das realidades eternas. Bernardo de Claraval não era quatro anos mais velho do que Bernardo de Fontaines; era uma eternidade mais velho. Cister e Claraval não só o haviam enfraquecido, mas haviam-no aprofundado, cinzelado, de modo que Umbelina se achava agora diante de um verdadeiro caráter.

Bernardo sorria, enquanto Umbelina descrevia as riquezas que lhe advieram pelo matrimônio.

— Já vejo que continua mantendo seu ponto de vista do que o amor costuma dar. Você diz que seu espôso lhe

deu uma grande casa e bons amigos. Agora, Umbelina, diga-me a verdade, “o que é um amante: um vencedor ou um vencido?” Ouvi que muitos diziam que você levou a Guido, e outros que Guido a conquistou. Quem tem razão? O amante ganha ou o amante perde?

— Penso que entendi o que quer dizer. Pergunta-me se me entreguei a Guido ou se o conquistei. Pergunta-me se o amor é entrega ou aquisição. É uma pergunta profunda e de difícil resposta. Deseja saber talvez se quer o amante possuir ou ser possuído, não? Para lhe dizer a verdade, creio que o amor é ao mesmo tempo uma conquista e uma rendição. O amante quer possuir e ser possuído. Sinceramente me parece que o amor profundo consiste tanto em uma obtenção apaixonada como numa entrega pródiga e total. Em outras palavras: que é egoísta ainda quando careça de todo o egoísmo. E o senhor o que diz? Achou o amor?

— Sim, Umbelina, achei-o. Embora o que você diga do amor seja certo, eu encontro em suas profundezas que o amor é uma rendição, uma rendição completa. E uma vez que nos rendemos completamente, teremos feito uma conquista. Devido às minhas primeiras indiscrições e bobagens, fiquei um pouco enfêrmo, Umbelina. Mas essa enfermidade foi-me uma grande bênção. Tive tempo para passear entre carvalhos e faias, e ali onde a vida é abundante, aprendi d'Aquêle que é amor e vida muitas coisas.

— Por que não se cuida, Bernardo?

— Não se preocupe. Estou bem como Deus quer que eu esteja. Confesso que como noviço exagerei um pouco. Mas, veja, sustentei e continuo sustentando que pouco adianta a um homem seguir a Cristo se não o alcança. Eu não fiquei enfêrmo de amor como a Espôsa dos Cantares. Disse-lhe há anos que vinha para me fazer santo. Pois bem, Umbelina: encontrei-me com uma tarefa bem mais árdua do que esperava. Realmente não é fácil alcançar a Cristo. Contudo temos de alcançá-lo se queremos ser santos. O segredo da santidade reside no amor. Por isso lhe disse no aposento da torre, naquela tarde feliz, há quatro anos, que iria converter-me em amante de Deus. Mas como o amor é uma arte, na qual sempre podemos superar-nos, procuro constantemente a maneira de aprendê-la sempre mais. Da natureza aprendi muito sobre Deus, e estou certo que também posso aprender muito sobre o amor de Deus, do amor que chamamos humano. Por

isso lhe perguntei. Olhe, Umbelina, o “Cântico dos Cânticos” é o amor de Salomão expresso à sua morena espôsa; mas no mais profundo sentido de seus versos acha-se oculta a história do amor de Cristo pela sua alma e pela minha e o segredo de como haveremos de amar, você e eu, a Cristo. Por isso, até onde eu compreendo o amor, penso que é mais uma rendição completa, ou como não há muito tempo um amigo me escrevia: — “Pergunta-me com que medida devemos amar a Cristo? Amemo-l’O sem medida”. Você não vê limites no seu amor para com Guido, não é mesmo?

— Claro que não. Entrego-me a êle totalmente cada dia.

— Alegra-me essa resposta, porque demonstra que ama a Guido e sabe o que seja o amor. Sim, o amor é forte como a morte! O amor não fala: Estou pronto e disposto a fazer isso ou aquilo. Não! Mas diz: Quero! Desejo fazer com toda a minha alma!... Isso é amor, não é mesmo? Vê como êle é temerário e sublime?

— Sim. E vejo que está me contando também sua vida.

— Oh! não! Sômente minhas ambições, meu ideal, Umbelina. A realidade, porém, está muito longe disso.

— Bem, então conte-me algo da realidade.

— Quando reuni os trinta, começou Bernardo sorrindo, subjugou-me a idéia do que isso significava. Os seis meses de Châtillon-sur-Seine foram deliciosos por causa de sua novidade. Mas os dois anos de Cister foram desalentadores. Posso dizer-lhe, Umbelina, que o conquistar-se a si mesmo é uma luta feroz, e que o viver exclusivamente para Deus pode ser atormentador, porque freqüentemente a gente se encontra perdido sozinho nas trevas. Somos carne e sangue; mas eu quis ser sômente espírito. Minha ambição foi demasiada e meu pobre corpo está-se queixando até hoje. Exagerei e o exagêro é quase sempre uma estupidez... Sabe quando me dêi conta de meus erros em Cister?

— Quando caiu enfêrmo?

— Não! Quando procurei exigir em Claraval o mesmo que lá exigia de meus homens. O primeiro ano que passamos aqui foi espantoso. Ainda bem que o abade Estêvão Harding me deu, por companheiros, meus irmãos e parentes. Um irmão ajudado por outro irmão é uma fortaleza, contudo a nossa tornou-se débil ao extremo. Ainda que Guido, Geraldo, André, Bartolomeu e o tio Gauderico e todos os demais mostrassem uma lealdade a toda prova, foram êles que me

ensinaram que os monges são homens e não anjos. Eu exigia dêles o melhor; devo confessar que às vezes o melhor é o pior inimigo do bom. Pedi-lhes demais. Fui menos discreto que São Bento. E ainda que siga sustentando que quem pouco semeia pouco colhe, ainda insisto que deveríamos envergonhar-nos de sermos membros tão débeis de uma Cabeça coroada de espinhos. Devo admitir também que exagerei e que o exagêro conduz sempre ao êrro. Estava equivocado.

— Quanto me alegra ouvir isso! Não pode imaginar o alívio que é para mim ver que o abade de Claraval continua sendo tão sincero como o irmão a quem eu tanto amava em Fontaines. Sua confissão recorda-me uma pequena astúcia que usou para ganhar seus seguidores.

— Uma astúcia? Que está dizendo?

E apontando seu indicador em direção de seu sisudo irmão, Umbelina disse:

— O senhor disse-me que ia para Cister para fazer-se santo, todavia ao tio Gauderico e aos demais falou que ia para lá para fazer-se homem. Que raposão o senhor foi, hein?

Os olhos de Bernardo relampejaram e a delicada linha de sua boca se adelgaçou num simpático sorriso:

— Puxa! irmã! Primeiro eu era um cachorrinho branco, e agora sou uma rapôsa? Ou eu estou progredindo, ou você está perdendo terreno. Mas, diga-me: é considerado uma astúcia o uso de um sinônimo?

— Claro que não.

— Então, por que me acusa? Ser um homem de verdade, um homem segundo o modelo que vimos sobre os montes, o monte das bem-aventuranças, do Tabor, e especialmente o monte Calvário, é ser um santo. Assim a êles, a você e a todos eu digo a mesma coisa, embora empregue palavras diversas. E tenho de acrescentar que êles e eu chegamos à conclusão de que, para conseguir um pouco de santidade, se requer empregar um pouco de virilidade.

Umbelina inclinou-se para frente e, na frente quase de alabastro, desenhou-se uma sombra de inquietude.

— Bernardo, meu querido Bernardo, diga-me a verdade, não é excessivamente pesada essa sua vida? O ideal é elevado, não há dúvida, e as frases piedosas que o senhor emprega são inspiradoras. Mas não é monótona e aborrecida essa existência cotidiana? Não cansa?

Bernardo contemplou a irmã por longo tempo. Em seu olhar pintava-se a admiração, a estima e também uma sombra de medo.

— As mulheres são intuitivas! Você, Umbelina, divisou numa hora muito mais profundamente que centenas de monges em muitos anos. Com efeito, nossa vida é pesada. Mas, paradoxalmente, quanto mais pesada é, mais leve se torna. Não estou brincando, Cristo disse: “meu pêso é leve...” E Cristo não engana. Seu pêso é leve.

— Não entendo, Bernardo.

— Você observou alguma vez os pássaros? A natureza ensina-nos tantas coisas! Não é exatamente o número das penas que os faz voar? Tire-lhes êsse pêso de cima, e o que sucederá? Seu corpo cairá por terra com o próprio pêso. Algo semelhante é o que ocorre em nossa vida. Evidentemente existem cargas; a verdade é que elas nos suportam mais do que nós as suportamos. O segredo em que se apóiam é o amor. Também nossa vida é uma bênção, Umbelina. Você não considerava um estado de santidade êsse nosso, em que o homem vive com mais pureza, cai menos vezes, levanta-se com mais rapidez, caminha com mais cautela, lava-se com mais frequência nas águas da graça, descansa mais seguro, morre mais confiado, purifica-se mais rapidamente e é recompensado com mais prodigalidade?

— Está-me causando inveja, Bernardo. Alegro-me de ouvi-lo falar em recompensa, pois assim me torna mais humano, mais natural e mais prático.

— Naturalmente que falo em recompensa, Umbelina. Como antes lhe dizia, ainda que o amor não seja mercenário, tampouco é estéril. Nossa fabulosa recompensa é Deus. Nós O procuramos. Queremos achá-l'O e dizemos-Lhe com a Espôsa dos Cânticos: “Achei Aquêlo a quem meu coração ama. Não O deixarei partir...”

E' uma busca fascinante. Creio ter-lhe dito, faz anos, que nossa vida era um torneio emocionante, o único torneio em que vale a pena tomar parte. Até então não sabia como eram certas minhas palavras. Sim, é glorioso, embora alguns dias sejam tristes e negros. Sabe que Claraval estêve a ponto de desaparecer? Êsse, sim, que foi um dia negro!

— O quê, Bernardo?

— Os primeiros meses que aqui passamos, não tínhamos alimento. Eu digo-lhe que, ainda que seja por Deus, torna-se

difícil trabalhar com o estômago vazio. E' preciso uma tremenda força de vontade para cantar os seus louvores quando as estocadas da fome estão roendo nossas entranhas. Guido, Geraldo e até o velho soldado que é o tio Gauderico aconselhavam a que voltássemos para Cister.

— Por que não me disse nada, ou por que não enviou um recado para papai? E' tão orgulhoso assim para não pedir?

— Não. Queria ser suficientemente valoroso para confiar. Creio que não foi vaidade de minha parte pôr nas mãos de Deus nosso cuidado. Ele nos protegeu, não sem permitir que tudo se nos tornasse negro antes de surgir a aurora. Àquele dia que há pouco qualifiquei de triste, nossa comunidade em pêsso reuniu-se à porta da igreja a fim de voltarmos para Cister. Estava resolvido. Aquêles meses haviam realmente sido cruéis. A prudência e o senso comum aconselhavam uma retirada. Eu, que estava quase disposto a ceder, embora ainda confiasse em Deus, entrei na igreja e rezei. Disse a Deus com tãda a simplicidade que se desejasse ter um mosteiro neste vale, que se preferisse ter monges em vez de bandidos nestes desertos, que se desejasse, enfim, ouvir cânticos de louvores em vez de maldições de bandidos e ladrões, Ele tinha de prover a nossas necessidades. Fui bastante atrevido, não é mesmo? Pois, ainda não tinha acabado de expor o meu "ultimatum" quando se ouviu o ranger de uma carrêta através do caminho que havíamos aberto. Vinha carregada de alimentos e de roupas. Duvido que alguma carrêta ou cavalo da história tenha sido recebida tão festivamente por alguém. Não voltamos a Cister, e desde então Deus nos abriu suas mãos. Nossa comunidade aumenta sem cessar. Algum dia terei de fazer como o abade Estêvão: enviar grupos para fundar novos mosteiros. Mas acovardo-me em ter de pensar nesse dia!

— Acovarda-se? Eu pensava que se alegraria!

— A você que é mulher, Umbelina, e conhece algo sobre o amor feminino; a você que sabe como o filho está enraizado no coração materno, a você direi que os filhos que Deus me deu para que os criasse, estão enraizados da mesma forma em meu coração. Muitos são mais velhos do que eu, outros ainda mais velhos que nosso pai, mas para mim todos são crianças. E só Deus sabe quanto os amo!

— Bernardo, falou Umbelina com doçura, êsses quatro anos mudaram muito seu aspecto exterior; mas não alteraram sua alma, pelo que dou graças a Deus. Continua sendo meu irmão, o de olhos formosos e coração mais formoso ainda.

— Será que já chegou o fim do mundo, exclamou Bernardo, para que minha irmã me louve? Antes eu era um cão, há pouco me chamou de rapôsa, e agora... oh! Umbelina, não mude nunca, ou terei de lançar a culpa em Guido de Marcy de haver-se tornado um fraco.

Umbelina sorriu um pouco triste, enquanto dizia:

— Aquêles benditos dias desapareceram para sempre, e agora mesmo ouvindo-o falar, pergunto a mim mesma se não fui um pouco frívola durante êsses anos passados. Sentadã a seu lado, falando de Deus e do caminho que a Ele conduz, nossa vida no meio da sociedade parece-me vã, vazia e sem objetivo.

— Nossa mãe vivia na sociedade, Umbelina, e eu não diria que sua vida foi vã ou vazia.

— Certo, Bernardo, e aí justamente eu quero chegar. A sociedade em que nossa mãe se movia e a sociedade que eu freqüento estão tão distantes como êsse silencioso claustro está do estrondo do nosso castelo às vésperas de uma batalha. Não fui eu uma insensata?

— Calma, Umbelina, não se julgue com excessiva severidade. Os recém-casados necessitam dar rédeas soltas à felicidade que acabam de achar. Necessitam da sociedade e a sociedade necessita deles. Porque se deixassem de nascer novos amôres, o mundo se tornaria cínico. O amor é o elixir do mundo, e só o contemplá-lo nos outros muda o mundo para nós. Talvez já tenha tido a sua expansão, e de agora em diante deve imitar mais nossa mãe. Era muito boa com os pobres; mas, cuidado, não vá cometer o equívoco de muitos cuja caridade lhes arrebatou o coração, e governe sua generosidade. Não, que seu motivo seja o amor, o amor de Cristo nos pobres de Cristo. Digo-lhe que muitas vezes considero comigo mesmo: a vida é só para o amor. Dispomos de tempo só para achar a Deus. Fomos criados só para sermos santos. Essa é a finalidade de nossa vida, minha irmã. Procure não confundir as coisas como muitos o fazem. E, agora, minha gentil senhora, venha ver se André é capaz de falar-lhe em tãrmos mais fraternais. Irei buscar Guido, Geraldo,

Bartolomeu e Nivaldo, que também se vai tornando um grande monge.

Umbelina pôs-se de pé e, antes de sair, segurou seu irmão para perguntar:

— Antes de ir-se embora, diga-me: posso ajudá-lo em alguma coisa?

— Sim, Umbelina, pode. Pode rezar para que eu chegue a ser o homem e o santo que Deus quer que eu seja. Ou melhor, pedir que eu me enamore do Deus de amor. Tenho de ocupar-me de mil coisas. Tenho de deixar frequentemente o mosteiro e temo por minha alma. É verdade que o que me leva fora desta casa é o trabalho por Deus; mas se o grande S. Paulo temia converter-se em um anátema, compreenderá que seu irmão Bernardo precisa de muitas orações.

— Bem, bem... Já que não me deixa dar-lhe nada, permita-me que lhe peça alguma coisa.

— O que, Umbelina? Não precisa perguntar.

— Dê-me sua bênção e um conselho de despedida.

A dama ajoelhou-se. Os olhos de Bernardo dirigiram-se para o céu e levantou as mãos enquanto impetrava que a bênção de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo descesse sobre sua irmã para sempre. Sua entoação e seu gesto pareceram transformar num santuário o tósco e despido aposento. Depois ajudou-a a levantar-se, beijou-a com profundo carinho e disse-lhe:

— Lembre-se, minha irmã, que o favor é enganador e a beleza vã. Eu desejo que seja louvada, e por isso deve ser como foi sua mãe Alice de Montbar, e até como foi sua santa e bendita Mãe Maria de Nazaré.

Tornou a beijá-la, dizendo:

— Vou reunir os demais. Vá ver André, penso que agora será mais fraternal.

Com um sorriso e um gesto a despediu.

O Cardeal e o Chanceler conversam

— Bem! Enfim a paz! Aimerico, sinto-me completamente esgotado. Esses oito anos foram os mais longos de minha vida.

— Acredito, Cardeal Pedro, porque também eu me encontro em pedaços, mas muito mais feliz do que tenho sido

nesses oito anos. Afigura-se-me que o soldado sentirá o mesmo depois de uma prolongada campanha. A vitória tem doce sabor, mas o homem se acha tão esgotado física, mental e emocionalmente que apenas pode saborear sua doçura. Se o cargo de chanceler da Santa Sé nunca é uma sinecura, nesses oito últimos anos foi suficiente para roubar-me o sono pelo resto da vida. A atuação de Pedro de Leão como antipatia envelheceu-me prematuramente.

Os dois prelados achavam-se sentados na sala de despacho da Chancelaria. Seus rostos, sulcados de rugas, expressavam a rudeza do trabalho realizado com toda a alma e isento de egoísmo, as preocupações e encargos capazes de esgotar o cérebro.

Aimerico, o chanceler, era o mais velho. Contudo, quando se movia ou falava, era tal a animação de seu semblante e a energia de seus gestos, que denotava o homem de ação rápida, seguro em suas decisões, firme em seus trabalhos.

O Cardeal Pedro possuía em grau maior essa tranqüila compostura que caracteriza o homem de Estado, o diplomata, o conselheiro do Trono Pontifício, que pesa e mede as palavras e os fatos com olhar de longo alcance.

Vendo aqueles dois homens, adivinhava-se a tensão que haviam sofrido, assim como essa havia desaparecido mercê da vitória, pois reclinavam-se fatigados, embora não se achassem abatidos. Apesar de se acharem nos fundos do palácio e separados pelos muros maciços do edifício, de quando em quando chegavam até eles um longínquo brado, no qual se percebiam os vivas ao Papa e a Bernardo. O Cardeal Pedro estremeceu. Inclinando-se para frente, depôs numa bandeja o copo de vinho que bebia e, com um gesto expressivo, perguntou:

— Aimerico, o que é que confere êsse poder a Bernardo? Ouve como o aclama o povo?... E tem razão, porque a êle mais que a todos devemos essa paz alcançada e a êle deve Inocência o seu trono. Mas que tem êsse homem para desfrutar dessa força?

O Cardeal recostou-se um momento e, antes que Aimerico pudesse responder, acrescentou:

— Na época do Conselho eu me encontrava em Etampes. Luís, o Gordo, rei de França, não sabendo o que fazer, havia convocado todos os prelados e príncipes do reino. Hesitava em reconhecer como Pontífice a De Leão, que se cha-

mava a si mesmo de Papa Anacleto, ou a nosso Inocêncio. Suger, seu brilhante primeiro-ministro, achava-se nos mesmos apuros e eu acredito realmente que a todos acontecia o mesmo. Pedro de Leão tinha trinta cardeais a seu lado; Inocêncio só dezesseis. Além disso, De Leão contava com a cidade de Roma, residia no Palácio dos Papas, enquanto Inocêncio se achava exilado na França. Foi um momento de provas para todos. No entanto, quando Bernardo de Claraval, o humilde monge, penetrou na assembléia, de tôdas as partes se elevou o grito espontâneo: "Que decida a questão o homem de Deus!" E tôda a França aguardou a decisão de Bernardo de Claraval. E V. Eminência sabe sua decisão, e sabe também como não só a França, mas também a Alemanha, Inglaterra, Portugal, Espanha, Itália, finalmente, a acompanharam. Como conseguiu?

— Veja, senhor cardeal, respondeu o Chanceler enquanto se levantava, depunha o copo e esfregava as mãos, prevendo uma discussão, poderia dizer-lhe que possui alguma coisa indefinível que marca um homem, para arrastar moralmente as multidões. Poderia dizer que é uma dessas pessoas que, sem realizar nenhum ato específico de vontade para consegui-lo, tornam-se verdadeiros chefes. Poderia muito bem dizer essas e outras coisas; mas dizendo-as, não diria nada. Muitos falam da personalidade nesses termos, não é verdade? Definindo-a como algo indefinível, o que não é uma definição, mas uma confissão de preguiça mental. São demasiado preguiçosos para analisar. Admito que o grande poder de Bernardo faz com que alguns se detenham e analisem, e quanto mais profundamente analisam o homem e seu poder, mais perplexos ficam, até que tropeçam na alma do abade de Claraval. Então, tudo aparece claro.

— O senhor tropeçou nela?

A pergunta do cardeal era calma, mas com certo ar de incredulidade.

— Creio que posso afirmar sem presunção. E V. Eminência deve saber que Bernardo e eu somos amigos há uns dez anos, quando nossos primeiros encontros foram tudo, menos amistosos. Muitos o chamam "língua de mel"; mas à base de nossos primeiros encontros não me faltaram motivos para chamá-lo: "pena envenenada".

— Às vezes é terrivelmente sarcástico... riu-se o cardeal.

— Sarcástico? Esse homem chega até ao insulto. Não obstante, enquanto fala e escreve há tal vibração de sinceridade que ainda que seus dardos traspassem o coração, V. Eminência não os pode tomar como um ultraje.

— Sim, esse homem é sincero. Suponho que V. Eminência qualificou sua sinceridade como primeira qualidade de sua alma.

— A primeira?... A meu ver, a sua sinceridade é a primeira, a segunda, a terceira e sua última característica. Vou dizer-lhe como o averigui.

O Cardeal Pedro tomou o copo e, enquanto se acomodava na cadeira, observava animado o jôgo de luz e sombra que se refletia no rosto do Chanceler.

— Bernardo de Claraval desconhece o temor, começou Aimerico, levantando-se para se dirigir a uma estante donde tirou um grosso volume. Aqui estão algumas cartas que dirigiu ao Papa, a alguns cardeais e a mim. Conservo como um tesouro tôdas as cartas que posso receber de Bernardo. Essas primeiras são minhas preferidas, pois nelas há uma sinceridade tão grande, tão temerária que põem a alma de Bernardo à luz do dia. Esse homem deixa a gente em suspenso.

— Assim é. Pelo menos nesse momento isso se passa com o senhor. Contudo entendo o que quer dizer. Também eu recebi algumas cartas suas. E' um latinista de mão cheia.

— Não me refiro à forma. E' realmente magistral. Seguramente se deve ao domínio que tem do latim desde que começara a escrever. Pois veja, as primeiras cartas que recebemos estavam escritas em nome dos abades de Cister, de Pontigny e, em último lugar, de Claraval. Mas o que me deixa surpreso não é a forma, e sim o conteúdo. Ouça esta, dirigida ao Papa Honório II. Como se lembra, as coisas naquele tempo não iam bem entre o rei da França e o bispo de Paris. Parece-me que Bernardo conseguira dos bispos do país que eles pusessem um veto às ordens do rei e isso atingiu profundamente o monarca, a tal ponto que chegou uma mensagem do Papa levantando o veto. O sangue ferveu nas veias de Bernardo e prorrompeu nestas palavras: "No reinado de Honório a Igreja foi profundamente ferida". A humildade, ou melhor, a constância dos bispos conseguira dominar o furor do rei, quando, oh! desgraça! a suprema autoridade do Sumo Pontífice intervém e enaltece o orgulho e derruba por terra essa constância!... "Não se pode dizer que tais palavras

fôsem calculadas para arrasar alguém. Mas escute as que seguem: "Mas o que nos assombra é que alguém decida em juízo sem ouvir ambas as partes, e que o ausente seja condenado".

— Que homem! Que homem extraordinário! exclamou o Cardeal. O Papa tinha de se enfurecer mesmo...

— Como poderia fazê-lo se na frase seguinte Bernardo acrescenta: "Não temos a ousadia de culpá-lo, se bem que aconselhamos com o amor filial de nosso coração que nosso Rei medite até que ponto triunfam os maus e os pobres se vêem abandonados por esse ato".

— E' uma virada maravilhosa!

— Sim, e o fez de tal forma que leva à convicção. Indubitavelmente o homem escreve a verdade. Foi um coração de filho que ditou aquilo que na boca de outro teria sido a mais atrevida e arrogante presunção. Pouco depois daquela carga de emoções Bernardo conclui com isto que soa como um ultimato ou declaração de guerra: "Até quando terá de sofrer o bispo de Paris os resultados de semelhante ato, nós demos avaliar, Santo Padre. Sois vós que haveis de perscrutar vosso coração. Ficai com Deus".

A idéia da fisionomia que deveria ter feito o Pontífice ao ler aquilo, fez o Cardeal sorrir ao acrescentar:

— Esse homem precipita a ação, não é mesmo?

— E' a palavra certa. Creio que logo escreveu ao rei de França sobre o mesmo assunto, começando a carta com esta frase: "O rei do céu e da terra vos deu um reino neste mundo, e vos outorgará outro no céu se fôrdes capaz de estudar uma forma de governar o vosso na terra com justiça e sabedoria".

— E' um ataque sem piedade!

— A palavra certa é: temerário. Também nessa carta envia um ultimato ao rei, ao dizer-lhe: "Se não desistirdes logo dêsse erro, não haverá nada a que não estejamos dispostos a fazer, dentro dos limites de nossa debilidade, pela Igreja de Deus e por seu ministro, o venerável bispo de Paris".

— E qual foi o limite de sua debilidade? perguntou o Cardeal.

— Bernardo era tão "débil" que conseguiu nada mais nada menos que o veto ao rei fôsse aprovado por todos os bispos da França. Prestou atenção nas palavras "pela Igreja

de Deus e por seu ministro"? Nelas está retratada a alma de Bernardo. E' o homem que não tem egoísmo. Seu desinteresse é total. Procura unicamente a glória de Deus. E' a própria encarnação do zelo; por isso suas "precipitações", como V. Eminência as chama, são recebidas com prazer. Embora no momento encolerize a vítima, raras vezes provoca sua inimizade permanente. V. Eminência sabe que, na realidade, ele estava bem a par daquele assunto.

— Seria possível?

— Sim. O bispo de Paris era o favorito do rei até que Bernardo o convenceu a mudar de vida, a deixar seus hábitos mundanos e a trabalhar como verdadeiro bispo. A mudança não agradou ao rei que se pôs a perseguir seu antigo valido. A mesma coisa aconteceu com o bispo de Sena. Da mesma maneira Bernardo estava dentro da questão. Conseguiu que o bispo se reformasse. E bem sabemos como se tornam malquistos nas côrtes os bispos reformados.

— Não é curioso ver um abade cisterciense metido em assuntos de bispos, arcebispos e reis, quando Cister é tão rija, puramente contemplativa e de uma clausura tão rigorosa?

Antes de terminar essa frase, o riso jovial de Aimerico ressoou no aposento.

— Isso é exatamente o que pensou, há dez anos, o Concílio de Troyes, ao qual esteve presente também Bernardo, e não como simples espectador. Foi ele quem traçou as regras para a Ordem dos Cavaleiros do Templo. Quase imediatamente se seguiram os Concílios de Arras, Châlons, Cambraia e Laon. Bernardo esteve presente em todos eles, atuando mais como um ditador do que como espectador. Aquêles Concílios, como o senhor Cardeal deve estar lembrado, dispersaram uma comunidade religiosa, depuseram um bispo e obrigaram a se demitir um abade, Bernardo foi a força impulsora de tudo aquilo. Apenas encerrados os Concílios, de todas as partes choveram denúncias para Roma, de príncipes, religiosos, de povos, nas quais motejavam do jovem abade — ainda não tinha quarenta anos — chamando-o de intrometido, ambicioso, impostor, farsante e mil outras coisas. Eu, crendo que se o rio roncava tanto, era sinal de que levava muita água em seu seio, escrevi-lhe uma carta. Naquele momento estava muito excitado e disse ao bom abade de Claraval que a Igreja ganharia muito mais e o mundo estaria mais em paz se as

ousadas rãs cistercienses não saíssem de seus charcos e não coxassem, perturbando assim o Universo.

— Escreveu isso?

— Como estou dizendo. E enviei-lhe a carta em nome do Sacro Colégio dos Cardeais.

O Cardeal Pedro ficou boquiaberto, perguntando por fim:

— E como Bernardo a recebeu?

— Escute a resposta:

... “Regozija-me saber que se desgostou com minha intromissão em questões que não concernem aos monges. Com isso prova sua prudência e sua amizade por mim. Por isso pode estar seguro de que seu desejo e o meu se verão satisfeitos, não dando mais motivos para que essas rãs ruidosas e descorteses abandonem seu charco no futuro”.

— Boa resposta, Aimerico!

— Espere um pouco, pois ainda não ouviu tudo. Escute isto:

... “Não permita que o coxar delas se faça ouvir nas salas dos conselhos dos bispos nem nos palácios dos reis...”

— E agora vem o melhor. Esse homem é capaz de engolir brasa. Escute e diga-me se não é verdade: — “Não consinta que nem a autoridade nem a necessidade tenham força suficiente para evitar suas interferências em discussões ou assuntos públicos de espécie alguma. Assim talvez seu amigo possa evitar de ser culpado de presunção. Contudo, não sei como pude expor-me a tal acusação, porque minha decisão e minha resolução foram sempre as de não abandonar meu mosteiro, exceto em assuntos concernentes à minha Ordem, ou como legado da Santa Sé, ou de meu próprio bispo. A nenhum deles posso em consciência desobedecer a não ser com autorização de uma hierarquia superior. Se V. Emcia. tivesse a bondade de alcançar-me esse privilégio, eu poderia desfrutar a paz e deixaria os demais desfrutar a sua”.

O rosto incendiado do Cardeal e seus brilhantes olhos demonstravam complacência:

— Nunca se viu devolver estocada com mais destreza, Eminência.

— Nunca, com efeito. Mas veja a última frase: Depois de haver derrubado por terra seus rivais, Bernardo põe-lhe os pés em cima. O senhor Cardeal pode imaginar que en-

quanto lia essas linhas acima ardiam-me as faces. Pense só quando li isto:

... “Embora me encerre no mais absoluto silêncio, não creio que cessem os rumores na Igreja enquanto a Cúria Romana continua prejudicando os ausentes e favorecendo os que estão perto. Adeus!”

O Cardeal Pedro apenas podia conter-se, para não ser sufocado pelo riso. Depois conseguiu articular estas palavras:

— Não creio que V. Eminência tenha ficado muito a gôsto depois de receber essas palmadas.

— E’ lógico. Reli muitas vezes essa carta que tão claramente mostrava a lúcida inteligência com a qual devia travar polêmica. Alegro-me, porém, de havê-la estudado, pois em suas linhas conheci a alma de Bernardo. Já ouviu os motivos alegados para abandonar o mosteiro. Não eram frases pronunciadas no ardor da paixão; era a verdade. Bernardo é um verdadeiro religioso contemplativo. E somente se sente plenamente feliz quando está em seu retiro.

— Está certo disso?

— Se não me acredita, Eminência, para disso ficar certo é só ir ver onde se encontra Bernardo neste momento.

— Não sei. Onde está?

— Na França. Em seu amado Claraval.

— Como? Quer dizer que este homem termina com o cisma mais cruel do século e não comemora sua celebração?

— Assim é. Bernardo saiu de Roma com tanta pressa e o mais ocultamente possível. Para ele o drama terminou no momento em que o falso Papa, despojando-se das insígnias pontificias, depositou-as aos pés de Inocêncio e jurou fidelidade ao legítimo sucessor de São Pedro. Não esperou que outros lhe regatassem aplauso. Seu trabalho estava terminado, e tinha de se dedicar a outro em honra de Deus. Dêsse modo vi-o muitas vezes proceder.

— Bernardo é a humildade personificada...

— Ficaria vermelho se lho dissesse. E aposto que lhe responderia que somente é sincero. E’ verdade que esse é seu modo de definir a humildade. Diz que ela é a sinceridade com que vemos a nós mesmos como o somos na realidade e tornamo-nos vis a nossos próprios olhos. Isso não é má definição. Mas o que eu quisera não era ressaltar sua humildade, mas o seu desinteresse absoluto e seu carinho por Claraval. Ninguém poderá dizer que Bernardo não é um

contemplativo, apesar de ser o homem mais ativo da época. Eu resumiria sua vida, dizendo que tem o coração e o espírito de Maria e a energia e as mãos de Marta. Leia o seu tratado sobre o "Amor de Deus", que teve a bondade de escrever para mim e até a gentileza de dedicar-me. E' sublime e, no entanto, sumamente simples.

— V. Eminência ousa chamar "simples" a Bernardo?

— Com efeito, replicou rapidamente o Chanceler. Creio que me equivocaria se resumisse com qualquer outra palavra. Utilizo a palavra "simples" no mais puro sentido. Vossa Eminência bem o sabe, meu bom Cardeal, que simples não é sinônimo de "estúpido", se bem que muitos assim o pensem. Não. A simplicidade requer inteligência fina e vontade firme. Por isso existem tão poucas pessoas simples. A simplicidade exige que o homem se ache absorto numa só idéia. Isso sucede com Bernardo. Deus é sua única idéia, sua única preocupação.

— Surpreendem-me suas categóricas afirmações, comentou o Cardeal, mexendo-se em sua cadeira.

— Era isso precisamente o que eu queria. Perguntou-me se eu havia penetrado na alma de Bernardo, e eu disse que sim. Acabo de expor o que é essa alma. Uma alma abismada em Deus. Perdida em Deus.

— Não vejo alma alguma perdida num homem que domina todo o continente europeu, que dita ordens ao Papa, aos cardeais, aos reis e ao resto dos mortais; que é o espírito dirigente dos Concílios e o árbitro de todas as grandes disputas civis e eclesiásticas.

— Está olhando só para a superfície, Pedro. Aprofunde-se mais. Atravesse a casca. Chegue até o coração e perscrute a alma dêsse homem e então ficará sabendo como e por que faz todas essas coisas. Devo dizer-lhe que quando Bernardo de Claraval escreve molha sua pena no sangue de seu coração e o leitor arguto pode sentir sua pulsação.

O Cardeal folheou um momento seus papéis.

— Aqui está uma breve carta que me escreveu faz dez anos. Escute só esta frase: "Sei que posso ser importuno; mas importuno pela clareza, verdade e justiça". Assim é o abade de Claraval. Mostrei sua ousadia e sua temeridade. Essa frase mostra sua sinceridade sem véus. Realmente é importuno. Resumiu-se numa só palavra. E' mais acertada que um livro todo de seus adversários. Bernardo é importuno.

E' totalmente insuportável em sua persistência. Mas como poderemos rechaçá-lo ou encolerizar-nos contra ele quando diz com absoluta razão que é importuno pela caridade, justiça e verdade? Empregou três palavras que na realidade significam uma só verdade. Não quero tornar-me superficial, e posto que Deus é a verdade, a justiça e a caridade essenciais, e Bernardo seja importuno por Deus, prefiro que outra frase dêle fale por mim. Esta, que todas as pessoas consagradas ao serviço de Deus deveriam adotar como o mais importante princípio de nossa vida: "Nenhum dos assuntos referentes a Deus me é alheio". Essa frase, Cardeal, explica como um contemplativo tem de ser ativo e como um homem ativo pode ser contemplativo.

— V. Eminência esclareceu-me muitas coisas a respeito de Bernardo. Mas poderia dizer-me por que êsse homem, cuja bôca é como o mel, tem tanto veneno na pena? São necessários tanta força e tanto vigor? Não se torna intemperante?

O Chanceler pôs-se a rir.

— V. Eminência fala como um verdadeiro diplomata. Penso que não se ofenderá se lhe disser que os espíritos dirigentes de todos os tempos não são diplomáticos. Possuem um vigor que raia pela veemência, uma temeridade e um ardor que se aproximam da brutalidade. A razão é que pensam com mais clareza, sentem com mais força e expressam com mais atrevimento. Bernardo pertence a êsse tipo. Não tem nada de diplomacia. Não creio que tenha escrito nenhum tratado, nem sequer uma carta, sem ter provocado alguma inimizade. Os diplomatas nunca fazem isso. Mas Bernardo acaba sempre por dominar, por realizar. Sempre vence. E isso, os senhores diplomatas nem sempre o conseguem.

O Chanceler levantou-se. Serviu mais um copo de vinho a seu hóspede.

— Lembra-se daquele tratado, por exemplo, cruel, cáustico, ferino e sarcástico que êle escreveu em defesa da forma de viver cisterciense? Cada linha encerra uma censura e uma aguilhoada. Praticamente a defesa de Cister torna-se um ataque a Cluny, e não somente a Cluny, mas a todas as Ordens religiosas. Isso não era o coaxar de uma rã cisterciense; era uma lançada de um guerreiro cisterciense. E qual foi o resultado? Todos se voltaram contra Bernardo, o homem da pena empenhada? Nada disso! Enquanto respirávamos, vimos que Suger, abade de São Denis e primeiro-ministro da Fran-

ça, era um homem reformado depois de se ver retratado na sátira de Bernardo. Vimos Pedro, o Venerável, archiabade de Cluny, contra quem também ia o feroz ataque, reunir seus priores em assembléia e ditar-lhes umas reformas conforme a pauta do tratado. E mosteiro após mosteiro, Ordem após Ordem, foram, o mais dissimuladamente possível, eliminando tôdas as coisas censuradas de maneira implacável por Bernardo. Eu creio, Cardeal, que só existe uma explicação para isso: a sinceridade! A verdade! O mundo percebeu que Bernardo tinha razão.

— Sim, mas o mundo nem sempre segue a quem tem razão, objetou o Cardeal.

— Está certo. Mas quando se dá conta de que o homem que tem a razão é sincero, totalmente sincero e desinteressado, que só trabalha para a glória de Deus e bem de seu próximo, o mundo ainda que lentamente acaba por segui-lo. Temos de admitir, Pedro, que o abade de Claraval possui algo de que poderíamos chamar "messiânico".

— A expressão parece-me um tanto atrevida.

— E' uma fórmula adequada para exprimir meus pensamentos. Eu não sei dizer se êle sabe disso ou não; mas Bernardo de Claraval está conseguindo na realidade com que o mundo tenha consciência de Deus. Está embebendo e fazendo penetrar em tôdas as atividades e instituições humanas a consciência de Deus, e com isso aproxima-nos a todos de Cristo. A gente crê nêle. Os príncipes e os prelados confiam nêle. Os reis, imperadores e até o Papa reconhecem-no como o homem do dia. Por quê?

O Chanceler fêz uma pausa. Era evidente, porém, que não esperava uma resposta de seu interlocutor que compreendeu ser uma pausa retórica ao acrescentar lentamente:

— Porque reconhecem como êle está consciente de Deus. Nisso se baseia o sêgrêdo da força de Bernardo: em sua sinceridade e simplicidade, ou se prefere, em sua consciência de Deus.

— Sim, realmente é um homem.

— E um homem de Deus. Mas V. Eminência não conhece mais que uma facêta de Bernardo. Expliquei, bem ou mal, o aspecto divino, e não seria justo deter-me aqui. Se dissesse que é um homem com plena consciência de Deus e não acrescentasse mais nada, diria só meia verdade. Para ser totalmente justo, tenho de acrescentar algo que muitos não

conseguem captar. Justamente por estar tão consciente de Deus, Bernardo é o mais humano possível.

— Paradoxo! Sempre paradoxo!

— Deixe-me terminar! Deus deu-nos dois mandamentos fundamentais, e não podemos observar um, sem observar o outro também. Quem ama a Deus tem de amar seu próximo também. Deus deu-nos um modelo; mas nesse modelo há duas naturezas. E portanto quem quiser copiar a Cristo tem de ser humano, sumamente humano se quiser ser divino. Ah! Cardeal, quantos que não percebem isso! Pessoas boas, piedosas e sinceramente religiosas não meditam nessa verdade.

Isso não ocorre com Bernardo, com ninguém que o conheça ou viva sob suas ordens. Em muitas dessas cartas, V. Eminência viu seus punhos ameaçadores ou em ação. Mas, uma vez terminada a batalha, êsses punhos convertem-se em mãos abertas e estendidas para apertar no mais cálido e amistoso apêto que V. Eminência poderia receber em vida. Bernardo terá muitos inimigos em vida, porque vê as coisas com demasiada clareza e as diz com demasiada simplicidade para servir aos interesses de muitos; mas ao mesmo tempo terá muitos amigos enquanto viver por causa de sua amizade franca e cordial. Aí o senhor tem por exemplo Suger. Bernardo converteu-o no alvo das zombarias de todo o país ao pintar sua caricatura, em defesa de Cister. Hoje em dia, porém, Suger estima a Bernardo com um amor viril e emocionante. Bernardo corresponde a êsse afeto. Veja Pedro de Cluny. Bernardo julgou desapiedadamente sua Ordem na mesma defesa de Cister. Hoje em dia, Pedro escreve mais cartas a Bernardo que a seus superiores. Até ouvi dizer que Pedro quer ingressar no mosteiro de Bernardo. Assim poderia ir enumerando...

— Sim, comentou Pedro enquanto bebia seu último gole de vinho, poderia chegar até a Chancelaria da Santa Sé de Roma. Embora o senhor não se dê conta, parece-me que estima muito êsse homem, Aimerico.

— Sei e sinto-me orgulhoso disso, ainda mais porque Bernardo corresponde a meu afeto. Não duvide disso. Aqui tem a sua última carta. Fala-me de minha alma, e o faz como nenhum confessor o fêz até agora. Bernardo está preocupado com minha salvação, tem a preocupação de mãe e, ao meu modo de ver, isso não é senão carinho. Escreve-me: "Uma alma é uma coisa valiosíssima. O que poderá obter um ho-

mem em troca desta alma? Nem o mundo inteiro seria suficiente. Se chegasse até a morte por causa do pecado, como poderia ser restituída? Existirá outro Cristo para ser crucificado novamente por ela? Eu quisera que sôbre êsse ponto meditasse muitas vêzes como o homem prudente: Meu filho, lembra-te de teus novíssimos, e jamais peques..."

O Chanceler fêz uma pausa, olhou para o Cardeal e disse:

— Pedro, sômente um verdadeiro amigo escreveria nesses têrmos ao Chanceler da Santa Sé.

O Cardeal consentiu com um aceno e murmurou:

— Verdadeiramente é uma alma excepcional.

— E o mais belo de tudo é que Bernardo é uma alma humilde, disse Aimerico enquanto se dirigia para uma estante que estava colocada no extremo oposto da sala e dela tirava duas cartas. Agora vou torná-lo parte de um segredo. Bernardo de quando em quando se torna melancólico!

— Pode provar tal afirmação?

— Isso é precisamente o que vou fazer. Aqui tem uma carta. Não pergunte de quem a obtive nem como. Mas veja o carimbo para comprovar que é autêntica.

O Cardeal olhou-o e disse:

— Reconheço. E' o carimbo que Bernardo usa.

— Agora veja a quem é dirigida.

O Cardeal levantou a carta até a luz e leu em voz alta:

— "A Beatriz m-m-m-m..."

— Sim, m-m-m-m... repetiu Aimerico e, pegando novamente a carta, leu: "Maravilha-me vossa zelosa devoção e vosso afeto carinhoso por minha pessoa". Essa a primeira frase da carta. Não se surpreende que um homem de Deus comece uma carta dessa forma? Mas continua no mesmo teor, dizendo que, se tivesse com ela laços de parentesco, seriam justos êsse zelo e afeto". Como, porém, não reconhecemos em vós uma mãe, só uma senhora nobre, a maravilha não é que nos maravilhássemos, mas que nos maravilhássemos bastante...

— Modo esquisito de agradecer!

— Realmente. E aqui vem a prova de que Bernardo se sente melancólico. E' um homem solitário, apesar de ter sob suas ordens tôda uma família religiosa de centenas de monges. Continuando com a idéia exposta na frase anterior de que, por não tratar-se de pessoa vinculada a êle por parentesco, lhe cause assombro o afeto que lhe demonstra, Ber-

nardo escreve: — "Por que, quem dos nossos parentes ou conhecidos se preocupa por nós? Quem nos pergunta a respeito de nossa saúde? Quem sente, não diria eu ansiedade, mas se preocupa por nós no mundo?..."

— Isso é o grito de uma alma ferida pela solidão.

— Perfeitamente. E' assim mesmo?... Então escute êsse lamento: — "Parece que para os amigos, parentes e conhecidos nós nos tornamos uma espécie de vaso quebrado. Vós sois a única que de nós não se esquece..."

O Chanceler fêz novamente uma pausa. Havia lido essa passagem com um tom patético. Estava comovido. Olhou para o Cardeal para ver o efeito que lhe causava, e viu-o mover a cabeça com espanto e compaixão.

— Oh! céus! — exclamou por fim. Nunca houvera crido! E' o grito que raia o abandono completo. E vem de Bernardo, o guerreiro perfeito! E' possível que Deus atire as almas dos santos em tais profundezas que as façam quase perder a razão?

Aimerico demorou a responder. Finalmente sua resposta foi solene:

— Pedro, acaba de falar uma grande verdade. Deus tritura as almas dos santos. Aprecio sua agudeza em haver colocado Bernardo no lugar que, creio eu, êle merece: entre os santos de Deus. Com efeito, admitiu meu ponto de vista, isto é, que um homem revela sua divindade ao mostrar até que ponto é humano.

Depois, recuperando sua vivacidade, acrescentou:

— Eu não queria terminar nossa conversa sôbre Bernardo nesse tom. Sofre de melancolia, mas não continuamente. Aqui esta carta mostra Bernardo em sua forma habitual.

E mostrou outra carta que tinha conservado na mão.

— Também esta carta escrita para uma mulher. Mas de maneira bem diferente. Era uma religiosa que pensava em mudar de vida. Vivía há tempos num convento quando lhe veio a idéia de tornar-se eremita solitária. Escreveu a Bernardo, pedindo-lhe conselho. E obteve-o. Escute o que escreve: "Oh! parece-me que sois uma das virgens néscias (se, realmente, sois virgem...)"

O Cardeal soltou uma exclamação de assombro.

— Os parênteses de Bernardo são inapreciáveis, continuou Aimerico, mas êsse é verdadeiramente mordaz. Escute o argumento inteiro. Diz:

mem em troca desta alma? Nem o mundo inteiro seria suficiente. Se chegasse até a morte por causa do pecado, como poderia ser restituída? Existirá outro Cristo para ser crucificado novamente por ela? Eu quisera que sôbre êsse ponto meditasse muitas vêzes como o homem prudente: Meu filho, lembra-te de teus novíssimos, e jamais peques...”

O Chanceler fêz uma pausa, olhou para o Cardeal e disse:

— Pedro, sômente um verdadeiro amigo escreveria nesses têrmos ao Chanceler da Santa Sé.

O Cardeal consentiu com um aceno e murmurou:

— Verdadeiramente é uma alma excepcional.

— E o mais belo de tudo é que Bernardo é uma alma humilde, disse Aimerico enquanto se dirigia para uma estante que estava colocada no extremo oposto da sala e dela tirava duas cartas. Agora vou torná-lo parte de um segredo. Bernardo de quando em quando se torna melancólico!

— Pode provar tal afirmação?

— Isso é precisamente o que vou fazer. Aqui tem uma carta. Não pergunte de quem a obtive nem como. Mas veja o carimbo para comprovar que é autêntica.

O Cardeal olhou-o e disse:

— Reconheço. E’ o carimbo que Bernardo usa.

— Agora veja a quem é dirigida.

O Cardeal levantou a carta até a luz e leu em voz alta:

— “A Beatriz m-m-m-m...”

— Sim, m-m-m-m... repetiu Aimerico e, pegando novamente a carta, leu: “Maravilha-me vossa zelosa devoção e vosso afeto carinhoso por minha pessoa”. Essa a primeira frase da carta. Não se surpreende que um homem de Deus comece uma carta dessa forma? Mas continua no mesmo teor, dizendo que, se tivesse com ela laços de parentesco, seriam justos êsse zêlo e afeto”. Como, porém, não reconhecemos em vós uma mãe, só uma senhora nobre, a maravilha não é que nos maravilhássemos, mas que nos maravilhássemos bastante...

— Modo esquisito de agradecer!

— Realmente. E aqui vem a prova de que Bernardo se sente melancólico. E’ um homem solitário, apesar de ter sob suas ordens tôda uma família religiosa de centenas de monges. Continuando com a idéia exposta na frase anterior de que, por não tratar-se de pessoa vinculada a êle por parentesco, lhe cause assombro o afeto que lhe demonstra, Ber-

nardo escreve: — “Por que, quem dos nossos parentes ou conhecidos se preocupa por nós? Quem nos pergunta a respeito de nossa saúde? Quem sente, não diria eu ansiedade, mas se preocupa por nós no mundo?...”

— Isso é o grito de uma alma ferida pela solidão.

— Perfeitamente. E’ assim mesmo?... Então escute êsse lamento: — “Parece que para os amigos, parentes e conhecidos nós nos tornamos uma espécie de vaso quebrado. Vós sois a única que de nós não se esquece...”

O Chanceler fêz novamente uma pausa. Havia lido essa passagem com um tom patético. Estava comovido. Olhou para o Cardeal para ver o efeito que lhe causava, e viu-o mover a cabeça com espanto e compaixão.

— Oh! céus! — exclamou por fim. Nunca houvera crido! E’ o grito que raia o abandono completo. E vem de Bernardo, o guerreiro perfeito! E’ possível que Deus atire as almas dos santos em tais profundezas que as façam quase perder a razão?

Aimerico demorou a responder. Finalmente sua resposta foi solene:

— Pedro, acaba de falar uma grande verdade. Deus tritura as almas dos santos. Aprecio sua agudeza em haver colocado Bernardo no lugar que, creio eu, êle merece: entre os santos de Deus. Com efeito, admitiu meu ponto de vista, isto é, que um homem revela sua divindade ao mostrar até que ponto é humano.

Depois, recuperando sua vivacidade, acrescentou:

— Eu não queria terminar nossa conversa sôbre Bernardo nesse tom. Sofre de melancolia, mas não continuamente. Aqui esta carta mostra Bernardo em sua forma habitual.

E mostrou outra carta que tinha conservado na mão.

— Também esta carta escrita para uma mulher. Mas de maneira bem diferente. Era uma religiosa que pensava em mudar de vida. Vivía há tempos num convento quando lhe veio a idéia de tornar-se eremita solitária. Escreveu a Bernardo, pedindo-lhe conselho. E obteve-o. Escute o que escreve: “Oh! parece-me que sois uma das virgens néscias (se, realmente, sois virgem...)”.

O Cardeal soltou uma exclamação de assombro.

— Os parênteses de Bernardo são inapreciáveis, continuou Aimerico, mas êsse é verdadeiramente mordaz. Escute o argumento inteiro. Diz:

— “Ou bem sois uma das virgens néscias (se, realmente, sois virgem), ou pertenceis ao número das prudentes. Se sois do número das néscias, precisais do convento. Se sois do número das prudentes, o convento precisa de vós”.

Isso é tudo. Expressivo, agudo, prático. Assim é Bernardo.

O Cardeal pôs-se a rir.

— Esse é o nosso homem, Pedro. Um homem de corpo e alma. Despreza as mitras, nem sequer usa as de que os abades começam a fazer uso, rechaça os bispados e arcebis-pados; mas é capaz de escrever a uma virgem néscia ou prudente, de trabalhar mais que dez bispos e mais que dez car-deais se fôr preciso. E’ capaz de rezar como um serafim e de amar como Deus. Esse é Bernardo tal e qual o vejo: um amante.

— Sim, concordou o Cardeal. Vendo-o através de seus olhos, vejo-o como nunca o vira antes. Talvez o tenha analisado e sintetizado com sua última palavra. Quem sabe, no significado dessa última palavra, reside a melhor e mais certa razão de sua extraordinária influência. Todos amam um amante, como se diz. E, como me demonstrou, Bernardo é um amante de Deus, do homem e da mulher.

— Permite-me que retifique? Não deve dizer que eu lhe demonstrei, mas reconhecer que êle se mostra por si mesmo. Foi Bernardo, não eu, quem disse que era importuno por caridade, por justiça e por verdade. Foi Bernardo e não eu quem disse que nenhum dos assuntos de Deus lhe é alheio. Foi Bernardo e não eu quem enviou seus ultimatos ao rei, ao Papa, ao Colégio dos Cardeais. Foi Bernardo e não eu quem disse: Perguntas-me com que medida se há de amar a Deus, e eu te respondo: sem medida. Bernardo poderia pôr essa frase em seu escudo ou fazê-la gravar em seu carimbo, pois o define com perfeição: amar a Deus sem medida. Bernardo analisou-se a si mesmo para V. Eminência.

Dito isso, o Chanceler depositou em cima da mesa as cartas que tinha nas mãos e que serviram para dar ênfase a seus gestos, pegou a jarra de vinho, encheu novamente os copos e disse:

— Bebamos em honra de Bernardo como homem, como monge e como amante.

Ouviu-se um musical tilintar de copos, e ambos os car-deais beberam em honra do abade de Claraval.

O Prior e o Secretário discordam

Uns dez anos depois de ter terminado o brinde dos car-deais, outros dois admiradores de Bernardo o brindavam novamente. À medida que a discussão prosseguia, a harmonia e a paz que reinaram na conversa de Aimerico e Pedro, iam faltando na dêses dois interlocutores.

Discutiam dois monges em Claraval, o Prior da abadia e o secretário do abade. E o motivo eram alguns versos.

Era no ano de 1147. Bernardo acabava de voltar do Concílio de Reims. Estava cansado e seu rosto não dissimulava as rugas de seus cinquenta e seis anos cheios de trabalhos, preocupações e êxitos. A fadiga era tão visível em cada uma de suas rugas, que o Prior se absteve de lhe fazer perguntas. Logo que Bernardo se recolheu em sua cela, o Prior fêz vir a seu quarto Godofredo de Auxerre, que como secretário de Bernardo o acompanhara ao Concílio.

Godofredo entrou na reduzida cela do Prior, vibrante de entusiasmo, seus olhos brilhavam e todo o seu semblante demonstrava animação. Antes que o Prior pudesse fazer-lhe uma só pergunta, o exuberante Godofredo exclamou:

— Escute isto, Padre Prior. E’ bastante esquisito.

E levantando a mão como se tivesse uma cópia, recitou com entusiasmo:

“Este é meu hosana
ao poeta Bernardo,
que escreve cartas de amor
melhor que Abelardo”.

E sem esperar comentário, exclamou:

— Não é magnífico?

As hirsutãs sobranceiras do Prior contraíram-se enquanto as narinas se mexiam em sinal de interrogação. Não quanto as narinas se mexiam em sinais de interrogação. Não baraçado. Olhou para o Prior e embora outro tivesse ficado petrificado ante sua atitude, Godofredo nem sequer se calou. Limitou-se a sorrir, ao dizer-lhe:

— Vejo que fui demasiado brusco. Permita-me chegar ao objetivo recitando os primeiros versos da poesia em lugar dos últimos. Dizem assim:

Se poeta fôsse,
teria preferido
escrever como Bernardo
de Deus Pai e Filho
e Espírito Santo,
antes de escrever
os queixumes de paixão
que Abelardo dirigia,
escrevendo à Heloísa.

— Depois dessa introdução, não há mais que apreciar o final do brinde.

E levantando outra vez a mão, como se segurasse um copo, tornou a declamar:

“Este é meu hosana
ao poeta Bernardo
que escreve cartas de amor
melhor que Abelardo”.

Desta vez o Prior fechou a carranca. Voltou as costas ao secretário Godofredo, olhou para os campos onde as searas verdejavam lindamente. Por cima das macieiras pesadamente nevadas de flôres brancas e côr de rosa, seus olhos chegaram até a turva corrente do Aube. Murmurou para si mesmo várias vêzes os versos e terminou dizendo:

— Não me agrada, Godofredo, não me agrada.

— O que não lhe agrada? perguntou o secretário quase gritando. Oh! Padre Prior! O senhor terá perdido o senso artístico? Isso é estranho! Aqui está a história completa de duas personagens mais salientes da época, captadas, aprisionadas e retratadas nas linhas de uns versos brancos.

— Aprecio o conceito atrevido. O contraste agudo e evocativo. Não encontro a menor falta na expressão do poeta. Escreveu bem. Como está dizendo, nuns poucos versos faz brilhar ilustres personagens. Mas não posso compartilhar seu entusiasmo, Godofredo, porque encontro mais fantasia que realidade. Seu poeta mostra nítida habilidade literária, não uma profunda penetração lógica ou psicológica. Em resumo: Godofredo, seus versos são historicamente injustos tanto para com Bernardo como para Abelardo. Não me agradam as injustiças históricas.

O sorriso do secretário desapareceu. A veemência que animava seu semblante quando entrara na cela teve igual sorte; e o fulgor de seus olhos sob espessas sobrancelhas

expressou dor e curiosidade. Com um tom infinitamente mais baixo do que quando recitava os versos, falou:

— Padre Prior, para que não o chame de iconoclasta, quereria dizer-me onde está o êrro de meu poeta? Por que o acha injusto para com ambos?

— Em primeiro lugar, porque Abelardo caiu. Todos conhecem seus amôres com Heloísa. Mas eu sustento que é pouco varonil, pouco cristão e pouco digno de um sacerdote resumir tôda a sua vida nesse episódio. Sempre que ouço alguém tocar nesse tema, lembro-me de Cristo que voltou as costas a uma multidão de judeus com pedras nas mãos, fazendo pouco caso, ao que parecia, da pobre mulher pecadora, ajoelhada a seus pés, e pôs-se a escrever na areia. O senhor já sabe o que disse quando se levantou depois de escrever e sabe também quantas pedras foram atiradas à infeliz mulher. Todos os homens, todos, até o último de nós, somos feitos de barro. Por que apedrejarmos nossos semelhantes? Reconheço que Abelardo era intelectualmente orgulhoso, mas era um verdadeiro intelectual! Poderíamos dizer o mesmo de cada um dos seus críticos? Lembre-se de que a inteligência é que faz o homem ser homem; é o único talento que não se pode ocultar sob pena de que o Mestre nos chame algum dia de: “servos inúteis e preguiçosos”. O homem foi feito para “saber”, Godofredo, o que significa que deve desenvolver sua inteligência. O homem foi feito para saber neste mundo e no outro. De fato, tal é a descrição que Cristo faz do céu ao dizer: “Esta é a vida eterna para que possam saber...”

— Certo. Mas ninguém reprova sua inteligência. Seu pecado consiste em seu orgulho intelectual.

— Tenho observado, Godofredo, que quem fala muito do orgulho intelectual, acaba por enlamear-se e chafurdar na preguiça intelectual, a qual é para mim um pecado ainda mais grave. Além disso, suponha que admito ter sido Abelardo um orgulhoso intelectual. O que significa êsse orgulho? Não prova que é seu e meu irmão? Existiu um só filho de Adão e Eva isento de orgulho? Godofredo, se olhar para as pessoas, verá que ainda os mais ignorantes são sempre os mais arrogantes, e ainda que pareça um paradoxo, a causa de seu orgulho intelectual é a sua própria ignorância. Nós devemos ser verdadeiros filhos de nosso Pai Bernardo e fazer o que sempre nos aconselha: olhar o fim. Como terminou Abelardo?

— O abade de Cluny nunca se cansa de dizer ao mundo como foram humildes, santos e devotos os últimos anos daquele gigante intelectual.

— E que foi feito de Heloisa depois da queda que ocorreu há tanto tempo?

— Entrou para a vida religiosa e chegou a ser abadessa do Convento. Nunca ouvi dizer nada contra ela. O Pai Bernardo visitou certa ocasião seu mosteiro de Paráclito e só encontrou falha numa frase do "Pai-Nosso".

— Não vê então quanto mais caridoso, mais cristão e mais próximo da verdade seria mencionar isto em lugar de seus pecados? Abelardo retratou-se e arrependeu-se. Heloisa é uma monja respeitável e respeitada. Oxalá seus críticos tenham um fim igualmente santo!

— O senhor fala como um discípulo de Abelardo... ironizou ligeiramente o secretário.

— Procuro falar como discípulo de Cristo e de Bernardo, replicou o Prior com vivacidade. E agora passo para o segundo ponto. Seus versos são injustos para com Bernardo.

— Isso será mais difícil de provar. Seus sermões são como cartas de amor a Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo.

— Repito-lhe que seu poeta tem um conceito esquisitamente poético. Não vê, Godofredo, que, se alguém não conhece intimamente nosso pai, ao ler essa poesia, tirará a conclusão de que a vida inteira de Bernardo esteve concentrada no conflito com Abelardo?

— E acaso não foi êsse seu maior trabalho e seu maior triunfo? Eu estava presente naquele dia; embora tenha sido há sete anos, ainda o tenho fresco na memória como se tivesse acontecido ontem em Reims. Não é possível esquecê-lo, pois foi a reunião do século. Em toda a França, ou melhor, em toda a Europa, não existia um só monge que não desejasse enfrentar Abelardo num debate. Muitos se molestavam com seu ensino. Lembro-lhe como Guilherme de Saint-Tierry escreveu a nosso pai Bernardo sobre êle. Tinha descoberto os erros de Abelardo; mas queria que fôsse Bernardo quem os refutasse. O mesmo ocorreu com muitos outros. Conheciam os erros, mas temiam enfrentar o autor.

E por quê? Porque era o rei dos polemistas. Ainda quase criança tinha derrotado Guilherme de Champeaux, o mestre da dialética em toda a França. E desde aquêlê dia, até

3 de junho de 1140 não mais existiu quem se atrevesse a discutir com êle. Abelardo cria-se invencível. O mundo pensava a mesma coisa. E o que sucedeu? Sucedeu que diante de um auditório como jamais se vira, formado pelo rei, pelo delegado apostólico, pelos arcebispos, bispos, abades, priores, clérigos e uma verdadeira academia de letrados, o grande Abelardo foi reduzido ao silêncio por um monge magrinho, de aspecto débil e enfermiço. Não esquecerei essa assembléia enquanto fôr vivo, nem esquecerei o temor que experimentou o grande Abelardo. Quão pequeno, assustado e preocupado parecia nosso pai Bernardo!

Abelardo chegou com atraso. Creio que foi para produzir efeito. Sua entrada foi verdadeiramente majestosa. De toda a sua pessoa se irradiava vigor, confiança, domínio, poder e império. Dirigiu-se até o altar acompanhado do ardoroso Arnaldo de Bréscia, de aspecto furibundo, e de uma turma de discípulos apaixonados que cantavam em côro uníssono a vitória antecipada. Quando chegou ao presbitério, parou, olhou para o rei, para o legado da Santa Sé, para os arcebispos, para as fileiras de mitras, com olhares desdenhosos e arrogantes.

Bernardo pôs fim a tanto teatro, fazendo imperar o silêncio em toda a assembléia ao levantar-se de sua cadeira e começar a ler em voz alta e clara uma série de proposições claramente heréticas compiladas dos escritos de Abelardo. Vi mais de uma cabeça mitrada fazer sinais aprobatórios à medida que Bernardo lia e comentava breve e sutilmente. Por fim, parou, olhou fixamente para Abelardo e disse: — "Defendei-as, retificai-as ou negai que sejam vossas!" A assembléia toda pareceu ficar suspensa ao sair dos lábios de Bernardo aquela tríplice ordem. Houve um momento tenso de temor e assombro, quebrado quando Abelardo se ergueu. O auditório estremeceu. Seus partidários, tendo como certo seu triunfo, pareciam olhar para Bernardo com comiseração. Mas seus semblantes se empalideceram à primeira frase de Abelardo: "Nego-me a responder ao cisterciense. Apelo dêste Concílio para a Santa Sé". Antes que a assembléia se recuperasse do susto, Abelardo tinha fugido. Que triunfo! Pouco antes, Bernardo tinha dito de Abelardo que êle era um verdadeiro Golias. Agora pergunto-me: será que adivinhara que êle ia ser um verdadeiro David?

— Nosso pai estava exaltado? perguntou o Prior.

Ao que Guilherme respondeu:

— Padre Prior, isso é algo que não posso compreender em nosso abade. Antes e durante a batalha estava incendiado de paixão. Uma vez vitorioso, recobrou a calma impressionante. Algumas coisas que escreveu ao Papa, aos cardeais, e a outros sobre Abelardo me espantaram. Nosso pai Bernardo é desapiedado nos ataques. Lembro-me que dizia: “Abelardo sabe tudo, menos sua ignorância própria”. Classificava seus escritos de “delírios”, a sua teologia de “loucura”. Chegou a insinuar que constituía um perigo maior do que fôra Pedro de Leão, dizendo: “Escapamos dos rugidos de Pedro, o leão”, para têmos de enfrentar os sibilos de Pedro, o “dragão”. Chama Abelardo de “monge sem regra”, “prelado sem súditos” e “abade sem comunidade”. Sinceramente, as cartas que foram lidas antes do Concílio pareciam raios. A tríplice ordem de defender-se, retratar-se ou negar seus erros, ressoou como um trovão na assembléia. Mas uma vez que os prelados reunidos ditaram sua condenação, nosso pai Bernardo transformou-se em outro homem. Não mostrava sequer curiosidade de espectador menos interessado. Não lhe interessava discutir nem os erros nem o errado. Tinha um só pensamento: voltar para casa, para Claraval. No triunfo, nosso pai Bernardo torna-se mais frio que o gelo. Desconcerta e decepciona.

O Prior contemplou afetuosamente o secretário e comentou com bom-humor:

— Suponho que o senhor teria gostado de ficar um pouco com os prelados e cocoricar um pouquinho, pois parece-se com um galinho garnisé. Mas, diga-me, Godofredo, não percebeu que a nosso pai só interessa a verdade? Não percebeu que ele travava a batalha não contra Abelardo, mas contra os erros de Abelardo? Ouviu-o alguma vez vangloriar-se?

— Jamais. Porém o senhor não olha para a diferença que existe entre Bernardo combatente e Bernardo vencedor? Não é humano? Terá duas personalidades distintas? Uma que exhibe em suas cartas, e em pleno combate, é violentíssima. Ontem mesmo, quando De la Porée pronunciava uma alocução magistral, trazendo referência após referência dos Padres da Igreja e estabelecendo silogismo após silogismo numa exibição formidável, nosso abade interrompeu o discurso com que tinha prêsa a assembléia com estas palavras terrivelmente diretas, e quase brutais: “Chega de retórica e vá logo ao assunto! Se os acusa de sustentar que a divina Essência não

é Deus, mas a forma mediante a qual Deus é Deus, dize-nos logo se essa é ou não tua opinião”.

— E que disse o bispo?

— Aborrecido ante tal interrupção, gritou: “A divindade não é Deus, mas a forma pela qual Deus é Deus”.

— E que aconteceu então?

— Eu intervim.

— O senhor?

— Sim. Surpreendi-me tanto, que involuntariamente exclamei: “Isso está em contradição com o que afirmastes no Sínodo de Paris”. Sem piscar, o bispo limitou-se a responder friamente: — “Se disse ou não disse em Paris, não importa, isto é o que digo agora”. — “Isso é tudo o que precisamos saber. Escreva-se a confissão de fé do bispo”, disse nosso abade. De la Porée ficou aturdido, como o demonstrou com sua furiosa réplica: “Sim, e que se escreva também sua doutrina própria”. Ao que Bernardo combatente replicou: — “Oh! sim! e que se escreva com uma pena de aço numa pedra de diamante”.

— Essa resposta é digna de Bernardo em seus melhores momentos. E como acabou tudo?

— O senhor disse bem. Bernardo estava em seus melhores momentos. Era evidente que os cardeais aí presentes estavam todos ao lado do bispo De la Porée. Depois do debate, retiraram-se todos muito dignamente para conferenciar, consultar e discutir. Nosso abade, em sua atitude combatente, reuniu depressa os bispos e os fez propor, através do abade Suger, uma confissão de fé, esboçada por nosso pai, que dizia sem rebuços: “Aqui temos duas confissões: a nossa e a De la Porée. Escolhei!”

— E’ Bernardo batalhador, sem dúvida!

— Os cardeais a princípio não gostaram e disseram que isso era ditar ordens. Mas Bernardo conseguiu suavizar as coisas a seu modo e os cardeais aprovaram a confissão proposta por Suger.

— Dêste modo De la Porée foi condenado?

— Praticamente, sim. O Papa fá-lo-á retratar-se e o caso estará terminado.

Naquele momento em que foi declarado vencedor, parecia que não houvera o Concílio de Reims, nem Gilberto de la Porée, mas somente existiam para ele Claraval e sua co-

munidade de contemplativos. Digo-lhe que é deveras desconcertante!

O Prior achou graça na preocupação de Godofredo:

— Talvez o senhor esteja mais perto da verdade do que acredita com essa observação. Talvez para ele não exista nada além de Claraval e sua comunidade.

— Bem, parece mesmo que o senhor é só o Prior da abadia. Se fôsse secretário de nosso abade por somente vinte e quatro horas, saberia que os interesses do nosso abade são tão profundos como a morte. Sem que isso signifique violar a confiança em mim depositada, dir-lhe-ei que muita gente, na Europa, pensa que o verdadeiro Papa é Bernardo e não Eugênio. E não faltam motivos para assim o dizer.

— Não sei se posso chamar a isso calúnia, infâmia ou simples mentira.

— Chame apreciação e estará mais perto da verdade. Para provar meu ponto de vista e defender meu poeta, torno a voltar para Abelardo.

— A qual? Àquele que dirigia apaixonadas súplicas a Heloísa, ao teólogo caído no erro ou ao pecador arrependido?

— Falo sério, Padre Prior, respondeu Godofredo. A meu ver, Abelardo e seus discípulos, foram o maior perigo para nossos tempos. Gilberto de la Porée não se teria exposto a ser refutado, se tivesse estado certo tempo aos pés de Abelardo. E o mesmo se poderia dizer da ameaça, ainda maior, dêsse Arnaldo de Bréscia, a quem o nosso pai Bernardo anda dando caça de reino em reino e de Estado em Estado. Se o senhor toma êsses três homens como dirigentes de um movimento; se os considera como chefes de um ataque contra a ortodoxia; se os reconhece como aríetes que golpeiam as muralhas da Igreja, verá como se torna necessário resumir a vida de nosso abade como um opositor de Abelardo.

— Êsse é um argumento bem forte, Godofredo. Mas não deve esquecer-se do cisma de Pedro de Leão. Como antipapa conseguiu minar as fileiras dos fiéis e mantê-los separados por mais de oito anos. Ter conseguido reunir de novo essas fileiras representa um trabalho colossal.

— Certo.

— Também o senhor não deve se esquecer do trabalho que realizou para resistir à heresia dos partidários de Henrique ou, se prefere, dos albigenes, pois que o senhor fêz

com êle aquêle trabalho e faz poucos anos. O senhor mesmo contou-me os milagres que êle realizou com os enfermos, coxos, cegos e mudos. Aquilo era uma verdadeira heresia. E como se diz: profundamente arraigada. E o cisma de Pedro de Leão era um verdadeiro cisma. O senhor não acredita que é mais fácil fazer coisas maravilhosas quando se combatem realidades do que quando se luta contra possibilidades? Diz que nunca poderá esquecer-se do triunfo sobre Abelardo e do Concílio de Sena. Não dirá a mesma coisa da conversão da cidade inteira de Albi?

— Disse e mantenho, respondeu Godofredo pensativo. De fato, Padre Prior, aquilo foi um de seus maiores milagres.

— Muito bem, Godofredo. O senhor percorreu com nosso abade os diversos lugares para fazer o recrutamento. Viu-o fustigar uma Europa apática e fazê-la entusiasta pela segunda cruzada. O senhor presenciou e anotou tão assombrosos milagres, que se não tivessem tido o testemunho de Germano, bispo de Constança, dos abades Balduino e Flovino e de outros clérigos que os acompanhavam, teríamos dificuldades em crer.

— Coisa muito natural, pois eu mesmo tenho dificuldades em dar crédito a meus olhos e ouvidos.

— O senhor viu nosso pai Bernardo enviar a flor da cavalaria francesa à Terra Santa, apesar dos protestos do abade Suger, primeiro ministro do rei; o senhor viu-o converter o obstinado imperador Conrado, fazendo com que enviasse os mais bravos cavaleiros da Alemanha ao Oriente. Agora, diga-me: qual é o maior triunfo do abade Bernardo, o haver silenciado um homem e seus erros teológicos, ou o haver feito tremer toda a Europa com os passos dos guerreiros que marchavam para combater pela Cruz?... Antes que me responda, vou recordar-lhe novamente o selo de aprovação que os céus punham sobre todas essas coisas. O senhor diz que não passava um só dia sem algum milagre surpreendente. Êsse diário que o senhor escreveu e o testemunho de seus companheiros são para deixar um homem boquiaberto.

Godofredo tornou-se mais pensativo. Cofiando a barba com a mão esquerda, levantou os olhos para o Prior e sorriu algo encabulado ao dizer-lhe:

— Penso ter dito que o milagre dos milagres de Bernardo foi ter convertido Conrado, não? Realmente foi assim. No dia de Natal, nosso abade falou, mas Conrado não lhe

deu ouvidos. Não. A Alemanha não iria à Cruzada. O imperador se opunha. Sòmente dois dias depois, quando Bernardo, descendo do altar, pronunciou um sermão sôbre o juízo final e denunciou Conrado perante o mundo, enumerando os dons que Deus lhe havia concedido, exigindo depois contas de sua utilização, viu-se o imperador chorar e exclamar uns momentos depois: "Começo a sentir-me agradecido. Imponde-me a Cruz dos cruzados". Sim, aquilo foi um milagre.

— Também o foram os inumeráveis episódios da campanha contra o cisma causado por Pedro de Leão, contra a heresia dos albigenses, aquêles que realizou durante a campanha em prol da segunda Cruzada. Sem dúvida alguma, Pai Bernardo foi o instrumento de Deus naquelas três grandes campanhas e, apesar disso, o senhor entra aqui esta manhã com a quadrinha:

"Este é o meu hosana
ao poeta Bernardo,
que escreve cartas de amor
melhor que Abelardo".

... esperando que eu ficasse entusiasmado.
Godofredo pôs-se a rir:

— Está bem!... Está bem... Não me fale mais nisso. Continuo pensando que é uma poesia "sui generis", um contraste excepcionalmente agudo e um justo tributo a nosso abade, embora admita que não seja adequado. Deixe-me recordar-lhe que os poetas não são historiadores; ninguém espera dêles uma biografia completa de um homem em dez ou doze versos. O senhor nunca ouviu dizer nada a respeito da licença poética?

— Ah! não comece com brincadeiras, Godofredo. O senhor sabe muito bem que tocou num ponto ao qual dedico ultimamente muita atenção. E o senhor a dizer que seu poeta tem razão quanto a seu conceito fundamental sôbre nosso pai Bernardo; mais razão do que têm ou terão muitos historiadores. Escute, Godofredo, neste instante, o que a maioria dos homens pensa de Bernardo? Quem é a grande voz que enviou nossos cavaleiros ao Oriente? Quem é o grande taururgo que devolve a vida aos mortos? Alguns recordarão seu trabalho em Albi e a extinção do cisma; chamá-lo-ão salvador da cristandade e campeão do Papa; enquanto outros verão nêle, como o senhor, sòmente o homem das leis e só

pensam em seu triunfo sôbre o gênio de Abelardo e seus transviados seguidores.

Tanto uns como outros estão equivocados, Godofredo. Cada uma dessas emprêsas foi grande, mas nenhuma merece o nome de "maior". Seu poeta abrangeu a verdade e deu o verdadeiro nome a nosso abade, chamando-o "o amante". Realmente êle é amante de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo! E acrescentarei que seus maiores milagres não foram os de Espira, de Albi, de Reims ou de Sens. Não. Seu milagre dos milagres foi e continua sendo o que diàriamente tem lugar aqui em Claraval. O primeiro, o último e o invariável, é que nosso pai é um monge... e monge contemplativo. E sua maior obra, que eu considero milagrosa, é a de fazer monges, e monges contemplativos a muitos homens. Há mais de trinta anos vem angariando homens saídos de todos os caminhos do mundo, da mais distinta origem social, intelectual e econômica, para moldá-los à semelhança de Cristo. Pega o servo e o soberano, o bandido e o barão, o plebeu e o cavaleiro absolutamente iguais para êle — e ensina-lhes o que ensinou a Conrado. Ensina-os a serem gratos para com o Salvador. Durante mais de vinte anos, Godofredo, temos enviado anualmente uma colônia de monges para fundar outros mosteiros. Temos filiais repartidas generosamente em tôdas as partes: na França, Alemanha, Itália, Irlanda, Inglaterra, Escócia, Suíça e agora nos pedem que vamos a Jerusalém. Cada uma dessas casas se deve a Bernardo, e cada monge que nelas habita é seu filho espiritual. Imagine o que isso significa! O senhor ficou emocionado em Sens quando êle fez Abelardo calar-se e em Albi quando sacudiu a Igreja com a profissão de fé ortodoxa; o senhor ficou impressionado quando êle fez cair de joelhos o imperador Conrado, e com tôda a cristandade agradece a Bernardo o fim do cisma. Mas para mim essas coisas, por grandes que pareçam, são acidentais, e estou seguro de que isso se dá também com o nosso abade. Sua vida e a obra de sua vida estão aqui, em Claraval, ensinando os homens a amarem a Deus. Embora as obras externas deslumbrem, Godofredo, estou convencido de que a mais deslumbrante das obras de Bernardo é aquela que nem sequer brilha. Por isso devemos cantar: "Hosana a Bernardo, modelador de homens, que nos devolve a Deus tirando do prazer do pecado". Bem, já sei que não sou

poeta; mas creio que me aproximaria da verdade se dissesse algo semelhante a seu poeta nesta forma:

— “Por Bernardo, o magistral oleiro,
que pode fazer um santo
dum bandido ou dum usureiro”.

— Bem se vê que não é poeta, mas é muito eloquente quando fala. Contudo, não chego a compreender a sua insistência sobre a baixeza do material com que trabalha nosso abade.

— Muito simples. Porque às vezes é argila da pior qualidade. Que tal lhe parece o irmão Constantino?

— Um grande religioso.

— Exato. Mas antes de ser santo, foi um salteador de estradas. Nosso pai salvou-o da fôrça. E’ isso mesmo! Não quebro nenhum segredo se lhe digo. O próprio Constantino, se pudesse, relatar-lhe-ia sua história. Conduziam-no para ser executado diante do conde de Champagne quando lá chegou nosso abade. Bernardo perguntou ao conde o que significava tudo aquilo, e ao ficar sabendo que iam enforcá-lo, suplicou que lhe entregassem o réu. O conde, vendo a insistência de nosso abade, pô-lo a par dos inumeráveis crimes pelos quais aquêlê homem merecia a morte. “Entreguem-mo e eu me ocuparei em fazê-lo morrer todos os dias”. Conseguiu, enfim, com que lhe entregassem o bandido, do qual fez um magnífico irmão leigo.

— Jesus! exclamou Godofredo atônito. Parece novela.

— E’ só uma prova de que “a verdade é mais surpreendente que a fantasia”. Para recordar-lhe isso, lembre-se do número de cavaleiros que recebemos como postulantes para o côro há uns anos. Isso é o que eu chamo milagre. Eles proporcionariam a seu poeta um material admirável. Êsses cavaleiros dirigiam-se para tomar parte num torneio. Saíram em busca da honra, da glória e dos sorrisos das beldades. Pararam aqui para refazer as fôrças. Nosso abade conversou com eles, caçoou dêles por causa da sua vaidade, falou-lhes de uma cavalaria mais elevada e da glória de Deus. Acabou dizendo que em Claraval se travava continuamente um torneio de amor. Escutaram atentamente. Dispuseram-se a partir. Bernardo convidou-os a tomar um copo em sinal de despedida. Aceitaram com alegria. Bernardo abençoou o vinho. Beberam e partiram. Antes que uma hora se passasse, nosso porteiro fi-

cou surpreendido pelo estrépito dos cascos de numerosos cavalos. Eram êles. Chegaram a galope, apearam de suas cavalgaduras e pediram para ser admitidos como cavaleiros de Jesus Cristo! Trazer os homens até Deus, converter almas mundanas em amantes do Crucificado, fazer com que indivíduos curtos de vista fixem seus olhares na eternidade, isto é que é obra milagrosa! E essa é a maior obra de Bernardo!

— Creio que o senhor tem razão. Confesso que me acho tão enjoado de escrever cartas a estranhos e atender a assuntos de fora, de ser durante tanto tempo seu companheiro, de se apresentarem tantas ocasiões de presenciar algumas de suas grandes obras, que fiquei cego para a sua maior obra. Começo a concordar com o senhor. Claraval é o cenário de seu maior milagre. Modelar monges autênticos com o pobre material de nossa humanidade, fazendo com que esqueçamos nossas personalidades insignificantes e façanhas, para dedicarmos tôda nossa atenção a Deus, é um triunfo muito maior que vencer Abelardo.

— O mais maravilhoso é a forma pela qual realiza sua tarefa. Estudei seu sermão sobre o “Cântico dos Cânticos” e estou assombrado com sua simplicidade essencial.

— Às vezes sobe a alturas demasiadas para mim, objetou Godofredo.

— De acôrdo. Mas se tomamos e lemos um após outro seus sermões, surpreende-nos sua simplicidade, sua penetração em nossos corações. Creio que os conhece tão bem à fôrça de estudar-se até ao esgotamento a si mesmo. De todos os seus sermões, o melhor é sua vida cotidiana. Nunca exige que sejam executadas coisas que não tenha feito antes. O exemplo é o melhor mestre. Nunca nos pede para fazer nem a metade do que êle faz. E não é maravilhoso ver um homem doentio, com mais de cinquenta anos nas costas, que nos aceita tais quais somos, com tôdas as nossas faltas e debilidades, nossa mesquinhez e nosso egoísmo, e consiga que coloquemos Jesus Cristo acima de tudo?

— Essa é sua meta e rara vez falha em seu objetivo.

— Muitas vezes fico assombrado comigo mesmo, continuou o Prior. Eu era um homem que odiava a dor. Qualquer classe de sofrimento, seja físico ou mental, me aterrava. Gostava da paz, da comodidade, da companhia dos meus semelhantes e dos livros. Sobretudo dos livros, sobre os quais passaria tôda a minha vida! Contudo, aqui o senhor me tem

vivendo com uma alegria e uma paz como nunca antes havia desfrutado. E é uma vida penosa, uma vida dura, mental e fisicamente, uma vida que me priva da companhia de minhas preferências gêmeas: a amizade e os livros. Admiro-me de mim mesmo agora, até que olho para Bernardo, porque então vejo o homem que me mudou a mente e o coração, a alma e a vontade. Em lugar de covardia, proporcionou-me fortaleza; em lugar de debilidade, deu-me forças. Deu-me olhos para olhar para o fim dos tempos e mãos que só desejam estender-se para Deus a fim de que Ele as tome e deposite nelas e delas tire o que quiser. Que transformação!

Godofredo sentiu-se comovido pela emoção com que seu superior falava.

— Eu poderia fazer a mesma confissão que o senhor, embora não tenha refletido tanto, nem penetrado tão profundamente as coisas. Chama-me a atenção ainda mais o fato de que o segrêdo de Claraval seja Bernardo.

— E' indiscutível. Ele é o imã. Atraiu o ferro e o aço de cada caráter, moldando-os neste Vale da Luz. Depois, como verdadeiro imã, realiza o milagre do magnetismo e nos converte também em imãs ao converter-nos em amantes de Jesus Cristo. O segrêdo de Bernardo tem raízes em sua paixão pelo Crucificado.

O Prior fez uma pausa, olhou para longe como que a meditar profundamente. Por fim, levantou rapidamente a cabeça para olhar com firmeza o secretário e dizer-lhe:

— Godofredo, vou revelar-lhe um segrêdo, um segrêdo que quero que fique inviolável. Compreende?

O secretário fez um gesto de afirmação quase imperceptível com a cabeça, e o Prior prosseguiu:

— Acabo de dizer que Bernardo ama a Jesus Crucificado. Isso não é nenhum segrêdo, pois todos nós o sabemos de sobra. Mas o que nem todos sabem é que Jesus Crucificado ama também a Bernardo de maneira surpreendentemente íntima.

O Prior tornou a fazer uma pausa. Desta vez Godofredo não foi capaz de esperar e com um gesto que denotava sua tensão de espírito, perguntou:

— Que quer o senhor dizer? Explique-me logo.

O Prior abaixou o tom de voz e continuou:

— Faz pouco tempo, nosso abade estava orando ao pé de um Crucifixo, de tamanho natural na igreja. Um dos irmãos entrou casualmente e o encontrou só. Vendo-o tão absor-

to em orações, o irmão parou onde estava para que o ruído dos passos não atrapalhasse o abade. Não tinha aí ficado um minuto, quando viu que um dos braços do Crucificado se desprendia da Cruz e abraçava nosso Pai Bernardo.

Godofredo ficou mudo. Levantou as mãos e abriu-as num gesto de puro assombro. Tudo o que conseguiu pronunciar durante algum tempo foi um "oh!" prolongado de surpresa e estupor.

— O senhor assusta-me, Padre. Teria preferido que não me tivesse desvendado o segrêdo. Nunca mais me sentirei com liberdade na presença de Bernardo. Finalmente o senhor vem provar mais ainda minha teoria. Meu poeta...

— Seu poeta, interrompeu-o o Prior, esteve verdadeiramente inspirado quando chamou Bernardo o amante que escreve a Deus Pai, a Deus Filho e a Deus Espírito Santo. Acertou a palavra exata que caracteriza o nosso abade. E' um amante. Já conhece seu livrinho intitulado: "O amor de Deus". Para ele é como uma autobiografia. Expõe a sua ambição na primeira frase, ao escrever: "Amar sem medida". E quase em cada capítulo o encontramos renovando sua resolução, esforçando-se por sentir aquêlo amor incomensurável. E o que mais me encanta nêle é sua sinceridade e sua humildade. Numa passagem diz: "Meu Deus, amar-te-ei com tôdas as minhas forças". "Sei que não é tudo quanto mereces, mas é tudo quanto posso te dar". Não são essas palavras um resumo da doutrina que ele nos ensina? Não está sempre a nos dizer de uma forma ou de outra que amemos a Deus até a última centelha de nossas energias? Sim, Godofredo, seu poeta encontrou a palavra mágica. A única coisa que não me parecia bem era resumir tôda a sua vida no conflito com Abelardo, pois sua vida é muito mais que isso. E' um conflito com o mundo, com o demônio e com a carne; um conflito com todos aquêles que se negam a amar a Deus com tôdas as suas forças; um conflito com êsse punhado de argila que é o homem, no qual é capaz de moldar um coração amante. E, todavia, se me pedisse para resumir sua vida, o mais provável seria que eu repetisse seu sermão sobre a vida religiosa: "Minha vida é uma entrega do óbolo da viúva". Lembra-se?

— Sim! exclamou Godofredo. Disse: "Eu possuo somente dois óbolos. Dois óbolos completamente desprovidos de valor, meu corpo e minha alma. Ou para falar mais exa-

tamente, possuo apenas um óbolo: meu livre arbítrio. Posso hesitar em entregá-lo?"

— Não hesitou e não nos permitirá que hesitemos. Seu exemplo afugenta tôdas as dúvidas. E isso, no meu caso e no de muitos outros, é um milagre. Por isso, Godofredo, quando o senhor escrever em prosa ou em versos e falar de nosso abade, dê-lhe o verdadeiro título, "o amante". E quando quiser mencionar sua obra mais estupenda, diga que é "o modelador de monges". Apresente-o como é na realidade: humano! Tem muitos dotes divinos, é certo. Mas a sua característica é a humanidade. Nunca se esqueça. Agora pode sair, pois já me roubou muito tempo.

O secretário respondeu rindo:

— Oh! que gratidão! Ponho-o a par de tôdas as notícias que tenho, e o senhor vem dizer-me que lhe roubo o tempo...

Escuridão no Vale de Luz

Era no dia 24 de agosto de 1153. O Prior de Claraval achava-se sentado, imóvel, no seu reduzido aposento. A cabeça apoiava-se pesadamente nas mãos, cujos cotovelos estavam fincados na mesa. Seus olhos estavam fixos numa pilha de papéis à sua frente.

Bateram à porta. Automaticamente autorizou a entrada e, com ar de cansaço voltou-se para ver quem chegava. Tanto sua voz como seu semblante denotaram alívio ao dizer:

— Ah! é o senhor, Godofredo! Entre! Entre! O senhor é precisamente o homem que preciso neste momento terrível. Sinto-me perdido. Meu coração está oprimido e meu espírito frio. Pergunto se chegarei a sentir calor ainda alguma vez e se verei, nesse Vale de Luz, as luzes.

Ao responder, a voz de Godofredo tinha o mesmo tom soturno e tristonho:

— Compreendo, Padre Prior. Chamamos Bernardo o imã, a fôrça, o espírito motor da abadia, mas nunca nos demos conta de que por isso mesmo ele era a vida e a claridade que convertiam este vale no Vale de Luz. Apenas faz quatro dias que morreu e parece uma eternidade. Vamos, o senhor é o Prior e tem de ocupar o seu lugar!

— Ninguém poderá ocupar seu lugar, Godofredo, ninguém!

— Alguém terá de fazê-lo! E é o senhor esse alguém, respondeu Godofredo, com mais coragem. Vamos, Padre Prior. Ânimo! Não se lembra como nosso Pai Bernardo nos dizia que os mortos podem ajudar-nos mais do céu do que em vida nos ajudavam na terra? Ele ajudá-lo-á agora, pois se algum dos nossos foi direito para o céu, esse é Bernardo. Coragem! Coragem! Há uma enormidade de trabalhos urgentes. Temos de enviar cartas para seus inumeráveis amigos. O senhor precisa ditá-las; eu sou apenas um amanuense. Vamos, mexa-se! Falar daquele que amávamos profundamente servir-lhe-á de alívio.

— O senhor também se dá conta de quanto nós o amávamos e mais ainda do que julgávamos, Godofredo?

— Sim, pensava que tinha vertido minhas últimas lágrimas há anos. Soluçar parecia-me sempre uma prerrogativa das mulheres. Mas chorei. Não, não chorei. Verti lágrimas de sangue, durante quatro dias. Realmente eu o amava mais do que pensava. Mas vamos. Penso que a primeira carta devemos enviar à Espanha, a seu irmão mais novo, Nivaldo. O que escrevermos a Nivaldo poderemos copiar para mandar a outro seu irmão, o abade Bartolomeu que está mais perto. O que vamos dizer a Nivaldo?

— A verdade. Tôda a verdade. Diga-lhe que os últimos anos de seu irmão Bernardo sobre a terra foram muito parecidos com as últimas semanas que nosso Salvador passou na Palestina. Diga-lhe que o Tabor, em que resplandeceu durante um quarto de século, tornou-se-lhe um Calvário. Diga que seu irmão Bernardo teve de contemplar o mundo daqui de Claraval, como Nosso Senhor contemplou Jerusalém do Monte das Oliveiras. Conte que chorou por este mundo como Cristo chorou por aquela cidade. Conte que os hosanas que tantas vezes ressoaram em seus ouvidos trocaram-se, como para Cristo, em gritos de condenação e até de crucifixão.

As lágrimas corriam pelas faces do Prior, mas em sua voz vibrava uma palavra nova. Godofredo, depois de um olhar de assombro, tomava nota após nota. Compreendia que o coração de um homem forte se abria e que o amor brotava dele numa torrente de autêntica eloquência.

— Sim, prosseguiu ardorosamente, um vôo até a época das Cruzadas, e diga a Nivaldo que, embora seu irmão tivesse abandonado o reino, a culpa de cada desastre, desde

a perversa traição dos gregos até as desgraçadas e vergonhosas intrigas da rainha Leonor, caíram sobre ele. Diga-lhe que o mundo católico foi ferido até o âmago do coração pela inesperada catástrofe daquilo que havia começado com sinais de aprovação dos céus. Diga-lhe que este mundo arrasado, desvaído em sua agonia, procurou um bálsamo para sua alma amargurada, atacando freneticamente o homem a quem dois anos antes proclamara o “enviado de Deus”. Diga-lhe que porque a flor de nossa cavalaria morreu no caminho da Atália e nos desfiladeiros das montanhas frígias, a Europa toda se voltou enfurecida contra um homem velho e enfermo que residia no vale de Claraval. Diga-lhe que quando nosso cavalleiresco rei Luís, que partiu à frente de um orgulhoso exército, voltou com uns poucos cavaleiros derrotados e andrajosos e uma espôsa que o havia desonrado, o mundo inteiro investiu contra Bernardo como se tivesse sido sua mão a vencedora de nossos guerreiros e seu coração o traidor do rei. E diga-lhe, sobretudo, que quando a voz da Europa toda gritava frenética, quando seus gritos eram uma demoníaca loucura como o foi diante de Pilatos há doze séculos, seu irmão guardou um silêncio tão majestoso e pouco rancoroso, como o do Rei que compareceu perante Pilatos e do qual este disse: “Eis o homem!”

O Prior enxugou os olhos murmurando:

— Como pode ser mau um homem para com outro homem!

Depois voltou-se para Godofredo e continuou:

— Nivaldo sabe muito bem quão sensível era o coração de Bernardo. Verá a semelhança com a agonia do horto e a noite da prisão, este ataque injusto e sem piedade contra ele. Nêle verá a coroação de espinhos de Bernardo. Não oculte nada e conte o beijo traidor de Judas que lhe deu seu próprio secretário Nicolau. Diga-lhe que esse homem pérfido lhe roubou seu carimbo de abade, falsificou carta após carta, nas quais recomendava homens inúteis para postos importantes e de honra; denunciava abades íntegros, bispos e comunidades inteiras e aconselhava coisas temerárias e imprudentes que consternaram a Cúria Romana. Diga-lhe que até agora não conhecemos o alcance que tiveram essas falsificações, pois o ingrato fugiu com o nosso carimbo e com o do abade. E não se esqueça de dizer como Bernardo foi paciente e compassivo

para com esse Judas, pois até o fim, como o mesmo Cristo, chamou-o de amigo.

O Prior fez uma pausa e, fixando atentamente Godofredo, continuou:

— Deus quase enlouquece seus santos antes de havê-los moldado totalmente. Seria isso o que nos ensina o grito de abandono que lhe escapou no Calvário?

Godofredo não respondeu. O Prior falava de modo que não queria resposta. Monologava em forma interrogativa. Por fim Godofredo, olhando para suas anotações, disse:

— É uma carta de pêsames bastante triste.

Num assomo de cólera, o Prior voltou-se para ele e exclamou:

— Estamos escrevendo a um irmão de Bernardo. Pelas suas veias corre o mesmo sangue que impulsionava o coração do nosso grande guerreiro e santo abade. Nasceu do mesmo pai e da mesma mãe e aprendeu na mesma escola de Cister. Bernardo foi mais do que um irmão para Nivaldo. Foi também seu pai espiritual. Por isso temos que dizer a verdade. Ao lê-la, achará consôlo na verdade. Bernardo percorreu a Via-Sacra coroado de espinhos e carregando a Cruz. Nosso abade seguiu passo a passo as pegadas d'Aquêlê a quem tanto amava.

O Prior calou-se. Um olhar sombrio apareceu em seus olhos. Suas palavras seguintes foram lentas e deliberadas.

— E se Nivaldo perguntar se o lado de Bernardo foi aberto e traspassado seu coração, diga-lhe como Roma e como o Papa Eugênio — seu amado filho anteriormente — se voltaram contra ele por causa do Cardeal Hugo. Conte-lhe a absurda história de como foi Hugo elevado à dignidade cardinalícia, saindo da abadia de Três Fontes, e de como seu candidato não sendo escolhido para assumir o seu posto na abadia, voltou-se contra Bernardo com a fúria de um demente, espalhando em público e em particular toda a sorte de vis calúnias contra o homem que tanto lhe queria e o havia guiado nos primeiros anos de sua vida religiosa. Não lhe oculte que todo o mundo romano, inclusive o Sumo Pontífice, deu crédito ao caluniador. Faça-o saber que seu irmão escreveu ao

colérico e injusto cardeal, terminando sua carta apologética e explicativa com esta frase: "Quanto às outras coisas, dou graças a Deus por ter tido a misericórdia de privar-me em vésperas de minha morte de um consôlo que talvez tenha buscado indêbitamente: a amizade do Papa Eugênio e a vossa". Essa é a frase de um santo. É uma resignação que corta o coração. Bernardo amava seus amigos com uma amizade extraordinária. Quanto sofreu com aquela injustiça!

— Devo também contar algo sobre a reconciliação?

— Se lhe parece bem, pode contar. Mas Nivaldo tem idade suficiente para saber que cicatrizes deixam sinais. O que deve dizer é sobre a solidão dos últimos anos. Diga-lhe que a morte do abade Suger fez sua alma prorromper neste grito: "Precede-me, mas não te separe de mim, porque nossas almas estão unidas por laços que a morte não pode desfazer. Uma pessoa tão querida nunca poderá estar longe de mim". Diga-lhe que a morte do imperador Conrado e do abade Reinaldo causaram a seu irmão uma saudade do céu e que ao saber que o Papa Eugênio tinha recebido sua recompensa no céu exclamou: "Vem, Senhor Jesus, vem!"

Godofredo levantou os olhos das notas que tomava apressadamente e perguntou:

— Não deveríamos dizer-lhe também da última viagem que seu irmão fez a cavalo tendo como esporas a caridade de Cristo e levando a morte na garupa?

— O senhor iria omitir alguma coisa da Paixão de Cristo? Diga, diga sim. Diga-lhe que os prelados e os príncipes do reino que o assediavam em Claraval durante os últimos meses de vida, buscando sua bênção e seus conselhos de despedida, encontraram um homem com os olhos fixos noutro reino. Diga que seu irmão, apesar de ter dito ao bispo de Langres que terminara com os negócios deste mundo, quando chegou o arcebispo de Tréveris com a notícia de que a cidade de Metz estava dividida em duas facções hostis, e de que na primeira batalha tinham caído dois mil mortos e que só o Mosela separava os dois exércitos, prontos para uma nova batalha, que só uma voz em toda a cristandade poderia evitar, um moribundo se levantou do leito para mon-

tar a cavalo e cavalgar as duríssimas léguas que o separavam de Metz. Diga-lhe que lutou sem êxito durante um longo dia de verão; mas que, durante a noite, os chefes de ambos os partidos acorreram à sua tenda e a aurora que surgiu no horizonte pôde ver os homens de ambos os exércitos darem mutuamente o abraço fraterno da paz. Diga-lhe que, conseguida aquela vitória, seu irmão cavalgou de volta para o Vale de Luz, ao encontro marcado com a morte.

— E que lhe direi sobre sua morte?

— Só o fim. Pode dizer-lhe que durante meses sofreu um verdadeiro martírio por não poder tomar alimento. Só podia provar um pouquinho de água. Não se esqueça de dizer que ele celebrou missa até quando pôde manter-se em pé. Diga-lhe que depois da manhã de 20 de agosto lhe administramos a Extrema-Unção, e quando seu irmão viu a comunidade chorando, conseguiu reunir forças suficientes para nos dar suas instruções derradeiras, insistindo uma vez mais no conselho que sempre nos dera e que sempre foi norma de sua vida. Diga-lhe que as últimas palavras de Bernardo como despedida foram: "Em nome de Jesus Cristo, peço-lhes que continuem amando a Deus, como lhes ensinei".

O Prior mal conseguia falar por causa da emoção. Também Godofredo teve de engolir as lágrimas antes que pudesse falar:

— E a última mensagem do amante foi uma mensagem de amor.

— Foi. E seu último ato, um ato de amor. Diga a Nivaldo que nós todos pedimos que ele permanecesse ainda algum tempo conosco. Quando nos ouviu, seu irmão elevou aos céus os formosíssimos olhos e disse: "Não sei a quem deveria ceder. Se a meus filhos que me rogam para ficar, ou ao amor de meu Deus que me chama para Si. Deixemos a Deus sua decisão". Diga-lhe que Deus decidiu contra nós e levou consigo o coração de seu amante, o grande coração de Bernardo de Claraval. Assine tudo com meu nome, acrescentando que esse nome é o de um homem que vive nas trevas neste Vale de Luz. Escreva simples e minuciosamente, pois Nivaldo desejará conhecer todos os pormenores.

Godofredo reuniu as anotações, inclinou-se e deixou o Prior em sua solidão e em seu amor.

* * *

Uns vinte anos depois, no dia 18 de junho de 1174, o Papa Alexandre III inscreveu solenemente Bernardo no rol dos santos e publicou uma Missa com Ofício composta pessoalmente por ele em honra do santo. Desde então o abade de Claraval recebeu da Cristandade diversos títulos. Para uns ele é o "doutor melífluo"; para outros "o trovador de Maria". Alguns chegaram até a chamá-lo "o último dos santos Padres", por acharem seus escritos muito parecidos com os daqueles gigantes intelectuais que nos séculos passados conquistaram o sobrenome de "Padres da Igreja". Mas para nós Bernardo será sempre o mōço que se enamorou de Deus, o homem que, decidindo-se a amar sem limites, viveu essa decisão até o último instante de sua vida.



CAPÍTULO I

COLABORADORA NO SERVIÇO DO AMOR

"O inferno nunca produziu bom-humor..."

— TENHO INVEJA de você, Guido. Acabo de falar com o Barba-Ruiva e ele me disse que tudo está arranjado para o seu casamento com Umbelina. Você ganhou um grande prêmio, uma formosa pérola, uma mulher como poucas existem. Sim, meu filho, tenho inveja de você.

— Suspeito que o senhor não é o único que me tem inveja, Excelência. Creio que todos os nobres do ducado poderiam dizer o mesmo. Sou um homem universalmente invejado. Umbelina fez de mim o que eu nunca conseguiria por mim mesmo.

— O quê? perguntou o Duque com um gesto de curiosidade.

— Tornou-me famoso, respondeu seu sobrinho Guido de Marcy.

— Sim, já se tornou famoso. Mas, a meu ver, ela o fez algo mais. Fez com que se tornasse um homem de verdade. Neste último ano você deu provas de mais energia, mais vida, mais vivacidade que em toda a sua vida. Começo agora a ter esperanças de que Umbelina chegue a fazer de você um digno sobrinho meu.

Guido estava acostumado com a brusca maneira de falar de seu tio, e compreendeu os raros elogios que ele costumava prodigalizar. Por isso, as asperezas de sua voz, ao pronunciar as palavras “digno sobrinho meu”, mostrou-lhe que o Duque estava plenamente satisfeito com ele, com Umbelina e, sobretudo, consigo mesmo. Aproveitando a ocasião, teve a coragem de lhe perguntar:

— Poder-se-ia saber por que ontem o senhor vociferou quando aqui estiveram Jaime e seu irmão?

— Vociferar? perguntou Hugo, fixando o olhar de aço em seu sobrinho. Não vociferava. Falava de seu futuro com esses bobalhões. Deixa-me fora de mim esse pessoal que não vê um palmo diante do nariz. Você não percebe que ninguém louva outra coisa em Umbelina a não ser sua beleza?

— E’ natural! Seria de estranhar se alguém que não fôsse cego deixasse de louvar a sua formosura. E’ a admiração de todo o Ducado! Seus olhos são como estrêlas. Possuem uma luz só igualada pelas mais refulgentes astros celestiais. Em seu cabelo de azeviche brilham os reflexos da luz. Seu rosto poderia fazer mais estragos que o de Helena de Tróia...

— Por favor, deixe de tantas asneiras! trovejou o Duque enfasiado. Já sei que ela é belíssima, conheço as histórias de Helena de Tróia, de Cleópatra, da rainha de Sabá! E se é isso só que vê em sua noiva, você é tão estúpido como Jaime e seu irmão e tão falho de inteligência como esse asno de Benito, que acreditou ter dito a frase mais célebre do mundo ao falar: “Seu pescoço é como o do cisne”. Você precisa ver mais fundo, rapaz. Umbelina é uma beleza. Isso ninguém pode negar. Mas no mundo há inúmeras mulheres bonitas. Não são os olhos, os dentes, a pele, os lábios nem os cabelos, apesar de serem todos excepcionais nela, o que fazem de Umbelina o tesouro que é. Não!... Nem tampouco sua belíssima voz. E se tudo o que você é capaz de ver e dizer é aquilo que acaba de me expressar, não deveria dar-lhe o meu consentimento para casar-se com ela.

O tom abrupto do Duque deixou Guido assombrado. O Duque Hugo II freqüentemente parecia grunhir em vez de falar, e debaixo de seus cílios longos e das sobranceiras emaranhadas e espessas, suas pupilas lançavam chispas de fogo. Porém seu sobrinho bem o conhecia para dar-se conta do conceito que ele fazia de Umbelina, pelo que teve coragem, não sem certo temor, de lhe perguntar:

— Que quer dizer o senhor, tio?

— Quero dizer que você vai casar-se com uma mulher. Está-me escutando e entendendo? Com uma mulher! Não simplesmente com uma bela dama. Umbelina de Fontaines tem fogo, espírito, alma. E é isso que a torna extraordinária pela beleza que tem, e não seus olhos, suas faces, seus dentes, por formosos que sejam. Eu a tenho visto cruzar por sarçais e espinhos, de tal modo que causaria inveja ao mais bravo cavaleiro. Vi-a saltar os obstáculos mais difíceis, cair e levantar-se com a agilidade e despreocupação do guerreiro e chegar à meta desejada. Isso eu não poderia dizer de todos os homens. Está começando a compreender-me? Umbelina de Fontaines tem personalidade. E isso, para mim, significa muito mais que uma cara bonita.

Guido emocionou-se, ouvindo aquêle bosquejo sobre o caráter de sua prometida feito pelo Duque num tom colérico. Não pôde evitar de fazer, sorrindo, esse comentário:

— Está bem, Excelência. Podemos chamá-la Diana, a deusa caçadora.

— Não lhe dê outro nome senão Umbelina, tornou a grunhir o Duque. As deusas e as heroínas da literatura nunca viveram realmente. Sua Umbelina é de carne e osso. E, além disso, asseguro-lhe, tem talento. Uma vez, ouvi-a discutir com seu irmão Bernardo e fiquei surpreso.

— Com sua vivacidade?

— Não! trovejou o Duque. Com a força dialética de sua lógica! Possui o talento de dois homens e meio. Isso me proporciona outro motivo de alegrar-me por sua causa.

— Quer dizer que suprirá minhas deficiências intelectuais, não é?

— Exatamente! Se depois de tantos anos a cortejá-la, só pode entusiasmar-se com sua pele, seu talhe, não há dúvida que precisa de uma mulher que tenha mais inteligência. Não sabe que o importante numa mulher é seu caráter e não sua pele?... Contemple seus olhos. Pode ver nêles, se assim

lhe agrada, as estrêlas. Mas, depois, olhe mais profundamente e olhe, se pode, através dêles, nas profundezas de sua alma, a luz do círio batismal... Contemple seus lábios. Pode ver nêlo o tom de rubi das rosas encarnadas. Mas, se os olha com mais atenção, descobrirá que além de belos, são firmes, e ficará sabendo quantas vêzes se enrubesceram com a côr vermelha do Sangue de Cristo. Admire, se lhe compraz, o reflexo de seus cabelos negros, mas encontre nêles a auréola da santidade que muito bem se pode ajustar nela. Não a auréola da piedade feminina, mas a auréola da autêntica santidade! Em outras palavras, Guido, averigüe se sua prometida é uma mulher. Averigüe se a dama de seus pensamentos possui a verdadeira beleza: a beleza que procede de uma forte personalidade, de uma alma pura como a açucena e de um caráter sem jaça. A beleza não reside na pele, meu filho, pois a pele desbota, murcha e se enruga. Em troca, uma mulher que tem um caráter firme dispõe duma beleza inextinguível e sempre apta a aumentar. Assim é Umbelina de Fontaines!

— Obrigado, querido tio! disse Guido, levantando-se. O senhor falou-me de muitas coisas até agora ignoradas por mim. Coisas sôbre o senhor mesmo, que muitos ignoram.

— Bobagens, Guido. Sômente lhe falei a respeito de uma das pessoas mais ilustres do meu Ducado, sua futura espôsa!

— E eu o escutei com tôda atenção. Também me disse muitas coisas acêrca do senhor mesmo. E agora, permita-me que lhe diga algo sôbre Umbelina que o senhor desconhece. Diz dela que é mais um mocinho que uma dama, pois viveu uma vida encantadora de travessuras varonis. Sendo a única mulher na família, viu-se obrigada a viver como um rapaz, coisa que ao mesmo tempo lhe deu mais garridice feminina do que as mocinhas adquirem normalmente em sua vida. Segundo Umbelina, ela passou mais da metade de sua vida de infância, desejando ser homem e outra metade lamentando não ser tôda feminina. Assegura que só uma mulher pode compreender outra mulher e que, se sua mãe não lhe tivesse sido tanto uma amiga como uma mãe, sua existência teria transcorrido na maior solidão. Diz que Bernardo lhe foi muito compreensivo, mas o diz movendo a cabeça, para acrescentar: "Até os rapazes mais varonis terminam por buscar uma mulher quando procuram ser compreendidos integralmente".

— Sua mãe foi uma mulher notável em todo o sentido.

— Sei. E creio que Umbelina herdou a maioria de suas magníficas qualidades. O senhor falou da personalidade e tinha razão. Umbelina tem ousadia, arrôjo, decisão e alguma coisa mais, tio. Tem uma consciência de Deus que me assusta e me envergonha.

— Que falou você? Que tem ela? perguntou o Duque, carrancudo.

— Ela chama isso "consciência de Deus" e eu admito o termo. Fala de Deus com tanta naturalidade e facilidade como o senhor e eu falamos de um torneio... Diz que sua mãe educou seus irmãos e a ela numa atmosfera onde se respirava a Divindade. E certamente ficou muito surpreendida de que eu ficasse perplexo. Acreditava que tôdas as mães católicas faziam o mesmo que a sua. Compreende agora por que eu me assusto e me envergonho?... O senhor falou da superficialidade dos homens a respeito da beleza das mulheres. Eu aprendi de Umbelina a superficialidade da maioria de nós a respeito de algo mais importante: a beleza de Deus.

— Não se assuste, Guido! Tecelino fala muitas vêzes deste mesmo modo. E quando êle começa, sinto-me confundido. Não sei... parece-me que fala de coisas que fogem ao alcance de minhas faculdades intelectuais, embora não devesse ignorá-las. E' um sentimento esquisito, como de inferioridade.

— Alegro-me ao ouvi-lo falar assim, tio, pois acreditava ser o único a experimentar essa sensação de inferioridade e de vergonha. Então o pai dela também fala familiarmente de Deus?

— Com tanta intimidade e tanta simplicidade, que a gente se sente quase aniquilado em sua presença.

— Eu pensava que isso fôsse uma expressão da piedade feminina!

— Você começa de nôvo? Que superficialidade! Em primeiro lugar, devo dizer-lhe que em Umbelina não existe nada que mereça ser taxado menosprezadamente de "feminino". Veja se compreende finalmente! Seu caráter, seu pensamento, sua vontade, seu coração, tudo, enfim, é nela apanágio de uma mulher heróica. E quanto à sua beleza física, qualificá-la simplesmente de "feminina" seria rebaixar uma das mais formosas obras de Deus. Em segundo lugar, a piedade autêntica, que não é senão voltar-se filialmente até Deus, ou ter

consciência de Deus, como você falou, não tem nada de feminino. Pelo contrário, poderia e deveria ser a base e o término de nossa masculinidade.

— Mas não é, replicou Guido com calor.

— Sei. Mas isso não prova que a piedade autêntica seja um atributo feminino e sim que você, eu e os demais não somos verdadeiros homens. Já começo a parecer-me com o Barba-Ruiva. Por isso, por hoje chega. Vamos, filho, bebamos em honra da môça, que foi e continua sendo um bravo rapaz, em honra da mulher que tem um temperamento tão varonil, por sua futura espôsa que o converterá em meu digno sobrinho.

Dito isso, despejou com liberalidade nos grandes copos o vinho rosado e bebeu com prazer. Quando Guido sorveu o último gole e depositou seu copo na mesa, o Duque acrescentou:

— E não se esqueça nunca, meu filho, que a verdadeira beleza não é a que está na flor da pele. E assim me compreenderá quando lhe torno a dizer que sua Umbelina é uma beleza!

Agridoce

O Duque e seu sobrinho acreditaram ter feito uma análise sagaz do caráter de Umbelina, quando na realidade só fizeram um pequeno esboço. De fato, Umbelina era um cavaleiro melhor que muitos moços e poderia participar com destreza das mais violentas sortidas e caçadas. De fato, tinha sido em sua infância um verdadeiro rapaz travêso. Era a única mulher no meio de seis homens. Três mais velhos do que ela: Guido, Geraldo e Bernardo. Três mais novos: André, Bartolomeu e Nivaldo. Com isso tinha tôdas as vantagens e desvantagens de estar no meio dêles. Muitas vezes seus olhos se enchiam de pranto quando algum de seus irmãos a mandava embora dizendo: "Você não pode brincar conosco. Êste é um brinquedo de homens e não de mulheres". Pelo contrário, que suma delícia quando a convidavam a ser a "rainha de um torneio" ou ouvia seu pai admoestar os rapazes dizendo: "Os cavaleiros devem inclinar-se sempre diante das damas". Não é de estranhar que Umbelina qualificasse de travessos e tormentosos seus primeiros anos. Frequentemente mais brincara em atirar uma lança de soldado do

que com bonecas, e gostava mais de andar a cavalo do que de levantar casinhas. Também é certo que aquela participação nos jogos e assuntos de seus irmãos, que já se iam tornando homens, influiu em seu temperamento adolescente. Mas o Duque e seu sobrinho apenas superficialmente atinaram com o ponto que mais profunda e duravelmente influiu naquele caráter que êles admiravam. Alice de Montbar foi quem proporcionou as maiores belezas espirituais à sua filha ao ensinar-lhe como mãe prudente as duas mais excelsas virtudes de uma mulher: a simplicidade e a modéstia.

O que o velho e resmungão Hugo admirava realmente, sem o saber, em Umbelina, era uma mistura surpreendente de fortaleza e doçura, de temeridade e ausência de artifícios, de gentileza e espontaneidade que nela se encontravam. A mulher forte, esboçada na donzela, era o que fazia eloquente o velho guerreiro para expressar sua admiração. E aquela mulher forte havia sido formada pela prudência de uma mãe exemplar. Se êles pudessem ouvir a conversa que tinha lugar no castelo de Fontaines enquanto esvaziavam seus copos, teriam aprendido muito.

Tecelino estava dizendo:

— Meu Deus! Como as rainhazinhas crescem, não é mesmo, Umbelina?

Obteve esta resposta encantadora:

— Não para aquêles para quem sempre foram pequenas rainhas.

— Por quê?

— Porque, enquanto eu viver, continuarei sendo sua rainhazinha. Para todos os demais eu cresci, e já não podem mais me chamar pequena. Mas para o senhor, papai, quando estou a seu lado, só quero ser sua rainhazinha, como sempre.

— Isso, minha filha, é uma fantasia agridoce. O fato inegável e duro é que você cresceu e deve ocupar seu lugar no mundo dos adultos.

— Sim, o tempo corre, é verdade. Sei que já sou uma mulher e sei o que isso significa. Mas continuarei sendo sempre sua filha e assim também quero continuar sendo sua rainhazinha. Dizem que tudo muda na vida, porém isso não é certo. Há coisas que jamais poderão mudar. Eu, por exemplo, serei até a hora da morte uma filha de Deus e uma filha de Tecelino, o Barba-Ruiva.

— Você fala isso com certa tristeza, pequena rainha... O que lhe acontece?

— Nada, papai... Mas a palavra que o senhor acaba de empregar é um resumo de minha vida.

— A palavra... Que palavra?

— “Agridoce”, disse Umbelina pensativa. Há tão poucas coisas que sejam totalmente doces ou totalmente amargas!... A morte de mamãe, por exemplo, foi muito amarga e, todavia, que doçura me proporcionou quando o senhor se dedicou completamente a mim. Se Deus não tivesse levado mamãe, nunca eu teria conhecido o senhor como o conheço agora, pois nunca o senhor teria sido para mim, nem eu para o senhor, o que somos agora um para o outro. Por isso tenho de pensar que até a morte é agridoce... O mesmo se passou com a ausência de Bernardo. Foi amarga, muito amarga. Lembra-se como me entristeceu? Nunca eu saberia quanto amava o meu “Olhos Grandes”, até que ele se fechou em Cister. Chegou a ser abade de Claraval e tem consigo meus outros irmãos trabalhando exclusivamente para Deus. Só em ocupar meu lugar no mundo, como o senhor disse, papai, tendo de pensar em ser gente grande, tremo tôda. Vou casar-me com um homem leal que me adora. Penso que também eu lhe quero muito e, apesar disso, o pensamento do matrimônio torna-se agridoce também.

— Por que, Umbelina? perguntou Tecelino com ansiedade.

E recebeu o mais doce tributo de sua vida, quando a filha, dirigindo-se para ele, rodeou-lhe o pescoço com seus braços, inclinou sua cabeça sobre seu peito como uma criança pequena, dizendo com simplicidade:

— Por causa do senhor...

Tecelino estava comovido. Novamente Umbelina era sua rainhazinha. Por um instante descansou sua face tostada pelo sol nos cabelos negros que lançavam reflexos de luz. Pareceu-lhe demasiado belo sentir sobre seu coração aquela cabecinha. Depois de um instante aprumou-se e, respirando profundamente, falou dêste modo:

— Não deve pensar tanto em mim, pequena rainha. Eu não estarei só. Tenho meu trabalho, muito trabalho, e além disso, não deve repartir seu coração. Seja exclusiva e completamente a esposa de Guido e deixe de ser a rainhazinha do velho Barba-Ruiva!

Umbelina não se mexeu e perguntou carinhosa:

— Por acaso os leopardos podem mudar as manchas negras de sua pele?

— Não! respondeu Tecelino, levantando a cabeça, para olhá-la nos olhos com firmeza. E por isso mesmo quero que seja fiel a si mesma. Sempre foi valorosa. A vida tem muitos espinhos e precipícios profundos. Atire-se sobre eles como sempre o fez, com valentia, com audácia, com a vista sempre fixa na meta desejada. Não tenha medo. Agora começa uma nova vida para você, Umbelina, e o passado deve ser apagado.

— Não tenho medo, papai...

E ao dizer isso com voz suavíssima, duas lágrimas cristalinas tremeram nos cílios sedosos e negros.

— E' que eu me preocupo com o senhor, continuou. Que lhe resta na vida? Sua esposa foi para junto de Deus. Seus filhos entraram no convento. Agora vou me casar e tenho de ir-me embora também. Não me parece certo. Não acho justo.

— Venha, filha. Vamos sentar aqui, disse Tecelino, conduzindo-a delicadamente para uma poltrona. Uma vez que se aproximou dela, pegou-lhe ambas as mãos com doçura e lhe disse:

— Veja, minha pequena, vou fazer-lhe uma confissão. Você está com vinte e dois anos. Quando me casei com sua mãe, ela estava com dezesseis.

— Era muito jovem.

— Sei. Mas ela não se lamentou jamais, nem eu tampouco. Agora me pergunto se não fui egoísta a seu respeito.

— O senhor egoísta? Por quê?

— Espere, minha rainhazinha. Você sabia que sua mão me foi pedida no mesmo ano em que sua mãe morreu?

— Não!

— Pois foi e eu não a concedi.

— Quanto me alegra o senhor não o ter feito. Imagine o que teria sido para o senhor estes últimos cinco anos se tivesse consentido em meu casamento.

— Isso é precisamente o que penso. E por isso temo ter sido egoísta.

— Não, papai, nada de egoísmo. Foi cheio de consideração para comigo, isso sim. Sabe a dor que teria sido para mim não poder ficar a seu lado nestes cinco anos?... Sua negativa foi uma amabilidade e uma consideração para comigo, nada de egoísmo.

Tecelino sorriu:

— Minha filha, você tem o dom de apresentar as coisas de maneira tão bonita... Meu velho coração desejaria que tudo o que diz fôsse certo; mas temo muito que seja um reflexo de sua mente delicada e sensível. Agora, enfim, posso afirmar que penso só em você. Tem vinte e dois anos e há de se casar este ano. E' meu desejo e estou seguro também que é a vontade de Deus.

— Sim, papai, e eu também estou certa de que estes cinco anos foram vontade de Deus, igualmente. Mamãe insistia sempre que para Deus não há casualidades. O que nós chamamos "acidentes" não são senão uma parte de Seu sapientíssimo plano providencial. E veja como é bom. Se me tivesse casado, como o senhor falou, em 1110, quantas tristezas teria havido em toda parte. Não creio que, sem a certeza de que eu o consolaria em sua ausência, meus irmãos teriam tido a coragem de entrar no convento para seguir sua vocação.

Tecelino lhe apertou as mãos em sinal de assentimento.

— E' certo, minha rainhazinha. Não sabe quanto me consolou! Que belo coração possui você. Como preencheu êle o vácuo deixado pela morte de sua mãe e pela ida ao convento de seus irmãos. Foi às vezes Alice e Umbelina, Guido e todos os irmãos. Muito obrigado, pequena rainha!

Umbelina ficou aterrada pelo tom de voz de seu pai. Não era homem comunicativo, e aquela expressão emotiva de afeto e de gratidão a surpreendeu. Percebeu um leve tremor na voz e com sua rápida intuição de mulher compreendeu que devia acalmar a tempestade antes que ela se apoderasse da alma vigorosa do velho guerreiro. E retribuindo o cálido aperto de mãos, falou:

— Dê graças a Deus e não a mim, papai. Êle criou o meu coração; eu apenas o uso... Isso me faz lembrar mamãe. Um dia a ouvi falar com a duquesa. Pelo que percebi, sua alteza opinava que tanto eu como as demais meninas deveríamos aprender a humildade à força de que nos dissessem que éramos feias e bôbas. Mamãe soltou uma risada toda sua, toda musical, e respondeu:

— "Existem espelhos, duquesa, e eu prefiro que minha filha, ao contemplar-se no seu, veja a formosíssima face que Deus lhe deu e faça uma ação de graças por tal dom, ao invés de, ao ver-se, encontre no fundo dêle o rosto de uma

embusteira: sua própria mãe". A duquesa não estava de acordo. Insistia em que se devia dizer que eu possuía cabelos duros e uma pequena mancha no olho direito para não me tornar presumida. Ao ouvir isso, minha mãe pôs-se a rir e perguntou-lhe tranquilamente: "E o' que minha filha pensará de mim, quando averiguar a perfeição de seus olhos e a beleza de seus cabelos? Não considera uma tática mais firme e um caminho mais seguro para levá-la até à humildade, excluir: "Umbelina, minha filha, que cabelos belíssimos Deus lhe concedeu! Sem dúvida, apoderou-se do brilho das estrelas para derramá-lo em seus olhos! Não se canse de agradecer-Lhe estes dons. Você sabe que é Sua filhinha".

Do meu esconderijo atrás da porta pude ver a cara da duquesa. Era preciso o senhor ver como abriu os olhos e a bôca, quando mamãe começou a falar e louvar meus cabelos e meus olhos. Quase desmaiou. Mas quando acabou de falar, a boa duquesa suspirou profundamente e disse: "Alice, ensinou-me uma profunda verdade cristã. Agradeço-lhe. Nunca esquecerei".

Tecelino soltou uma curta gargalhada ante a perfeita imitação da duquesa que Umbelina fazia, adotando uma atitude majestosa.

— E' uma mulher sincera. Nem todas teriam admitido a lição.

— Sim, sorriu Umbelina, é uma mulher sincera e a sinceridade é a verdadeira humildade. O senhor sabe que a mamãe me ensinou a consciência. Eu poderia ter sido uma criatura mimada, caprichosa e fingida. Com o carinho que os irmãos e o senhor me faziam e os elogios que me tributavam os visitantes... Creio já ter passado a idade das vaidades tôlas e vejo como mamãe foi sábia em dizer-me a verdade e fazer-me agradecer a Deus. Como me fez aprender essa lição: antes, agora e no passado, fui, sou e serei a menina de Deus!

— Como gosto de ouvi-la falar: menina de Deus...

— E' porque o senhor não vê meu coração, pai. Já sei que tenho a aparência física de uma mulher, mas no íntimo continuo sendo a "pequena Umbelina". O senhor não acredita que no coração nós continuamos sendo sempre meninos, papai?

— Em certo sentido sim.

— A mim parece que devemos isso por levarmos no coração um menino eterno que não envelhece: o filho de Deus. Esse o motivo por que gosto tanto do Pai-Nosso.

— E' por isso que a amo com toda a minha alma, Umbelina. Porque possui algo eternamente jovem. Talvez seja, como você diz, a menina aparecendo nos olhos da mulher madura. Seja o que fôr, continue sempre assim!

— Amém, respondeu sua filha com um sorriso. E agora, velho Barba-Ruiva, está na hora de cada um ir para sua cama. Amanhã será um dia muito ocupado. E não se esqueça de que a esposa de Guido de Marcy continuará sendo sempre sua pequena rainha.

— Não esquecerei.

E o sorriso de Tecelino valeu por uma bênção.

Uma capitulação difícil

Seis anos mais tarde ocorria uma cena semelhante à que acabamos de contar. Mas o lugar de Tecelino era ocupado por Guido de Marcy. Umbelina e ele falavam de Isabel, a esposa de Guido de Fontaines, o irmão mais velho de Umbelina, agora nomeada Superiora do convento de Jully.

— Ela é feliz, dizia Umbelina, muito feliz.

— Duvido, respondeu Guido, incrédulo.

— Eu sei positivamente. Várias vezes a visitei e uma mulher sabe quando outra diz a verdade ou está mentindo. Sei que há muitos que duvidam de sua felicidade. Crêem que foi mais ou menos obrigada a ingressar no convento quando seu marido foi para Cister.

— E seria para admirar, Umbelina? Era esposa e mãe. Isso me parece um noviciado não muito apropriado para tornar-se monja.

— Por favor, Guido! Só os homens e as mulheres superficiais podem falar dessa maneira. Os homens porque não conhecem os corações das mulheres; as mulheres superficiais porque não conhecem a si mesmas. Justamente os anos em que foi esposa e mãe a prepararam como nenhuma outra coisa poderia ter feito para ser o que é agora: uma superiora de verdade, perfeitamente compreensiva e autenticamente compassiva. Há certos ângulos no amor que só podem ser imaginados por quem os experimentou e renunciou. Existe certa compreensão cálida, que somente procede de quem sen-

tiu o frio que nos paralisa ao fazermos uma capitulação total. Isabel, como esposa e como mãe, conhecia esses ângulos e essa total capitulação amorosa. Estou convencida de que foi esse o modo pelo qual Deus a quis preparar para a posição que agora ocupa: é mãe de muitas virgens. Se não se tivesse casado com meu irmão Guido e não lhe tivesse dado duas filhas, estou certa de que se limitaria a ser a Superiora de uma comunidade sem chegar a ser nunca uma mãe como está sendo.

— Isso pode ser certo para seus dependentes, Umbelina. Mas para ela? Acredita você que no fundo do seu coração possa estar satisfeita?

— Antes de lhe responder, Guido, deixe-me perguntar-lhe: — Para que fomos criados?

— Para sermos felizes, Umbelina. Para sermos felizes nesta e na outra vida. Não simpatizo com aqueles que reservam toda a felicidade para a outra vida. Convertem Deus num torturador. E' como se dissessem que nos rodeou de belezas, nos concedeu a capacidade quase infinita para o prazer e apetite insaciável de alegrias, só para que renunciássemos a tudo, negássemos tudo a nós mesmos ou nos privássemos de tudo. Isso não é sensato! Eu sustento que Deus me criou para ser feliz neste mundo e desfrutar um bem ainda maior no outro.

— Vejo que você já respondeu à minha pergunta.

— Sim. E' um tema que desata minha língua. Nestes dias se respira no ar da corte um veneno curioso, Umbelina. Os homens falam como se fôssemos um abismo de iniquidades; como se nossos corpos fôssem vis e não soubéssemos fazer outra coisa que pecar. Até ouvi alguém dizer que o matrimônio é uma invenção do diabo! Pelo que pude averiguar, o veneno vem do Sul. Eu creio que o Languedoc e a cidade de Albí, sobretudo esta, é o foco pestilencial. Ouvi acusarem Bernardo e todos os cistercienses de seguirem esta maldita doutrina. Um dos senhores afirmou que as autoridades de Cister e Claraval não são outra coisa que uma forma atenuada do que praticam os "perfeitos" desta seita. Confirmou a semelhança, citando a despreocupação de Bernardo por seu corpo e o desprezo por todos os desejos naturais. Era um argumento assombrosamente convincente, e estou certo que impressionou a muitos. Agora, dentro do nosso próprio círculo, são numerosos os que falam como se não de-

vêssemos permitir nunca o mais leve prazer corporal, de não aceitar a mais leve migalha de consôlo das criaturas, nem provar a mínima satisfação humana nesta vida reservada para o céu. Até o suicídio é um ato santificante para alguns! Esse senhor, há pouco mencionado, disse que seus irmãos e todos os cistercienses não fazem outra coisa senão suicidar-se lentamente. E' horrível! Fazem de nosso Deus um grande monstro! E, para esclarecer essas dificuldades, lançam tôda a culpa no demônio. O que serve só para piorar as coisas, pois equivale igualar Lúcifer a Deus, negando assim a supremacia divina e fazendo praticamente com que sejam dois os deuses... Mas... perdoe-me, Umbelina. Estou-me exaltando.

Umbelina ficou satisfeita com aquela confissão repentina.

— Não sabia que meu espôso fôsse tão bom orador... Você tem razão, Guido. Deus criou-nos para sermos felizes nesta e na outra vida. Tem sido suficientemente bondoso para proporcionar-nos prazer com o uso devido de cada um dos nossos sentidos. A côr agrada à vista, a melodia ao ouvido, o veludo deleita o tacto, o perfume das rosas o olfato... e assim por diante. A vida seria uma agonia e o suicídio a única solução recomendável se Deus nos tivesse criado para sermos felizes aqui e não nos tivesse proporcionado os meios de o sermos. Só basta ver que delícia é estarmos aqui sentados trocando idéias tranqüilamente. Com efeito, o prazer que o devido uso de nossas faculdades corporais e espirituais pode nos proporcionar é imenso. Sinto uma grande alegria em ver-nos de acôrdo em que Deus nos criou para a felicidade, porque assim já posso lhe fazer uma pergunta mais profunda... A seu ver, o que produz maior alegria, maior felicidade: adquirir para si ou dar para os outros?

— Você está-se tornando muito sutil, Umbelina, disse Guido, humoristicamente suspicaz. Temo que me deixe embaraçado. Começamos por discutir a situação de Isabel.

— E é aí justamente que quero chegar, interrompeu sua espôsa. Desejaria, porém, certificar-me de que seus perdigueiros seguem os rastros certos antes de deixá-los adentrar-se mais.

— Está bem. Farei com que você perca os rastros, respondendo-lhe que não compreendo como possa dar aos demais não adquirindo para mim. Vou dar-lhe um exemplo. Uma

grande parte da felicidade de minha vida consiste em fazer brilhar de felicidade seus olhos. Não há nada que se possa comparar a isso! Eu queria fazê-la feliz, muito feliz, é certo. Para isso, consigo minha própria felicidade. Por isso, já vê que nossa maior generosidade pode ser, por sua vez, um refinado egoísmo. Que lhe parece?

— Que você está confundindo um pouco os termos. Mas vou aceitá-los para o bem de nossa discussão e vou dizer que o sacrifício, o sacrifício autêntico, não é mais que um egoísmo em sua forma mais estranha.

— Também eu o aceito, disse Guido com um certo receio, pois sabia que Umbelina, por ter a obsessão de viver uma vida isenta de egoísmo, nunca teria aceitado seu modo de ver as coisas se não tivesse olhado mais longe que êle. Esperou com vivo interesse sua réplica.

— Já temos base para discussão. E você, com sua própria lógica, tem de admitir que Isabel de Forez possui a maior felicidade da terra, pois foi a mais egoísta, a mais sábia, a mais astuta e obteve muito mais que a maior parte das mulheres por fazer mais sacrifícios que elas.

— Muito bem, Umbelina, exclamou Guido aplaudindo. Você deixou-me cavar minha própria armadilha e cair como um incauto nela. Lógicamente tenho de admitir. Mas psicologicamente...

— Começa outra vez com distinções! Não, não, querido Guido. Não façamos jôgo de palavras. Chegamos a uma verdade e temos de discuti-la com tôda a seriedade. Se para ser feliz é necessário dar, para ser mais feliz é necessário dar mais ainda. Para se obter a felicidade suprema, há que se entregá-la totalmente. Por isso Isabel de Forez é a mais feliz das mulheres. Deu mais que ninguém. Deu tudo. Entregou um lar, um espôso, duas filhas e uma vida. Não reservou nada para si. Sua entrega foi completa. E o que você julga sutil contradição deu-lhe mais do que ninguém. Neste momento possui tudo. Não é uma contradição, mas um paradoxo de Cristo e o cumprimento de suas promessas. O grão de trigo tem de morrer; e se queremos salvar nossa vida, temos de perdê-la. Eu mesma, Guido, experimentei isso em minha vida...

— Como?

— Durante nosso primeiro ano de casados, divertimo-nos muito, não é mesmo? Sempre tínhamos convidados e assis-

timos a muitas festas. Viajamos por tôda parte. Éramos duas crianças alvoroçadas. Gastamos muito. Parecia que estávamos dispostos a sobrepujar o resto do mundo em tôdas as modalidades...

— E o fizemos! interrompeu Guido. Pelo menos você, Umbelina, pois todos a proclamavam a dama mais elegante e mais bela do Ducado. Sentia-me orgulhoso de você.

— Agora eu me envergonho disso. Mas como ia dizendo, divertimo-nos muito. Negá-lo seria uma estupidez. Agradam-me as galas, e você mas prodigalizava. Sentia a admiração dos homens e a inveja das mulheres, e me sentia feliz por sua causa. Eu acredito que você sentiu muito prazer, por que não dizer? mais que eu mesma. A vida social, que levávamos, era deliciosa. Sentia-me embriagada. Encantava-me a beleza que isso tinha. Mantinha-nos tão vivos! Indubitavelmente foi um ano de prazeres excepcionais. Mas, uma vez passado, senti a falta da felicidade. Agora sei que a diferença entre prazer e felicidade é quase infinita.

— O que quer dizer?

— Que o nosso prazer era puro egoísmo. Vivíamos exclusivamente para nós. Os demais só nos interessavam pelo que podiam proporcionar, divertir ou dar-nos novos conhecimentos. Éramos um par de garotos travessos em busca de emoções, sedentos de prazer. Bernardo diz que isso era inevitável no primeiro ano. Era bom para nós e para nossas amizades. Talvez êle esteja certo. Mas eu sei que então tínhamos o prazer e agora temos a felicidade. Aquêlê permanece na superfície dos sentidos; esta enraíza-se nas profundidades de nossa alma. A gente costuma falar de meus vestidos e da ilimitada generosidade com que você me autorizava a adquiri-los. De que falam agora?

— Para dizer a verdade, Umbelina, agora falam muito menos de nós. Quando deixamos de levar essa vida alvoroçada, como você diz, e dedicamos tôda a nossa atenção aos pobres, também se falou de nós. Muitas das principais damas a imitaram, porque acreditaram que você procurava introduzir uma nova moda na alta sociedade do Ducado e elas não queriam ficar atrás. Mas quando você perseverou no trabalho e para elas passou a novidade, aí nos criticaram, a você e a mim. Hoje em dia não falam nada. Nem louvam nem condenam. A meu ver, admiram e invejam, embora não sejam capazes de compreender de todo. Os cavaleiros e as damas

de mais idade fazem de vez em quando algum comentário que é agradável ao ouvido. Outro dia mesmo, dizia-me uma dama viúva: "Sua espôsa será louvada como a mãe também o foi". Isso foi para mim o maior elogio.

— Prefere isso ou que me continuem chamando a dama mais bem vestida do Ducado? perguntou Umbelina com um sorriso.

— Cem vêzes isso!

— Aí tem você uma prova de minha tese. Nestes últimos cinco anos temos feito sacrifícios, muitos sacrifícios. E se os grandes deixaram de falar de nós, os humildes começaram a fazê-lo. Ontem mesmo, ao sair da choça de um mendigo, o pobre velho levantou a cabeça e me disse: "Que Deus abençoe o coração generoso de seu marido!" Aquelas palavras foram para mim o maior louvor que escutei sôbre sua pessoa, incluídas as de seu resmungão e adorável tio.

Guido sorriu lisonjeado e exclamou:

— Por Deus, Umbelina, começo a crer que você tem razão. Nestes cinco anos fomos felizes demais. Vejo que está certa sua teoria ao olhar profundamente dentro de meu coração. Não se me dava calcular os gastos quando você se dedicava a comprar vestidos, porque me encantava vê-la brilhar. Quando começou a pedir-me a mesma quantia para vestir os pobres, devo confessar-lhe que senti secretamente certos receios. Mas como via brilhar de alegria seus olhos, sentia grande recompensa e o receio se dissipou. Sim, tenho de admitir. Fui mais feliz quando mais feliz tornei os outros.

— Bem, agora quer dar um passo a mais comigo? perguntou-lhe Umbelina, aproximando sua cadeira para mais perto da mesa.

Guido inclinou-se para a frente, apoiou os cotovelos na mesa e respondeu:

— Se me ensina tanto como até agora, vamos...

— Você será capaz de admitir que entre o dar e o receber existe uma proporção exata, segundo a qual, quanto mais nos custar o dar, tanto maior será a felicidade e a recompensa que recebemos por ter dado? Admite que quanto maior fôr o sacrifício, maior a satisfação?

— Isso dá muito o que pensar.

— Não tanto, respondeu com presteza Umbelina. Vamos partir das linhas gerais, saindo do abstrato para os casos reais. Vamos falar outra vez de Isabel de Forez. Ela provará

minha tese. Diga-me, Guido, você tem medo da morte?

O marido sobressaltou-se. A pergunta havia sido tão inesperada que lhe paralisou por um instante a língua.

— Medo da morte? repetiu mais tranqüilo depois de uma pausa. Sim, Umbelina, tenho um pouco de medo da morte. Creio que isso se dá com todas as pessoas...

— Por que tem medo dela?

— Não sei. É difícil expressar com exatidão. Dá-me a impressão que esse medo faz parte de nossa natureza. Não fomos criados para morrer, já o sabe. Por isso eu suponho que nosso instinto de viver é a expressão mais profunda da nossa natureza primitiva em luta contra o que provocou o pecado. De outra parte, suspeito que não tememos tanto a morte como tememos o juízo.

— Você tem razão, Guido, logo, não seria magnífico viver sem temer a morte nem o juízo? Não seria a felicidade suprema poder enfrentar-se com esses dois fatos terríveis sem sombra de medo? Não seria isso vencer o maior medo da vida?

— Claro que sim. Mas temo que você tenha voado para o mundo das teorias.

— Nada disso. Continuo no mundo dos fatos. Esse é o mundo no qual vivem Isabel de Forez e suas monjas. Também Bernardo e todos os meus irmãos vivem dessa forma. Meu pai morreu assim. Toda alma que se entrega por completo a Deus despreza a morte e anseia pelo juízo. E por que não? A morte é para eles uma libertadora amiga e o juízo o momento da recompensa.

Guido cruzou as mãos na beira da mesa. Começou a esfregar as mãos uma contra a outra. A entusiástica resposta de Umbelina fez cócegas em seu coração.

— "... A morte uma libertadora e a hora do juízo a hora da recompensa?..." murmurou ele depois de uma pausa.

A espôsa estudava-o atentamente. Suas murmurações mantinham-na suspensa, e começou a temer que ele não admitisse sua afirmação.

— Já sei que isso parece incrível, mas só por causa da superficialidade do nosso pensamento. Diga-me: você não se achava mais disposto para se apresentar diante de seu tio depois de uma batalha onde se realizara algum feito heróico, na qual arriscara a vida e pusera em perigo a sua

segurança, do que depois de alguma travessura? Se você comparar esse princípio com a pedra de toque da vida cotidiana, verá a força que tem. Quando você se apresentava a seu tio com ânimo mais tranqüilo?

— Depois de haver-me sacrificado, como você diz. Isso é indubitavelmente certo no caso de qualquer cavaleiro.

— Não está vendo a semelhança?

— Vejo, Umbelina, como nunca. E vejo o pouco que me sacrifiquei por Deus. Creio que as almas religiosas como Isabel e seus irmãos, se não estão de todo livres do temor, estão mais dispostas para se apresentarem diante de Deus do que aquelas que se encontram no mundo. É muito razoável.

— E você achou o verdadeiro motivo, Guido. É o "dar-se a Deus"! Cada vez estou mais convencida de que a vida só tem um significado: simplesmente, Deus nos deu tudo para que possamos um dia devolver-lhe esse tudo intacto. A morte de meu pai em Claraval no ano passado demonstrou-me isso com uma força tremenda. Então compreendi que a felicidade nesta vida e na outra só se pode encontrar em Deus.

— Você quer dizer que o mundo deveria ser um imenso mosteiro?

— De maneira alguma. Quero, porém, dizer que todos quantos vivem no mundo deveriam agir como os que vivem nos mosteiros. Isto é, plenamente conscientes de Deus! Minha cunhada desfrutava maior felicidade que cem damas no mundo, e está mais certa de ser feliz no outro que milhares delas. E por quê? Porque se sacrificou totalmente e se entregou sem reservas. Entregou todo o seu ser!

Guido ocultou o rosto nas mãos e permaneceu inclinado naquela posição durante uns minutos. Umbelina percebeu que seus ombros tremiam. Depois de observá-lo um instante, estendeu a mão por sobre a mesa e tocou-lhe levemente na cabeça, perguntando:

— Que tem você, Guido?

O cavaleiro levantou a cabeça e sua espôsa viu sua fronte nublada e seus olhos cheios de dor.

— Pensava em minha irmã, a duquesa da Lorena. Possei tudo quanto uma mulher pode desejar naturalmente e agora vejo que Isabel é muito mais rica do que ela. Pensava também em mim. Como sacrifiquei pouco a Deus! Sim, temo a morte porque temo o juízo, e temo o juízo porque

não estive, como você diz, consciente de Deus, absorto em Deus, concentrado em Deus. Você abriu-me os olhos, Umbelina. Vejo uma saída. Vejo um modo de fazer alguma coisa que me faça sentir tão disposto para enfrentar a Deus como estava disposto para enfrentar meu tio depois de realizar alguma façanha. Você diz que os religiosos desprezam a morte e almejam o juízo simplesmente porque se sacrificaram a si mesmos. Pois eu posso fazer um sacrifício ainda maior! Eu posso dar a Deus alguma coisa que eu amo mais que a mim mesmo! E o darei! Dar-lhe-ei você!

Umbelina ficou sem respiração. Fazia cinco anos que timidamente e com lágrimas nos olhos havia proposto a Guido aquêl mesmo sacrifício. Ele, com beijos, secou aquelas lágrimas sorrindo diante de tal proposta. Disse-lhe que ela se achava sob o influxo das emoções sentidas em Claraval. Deu-lhe liberdade para dedicar todo o seu zelo à caridade para com os pobres, e até chegou a restringir sua vida social. Mas não quis nem ouvir falar de seu ingresso num convento. Durante aquêles cinco anos, Umbelina não tornou a repetir sua proposta nem uma só vez, mesmo quando expressava sua inveja santa pelas pessoas que podiam viver exclusivamente para Deus e por Deus. Se pretendia com isso incitar o marido, não o conseguira. Por isso aquela declaração inesperada lhe fêz o coração subir à garganta, ergueu as mãos em sinal de pânico e apenas pôde murmurar:

— Ohhhh!...

— Sim, continuou Guido com ardor, se você é o suficientemente generosa para se entregar a Deus, eu serei mais generoso ainda. Você é o meu coração, minha vida, meu tudo. Amo-a neste momento como nunca a amei. Umbelina, minha rainha, nesta noite você está no apogeu de sua beleza física, em pleno florescimento de sua radiante feminilidade. Seus cabelos, seus olhos, sua boca, suas faces, seu talhe, tudo, tudo é adorável. Sim! E o que os olhos não podem perceber — sua alma — é mais formosa ainda. Diz que a Deus agrada o sacrifício, pois vou agradar-Lhe como nunca até agora. Diz que na vida tudo é paradoxal, vou viver, pois, um paradoxo. Vou arrancar meu coração e o entregarei a Deus para que Deus mo possa devolver no dia do juízo. Sim, vida de minha vida, pode ir-se. Faça seu sacrifício como eu faço o meu. Vivamos os dois para a eternidade, e como essa só se alcança com a morte no tempo, morramos

os dois! Morro ao entregá-la ao Amante que tem mais sorte, que é Deus! Vem, meu amor, selemos nosso sacrifício!

E abriu seus braços a uma mulher que se precipitou nêles como que hipnotizada.

Estreitando-a contra o peito, Guido continuou apaixonadamente:

— Não pense que essa decisão é repentina, Umbelina. Faz anos que a observo, sabendo que queria ir, mas era demasiado carinhosa e fiel para mencionar isso. Esta noite, pelo que parece, por um mero acidente, você cortou o último fio que prendia ainda meu coração. Falou-me da eternidade e do Eterno, embora estivéssemos falando de pessoas conhecidas. Agora compreendo por que são tão felizes as pessoas religiosas. Compreendo-o justamente no momento em que realizo o meu sacrifício. Deus proporciona-me uma felicidade desconhecida e inesperada. Até minha alma treme, Umbelina. Pode ir, minha vida, pois sei que sempre pensará em mim, assim como eu não poderei esquecer minha espôsa, minha rainha e minha salvadora.

Beijaram-se com grande ternura e Umbelina não pôde fazer outra coisa senão pronunciar, soluçando, estas palavras:

— Oh! Guido, como você é nobre!

Associados no serviço do amor

E' difícil decidir qual dos dois fêz o maior sacrifício naquela noite. Guido entregou o bem mais desejável de sua vida. Umbelina renunciou a um dos maiores dons do mundo. Sinto a tentação de afirmar que o sacrifício de Guido foi maior, é afirmar a minha certeza de que Deus o recompensou com um lugar especial no céu, como bendigo a santidade da entrega de Umbelina.

Quando tudo estava arrumado, Umbelina partiu para Jully, onde recebeu as boas-vindas de sua cunhada Isabel e de sua sobrinha Adelina. Naquela época não havia monjas cistercienses, e Jully, convento beneditino, oferecia a Umbelina a vida o mais semelhante possível à que levava seu amado irmão Bernardo.

Quando estava no Ofício, cerrava os olhos e o via em pé a seu lado, unindo sua voz com a dela para entoarem juntos o hino de louvor a Deus. Quando trabalhava, olhava com freqüência o relógio de sol, para ver se Bernardo tam-

bém àquela hora estava trabalhando. Quando se dedicava à leitura espiritual, imaginava "Olhos Grandes" fazendo o mesmo que ela e fazendo-o com o mesmo fim. Para Umbelina retornava a infância sem "imitações" nem tristes desilusões. Agora estavam identificados como nunca. Umbelina inventou um sobrenome para ela e para Bernardo ao dizer:

— Somos "associados no serviço do Amor".

Isabel de Forez movia de vez em quando a cabeça dizendo:

— Sua expressão é das mais adequadas, Umbelina, porque você "é" Bernardo-mulher.

Dizia isso mais em tom de pilhéria, porque Umbelina entrou na vida monástica com a mesma violência e a mesma veemência que assinalaram os primeiros tempos de Bernardo em Cister e em Claraval. Isabel sabia que o jovem monge arruinara a saúde com aqueles exageros. Isabel queria que Umbelina se tornasse uma santa, mas também a queria com saúde. Por isso, com frequência, via-se obrigada a dizer:

— Jully é beneditino, Umbelina, não é cisterciense! Deixe já de ser como seu irmão e seja mais como você mesma o é.

Umbelina respondia sorrindo:

— Perdão, Isabel. De agora em diante vou ser isso mesmo. Sei que a obediência é o melhor sacrifício.

Sua grande docilidade salvou Umbelina do excesso. Isabel de Forez tinha razão. Umbelina era Bernardo-mulher, e seu coração estava inflamado do desejo de fazer grandes coisas por Deus, sem piedade para consigo mesma. Se não tivesse tido aquela docilidade salvadora, teria sido um espinho para a comunidade e uma verdadeira coroa de espinhos para sua Superiora, porque o zelo fora do lugar é pior que uma catapulta. Mas, sendo como era, compreendeu que fôra para o convento para desprender-se de sua vontade própria, e cedeu chegando a ser o orgulho de Isabel e o encanto de toda a comunidade. Na primeira vez que Bernardo a visitou, exclamou:

— Que é isto? Que é isto? Está mais bela como monja do que quando era a admiração do Ducado! O véu faz ressaltar suas faces com mais arrogância do que todos os toucados que usou no mundo. Creio que tenho de chamar a isto de santa garridice.

Naquele dia conversaram deliciosamente. Umbelina não parava de fazer perguntas; Bernardo cortava-as. Tinha aprendido sua lição em Claraval. Como estava tratando da prudência, desaprovava com um sinal de cabeça muitas das práticas propostas por Umbelina. Limitou-se a sorrir a muitas de suas perguntas e respondeu a outras dizendo:

— Deixe que a superiora decida.

Riram-se muito, recordando os tempos passados, e quando Bernardo se dispunha a partir, anunciou:

— Prevejo que você será santa, Umbelina.

— Quais são os sinais dessa santidade? perguntou sorrindo a nova religiosa.

— O primeiro de todos é que você conservou seu bom-humor. Continua capaz de rir-se até de você mesma. E' um sinal quase infalível. O inferno jamais foi capaz de produzir o bom-humor!

Bernardo tinha razão. Julgada só pelas aparências externas, Umbelina continuava sendo a mulher formosíssima de antes, pois conservava sua encantadora personalidade e suas esplêndidas qualidades. Não havia perdido nada de sua fulgurante beleza do corpo, da mente e do espírito. Prova disto é o fato de que, em 1130, Isabel teve de partir para nova fundação perto de Dijon. Umbelina foi escolhida como sua sucessora por voto unânime de todas as religiosas. A única surpreendida, no convento, foi a nova superiora. Não podia acreditar. Parecia-lhe ser uma recém-chegada que apenas havia empreendido o caminho da perfeição e se sentia nova e indigna de tal honra. Mas foram justamente esses sentimentos que a guindaram a um grande êxito como superiora, porque, ao fazerem-na confiar cegamente em Deus, conferiram-lhe uma grande delicadeza no trato com seus inferiores. Com isto cativou a todas. A nova superiora possuía a fortaleza e a doçura de seu Espôso Jesus Cristo. Se Isabel de Forez tinha feito muito por Jully, Umbelina de Fontaines fez muito mais. Como as mulheres falam muito, sobretudo de outras mulheres, os comentários sobre Umbelina se divulgaram pelo Ducado em todas as direções com grande rapidez. Pelo menos uma vez o "diz-que-diz" das mulheres produziu bons efeitos! A notícia de que a filha de Tecelino ocupava o cargo de abadessa em Jully atingiu as damas da nobreza borgonhesa, quase do mesmo modo que a rêde de Bernardo apanhara os cavaleiros vinte anos antes. Jully

não tardou a ver-se assaltada pela fina flor das damas do Ducado. Umbelina foi enviando grupo após outro para novas fundações. E poucos anos depois de ter ocupado o cargo, já era mãe de doze casas filiais. Seu próprio convento estava sempre cheio. Uma manhã ao entrar a Priora bem cedinho na cela de Umbelina, encontrou-a pregando na parede, em cima de sua mesa de trabalho, um pedaço de pergaminho. Olhou e viu que continha estas palavras escritas com tinta preta: "Amar é servir". Tornou a olhá-lo e o leu em voz alta, perguntando a sua abadessa:

— O que significa?

— E' a ciência da santidade condensada em três palavras. Coloquei-o aí para que não me deixe perder a cabeça, a língua e o tempo.

E acrescentou com um doce sorriso:

— Ah! irmã! Sou de carne e osso e há ocasiões em que me sinto a ponto de estourar. Este escrito representa o doce orvalho que apagará o fogo de meu caráter. Outras vezes, sinto-me fatigada e deprimida. A comunidade é muito grande, e cada uma das suas componentes em particular é causa de minhas preocupações. Assim cada vez que meu espírito fraqueja, esse escrito me devolverá as energias. São incontáveis as ocasiões em que ao vê-las rezar, enquanto a obrigação me prega a esta mesa, sinto inveja. Este escrito mudará esse pecado mortal em fonte de merecimentos.

A Priora tornou a olhar e contemplar o pergaminho, acariciou-o com os dedos e perguntou:

— De onde a senhora tirou esse maravilhoso pedaço de pergaminho?

— Adivinhe! Em três palavras está a vida de Bernardo inteira. Foi enviado por meu irmão, porque na última carta eu me queixava. Ao vir para cá, minhas ambições eram a solidão, o silêncio e uma íntima união interior com Deus. Já vê o que me aconteceu! Nunca tenho um minuto para mim, e meu amado Senhor tem de aceitar minha incessante atividade como se tratasse de minhas práticas de amor. Sem dar-me conta, tive de mencionar meu desapontamento a Bernardo, e aí está sua resposta. Três palavras, nada mais. Mas tão valiosas como um extenso tratado. "Amar é servir" explica-me por que vivo, por que devo dar, dar e dar, por que devo resistir ao cansaço sem desânimo, sentir-me irritada sem deixar transparecer e continuar desejando a so-

lidão sem ter um momento sequer para mim. Você deve saber, irmã, que verdadeiramente valiosas não são as máximas colocadas à parede, mas o modo de vivê-las. Talvez o laconismo de Bernardo possa parecer amargo, ao expressar nessas palavras uma ardorosa condenação de minhas murmurações. Também me proporcionou uma inspiração. Esse pequeno pergaminho me dá mais matéria de meditação do que muitos livros piedosos que li. Nesta manhã, durante a oração mental, ocorreu-me a idéia de quão acertadas são essas palavras para o Crucifixo. Terei de dar muitas graças a Bernardo por ter-me chamado a atenção, além de inspirar-me e encher-me de otimismo.

A Priora observou atentamente Umbelina enquanto esta falava, e viu como a sinceridade e a franqueza de sua alma assomavam a seus olhos ao expressar a idéia de viver ao pé da letra aquela máxima "Amar é servir". Ao mesmo tempo percebeu nêles outras chamadas que a intrigaram e escaparam a sua intuição feminina até ao ponto de obrigá-la a perguntar:

— A senhora gosta muito de Bernardo, não é mesmo, Reverenda Madre?

Umbelina, que continuava olhando para o pedaço de pergaminho, voltou-se rapidamente para responder surpreendida:

— O quê? Se eu amo Bernardo?... Se duvida, não é preciso outra prova que experimentar falar mal dele. Bernardo é a metade do meu coração. E' meu irmão predileto. Foi meu companheiro e meu amigo toda a minha vida. E' meu carinho, minha inspiração e... se me atrevo a dizer, minha adoração. As vezes o carinho que sinto por ele chega a me assustar e se não estivesse certa de que estamos "associados no serviço do Amor", onde ambos lutamos e damos o que somos para dar a Deus tudo quanto espera de nós, não sei o que aconteceria com esse carinho que tenho por ele. Aí tem, nessas três palavras, a prova de que Bernardo me quer do mesmo modo que eu lhe quero e por isso me faz essa reprimenda. Sabe o que significa esse pergaminho? Quer dizer: "Umbelina, nosso Amado é um amante ciumento que não tolera regateios no sacrifício. Trabalhe por Ele até morrer e faça isso sorrindo!" Estava certo de que eu haveria de compreender até a mínima coisa oculta nessas três palavras. Sabia que me espicaçariam até o fundo do coração. Representam para mim a prova mais sincera e positiva

de um carinho santo. Por isso não me envergonho de confessar o que sinto por meu irmão. E' um amor dado por Deus e eu cuidarei para que sempre seja dirigido a Ele.

— Ainda que a senhora, reverenda Madre, não confessasse, nós tôdas o adivinharíamos. Proclamam isso seus olhos, que são as janelas abertas de sua alma. A senhora se surpreenderia se pudesse ver como se iluminam só ao ouvir mencionar o nome de seu irmão. Contudo, alegro-me de havê-lo perguntado.

— Por quê? perguntou Umbelina, corando ligeiramente.

— Porque gosto dos santos humanos. Ouvi tantos e tantos dizer que deveríamos odiar pai, mãe e irmãos...

— Essa gente não sabe o que diz e é incapaz de compreender a Bíblia. Nela encontra-se realmente essa frase que procede diretamente dos lábios de Deus; mas Ele refere-se tão somente a um amor de preferência. Significa que devo estar disposta inclusive a odiar Bernardo antes de abandonar minha vocação; não outra coisa. Nosso Deus é um Deus de amor. Quer que amemos todos os nossos semelhantes. Só os que não conhecem Cristo poderiam interpretar ao pé da letra essas palavras. Mas vamos, irmã, estamos nos esquecendo de que "amar é servir", e não trabalhamos. Sente-se e sugira-me doze nomes para uma nova fundação.

Habituada à veemência da abadessa, a Priora sentou-se, tomou uma lista de nomes da comunidade e perpassou com o dedo até chegar ao nome de Janette.

— Que tal Janette? Não poderia ser uma delas?

— Parece-me que não. Janette não tem a devida desenvoltura numa sela de animal.

A Priora não pôde reprimir um sorriso diante da metáfora equestre. Janette era demasiado rígida.

— E Matilde?

— Matilde, sim! Tem senso-comum.

— E Mariana?

— Melhor seria chamá-la Marta. Sempre está preocupada com mil coisas... Mas serve.

— E Leônia?

— E' demasiado humilde. Essa fundação supõe rudes trabalhos e provavelmente verdadeiros sofrimentos. Mencione-me aquelas que possuem um coração inundado de alegria por mais negras que se apresentem as coisas.

— Então Berta, Vicentina, Margarida e Luísa servirão.

— Creio que sim. Mas não pode roubar-me todos os meus "filhos".

— Seus o quê?

— Meus "filhos". Essas mulheres as quais Deus ama tanto, fazendo-as passar por provas amargas, são meus "filhos". As quatro que acaba de nomear, pode-se, dizer, são as mais corajosas da casa, não é mesmo?

A Priora consentiu com a cabeça.

— Pois reservadamente lhe direi que cada uma delas sofreu mais do que alguém possa imaginar. Mas são valerosas. Podem carregar e já carregam verdadeiras cruces sobre os ombros. Pode crer-me quando lhe digo que tenho bons motivos para chamá-las "filhos". Apesar disso as sacrificarei. Já tem seis. Escolha outras seis que se pareçam e entregue-me a lista até o meio-dia. Por favor, não me roube todos os meus "filhos"! E agora me vou. Tenho uma entrevista.

Umbelina saiu. A Priora, observando seus passos pelo corredor, ligeiros, graciosos mas enérgicos, exclamou:

— Eh! se nesse convento há "filhos", eu sei muito bem quem é o "pai"! Não é necessário senão olhar para esta mulher! Quem suspeitaria que leva um cilício em sua carne delicada? Quem poderia suspeitar que reduz o seu sono e apenas prova os alimentos?... A nenhuma de nós permite fazer essas penitências; mas ela se considera em dívida com Deus por causa da vaidade de seu primeiro ano de matrimônio. Que mulher! Que santa!

E virando-se para o pedaço de pergaminho cravado na parede, leu-o à meia voz:

— "Amar é servir". Creio que sim! E se de fato essa frase resume a vida de Bernardo, também resume a de sua "associada no serviço do Amor".

Morte feliz

A Priora tinha razão. Umbelina praticava as mais heróicas penitências para compensar as vaidades de seus primeiros tempos de casada. Sua vida reduzia-se à oração e à penitência. Embora ainda lhe faltasse a tranquilidade que anelava e conduz à contemplação, não deixava de ser contemplativa, uma vez que mesmo no meio de seus trabalhos tinha a consciência de Deus no fundo de seu coração.

Como no caso de Bernardo, a consciência de Deus se arraigava nela de tal forma que com o correr dos anos se achava tãda absorta em Deus. Por haver-se enamorado de Deus, não podia ser outra coisa senão contemplativa. Bernardo muito lhe ensinara sôbre a vida religiosa; a melhor lição foi, sem dúvida, que essa vida não é mais que um meio de enamorar-se e demonstrar nosso amor. Aquele que é o Amor. Nunca foi mais evidente que aprendera essa lição, que, quando em 1141, se apoderou dela a última enfermidade. A comunidade não podia acreditar no que viam os próprios olhos ao contemplar sua infatigável Superiora curvar-se diante da enfermidade. Até o último momento permaneceu em seu posto sorridente, vivaz e trabalhando. O pequeno letrado: "Amar é servir", sempre à vista, a susteve muito tempo depois de esgotadas suas reservas normais. Sorria ao lê-lo e, voltando-se para a Priora, dizia-lhe:

— O espírito está pronto, mas o corpo está esgotado, irmã. Penso que uma das fases do "Serviço do Amor" está terminada. Tenho de ir para a cama e esperar a segunda fase.

A prudente Priora enviou uma mensagem a Bernardo, dizendo que sua "associada no serviço do Amor estava pronta para receber a recompensa". O abade sofreu um profundo abalo pelo aviso inesperado. Chamou depressa André e o jovem Nivaldo que por casualidade se achavam de passagem por Claraval. Com eles tomou o caminho para Jully.

Encontraram Umbelina sorrindo, com pleno conhecimento, mas extremamente fraca. Bernardo percebeu a iminência da morte. Inclinou-se sôbre ela e disse:

— Você sabe que está morrendo, Umbelina?

Umbelina murmurou, movendo levemente a cabeça:

— Sei, "Olhos Grandes". E você precisa saber que sou feliz. Oh! sim, muito feliz, e tudo porque segui seus conselhos!

Enquanto Umbelina se inclinava esgotada pelo esforço feito, uma série de cenas cruzaram pela mente de Bernardo. Viu-a como se apresentou pela primeira vez em sua visita a Claraval, e como nos cinco anos seguintes encarnou em si a caridade para com os pobres. Viu a primeira vez que a visitou em Jully, abrasada pela ânsia de dar-se tãda a Deus. Viu-a como Superiora. Compreendeu perfeitamente tudo quanto aquilo significava para ela.

Bernardo suspirou. Nesse instante veio-lhe à memória a imagem de Umbelina, criança em Fontaines. Aquêlê relâmpago serviu para mostrar a Bernardo a brevidade da vida. Pareceu-lhe que foi ontem quando brincava com aquela menina no pátio do castelo de Fontaines. E agora a menina estava morrendo. Seu coração encheu-se de ternura. Inclinando-se novamente sôbre sua irmã, disse-lhe:

— Eu também sou feliz, Umbelina. Estou muito orgulhoso de que tenha sido você minha "associada no serviço do Amor". Para você foi um serviço duro, muito duro. A oração e a penitência não tornam mais fácil a vida de um nobre. Mas agora, menina querida...

Naquele momento Umbelina surpreendeu a todos, interrompendo a Bernardo com a frase:

— "Laetata sum in his quae dicta sunt mihi..." Alegrei-me com as coisas que me foram ditas...

As palavras brotaram de seus lábios como uma expressão de gratidão. Sua voz vibrava de júbilo e seu rosto achava-se iluminado por uma luz celestial.

Os três irmãos perceberam logo as primeiras palavras do Salmo 121. Olharam-se mutuamente com a mais profunda surpresa. Depois voltaram-se para sua radiante irmã, em cujos olhos aparecera um lampejo de êxtase. Contendo a respiração, aguardaram as próximas palavras. Pronunciou-as ao estender as mãos e dizer suavemente:

— "In domum Domini ibimus..." Iremos para a casa do Senhor.

Depois, ao procurar Bernardo tomá-la nos braços, deixou-se cair para trás e expirou.

Reconhecimento

Bernardo não pronunciou o elogio de Umbelina como fizera com Geraldo. Há ocasiões em que o coração está demasiado cheio e ocasiões em que está demasiado vazio para falar. Suas lágrimas falaram por êle. E muitos presenciaram o pranto do abade enquanto oficiava os funerais; muitos o escutaram, com voz entrecortada pelos soluços, ler as preces junto ao túmulo de sua irmã. Muitos fizeram eco às palavras pronunciadas pelos judeus, quando Jesus se encontrou junto de outra tumba soluçando pelo amigo:

— Vejam como a amava!

Regressando a Claraval, Bernardo voltou-se para André e disse-lhe:

— “Laetata sum in his quae dicta sunt mihi, in Domini ibimus...” Não foram estas as últimas palavras de Umbelina?

— Sim.

Bernardo perguntou de novo:

— Você pensa que ela falava do passado ou do futuro? Acabava de dizer que era feliz porque seguira meu conselho; assim podia referir-se ao passado. Contudo, não sei... Que pensa você?

— Não sei o que queria dizer. Só sei que é uma bela maneira de morrer.

Então Nivaldo disse:

— Estou certo de que se referia ao futuro, Bernardo. O brilho que havia em seus olhos fêz-me compreender que enxergava muito longe, muito além do que nós vemos. Estou convencido de que se referia ao céu, ao dizer: “Vamos para a casa do Senhor”.

— Eu também creio.

— E’ bem possível que se referisse ao passado e ao futuro, comentou André. Lembre-se de que bem antes de vestir o hábito beneditino era uma moça santa. Tinha motivos para alegrar-se com o passado, uma vez que abandonou suas estúpidas pompas. Pensem vocês o que quiserem. Eu inclino-me a pensar que com êsse versículo resumiu seu passado e nos falou do futuro. Deus foi sumamente bom para conosco, dando-nos tal irmã. Espero que os dois reconheçam isso.

Os três caíram num silêncio cheio de meditação.

Umbelina viveu e morreu como beneditina. Mas a Ordem Cisterciense honrou-a sempre de modo especial. Umbelina de Fontaines é uma das personagens cuja festa se celebra no calendário especial da Ordem, apesar de não lhe haver pertencido. O Papa Pio IX promulgou o decreto no dia 7 de fevereiro de 1871, dando sua aprovação papal a êsse Ofício em honra da Beata Umbelina, e a agradecida Ordem de Cister canta-o a 12 de fevereiro em seus louvores à “associada de Bernardo no serviço do Amor”.

O Ofício termina com as próprias palavras de Umbelina: “Laetata sum...” Alegrei-me...



CAPITULO II

O HOMEM QUE GUARDAVA A ENTRADA

“Entregar as armas é estúpido”.

— BEM, E COMO PASSOU O DIA, minha vida? perguntou Tecelino, aproximando a cadeira da estufa e sorrindo à sua pequena esposa que estava ocupada num delicado trabalho feminino.

Caía a noite, e os frios ventos do princípio de março sibilavam no pátio do castelo, fazendo saltar como loucas as chamas da lareira. Todos os meninos já se tinham deitado, deixando livre aos castelões essa hora bendita que desfrutam os pais quando calam as vozes infantis e se deixam de ouvir seus passos e correrias porque foram vencidos pelo sono.

— Como sempre, respondeu Alice alegremente. Umbelina caiu e machucou-se no joelho enquanto estava brincando à moda dos cruzados. A menina é o melhor soldado de todos. Bartolomeu então... pregou-me um tremendo susto ao montar êsse potro nôvo que você trouxe. Nivaldo foi en-

contrado na torre. Imagine, quando lhe perguntaram o que estava fazendo aí, respondeu: "Procuro Deus. Mamãe disse que Ele está muito alto..." Penso que isso foi o principal do dia.

Tecelino, evocando prazenteiramente as anedotas infantis, inclinou-se na cadeira e aproximou os pés do fogo. Antes que se colocasse confortavelmente, Alice depositou, no regaço, seu trabalho e disse-lhe:

— Ah! Uma coisa ainda. Quer fazer o favor de percorrer o aposento com seu passo normal? Quero ver uma coisa.

Tecelino levantou-se, sorriu de bom-humor e percorreu a sala por duas vezes, dizendo:

— E' difícil tornar-se natural quando alguém o exige, mas penso que êsse é mais ou menos o meu passo e meu jeito.

Alice, depois de observá-lo atentamente, bateu palmas e exclamou:

— Êsse pequeno é um número! Observou uma coisa que eu nunca tinha visto.

— Quem observou? perguntou Tecelino, dirigindo-se novamente para perto da estufa, apoiando-se no respaldar de sua alta cadeira.

— André, respondeu sorrindo a espôsa. Encontrei-o hoje fazendo como você agora.

Ela pôs-se de pé, deixou seu trabalho sobre a mesa e, adotando uma postura determinada, levantou mais um ombro, jogando mais para frente, e começou a andar de um lado para outro daquele modo. Sem deixar aquela postura forçada, acrescentou:

— Olhei-o um pouco e vi que gostava de andar nessa posição. Você precisava ver a carinha decidida que tinha. Depois de andar com o ombro erguido e projetado para a frente umas duas ou três vezes, perguntei-lhe: Que está você fazendo? E êle, na mesma posição incômoda, dignamente, respondeu: "Ando como o papai". E o melhor da festa é que tinha razão. Porque você quando anda levanta o ombro esquerdo mais alto que o direito e mais para frente.

Tecelino riu-se gostosamente.

— Isso é grande elogio por parte de meu filho. Você sabe que a imitação é a forma mais sutil da adulação. E justamente André!

— E' coisa esquisita! comentou Alice, sentando-se de novo. Não tem ainda oito anos e às vezes por sua seriedade parece um velho. E' o mais esquisito dos meus filhos.

— Não, não, Alice! Não há nada de esquisitice. O menino tem um caráter sério e nada mais. Observei-o quando brinca. Fica absorvido e entrega-se de tal modo que alguém perguntaria se é sério ou brincadeira. Parece que toma aquilo como o assunto mais sério de sua vida. E' um bom sinal numa criança, ainda que pareça prematuro em tão tenra idade.

— Não quis dizer propriamente "esquisitice", Tecelino. Deveria ter dito que é o mais sério dos meus filhos. E, todavia, quando grita!...

Tecelino sorriu, porque mais de uma vez tinha corrido alarmado para o pátio por causa daqueles gritos. Encontrava todos brincando animadamente, e André mais que ninguém se divertia brincando de soldado.

— Não há dúvida de que tem bons pulmões. Mas não se esqueça, Alice, que as águias gritam também.

— E' verdade que mais de uma vez eu desejara que André fôsse uma águia, porque ela grita quando se eleva às alturas. Êsse menino ainda irá longe...

As conversas noturnas transcorriam quase sempre assim. Alice relatando os acidentes diários e Tecelino fazendo comentários sobre os pequenos que iam crescendo. Seus comentários sobre André não variavam muito. Admitia sua seriedade, sua sobriedade e sua decisão, fazendo augúrios de um futuro brilhante. A verdade é que André intrigava Tecelino. Encontrava naquela criaturinha algo que fazia vibrar seu próprio coração.

Emocionava-se ao ver desenhar-se nas faces do rapazinho um gesto de obstinação e ao observar a finura de seus lábios. Mas o que mais o fascinava era a franqueza de André, totalmente fora do comum em uma criança de oito anos. Franqueza que às vezes fazia a mãe rir, e outras vezes a punha em apuros. O mais estranho era que André era de poucas palavras, assim quem não o conhecesse tomá-lo-ia por tímido. Mas quando falava, ia diretamente ao fim desejado de uma maneira assombrosa. Tecelino gostava dessa qualidade, e insistia que também essa é uma característica da águia.

Numa ocasião, depois de uma mostra de sinceridade de seu filho, comentou:

— As águias gritam e atacam de verdade.

Finos observadores

Oito anos mais tarde, Tecelino compreendeu que sua águiazinha emplumada começava a bater as asas para encetar vôo. A prova disso deixou-o um tanto embaraçado. Achava-se na presença do Duque Hugo, enquanto se sentavam ao seu lado Raniero, o mordomo-mor do Ducado, e Séguin de Volnay. O cenho carrancudo do Duque prenunciava tempestade, enquanto os lábios apertados de Raniero denotavam decisão.

— Barba-Ruiva, não sei se meu mordomo-mor me acusa de favoritismo ou de loucura. Diz que seu pequeno André é demasiado jovem para ser armado cavaleiro. Eu digo que os anos nada têm a ver com a bravura. Eu não armo cavaleiros meus homens por causa da idade, mas pela bravura de seus atos. Dizem-me que André não tem ainda dezessete anos. E' verdade?

— Sim, Excelência, respondeu Tecelino tranqüilamente.

— E' certo também que é capaz de montar qualquer cavalo que galopeie e ficar em cima dêle apesar de receber duros golpes de lança, que não tem medo de ninguém e que respeita, reverencia e rende culto às damas?

Tecelino observou as chispas que desprendiam os olhos do Duque ao acentuar cada uma de suas frases e sentiu-se intimamente comovido diante do preito de homenagem que seu soberano tributava a seu filho. Sabia-o pouco dado aos louvores.

Os surpreendentes elogios pronunciados pelo Duque Hugo fizeram Tecelino duvidar se seu soberano e senhor os fazia para honrar seu filho ou para ridicularizar a oposição do mordomo-mor. Olhou para Raniero a certificar-se de sua reação. Encontrou, porém, um rosto impassível. Seus olhos estavam frios. Seus lábios, uma linha reta. Seu queixo firme, mas normal.

Como soubesse ser Raniero um conselheiro sincero e consciencioso, não tardou a tirar a conclusão de que sua oposição à proposta do Duque não tinha antagonismo pessoal e que devia, portanto, obedecer a algum motivo bem funda-

do. Enquanto êsses pensamentos perpassavam pela sua imaginação, Tecelino respondeu a seu senhor:

— Vossa Excelência perguntou a uma testemunha suspeita. André é meu filho e, portanto, o que eu disser dêle não terá valor.

— Nada disso, rugiu o Duque! Se se tratasse de qualquer outro, certo. Tratando-se de Tecelino, o Barba-Ruiva, não! Porque é seu filho, não será capaz, por acaso, de lhe tributar os méritos que o môço merece? Bem o conheço, Tecelino, como conheço sua honradez. Que diz você, Raniero?

— Excelência, nunca se deve consultar as partes interessadas no caso de uma disputa. Mas, neste caso, estou de acôrdo com Vossa Excelência. Aceito a palavra de Tecelino.

— Cavaleiros, os senhores estão pondo-me em apuros. Sou sumamente sensível à honra que meu soberano propõe tributar a meu filho. Deixaria de ser pai, se não lhe desejasse isso. Mas sou também conselheiro do Ducado, e tenho de confessar que jamais ouvi nosso mordomo-mor objetar alguma coisa sem ter motivos bem fundados. Antes de responder em favor de meu filho, poderei escutar os motivos em que se fundam suas objeções?

— Acabo de dizer-lhe, trovejou novamente o Duque. Insiste que é demasiado jovem. E eu insisto...

— Excelência, não posso acreditar que êste seja o verdadeiro motivo do mordomo-mor. André tem só dezessete anos, mas é forte como um homem de vinte e dois e muito mais maduro mentalmente que um de vinte e oito anos. Estou convencido de que a preocupação de Raniero não é a idade.* Estou errado, Raniero?

— Agora sou eu quem está em apuros, sorriu o mordomo-mor. Mas o senhor está certo, Tecelino. E sem que isso suponha desônra para o rapaz, direi que o motivo que tenho é aquilo que aconteceu no último torneio, quando André disputava contra o sobrinho de S. Excelência, Guido de Marcy. Séguin observou a mesma coisa que eu. André abaixou sua lança deliberadamente e negou-se a tocar o sobrinho do Duque.

— Também eu vi, observou Tecelino. E que conclusão tira daí?

Raniero guardou silêncio. O Duque lançou-lhe um olhar e grunhiu:

— Fale, homem, fale sem rodeios. Acabe logo com seus circunlóquios diplomáticos.

Nesse momento, Séguin levantou-se e, aproximando-se do Duque e de Tecelino, interveio na conversa:

— Esse é o ponto embaraçoso. Raniero e eu chegamos à conclusão de que o rapaz só pôde ter sido impulsionado a fazer aquilo por dois motivos. E seja por esses dois motivos ou por outro qualquer, demonstra que é muito jovem ainda. Excessivamente jovem para ser armado cavaleiro. Por isso V. Excia. deve compreender a insistência do mordomo-mor em que a juventude de André não era exatamente um rodeio diplomático.

— E quais são os dois motivos? perguntou o Duque de mau-humor.

— Pois... — sorriu Séguin — que outra coisa poderia haver impulsionado ao rapaz senão o fato de que Guido de Marcy seja cavaleiro e sobrinho do Duque?

— Fale mais claro, ordenou Hugo com voz irada.

— Excia., julgamos que o rapaz ou temia o cavaleiro ou procurava o favoritismo de seu sobrinho.

Tecelino empalideceu, seus lábios se contraíram e seus dentes cerraram-se. O Duque ficou paralisado por um instante. Em seguida inclinou-se no espaldar da cadeira, soltando uma formidável gargalhada depreciativa.

— Então é isso o que meus dois dignos conselheiros observaram e essa é sua conclusão? Então é essa toda a agudeza do espírito e dos olhos dos chefes da Borgonha? Hein!? Valente par de idiotas! Venham aqui! Você, Séguin, sente-se aqui (assinalou sua direita). Você, Raniero, ali (mostrou-lhe a esquerda). Agora, Tecelino, faça-me o favor de responder a cada uma de minhas perguntas brevemente, com sinceridade e rapidez. Compreendeu?

— Compreendi, senhor.

— Seus filhos costumam treinar no pátio do castelo?

— Com frequência, senhor.

— Algum estranho intervém nesses treinos?

— Às vezes.

— Meu sobrinho combateu alguma vez contra algum de seus filhos?

— Frequentemente.

— Derrubou algum do cavalo, alguma vez?

— Que eu saiba, não!

— E ele foi derrubado?

— Sim.

— Quem o derrubou?

— André.

— Quantas vezes?

— Quase todas as vezes em que lutou com ele.

Ao ouvir aquela resposta, o Duque tirou as vistas de cima de Tecelino e, olhando primeiro para a direita e depois para a esquerda, exclamou:

— Ouviram, meus agudos observadores e conselheiros? André desmontou meu digno sobrinho quase todas as vezes em que combateram!

Raniero e Séguin mexeram-se incomodados em seus assentos.

O Duque, gozando, fez uma pausa. Depois prosseguiu:

— Esse é o primeiro ponto. Agora, Barba-Ruiva, quero que me diga por que seus filhos mais velhos, Guido e Geraldo — e quero que meus dignos conselheiros se lembrem que falo de dois cavaleiros do Ducado — deixaram de lutar contra André. Seria por ser vergonhoso?

— Não, senhor! Era demasiado ligeiro. Venceu a ambos. E os irmãos mais velhos não gostam de ser vencidos pelos mais novos.

— Admiro sua prudência, murmurou Hugo.

E, virando-se para Raniero e Séguin, acrescentou:

— E os cavaleiros não apreciam ser desmontados pelos jovens que ainda não foram armados cavaleiros. Começam a compreender, meus perspicazes conselheiros? Esse é o ponto número dois. Agora, Barba-Ruiva, diga-nos: Cruzou o senhor alguma vez as armas com seu filho?

— Oh! muitas vezes!

— Ele o desmontou alguma vez?

Tecelino respondeu rindo:

— Não, Excelência. Não está ainda nesse ponto.

— Qual é sua opinião a respeito de sua habilidade?

— E' tremenda. E' o mais ligeiro, o mais frio e o mais ágil dos meus filhos.

— Agora, conte a esses perspicazes conselheiros observadores o que viu no último torneio. Por que baixou André sua lança?

Tecelino vacilou:

— Conte, Tecelino, ordenou o Duque. Quero dar-lhes uma lição.

— Excelência, começou suavemente Tecelino, eu não procuro dar lições a Séguin nem ao mordomo-mor. Cometeram um erro por excesso de visão. Isso é tudo. Nós todos somos humanos. Eles não têm animosidade contra meu filho, e por isso muito menos ainda contra o senhor.

— Quer dar a lição a mim então? gritou furioso o Duque. Anunciei a Raniero e a Séguin que ia armar seu filho cavaleiro e acusaram-me de favoritismo. Isso implicitamente. Mando chamá-lo para que lhes dê uma lição e o senhor se põe a falar a seu favor, dando a entender que sou injusto. Quem é o Duque de Borgonha aqui? Vamos ver!

— Claro que é V. Excia.

— Responda então! gritou o Duque, dando um murro na mesa que estava diante de si. Por que abaixou seu filho a lança ao carregar contra meu sobrinho?

— A barrigueira do corcel em que montava seu sobrinho estava solta. Até um sopro de vento poderia tê-lo derubado. Meu filho viu a situação e não quis aproveitar-se dela. Além disso, acrescentou Tecelino mais calmo, minha filha Umbelina achava-se presente à arquibancada.

Tanto Séguin como Raniero mostraram sua surpresa ante a primeira frase de Tecelino. Olharam-se mutuamente cheios de espanto. Em seguida o mordomo-mor levantou-se, tomou a mão de Tecelino, dizendo-lhe:

— Barba-Ruiva, agradeço-lhe a humilhação.

E sem soltar a mão do senhor de Fontaines, virou-se para o Duque, exclamando:

— Arme-o, arme-o sem demora cavaleiro e nomeie-o mordomo-mor em meu lugar.

O Duque emitiu um grunhido incompreensível.

— Espero um instante! berrou Séguin. O senhor disse que Umbelina se achava presente na arquibancada. O que tem isso que ver com o caso?

Antes que Tecelino pudesse responder, o Duque Hugo tornou a golpear a mesa com o punho, exclamando:

— Eis aqui um novo exemplo de suas agudíssimas observações! São os únicos que ignoram em todo o Ducado que Umbelina e Guido estão praticamente noivos!

Séguin, que não emudecera ante a fúria do Duque, levantou-se lentamente e dirigindo-se para o lado de Tecelino, pegou-lhe a mão esquerda e disse-lhe:

— A mão esquerda está mais próxima do coração, Barba-Ruiva. Deixe felicitá-lo por seu cavalleiresco filho. Esse moço merece ser armado cavaleiro primeiro que ninguém no Ducado. Agora perdoe minha estúpida maneira de o julgar. E' um ramo do velho tronco. "De tal tronco, tal galho!"

— Assim é que agrada ver falar meus nobres! falou Hugo ao ver Tecelino ladeado pelos seus dois conselheiros. Estão todos de acordo em que André de Fontaines seja armado cavaleiro embora não tenha ainda dezessete anos?

— Todos estamos de acordo.

— E vocês aí do lado de Tecelino, viram como quando se trata de cavalaria, o que se conta são os feitos e não as datas?

— Assim é, confessaram Raniero e Séguin.

— Começarão os três a respeitar minha opinião a respeito dos homens?

— Nunca a pusemos em dúvida, replicou Tecelino, rindo-se. Seria impossível. E' só olhar para os três homens que escolheu para seus conselheiros.

— Hein?! Barba-Ruiva! Você sempre tem uma saída. Vamos beber pela saúde e pelo heroísmo de nosso futuro cavaleiro!

E, tomando um jarro, despejou vinho com abundância. E era o melhor vinho de Borgonha.

O sorriso de uma mãe

Dizer que André se sentia orgulhoso por ter sido armado cavaleiro seria dizer muito pouco. Apesar disso, não ficou presumido, nem se mostrou vaidoso, limitando-se a exibir um aumento de dignidade.

Naturalmente, choveram sobre ele as felicitações. Maior emoção sentia em seu interior. Era a secreta alegria de sentir-se superior a seus irmãos mais velhos. Guido e Geraldo foram armados cavaleiros também, é verdade, obtendo tal honra em boa lide. Mas nenhum deles dobrou os joelhos diante do próprio Duque de Borgonha para receber a grande espada aos dezessete anos! Contudo André não estava satisfeito. Parecia-lhe que seu triunfo era relativo. Ambiciona-

va executar alguma grande façanha. No ano da graça de 1111, acreditou ter-lhe chegado a oportunidade.

Os três irmãos encontravam-se nas fileiras que sitiavam Grancy, e André com muitos esforços conseguia dominar seu afã de mostrar-se superior a eles, num verdadeiro combate. Contudo os defensores da cidade cercada não saíam de seu recinto para dar-lhe êsse prazer. Preferiam ficar atrás das fortes muralhas de seus castelos, fazendo assim com que o jovem André se consumisse de impaciência.

Nestas condições, quando o impetuoso môço procurava com avidez qualquer ocasião para superar Guido ou Geraldo, encontrou-se com Bernardo que lhe falou de seus planos, convidando-o a juntar-se a êle e tornar-se monge em Cister.

André olhou friamente para o irmão e a sombra de um sorriso desdenhoso pintou-se nos cantos de seus lábios.

— Você está falando sério, Bernardo?

— Naturalmente.

André soltou uma gargalhada dura e áspera.

Foi fácil para Bernardo ler os pensamentos que borbulhavam na mente de seu irmão, enquanto êle ria sem parar com aquêlê riso sonoro e desdenhoso.

— Oh! já sei que não sou cavaleiro... começou Bernardo.

— Não, e nem sequer está no exército de Borgonha, respondeu como uma chicotada a voz de André. Você é ridículo, Bernardo. Você não percebe que ainda tenho a fresca sensação da grande espada nos meus ombros? Você não percebe que aquela tôrre que aí temos em frente, oferece-me a ocasião de provar meu valor? Você não se dá conta de que estas muralhas vão ser demolidas ou escaladas e que eu serei um dos primeiros que aí hão de pôr os seus pés? Você não se dá conta de que minha vida...? Mas não! Claro que não se dá conta e nunca poderia dar-se. Perdoe a minha emoção, mas compreenda-me, quando lhe digo que sua proposta não só é motivo de riso, mas completamente ridícula e absurda! Entregar as armas é uma estupidez em qualquer momento; entregá-las no momento presente tornar-se-ia monstruoso. Compreendo sua mentalidade, Bernardo. Procure compreender a minha. Você e eu vivemos em mundos diferentes. Temos ideais contrapostos e pensamos de mo-

do diverso. Sim, eu o compreendo e espero que você, por sua vez, me compreenda. Adeus!

André, que havia pronunciado a última parte de seu discurso com todo o candor e com tôda a compassiva condescendência de um ser que se considera superior, virou-se, e se foi.

Bernardo lutou entre a tentação de ir-lhe atrás ou de rir-se da arrogância de seu irmão mais nôvo. Pensou em fazê-lo voltar e meter-lhe na cabeça um pouco de seu senso-comum. Não fez nenhuma coisa. Primeiro porque André se afastou rapidamente. Segundo porque sua atenção voltou-se tôda para seu tio Gauderico que acabava de chegar naquele momento.

André não tornou a lembrar-se de Bernardo nem de sua proposta. Era um convite tão extravagante, que ao inflamar o cavaleiro parecia cômico. Não podia rebaixar-se a sentir enfado ou indignação por ela. Nem sequer se sentia amoldado. Limitou-se, altaneiro, a andar como se não lhe tivesse sido dito nada e a dedicar-se às suas varonis ocupações de planejar medidas que lhe permitissem superar as façanhas dos mais valorosos cavaleiros de sua nobre família. O último pensamento que dedicou à conversa com Bernardo foi desejar que êle não voltasse mais ao acampamento.

Mas Bernardo voltou. Voltou e encontrou-se com André justamente no instante em que se separava de um grupo de veteranos que contavam suas recordações e feitos de armas. O môço escutou aquêles magníficos relatos de heroísmo que fizeram pulsar seu ardente coração. Ao afastar-se dêles, sua imaginação era um mar de fantasias a respeito do que êle seria capaz de fazer quando... Bruscamente voltou à realidade, quando uma voz o chamava de modo imperativo:

— André, venha aqui!

Era Bernardo.

O jovem cavaleiro obedeceu, talvez por não ter voltado completamente de seu sonho. Bernardo pegou-o pelos braços, sacudiu-o ligeiramente e disse-lhe:

— Diga-me uma coisa, irmão. Você acha o tio Gauderico cavaleiro digno e homem bravo e prudente?

— Claro que sim! respondeu rapidamente André, saindo do seu sonho.

— Eu também. O tio Gauderico é suficientemente bravo e prudente cavaleiro para unir-se a mim. Vamos entregá-los a Deus...

— O que está dizendo? Que o tio Gauderico?...

— Isso mesmo! O tio Gauderico. Vai comigo a Cister. Está fazendo o mesmo que você não tardará a fazer, se tiver um pouco de juízo.

— Por favor, Bernardo, deixe-me em paz! Já falamos disso. Eu sou cavaleiro. Eu estou disposto a ser...

— A ser monge!... Está escutando? Por pouco que você ame a Deus...

— Eu vou ser...

Interrompeu-se bruscamente, tendo os olhos fixos em alguma coisa invisível.

— Oh! Bernardo... Olhe!... E' nossa mãe! Está sorrindo.

Com uma expressão cheia de temor, continuou olhando por cima do ombro do irmão. Bernardo perturbou-se momentaneamente. O evidente êxtase de André tirara-lhe a palavra. Observou o respeito, o temor e o assombro impressos no olhar de André, ao mesmo tempo que uma luz brilhava em suas pupilas, e era uma luz de amor. Voltou-se para observar a mesma coisa. Só encontrou o espaço vazio. André continuava murmurando docemente:

— Mãe... Olhe, Bernardo!... Sorri...

Bernardo voltou-se outra vez e nada viu. Somente quando André repetiu pela terceira vez:

— Nossa mãe olha-me e sorri.

Bernardo o fez raciocinar, dizendo:

— Sim, André, é nossa mãe. E sua presença só significa uma coisa: "Vá a Cister com Bernardo!"

— Sim, respondeu André. Agora me sorri com mais doçura... Oh! mãe, irei, sim, irei. Desapareceu, Bernardo, desapareceu!...

— Sei! respondeu com calma Bernardo. E' hora de você e eu irmo-nos também. Ande, vamos. Vamos para casa...

Pegou-o pelo braço e afastou-se com ele. Os dois caminhavam lentamente para o bosque onde estavam os cavalos. André tremia nervosamente pela excitação do prodígio que acabava de presenciar, e repetia:

— Você a viu, Bernardo? Você viu nossa mãe? Que doçura inefável em seu sorriso!... Sim, tenho de ir... Tenho de ir ainda que seja só para lhe causar prazer.

Quando houver desaparecido o encanto

André manteve a promessa feita a sua mãe naquela tarde. Mas cumpri-la quase despedaçou seu coração. Ao tirar a armadura e dependurar o escudo, soluçou. Sentia-se como se tivessem tirado de sua vida o sol e não tivesse diante dos olhos senão trevas.

Cavalgava furiosamente pelos caminhos e através dos bosques, fazendo sua montaria galopar até cobrir-se de espumas.

E ainda que voltasse para casa quase esgotado fisicamente, sentia a cabeça rodar e uma dor tremenda no coração.

Durante muitos dias ficou inconsolável. Bernardo, compadecido, chamou-o para ler a lista daqueles que haviam dado o nome para Cister. Ao ouvir um depois do outro os nomes de tão ilustres cavaleiros, André não podia sair de seu assombro. Quando Bernardo terminou sua relação, André deu um salto gritando:

— Por Deus, Bernardo, isso parece a lista de participantes de um torneio!

— E para onde você pensa que vamos? Para um enterro? respondeu Bernardo rindo-se. Vou dizer-lhe uma coisa, André: Em sua vida você nunca lutou num torneio como este para o qual vamos. Vamos chamá-lo "Torneio do Amor" e lembre-se de que foi o sorriso de sua mãe que para ele mandou você, para triunfar.

— Não me esquecerei, Bernardo. Não posso esquecê-lo. Naquele dia, vi minha mãe com a mesma clareza com que vejo você. Ela quer que eu vá, e eu irei. Irei e ficarei para sempre!... Deixe-me ler novamente a lista. Posso?

— Pegue-a e estude-a bem. Veja se você é capaz de ser o melhor cavaleiro dentre todos os que nela figuram. Você, André, vai numa companhia seleta. Prepare-se!

E afastou-se, deixando o irmão absorvido na leitura daqueles nomes, a flor da cavalaria da Borgonha.

Que ele se preparou, prova-o o fato de que sua entrega à nova forma cavalleiresca foi feita com a mesma intre-

pidez com que assinalara sua passagem nos exércitos do Duque Hugo II. Ajudaram-no sua juventude e seu entusiasmo. Nada lhe parecia molesto. As longas horas de Ofício, as igualmente longas horas de trabalho, silêncio e jejuns. A aparente esterilidade de tudo aquilo não causou o menor desânimo no espírito do jovem paladino.

Passou o ano de noviciado com tanta alegria e simplicidade, que o prudente abade Estêvão Harding ficou desconcertado. Compreendia que o entusiasmo pela nova vida encantara o mômço, mas perguntava-se quais seriam as reações quando houvesse desaparecido aquêlê encanto. Por causa dessa preocupação, na véspera do dia em que devia pronunciar seus votos, Estêvão mandou chamá-lo para perguntar:

— Que pensa você a respeito de sua profissão, meu filho?

André olhou-o. Uma formosa luminosidade inundava seus olhos ao responder:

— Reverendo Padre, o dia em que me armaram cavaleiro, acreditei estar impaciente para que êle amanhecesse. A manhã em que tive de me ajoelhar diante do Duque de Borgonha para receber a espada, pensei que a areia tinha deixado de correr na ampulheta. Agora estou certo de que então não tinha a menor idéia do que seja uma verdadeira ansiedade. Sômente agora estou aprendendo quão lento seja o tempo. O senhor pergunta-me como me sinto nas vésperas de fazer os votos?... Vou dizer-lhe a verdade, Reverendo Padre... Como não pudesse mais esperar por muito tempo a data para pronunciá-los, eu os fiz a Deus mais de cem vêzes em meu coração na semana passada.

Estêvão sorriu.

— Não acha dura essa vida?

— Dura?... Não, Reverendo Padre! Acho-a interessantíssima. Gosto do trabalho. Gosto de cantar. O dia passa tão rapidamente que mal tenho tempo de pensar. O tempo de que dispomos para ler e estudar é muito curto. São tantas as coisas que quero aprender sôbre Deus para ser um bom religioso!...

— Não sente saudades dos estrondos da vida da campanha, da rivalidade dos torneios, a tentação das honras mundanas?

— No comêço senti um pouco. Houve momento em que acreditei ter cometido um êrro. Em outras ocasiões a vida

me parecia insípida e estúpida. Mas recordava-me do sorriso de minha mãe. Isso me deu apoio. Depois lancei meus olhares para a legião de nossos cavaleiros. Ajudaram-me muito.

— Sentia falta de companheiros?

— Não, Reverendo Pai. Não era isso exatamente. Creio que, na realidade, sentia a falta de público como o lutador precisa dêle para se entusiasmar. Desde que estou aqui, estudei bem a mim mesmo e cheguei a compreender que o público me preocupa muito.

— Que quer dizer com isso?

— Se nas arquibancadas da arena não se reúne um grande público para o torneio, eu não sou capaz de realizar nem a metade dos esforços de que preciso. Quero dizer que sou muito suscetível dos olhares e dos aplausos.

— Aqui não se conseguem essas coisas...

— Eu penso que se conseguem, Padre. O aplauso não procede só das mãos. Existem olhares de admiração, olhares de inveja, um esforço para rivalizar com os demais... Tudo isso constitui aplausos também para um ávido de aplausos como eu.

— Isso quer dizer que mesmo aqui dentro você se entrega a alguma classe de rivalidades?

— De fato! Bernardo disse-me que nós iríamos para um "Torneio de Amor", e eu resolvi lutar melhor do que os melhores. Se fiz no passado por causa das damas, não o iria fazê-lo por causa do Senhor? Se no mundo aspirei a ganhar a aprovação do Duque, como não desejar a de Deus? Não sei se o senhor sabe que minha mãe me ensinou a sobrenaturalizar o natural. Foi uma lição maravilhosa e inesquecível. Mas aqui tudo é tão sobrenatural, que tive de aplicar seus ensinamentos ao contrário: naturalizar o sobrenatural, e com isso simplifiquei muito as coisas.

— Sim, disse Estêvão pensativo, já sabia isso antes. Sei quanto aprendeu primeiro observando e depois imitando os monges veteranos. Falou-me também que dêsse modo aprendeu a andar, a montar a cavalo e a manejar a espada e a lança. E' um fino observador e da observação passa à imitação. E' uma boa prática, contanto que os moldes sejam bons. Não se esqueça daquilo sôbre que tanto insisti: nosso modelo é Cristo. Observe-O com mais atenção e você será um verdadeiro contemplativo. Depois da observa-

ção, passe para a imitação com a mesma fidelidade, e será o que Ele quer que seja e o que eu lhe peço: uma cópia do Homem-Deus. O homem é por natureza imitador. Agrade-me pensar que quando Cristo disse: "Aprendei de mim..." dizia na realidade: "Utilizai vosso instinto natural". Mas o motivo pelo qual o mandei chamar hoje é outro. E' para lhe ensinar uma lição simples.

— Estou impaciente para aprender qualquer verdade, Reverendo Pai, seja simples ou extraordinária, feia ou formosa.

Estêvão sorriu. Estava habituado à generosidade de André, e a seu inteligente manejo de palavras. Até em certas ocasiões se comprazia em estimulá-lo, discutindo.

— Às vezes as verdades são vulgares, mas nunca feias. Agora quero dizer-lhe que você vive do momento de entusiasmo. E o que me surpreende é que esse entusiasmo tenha durado até agora. Veio para uma nova vida, e converteu essa nova vida numa nova aventura. Desde o começo vibrou de energias e bons desejos. Compreendo que o côro, os estudos, os trabalhos cotidianos se tornem cheios de atrativos para homens de seu temperamento. Os monges mais antigos inspiram-lhe temor. Os que ingressaram com você estimulam-no com sua rivalidade. Durante um ano, meu filho, você viveu do encanto produzido por essas coisas. Essa é uma graça de Deus com a qual você cooperou generosamente; mas não tenho mais remédio, é minha obrigação dizer-lhe: Esse encanto desaparecerá algum dia!...

— Sinceramente, o senhor acredita nisso, Padre?

— Olhe, meu filho, sei que chegará um dia em que o côro vai causar-lhe fastio e vai parecer-lhe monótono e tedioso...

— Não diga isso, Reverendo Pai...

— Meu dever é dizer-lhe, filho. A todos nós ocorre o mesmo em certa época da vida. E você já sabe: "homem prevenido vale por dois..." Um dia você olhará para as mãos calejadas e rudes, perguntando: que diabo está fazendo o filho dum grande senhor como meu pai, com estas mãos de labrêgo? Começará a analisar a tarefa manual e servil de sua vida monástica e perguntará se Deus dispôs que os nobres se rebaixem até esse extremo.

— Eu sou mais que o filho de um nobre, Reverendo. Sou filho de Deus.

— Muito bem! Muito bem! exclamou o abade. Essa é a resposta. A única resposta. Mas uma vez desaparecido o entusiasmo, torna-se difficilimo encontrá-la. Neste momento você a utilizou e muito me alegro. Se ela na realidade inflama todo o seu ser e se você aceitar tôdas as suas conseqüências, então nada terei que temer por você.

— Não entendo bem o que significam essas palavras, pai.

— André, meu filho, a cortesia flutuava nos ares respirados por seus pulmões. O cavalheirismo, a amabilidade, o respeito, a consideração dos outros o cercavam. Agora tudo mudou. E no futuro haverá de mudar mais ainda. Alguns de seus companheiros, seus irmãos em Cristo, carecem totalmente de educação, e não só parecerão fastidiosos como o serão realmente. Não terão o menor tacto, polimento, ou cavalheirismo. Não terão o menor conhecimento das boas maneiras. Não serão sensíveis ao respeito e à consideração. Isso haverá de afetar uma natureza como a sua, acostumada à finura em tudo. Você tem um conceito natural da ordem, cultivada no mais alto grau. Até suas palavras são ordenadas. Mas nem todos os homens são assim. Muitos de seus irmãos serão o contrário, e isso o fará sofrer muito.

— Creio estar preparado para isso, pai, disse André, aproveitando uma pausa rápida do abade.

— Sei que está disposto. Mas não tenho a mesma certeza de que está preparado. E' esse todo o meu propósito neste momento: prepará-lo para o dia em que esse entusiasmo houver desaparecido. Este é o momento, e a melhor preparação é estar sempre apegado a Cristo!

— Que quer dizer o senhor, Padre?

— Contamos com o Crucifixo e contamos com o tabernáculo. Estude-os a fundo, pois são a única justificativa tangível para a nossa vida. Eles falar-lhe-ão com muito mais eloquência do que eu pudera fazer. Ouça tudo quanto lhe disserem e saberá como tem de agir quando desaparecer o encanto. A cruz em si mesma nada tem de atrativo; tampouco é atrativo estar sepultado no pão. Mas Cristo permitiu que os soldados o pregassem naquela, e continua permitindo que os homens o desprezem neste, cada dia. Oh! meu filho, sature-se de Jesus Cristo! Ele é a única tábua de salvação... O aborrecimento e a monotonia de nossa vida podem chegar a nos deixar loucos se não tivermos presen-

te, a tãda hora, a monotonia e o aborrecimento dos dezoito anos da vida de Jesus em Nazaré. A falta de compreensão de nossos irmãos pode atacar de tal maneira nossa sensibilidade que nos porá em transe de gritarmos, coisa que não faríamos se recordássemos os rudes, brancos e atrasados que foram companheiros de Cristo. A nobreza de seu nascimento e sua aprimorada educação podem ser-lhe prejudiciais se não se recordar que, mediante Seu Sangue, todos nós tornamos a nascer para nos enobrecer divinamente. Se quiser viver e morrer como um verdadeiro cisterciense, é necessário impregnar-se de Cristo. Não há outro caminho. Cristo é a explicação de tãdas as coisas, de todos os acontecimentos e de tãdas as pessoas. E' a resposta a tãdas as perguntas, a tãdas as dũvidas e a tãdas as dificuldades. E' a razão para viver e para morrer... Proporciona a única solução para essa coisa assombrosa que você está disposto a fazer amanhã. E' a única chave para situação tão formidável. Por que então haveria você de fazer uma entrega tão completa de sua própria vida? Por que haveria você de prometer a Deus viver e morrer neste pantanal? Por que então iria você atar-se a uma morte em vida mediante um voto? Sõmente porque Cristo fez isso antes de você e continua a fazê-lo! Sõmente porque houve uma crucifixão e existe uma transubstanciação! Compreende?

— Perfeitamente. E' mais ou menos o que eu venho fazendo.

— Sim, filho! Mas de agora em diante não pode haver êsse "mais ou menos". Quero que sua consciência de Cristo seja maior ainda, se o pode ser, que a consciência de si mesmo. Quero que esteja completamente absorto em Jesus e por Jesus.

Ouçame, rapaz! Você viveu uma vida de rivalidades. O espírito de emulação arde em seu sangue. Sempre quis subir mais alto. Conseguiu triunfar no mundo. Foi armado cavaleiro numa idade muito tenra. E' uma mostra de seu espírito. Conserve sempre êsse espírito que é uma graça de Deus. Agora vai enfrentar-se com o fato de que poderá passar o resto de sua vida na obscuridade e no anonimato. Talvez nunca saiba o que é ser superior. Isso significa que terá de calar e matar sua paixão de rivalizar-se com os outros. Não! Tem de fazer de sua vida uma vida de rivalidades. Mas que seu rival seja Jesus Cristo! Procure igua-

lar-se a Êle. Lute por avantajar-se-lhe na humildade. Cristo veio à terra, morou em Nazaré, desceu ao limbo e continua descendo. E ainda hoje podemos achá-l'O debaixo da humilde espécie do pão e do vinho. Quando o entusiasmo natural tiver desaparecido — e haverá de desaparecer mais dia menos dia — será necessário criar um entusiasmo sobrenatural para converter a vida cisterciense num verdadeiro poema, numa luta com Cristo, num torneio de amor, como Bernardo o fez. Você acredita ter fôrças para realizá-lo?

— Sem dũvida posso experimentar, Pai, com a ajuda de Deus.

— Está muito bem! Mas tenha isto em conta: o que parece fantástico é real. Nossa vida é uma luta com Cristo ou uma loucura! Sobretudo, porque essa rivalidade temos de colocá-la nos acontecimentos ordinários de nossa vida cotidiana.

Há pouco você me disse que o cavaleiro ou o lutador precisam de seu público. Parecia original, e, todavia, creio que já São Paulo falara de uma "nuvem de espectadores". Não é assim?

— Sim, sorriu André, assim é realmente.

— Então, meu filho, seja sempre um lutador prẽso a seu público. Seja um ator e lembre-se da personagem que terá de representar: Jesus Cristo. Irá representá-l'O nos acontecimentos mais vulgares da vida diária. Em nossa vida cisterciense não existe nada verdadeiramente dramático. Parece quase incolor, contudo é o maior drama que jamais foi representado. Se você tiver consciência do papel que lhe cabe, chegará a amar a monotonia e os companheiros rudes, brancos e incultos; chegará a amar o cansaço e o trabalho, o silêncio e o sofrimento, a solidão e tudo quanto vai unido a essa dedicação e a essa consagração que irá fazer amanhã.

— Oh! Reverendo Pai, quanto me alegra tê-lo ouvido falar com tanta clareza! Sem suspeitar talvez o senhor me repetiu a lição que minha mãe me ensinou! O senhor disse que tome a minha natureza tal como é e a utilize para Deus. Conhece minha tendência para a rivalidade, e não me ordena que a sufoque, mas que a leve até o extremo de convertê-la numa contenda com Cristo. Isso era o que mamãe precisamente fazia. Então é algo semelhante ao que eu estava fazendo quando falei de naturalizar o sobrenatural?

— E', meu filho! Mas o que eu quero dizer é que quando êsse brilho do entusiasmo tiver desaparecido, Cristo então brilhará.

— Eu rezarei, trabalharei, estudarei para converter minha vida numa disputa com Jesus. Muito obrigado, Pai, pelos vastos horizontes que me abriu e pelas novas perspectivas que me apresentou!

Estêvão abençoou-o. E quando o ardente André abandonou a cela, o bom abade voltou-se para o Crucifixo pregado na parede e murmurou:

— Oh! Jesus! Será que eu lhe incuto tôdas as forças que lhe quis ensinar? Minha intenção foi de fazer-lhe compreender que essa nossa vida pode ser uma agonia e com freqüência até uma crucifixão, mas que sempre é uma glória se vos temos presente.

Trinta anos no caminho do Rei

Se no ano de 1113, o abade Estêvão Harding podia ter certas dúvidas de que André houvesse compreendido bem a lição que lhe explicava sobre a forma de contemplar a Cristo, uma vez desaparecido o entusiasmo inicial da vida monástica, Santo Estêvão Harding não podia mais tê-las em 1143, ano da graça em que pôde contemplar do céu um filho que durante trinta anos percorrera sem um momento de vacilação o caminho real traçado por Cristo. Alegre, sorria do céu, ao ouvir os ecos das respostas dadas por André a um velho cavaleiro.

André fôra enviado por Estêvão Harding em companhia de Bernardo e outros seus irmãos para fundarem Claraval.

Bernardo nomeou-o porteiro do convento, em cujo cargo permaneceu de 1114 até 1144. Êsse cargo era pior do que viver no anonimato que lhe insinuara Estêvão Harding nas vésperas de pronunciar seus votos. O porteiro estava muito longe de ser um "superior". Mas André procurou ser, em seu humilde pôsto, o que o abade lhe sugeria nas vésperas de professar: um rival de Cristo. André não se acaanhava de dizê-lo. Aconteceu assombrar a mais de um visitante ao falar nisso com sua franqueza habitual.

Em 1143, um ancião de passos lentos, cujo porte ereto e maneiras altaneiras denotavam nobreza, chegou às por-

tas de Claraval. Depois de olhar André por uns instantes, perguntou-lhe:

— Conhece-me?

— Conheço-o. Conheço também sua especialidade. Continua driblando seu coração e, armando-lhe ciladas.

O recém-chegado pôs-se a rir e estendeu-lhe as mãos.

— André de Fontaines, alegro-me muito em vê-lo de novo.

— André de Claraval — corrigiu André — também se alegra em olhar para Carlos, o "Enganador". Não quer entrar?... Nosso abade está ausente no momento...

— Não quero molestá-los, André. Estou a caminho de Troyes; cavaleguei muito durante o dia e não sou tão jovem como outrora. Agradeceria muito a hospitalidade nesse mosteiro por essa noite.

— Por essa noite só? Se o deseja, poderá permanecer quinze dias nesta casa. Entre e seja bem-vindo.

— Obrigado, André. Não os molestarei tanto tempo. Mas já que aqui estou, tratarei de me certificar de algumas coisas. A primeira é esta: não se lamenta de ter abandonado a cavalaria?

Carlos havia entrado e se acomodado num canapé, enquanto André fazia sinal a um irmão para que conduziisse para a estrebaria o cavalo do hóspede. Depois sorriu, pensando interiormente quão pouco os trinta anos transcorridos desde seu último encontro haviam mudado o arrogante, incisivo e intempestivo cavaleiro. Sabia de sobra que teria de aturar uma série de perguntas indiscretas se não conseguisse pôr o visitante na defensiva desde logo. Por isso rápida e jovialmente passou ao contra-ataque com esta pergunta:

— O senhor pensa que se um cavaleiro da Borgonha marcha para Jerusalém e aí fica morando, deixa de ser cavaleiro? Ou melhor ainda, quando Carlos, o Enganador, se dirige para Troyes, fora do seu próprio Ducado, deixa de ser Carlos, o Enganador?

— Não! respondeu Carlos tranqüilamente. Mas não sei onde vai parar com essas perguntas...

— Vou parar no senhor mesmo.

O tom de André indicava bem claramente que se achava preparado para o que desse e viesse.

— O senhor fêz uma pergunta, continuou, que demonstra que se esqueceu do ditado: “cavaleiro uma vez, cavaleiro para sempre”. Nunca abandonei a cavalaria, Carlos. E é pela simples razão de que a cavalaria não se pode abandonar, pois não se trata de uma mera cerimônia, nem de uma cota de malhas que se veste por cima. Não! A cavalaria é algo que nasce e cresce dentro da alma. E uma vez cultivado e maduro, jamais morre. O senhor pensou alguma vez que ser armado cavaleiro é algo parecido com o batismo, Carlos? Imprime um sinal indelével na alma. E como há quem manche seu batismo, claro é que há também quem se empenhe em praticar ações pouco cavalheirescas. Mas as coisas não mudam. O sinal do batismo perdura, está ali sempre para sua honra ou desonra. O axioma vale sempre: “Cavaleiro uma vez, cavaleiro para sempre”.

O hóspede mudou de posição em seu assento e comentou irônica e ironicamente:

— Também é certo que “charlatão uma vez, charlatão para sempre”. Quando jovem você tinha a língua bem afiada e agora... Que idade tem?

— Se você conta os anos, faltam-me dois para completar meio século. Mas se contar pelas perguntas néscias que me fizeram, devo ser uns bons séculos mais velho que Matusalém.

— Percebo que você teima em parecer o mesmo de sempre. Já que não lhe agradam as perguntas néscias, vou fazer-lhe uma sábia: Não se lamenta de ter vivido num engano?

André tinha aprendido muitas coisas durante os trinta anos, abrindo e fechando a grade de Claraval. O principal que aprendera foi conhecer rapidamente um homem e adaptar com a mesma rapidez sua atitude com a do interlocutor. Conhecia de antemão Carlos e, pelas duas perguntas que lhe acabara de fazer, percebeu que seus processos mentais não mudaram em absoluto. Continuava sendo o mesmo gozador de sempre. Assim, no mesmo tom, respondeu:

— Não sei em que pode constituir-se o engano.

— Nisto! Em tudo isto! Na vida, se esta pode ser chamada vida, enterrado neste charco há vinte anos. Isso não é vida, André! Isso é morte!... Sim, está morto ano após ano. Eu, cada vez que passo à frente do castelo de Fontaines, benzo-me. Tenho medo de ser enfeitado como você o foi e como foram seus irmãos e até seu próprio pai. Sim,

aquela casa está enfeitada. Deus não nos criou para vivermos como vivem aqui. Nunca! Armado cavaleiro antes de completar os dezessete anos, o que foi desde então?... Por pura cortesia qualifiquei isto de engano. Para ser mais exato, devia ter dito que se trata de uma verdadeira loucura.

— Efetivamente, Carlos, falou André com a mais perfeita calma. E' uma loucura e foi um engano. E por isso creio que você tem nossa família e a mim por uma turma de loucos, não é mesmo?

— Com toda a franqueza lhe direi que sim. Que outra qualificação mereceriam, homens sensatos,

— E esses quinhentos ou mais monges que vivem nos mosteiros cistercienses, são também loucos?

— Quinhentos ou mais? surpreendeu-se Carlos. Mas recuperando sua atitude desdenhosa, acrescentou em seguida:

— Sim, se todos eram nobres como você e seus irmãos.

— E que somos agora, Carlos? Acaso somos servos?

— Mas não são nobres, André! Os nobres não vivem como aqui. Os nobres compreendem que Deus foi quem dividiu a sociedade. Continuam na mesma camada em que Deus os colocou. Sua vida é degradante, e Deus não a dispôs assim. Deus ordenou que nos enobrecêssemos e não nos aviltássemos.

— E' assim mesmo? E não percebe que ensinou sua lição de um modo muito diverso?

— Como?

— Nada mais do que dêste modo: Cristo disse: “Vem e segue-me”. E quando os homens aceitaram seu convite, o primeiro lugar para onde os conduziu foi a uma gruta, abrigo de animais, onde nasceu, no meio de um burro e de um boi. Você deve recordar-se, Carlos, de que o Menino de Belém é o Deus dos vivos e dos mortos.

À medida que falava, a voz e o gesto de André iam-se inflamando.

— Depois os levou para o Egito, um país estranho, dando-lhes a entender que deviam conhecer a solidão e o deserto. Depois levou-os novamente a Nazaré, onde praticamente passou toda a sua vida, retendo-os aí. Você pensou alguma vez o que significa ser nazareno, Carlos?... Não supõe a nobreza como você a julga. Supõe ser desprezado e olhado de cima para baixo. Desta cidade desprezada, para onde nos conduziria Cristo? À Cruz de um criminoso

sobre o rochoso monte chamado Calvário. Jesus Cristo, Carlos, nasceu como um mendigo e morreu como um ladrão. Sabe por quê? Sabe para quê? Para ensinar aos cavaleiros o caminho da cavalaria; aos nobres, a verdadeira nobreza, e aos homens o caminho real que os levará até Deus. Embora nesses trinta anos nunca tenha pôsto os pés fora do mosteiro, afirmo-lhe que eu sou um viandante. Está-me ouvindo? Um caminheiro! Sim, levo a maior parte de minha vida, palmilhando o caminho real que conduz a Deus. Chame isso engano ou loucura. Em todo caso são para mim um engano e uma loucura benditos por me terem levado aos trancos e barrancos pelas sendas do Cavaleiro da Cruz do Calvário, do Nobre entre os nobres, do Filho de Deus, Nosso Senhor.

— Já está declamando uma poesia... Tudo isso muito bonito. Mas o que poderá mostrar como lucro depois de trinta anos de caminhadas?

— O mesmo que Ele depois de trinta anos de viajante. Uma consciência limpa, um coração feliz, a esperança de uma grande recompensa e a satisfação de haver cumprido em todo o momento a vontade de meu Pai Celestial.

— Fala como um fanático.

— Falo como um seguidor de Jesus Cristo, como um cristão, Carlos. Compreende-me? Como um cristão, ou seja, como um filho adotivo de Deus e irmão d'Aquêle que percorreu as colinas da Judéia e escreveu sua própria história de amor com as ardentes letras de seu precioso Sangue sobre o monte que nós chamamos de Gólgota ou Calvário.

— História de amor?... Mencione-me fatos concretos, André.

— Estou falando dos fatos mais reais da história toda. Jesus Cristo, o Filho de Deus, amou você, fêz-se menino por você, foi para o exílio, foi filho de um humilde carpinteiro, taumaturgo da Judéia, por você, e finalmente se tornou réu de morte e cadáver lívido e exangue por você. Essa é a história emocionante de amor que, ao fazer de Claraval a mansão dos cavaleiros, converte em sabedoria o engano e a loucura, e suas burlas em algo lamentável. Tenho-lhe compaixão, Carlos. E' um homem bem entrado em anos, não obstante isso, fala como se não conhecesse Cristo.

— Não se preocupe comigo! respondeu, altivo, o nobre. Estamos falando de você. Bernardo, seu irmão, fêz mui-

tas coisas e é um homem famoso. Fêz coisas próprias de um homem como êle, que nunca serviria para ser cavaleiro. Mas você? E os outros?... Que espécie de loucura se apoderou de todos vocês para induzi-los a enterrarem-se vivos neste lugar? Ninguém ouviu mais falar de vocês.

— Você está utilizando uma medida errada, Carlos. A nobreza não se pode medir com uma lança de cavaleiro. Não! Jesus Cristo mudou tudo. Agora não existe mais que uma classe de medida. Sômente uma: a Cruz de Cristo. Bernardo, sem sua fama, continuaria sendo o seguidor de Cristo, o que eu, com toda minha cavalaria, talvez não conseguisse ser.

— E que benefícios lhe traz?... Ser porteiro durante trinta anos!... Invejável posição para o filho de um nobre e para um cavaleiro da Borgonha!... E fêz alguma coisa por seus semelhantes?

André olhou através da janela para ver até onde chegava a sombra do campanário da igreja. Encontrando-a muito mais para o levante do que supunha, voltou-se rápido para Carlos e disse-lhe:

— E' bem mais tarde do que eu pensava. Isso me obriga a ser breve. Procurarei também ser claro.

— Poucas vezes deixa de ser uma e outra coisa.

— Fêz-me você algumas perguntas que me são muito familiares. Ouvi cada uma delas girar dentro de meu cérebro, pulsar no meu coração com força e exigindo uma resposta. Há anos um ancião sábio me advertiu milhares de vezes que haveria de ouvi-las, e me ensinou o lugar onde haveria de encontrar a resposta exata. Não sei se ouviu falar do ancião. Chamava-se Estêvão Harding.

— Lembro-me. Era o abade de Cister.

— Isso mesmo. Pois o abade Estêvão aconselhou-me a cravar os olhos na Cruz e no Tabernáculo todas as vezes que ouvisse tais perguntas. Carlos, Belém era um lugar obscuro. Inclusive o próprio Cristo era um ser desconhecido. A luz que brilhava vinha de Roma, dona e senhora do mundo. Apesar de sua obscuridade, Jesus Cristo redimiu os homens. Quando penso nisso, não me importa estar enterrado vivo aqui.

Pergunta-me o que posso ensinar como resultado destes anos de reclusão e destêrro, e eu lhe respondo: nada! Absolutamente nada que se possa ver, medir ou contar. Como

você diz, levei trinta anos guardando essa porta e não posso mostrar mais resultados materiais do que Jesus Cristo depois de seus trinta anos aqui nessa terra. Agora, ouça: espero ter algo semelhante do que Ele mostrou na ordem espiritual. Sabe o que era, Carlos? Nada mais nada menos que isto: a salvação do mundo!

— O quê? perguntou Carlos assombrado.

— Aquilo que você ouviu. Meu objetivo é a salvação do mundo. Se o Evangelho é devidamente interpretado, o mundo também é salvo por quem, na aparência, não faz nada. Olhe a insignificância da gruta de Belém! Olhe a insignificância dos seus trinta e três anos de vida oculta! Olhe a insignificância da Cruz!... Onde estava e o que fazia Jesus, quando podia estar pregando e ensinando aos homens o caminho de Deus? A resposta vem de Belém, do Egito e de Nazaré. Quando o cravaram na cruz, o que fez? Pregou ou ensinou por acaso? Não! Orou e padeceu! Desceu da cruz quando para isso o tentaram? Não! Permaneceu nela até expirar. E o silêncio, a obscuridade e a insignificância do Tabernáculo? Não são pavorosos? Contudo, Deus salvou a humanidade com a gruta e com a cruz e a santificou com o Sacramento da Eucaristia. Eu vou seguindo seu trilho, Carlos. Tenho meus silêncios, padecimentos, obscuridades e oração. Com Ele, por Ele e para Ele luto por salvar o mundo. Sou um viajante de Cristo pelo caminho real do Rei dos reis e, como tal, procuro ser um salvador. Se vivo enganado, como você diz, Cristo deve ter sido simplesmente um sonhador iludido. Mas nem posso pensar que Carlos, o Enganador, se atreva a dizer tanto.

— Não, não! repetiu Carlos vivamente. Jamais poderia dizer isso. E ainda quando não compreenda tôdas as suas palavras, devo reconhecer que você fala como um homem plenamente convencido da razão de sua atitude.

— Não compreende totalmente, Carlos, porque nunca estudou o Crucifixo e olha como coisa corriqueira o Tabernáculo. Mas venha comigo. Vou levá-lo à igreja. Poderá assistir às Vésperas e Completas e rezar para que a Luz do mundo ilumine êsse mundo em treva.

— Que quer você? Quer que aquêle que veio para zombar, fique para rezar?

— Isso mesmo, Carlos. Até ousar pedir que reze por mim. Peça ao céu que me permita continuar percorrendo o caminho real até alcançar a Cristo.

— Acha difícil?

— Muito! Muitas vezes repito: "Nunc coepi" (Agora começo) e tenho de cumprir tanto o verbo como o advérbio. Nossa oração deve limitar-se a pedir a Deus que conserve o valor e a fortaleza necessárias para continuar dizendo: Nunc coepi (Agora começo) até que chegue a hora de pronunciar o "Nunc dimittis". Se o conseguir, estou certo de que o Rei dos céus se sentirá satisfeito com seu viajante. Venha comigo. Vamos à igreja.

Carlos, o Enganador, sem pronunciar uma só palavra, acompanhou-o pensativo.

"Nunc dimittis"

A "águia" de Tecelino realizou seu último e grandioso vôo, pondo fim ao "engano" do qual falou Carlos, o "Enganador", num dia de 1144.

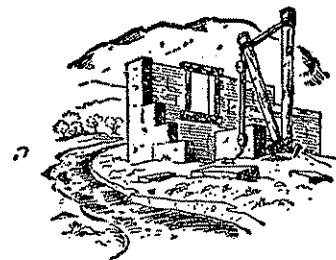
Pode-se dizer que não só alcançou a Cristo, mas que foi praticamente arrebatado por Cristo. E o seu "nunc dimittis" da terra foi um "nunc coepi" dos céus. Bernardo achava-se ausente de Claraval, negociando a paz entre Luís VII da França e Teobaldo, conde de Champagne.

Bartolomeu era abade de La Ferté e Nivaldo prior de Buzay. Por isso, André morreu praticamente sozinho, coisa que não lhe importou demais, pois o convertia num viajante perfeito. Também seu Rei morrera sozinho. Poderia seu fiel seguidor esperar morrer de outra maneira? O caminho real do Rei dos céus conduz a todos ao cimo solitário do Calvário, no qual, penosamente alcançado, se descobre a alvorada clareando o vale da eternidade.

O calendário da Ordem de Cister chama "Beato André", ao nosso porteiro, e menciona o dia 5 de abril como sua festa.

Os bolandistas lhe dão simplesmente o título de "irmão de São Bernardo".

Mas não lhe agrada mais, leitor, pensar nêle como o "caminhante do Rei", avançando infatigável com o seu "Nunc coepi" e suas mordazes réplicas, que em mais de uma ocasião faziam arrepios na pele?



CAPITULO III

O HOMEM SEM ARTIFÍCIOS

"E" algo difícil para os homens de entendimento".

UMBELINA TINHA O CORAÇÃO tão pesado, tão abatido e tão triste como as nuvens de inverno que cobriam os céus.

Nas últimas horas da tarde do primeiro dia do ano de 1112, ela retirou-se para seus aposentos, procurando afugentar a sensação de solidão que se apoderava de sua alma.

Pensou distrair-se escrevendo cartas. Mas a brancura imaculada da neve atraiu-a para a janela e aí ficou ensimesmada, contemplando a cair os mansos, silenciosos e contínuos flocos infinitamente brancos.

Na noite anterior, a tormenta fôra horrorosa. Mas à medida que o dia avançava e os ventos amainavam, o mundo todo ficava como que submerso no silêncio solene da neve.

— Como o pátio se parece com um cemitério! murmurou para si mesma Umbelina, contemplando o pêso da neve que dobrava as ramas das árvores.

Olhando por cima das esbranquiçadas muralhas do castelo, divisou a superfície suave e lisa que se estendia até as colinas e bosques distantes.

— Que triste solidão! tornou a exclamar.

Depois esquadrinhou por entre os espessos flocos para ver se descobria algum claro no céu de chumbo. Ante a uniformidade do ambiente, comentou novamente:

— Que beleza! Não se pode negar que a neve é belíssima, mas de uma beleza fria, triste e solitária! Nunca em minha vida me senti tão só. Nunca percebi a intensidade do silêncio tão claramente. Parece-me que o mundo inteiro está morto e só eu sobrevivo num país branco e virgem...

Naquele momento passou roçando as muralhas do castelo cobertas de neve, para pousar no pátio, um bando de tentilhões vindos do norte. Pousaram levemente, revoltaram inquietos, saltaram, piaram e, num vôo suave, dirigiram-se todos para uma árvore mais distante, perto do portão.

Umbelina sentiu impulsos de abrir as janelas, de par em par, para acolher em seu quarto aqueles pequenos vagabundos alados, vítimas da tormenta, únicos seres viventes na paisagem deserta e desolada. Estava para realizar seu propósito, quando a chamaram e ela ouviu a voz do pai. Com passo leve, cheio de graça, atravessou o quarto e, abrindo a porta, exclamou:

— O senhor quer entrar e partilhar comigo o encanto e a solidão da tempestade de neve? Estava para convidar um bando de passarinhos quando o senhor me chamou. Todos estão na árvore, perto do portão. Venha vê-los.

— Bem, procurarei substituir do melhor modo possível esse bando de tentilhões, replicou Tecelino, acompanhando-a até a janela.

— ... Oh! lá se vão eles... Voam pela imensidão das neves. Parecem-se com pobres errantes... Tanto gostaria que entrassem aqui, disse Umbelina, enquanto o pai contemplava o bem nutrido bando que redemoinhava nos flocos de neve.

— Pois olhe, minha pequena rainha, você poderia aprender com os pássaros que quando há tormentas é necessário procurar companhia. Por que ficou aqui no quarto, quando lá embaixo eu e Nivaldo poderíamos fazer-lhe companhia e assim fazê-la esquecer a neve?

— Ah! papai, hoje sinto-me tão só!... Mais só do que poderia dizer com palavras, e a Natureza está de acordo com minha melancolia. Não quer assentar-se um pouco e ver como cai a neve e, enquanto isso, responder-me a algumas perguntas?

— Com muito gosto, minha filha.

Assentou-se na cadeira que Umbelina lhe oferecia. Falou:

— Nivaldo ficou lendo perto da estufa. Se perceber que está sozinho, subirá também. Agora, minha pequena rainha, o que a entristece? Será que é porque Guido de Marcy se foi embora muito cedo? Tinha de viajar muito e a tempestade vai aumentando cada vez mais.

— Não é por isso, papai. Pelo contrário. Acho maravilhoso que Guido tenha andado tantas léguas só para vir desejar-me um feliz ano. E isso debaixo da neve. Estou triste, papai, porque sinto a falta de Bernardo e dos outros irmãos...

— Já pressentia isso. Creio que "Olhos Grandes" e você eram mais unidos do que eu suspeitava.

— Como sinto sua ausência, papai... Mas, diga-me uma coisa: é tão mau assim o mundo como ele o pinta?

O velho guardou silêncio por um instante, contemplando a neve.

— Não sei como ele lho pintou, Umbelina. Mas fique sabendo que não é nada bom mesmo. A Igreja não representa a unidade que deveria ser. Henrique V da Alemanha cometeu um sacrilégio no ano passado quando obrigou o nosso Santo Padre, o Papa Pascoal, a conceder-lhe o direito de outorgar a investidura. Os príncipes e os povos da Itália, assim como a nossa Borgonha e a França, não o consentiram. Sabem o motivo pelo qual combateu o grande Gregório VII, e estão convencidos de que essa concessão foi extorquida ao Papa Pascoal por violência. Temo muito que se avizinha um cisma.

— Bernardo não era tão pessimista, pai, e, no entanto, era mais aterrador. O que mais lamentava era o estado da religião entre os religiosos, e, sobretudo, na hierarquia. Disse-me uma coisa que quase parece incrível. Segundo ele, há na atualidade muitos membros da Igreja que, depois de serem elevados de uma condição humilde para um posto honroso, da penúria para a opulência, tornam-se orgulho-

sos, esquecem seu passado e até negam reconhecer seus pais. E' possível isso, papai?

— Hum!... resmungou Tecelino. E que mais lhe disse?

— Que há alguns ricos que aspiram a tôda sorte de honrarias religiosas, que no momento de trocar de roupa-gem, embora não mudem de costumes, julgam-se santos e atribuem a seus méritos pessoais o que compraram com dinheiro, isto é, as honras e o cargo.

— Bernardo disse isso?

— Sim. Eu discutia com êle sua obsessão de ir para Cister. Cria que não era necessário aquêlê exagêro. Sua resposta surpreendeu-me pelos fatos estranhos que enumerou. Chegou até a dizer que mulheres presumidas foram ultrapassadas, em sua própria arte, por religiosos mais preocupados com o luxo de suas vestes do que com o uso de suas necessidades.

— Onde teria aprendido essas coisas?

— Não sei. Bernardo sempre foi observador arguto. Citava Suger, o favorito do rei, como um horrível exemplo do que está acontecendo aos religiosos. Dizia que a pobreza desapareceu, porque a humildade fôra abandonada.

— Nisso êle tem razão, murmurou Tecelino. Seu irmão é mais profundo do que eu pensava. A pobreza desapareceu, Umbelina, de muitas casas religiosas. E isso significa: ruína. A humildade é uma virtude rara. Mas nunca tive tempo de pensar nisso, pois meus olhos estão fixos nos podêres que governam os Estados.

— Também Bernardo falou muito dêles. E aí também tornou a se elevar ou a descer, como prefere, ao princípio que se oculta atrás disso. Henrique V da Alemanha é a ambição e a avareza personificadas, o que, segundo Bernardo, não é mais que a conclusão lógica ou a seqüência normal do feudalismo. Bernardo diz que a Igreja se acha escravizada e avassalada.

— Sim, isso está acontecendo. Muito antes de Bernardo nascer, precisamente quando me casei com sua mãe, percebeu isso o grande homem, Gregório VII, que em 1076, excomungou Henrique IV, pai do atual imperador, por causa das razões dadas por Bernardo. Tratava a Igreja como sua vassala e o Papa como seu súdito. Com aquêlê ato, Gregório deu comêço a uma reforma que sacudiu totalmente nosso sistema de Governo. Se a autorização extorquida no ano pas-

sado a Pascoal fôr aceita universalmente, far-nos-á retroceder ao ponto em que estávamos, quando o pai de Henrique olhava o Papa como seu capelão e a hierarquia como sua serva. Mas não será aceita. Neste momento, não. Ouvi dizer que o Papa convocou um Concílio em Latrão para o próximo mês de março.

— Então, Bernardo tem razão para ir a Cister?

— Por que diz isso?

— Porque assegura que os únicos golpes que conseguirão derrubar as elevadas muralhas da riqueza, da arrogância, da ambição e da avareza serão os golpes desferidos por homens humildes. Diz que é necessário iniciar um ataque total, e os únicos dispostos a realizá-los são os religiosos de Cister. Diz que aí a pobreza e a humildade são absolutas.

— A vida em Cister é uma estratégia bem fundada, pequena rainha.

— O senhor admira Cister? Não se importa de que tenha arrebatado todos os filhos? Nivaldo neste momento está lá embaixo, na sala. Mas logo que cresça um pouco não poderá mais com êle. Lembre-se do que lhe estou dizendo.

Tecelino, que olhava através da janela, olhou para o formosíssimo rosto de sua preocupada filha. Depois perguntou-lhe docemente:

— Não será êsse o pensamento que lhe ocasionou hoje essa enorme sensação de solidão, Umbelina? Não será que minha pequena rainha se tornou mais triste por causa de mim do que por causa de si mesma?

— Acho que sim... Olho em derredor e vejo outros senhores cujas vidas são abençoadas por seus filhos. Seus últimos anos são dourados pelas proezas e pela presença de seus fortes descendentes. Os seus iam ser assim, quando Bernardo...

— Não, Umbelina! Cale-se e ouça-me, interrompeu-a Tecelino. Hoje é ano nôvo, e tomei a resolução de estar conformado com a vontade de Deus nesse ano que começa. Você proporciona-me a ocasião de pôr em prática minha resolução. Vamos a ver, diga-me: Quem é que manda essa neve? Quem poderá ter formado êsses cristais tão brilhantes? Sômente Deus, como você bem o sabe. Êle, sômente Êle se encontra atrás de tôdas e de cada uma das coisas. Você diz que Bernardo e os demais são "meus filhos"; mas não se esqueça, Umbelina, de que são só meus como que de em-

préstimo. A verdade absoluta é que são "filhos de Deus". Sim, filhos de Deus que a mim foram entregues durante certo tempo. A obrigação que Deus me impôs foi a de ocupar-me para que alcancem a eternidade. Já sabe como se consegue isso: obedecendo a sua palavra e a sua vontade. Eu hoje também estou só, minha rainhazinha; muito só. Mas sinto alegria porque estou convencido de que tanto Bernardo como quantos com ele se acham em Châtillon-sur-Seine preparando-se para ir a Cister, para lá foram respondendo ao chamado de Deus.

— Ai! Papai!... Mas parece-me tão inútil. Que modos de desperdiçar o talento!... Bernardo prometia tanto! Por que enterrar essa riqueza? Por que ocultar essa luz? Cister parece-me um sepulcro. Será possível que sejam êsses os desígnios de Deus?

— Minha pequena rainha, há diversas maneiras de responder a essa objeção. Para a maior parte dos homens ela parece complexa porque são criaturas com sentido comum. Queremos ver, tocar, manejar e contar os resultados. Queremos a recompensa tangível de nossos esforços. Mas você crê na eficácia da oração, não é mesmo?

— Que pergunta, papai! Claro que creio.

— Então por que pensar que uma vida consagrada à oração possa ser ineficaz?

Umbelina olhou-o fixamente. Seus lábios descerraram-se e seu olhar demonstrou assombro.

— Que resposta tão simples e tão substanciosa, papai. E' completa. Não há necessidade de se acrescentar mais nada. Se a oração é eficaz, por que não irá ser uma vida de oração? Nunca tinha pensado. Talvez porque nunca tivesse meditado numa vida dedicada totalmente à oração.

— Tampouco eu a teria imaginado se Bernardo não tivesse resolvido partir. Também eu pensava que a vida em Cister era uma maneira lastimosa de a desperdiçar. Mas no ano passado, certo dia, quando contemplava o Jura coberto de fina camada de neve, pouco tempo depois que seus irmãos decidiram partir, aprendi uma lição que me transformou por completo. Perguntei a mim mesmo se haveria alguma coisa mais inútil que se parecesse com aquelas montanhas cobertas de neve, e pensei que não. Contudo essa nossa encosta dourada seria tudo menos dourada se a neve não repousasse sobre aquelas montanhas. Nossos vinhais, nossas

searas, nossos pomares com suas flôres e frutos, são devidos aos flocos inúteis que caem sobre o Jura. Você e eu e milhares de pessoas podemos viver nesse vale porque sobre aquelas montanhas se depositam as neves do inverno, na aparência inúteis. Já percebe qual a aplicação? Os cistercienses, embora enterrados num remoto mosteiro, são como a neve, aparentemente inútil, que cobre os nossos montes. Dêles emanará a graça que inundará o vale e a planície para produzir a fertilidade em nossas almas estéreis e ressecadas. Está percebendo? Não é necessária outra coisa que olhar a inutilidade dessa tormenta! Que bem você pensa que pode provir dela?

— Nenhum! Faz-me sentir mais só do que nunca!

— Contudo, prosseguiu Tecelino, essa neve representa as alegres flôres da primavera, a colheita dos nossos campos e nossas hortas no estio e as deliciosas frutas do outono. Ultimamente observei que as mais poderosas forças da natureza estão bem ocultas e silenciosas, e estou certo de que o mesmo ocorre com o sobrenatural. Não precisa pensar em outra coisa que no poder que possui o solo e o silencioso sol. O crescimento das plantas, pequena rainha, e quanto êsse crescimento significa para os homens, é silencioso e oculto. A água que é o sangue vital da terra, e essencial para nós, brota dos mananciais que raras vezes vemos e ouvimos. A tremenda energia do sol e o ativíssimo sistema solar produzem seus efeitos no mais absoluto silêncio. Por isso deixei de me preocupar por causa da inutilidade do silencioso e escondido Cister. Deus é o único autor da natureza e não devemos perguntar por que suas maiores forças se acham ocultas e solenemente silenciosas. Nosso mundo precisa de energias espirituais, Umbelina. Talvez Deus utilize Bernardo e seus irmãos como instrumentos ocultos.

— Bartolomeu não tem ainda dezesseis anos. E' possível que Deus chame alguém tão jovem a uma vida tão desumana? Pensando nêle, tenho o coração despedaçado. E' tão simples, tão encantador, tão ardente...

— Também eu penso nêle, pequena rainha. A verdade é que quase o proibi de ir a Châtillon-sur-Seine. Precisamente quando ia fazer isso, o Evangelho proporcionou-me um contraste aterrador. Lembra-se da história do "jovem rico"?

— Aquêle que se afastou triste porque possuía vultosos bens?

— Aquêles mesmo. Pense bem, Umbelina. Afastou-se de Jesus! E' um pensamento aterrador. E isso depois que Jesus dissera: "Vem e segue-me". Pouco depois pensei naquele outro jovem que estava trabalhando com seu pai, remendando rêdes, quando Jesus se aproximou, chamando-o. Deixou imediatamente pai, rêdes e tudo e tornou-se, ouça bem, Umbelina, tornou-se o "discípulo predileto". Medite nesse título: "discípulo predileto", amado de Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Por isso dei minha bênção a Bartolomeu embora tivesse só quinze anos. Abandonou pai, rêdes com tanta presteza como o fizera São João Evangelista, e eu espero que chegue a ser um "discípulo predileto".

— E' um pensamento muito bonito, papai. Mas João, o predileto, tinha mais de quinze anos quando Jesus o chamou. O senhor acredita realmente que Bartolomeu sabe o que está fazendo? Partiu daqui com mais entusiasmo do que Bernardo. Quem o visse julgaria que partia em busca de alguma agradável aventura em vez de dirigir-se para sua própria sepultura.

O pai, ao ouvir a última palavra, fez um gesto e disse:

— Francamente você não tem nem a menor simpatia por Cister. Isso se vê claramente. Mas não se deixe enganar pelas aparências, rainhazinha. Fui testemunha dessa mesma excitação nervosa e entusiasta energia em homens conscientes que cavalgavam para a morte. Você ficaria maravilhada diante do espírito aventureiro que se apodera dos cavaleiros na véspera da batalha. Sua temeridade e abandono nesses instantes sempre me intrigaram. Faziam-me pensar, assim como Bartolomeu a fez pensar. Perguntava-me a mim mesmo se estavam cômicos do que faziam e para onde se dirigiam. Os cavaleiros jovens são os mais frenéticos. Cantam, riem e gritam, esquecendo-se da morte que ronda por perto. A meu ver, isso tem dupla explicação. Alguns, indubitavelmente, estão cegos diante do perigo por vontade de Deus; mas a maioria dêles são como aquêles que assobiam na escuridão para espantar o medo.

— O que quer dizer com "assobiam na escuridão"?

— Sabem o perigo que os aguarda. Nas profundezas de suas almas sentem o medo. Eu também o sentia sempre antes de cada combate. O medo apodera-se ainda do mais forte, se não cantarmos e gritarmos para conservar nosso valor e afastar essa sensação que paralisa nossas faculda-

des. Os homens assobiam na escuridão, não porque sejam temerários, mas porque sentem o temor. Assim, Bartolomeu talvez saiba que vai enterrar-se em vida aos quinze anos. Isso seria um crime se não fôsse uma magnífica consagração a Deus.

A maior parte das palavras de Tecelino tinham sido proferidas à janela. Parecia que, antes de falar com a filha, meditava em voz alta, e sua última frase fôra pronunciada como num murmúrio. Sempre que o pai falava daquela maneira, Umbelina sentia uma estranha fascinação. Agora o observava enquanto contemplava os flocos de neve caírem, e compreendeu que as recordações do passado e as visões do futuro o haviam tirado fora do natural.

Adotando quase o mesmo tom de murmúrio, disse:

— O senhor dizia isso com grande sentimento, papai. Meditou muito nisso, não?

Tecelino levantou-se e dirigiu-se até a janela.

— Muito. Sim, muito. A responsabilidade de um pai pode tornar-se esmagadora, se não se confia em Deus.

E depois de uma pausa, voltando-se para Umbelina, continuou:

— E é isso que eu quisera que fizesse, minha rainha. Pensar e confiar em Deus. Você pensa em mim e na recompensa que recebo em ter criado meus filhos. Preocupe-se com Deus e com a mesquinha recompensa que Ele recebe dos seus e compreenderá por que minha solidão me alegra. A dor que sinto no coração torna-se jubilosa e minha tristeza se converte em alegria, porque mostram que estou entregando alguma coisa para Deus. Você não acredita, Umbelina, que neste momento Bartolomeu se acha em melhor condição do que Geraldo? E o pobre Geraldo está passando seu Ano Bom numa prisão de Grancy e não sei quando o Duque o resgatará. Deus poderia tê-lo levado com a morte do mesmo modo que o fez capturar naquela noite em que os inimigos fizeram uma sortida. Eu não me teria queixado. Então por que dizer "não" para outro filho, desejoso de entregar sua alma a Deus? Quando você se encontrar sôzinha, ou quando nevar à noite, ponha sua mão nas mãos de Deus, minha rainha. Eu sou feliz, e mais o seria se pudesse dissipar êsses sulcos de sua fronte e essa expressão dolorosa de seus olhos.

Ao ouvir seu pai, Umbelina conseguiu sorrir e balbuciar:

— Ah! pai, o senhor me encheu de vergonha. Creio que pensava mais em Bartolomeu, tão jovem e tão encantador, do que em Deus. — Olhe! Contemple o passarinho valente que está no cipreste. Não gostaria de que êle entrasse? Isso é exatamente o que eu sinto em meu coração quando penso em Bartolomeu perdido entre os silenciosos monges de Cister.

— Se conseguisse fazer o passarinho entrar, fá-lo-ia infeliz. Prefere estar aí fora em plena neve. Deus fê-lo assim. Talvez o pequeno Bartolomeu seja um pequeno tentilhão. Mas vamos. Está-se fazendo noite. Vamos para baixo onde crepita a lenha e saltam as chamas. Alegremo-nos com o Ano Novo na companhia de nossos servos. Convidei a todos para se reunirem e passarmos juntos na sala essa noite.

Imediatamente mudou-se o ânimo de Umbelina. Apertando seu pai nos braços, beijou-o dizendo:

— O senhor nunca se sentirá triste, Barba-Ruiva, simplesmente porque está sempre muito ocupado, pensando nos outros. Vamos para baixo! exclamou, enquanto, tomando-lhe o braço, se dirigia para a porta. Ao abri-la, acrescentou:

— Terei de me multiplicar esta noite se vierem todos os servos e agregados. Alguns são tão tímidos que parecem mais intranquillos que os tentilhões. Mas em troca, outros...

E soltou uma sonora gargalhada que encheu todo o ambiente.

Eu prefiro o homem simples

Como dissera Umbelina, Bartolomeu dirigira-se para Châtillon-sur-Seine, com os olhos brilhando de entusiasmo. Chegou a Cister com a mesma disposição e conservou sempre a mesma luz no olhar.

O abade Estêvão Harding, ao contemplar os trinta nobres que se apresentavam naquela memorável manhã da primavera do ano de 1112, tomou-se de admiração pelo robusto Gauderico, já idoso, enquanto seu coração pulsava ardente diante da energia e ânimo empreendedor de Bernardo e de Hugo de Mâcon.

Mas quem cativou realmente sua vontade e seu coração foi o jovem muito tímido que, no meio do grupo, o contemplava. Era Bartolomeu, o cândido e singelo Bartolomeu.

Mais tarde, o abade diria a seu prior que naquele momento pensou que Natanael, o apóstolo, teria olhado para Jesus daquela maneira no dia em que o Filho de Deus pronunciou as palavras: Eis um israelita em que não há astúcia..."

Estêvão Harding nascera, na Inglaterra, sendo educado em sua pátria. Como seus patrícios ingleses, caracterizava-se pela falta de emotividade e até de sentimentalismo. A atração sentida por Bartolomeu de Fontaines requeria uma explicação. O próprio abade deu-a a seu prior. Certo dia, depois de um trabalho estafante sob sol desapiedado na época da colheita, no ano de 1113, o prior apresentou-se diante dêle, inclinou-se e esperou a autorização para falar. Recebida esta, falou:

— O campo de cevada está terminado, Reverendo Pai.

— Já?! Se assim é, a comunidade deve ter trabalhado extraordinariamente. Deve ter sido um trabalho duro. Não esperava que terminasse antes de amanhã à tarde.

— Pois já está tudo acabado. Trabalharam muito. E o senhor vai ficar surpreso quando lhe disser quem impôs o ritmo acelerado. Bernardo de Fontaines!

— Bernardo?! Mas se na semana passada precisei tirá-lo da segadura, porque não era capaz de acompanhar os mais morosos. O pobre rapaz não é fisicamente forte, embora seu espírito seja indomável.

— Mas hoje foi o suficientemente forte para se manter na frente dos demais. Perguntei-lhe onde tirava essa energia e essa habilidade, e êle se limitou a sorrir e me apontou o céu.

→ E' um modo todo seu, murmurou o abade. Penso que golpeou o céu com suas orações pedindo fôrças suficientes para realizar sua dura tarefa. E' uma alma ardente.

— E' temperado como o aço. Cada vez gosto mais dêle. E' um líder nato. Sobressai do grupo todo que trouxe.

— Pensa realmente que assim é? Eu não pensava assim. Quem mais me atraía entre êles era seu irmão Bartolomeu.

— Bartolomeu? perguntou o prior surpreso. Se é tão manso e humilde que até um ratão do banhado poderia apoderar-se dêle!

— O senhor se engana, meu bom prior. Êsse jovem é feito do mesmo metal que Bernardo. A única diferença é que o metal de Bernardo ressoa, faz mais ruído e atrai mais a atenção. Eu costumo dividir os homens em dois grandes

grupos: os condescendentes e os dissidentes. Quando os trinta chegaram com Bernardo, separei-os também mentalmente. Bernardo e Hugo de Mâcon são os dissidentes. Bartolomeu, Guido e Gauderico são os condescendentes. Falando em termos gerais, creio que todos os homens podem ser encaixados nesses dois grupos: os que dizem: sim; e os que dizem: não. Os primeiros vêem em toda parte a ordem e a harmonia, consideram a mais íntima verdade das coisas e se conformam com elas tais quais são. Os homens que dizem não são aqueles que nasceram para estar sempre na oposição. E se chegam alguma vez a submeter-se à conformidade, não será sem grandes dificuldades.

Bernardo e Hugo são dos que dizem: não. São amigos da controvérsia e sempre enfrentam a adversidade. A oposição externa e a aspereza procedente de alguma fonte exterior parecem necessárias a seu temperamento. Quando isso ocorre, é uma bênção para quantos com eles convivam, porque seu instinto belicoso se volta contra o inimigo exterior, e isso evita que surjam controvérsias e lutas internas. Sempre achei fascinante essa classe de homens, os quais devem ser vigiados, pois são homens perigosos.

— Hugo e Bernardo são perigosos?

— Sim! E muito! São dos que dizem não. Já lhe falei. Têm uma tendência inata para a oposição. São lutadores, o que é perigoso, porque a oposição se pode converter em antagonismo, o antagonismo em desprezo e o desprezo em rebelião aberta e em motim.

Vi muitos homens dessa natureza evoluírem dessa maneira. Mas se estão devidamente vigiados e dirigidos, podem tornar-se dirigentes dinâmicos e homens magnéticos. Rezo todos os dias para que Bernardo e Hugo alcancem essa vigilância e direção. Hugo parece-me mais comedido. Mas Bernardo é por demais exagerado ainda para se poder confiar nele. Dentro dum ano talvez...

— Vejo que o senhor estuda os homens a fundo, Reverendo Pai.

— E' o meu dever. Tenho a obrigação de o fazer, embora seja um estudo difícil. Não existem dois homens perfeitamente iguais, se bem que todos possam ser enquadrados na classificação geral que lhe apontei: os que dizem: sim, encantam-me. São simples e o trato com eles é facilíssimo. São almas felizes que transmitem sua felicidade aos

demais. Bartolomeu é um dos que dizem: sim. E' um homem cândido.

— Não lhe parece que esses homens carecem de iniciativa, de energia e de vitalidade?

O abade sorriu e, dirigindo o olhar irônico a seu prior, retrucou:

— Vejo que meu prior também estuda atentamente os homens. Chegou ao ponto fraco deles. Também podem ser perigosos porque "concordam" e nunca "discordam" e seu consentimento pode ser outorgado com demasiada facilidade. Podem chegar a ser demasiado suaves, demasiado inconstantes e talvez se submetam em excesso, perdendo toda a estabilidade de seus propósitos. Vi muitos também que regrediram. Mas não me preocupo com Bartolomeu, pois como disse antes, sua estrutura é do mesmo metal que o ardente Bernardo. Olhou alguma vez profundamente nos olhos desse rapaz?

— Não...

— Pois perdeu algo que merece ser observado, padre. Tem uma clareza e uma suavidade enormes. Vê-se nêles a bondade sorrindo, borbulhando das profundezas recônditas, que faz parecer a tristeza uma maldição e a astúcia um crime. Admirei nêles uma ingenuidade mais agradável que a brisa do mar no estio e mais atrativa que a fragrância das rosas. Estude os olhos dos homens, padre, e será recompensado. Mas de uma maneira especial lhe recomendo contemplar os olhos dos jovens puros, e nêles achará uma luminosidade maior que o mar aberto ou o céu sem nuvens. Isso lhe fará bem ao coração. Fá-lo-á sentir-se mais jovem, mais puro, mais alegre, mais feliz e mais otimista. O olhar é a revelação da alma. Parece que a massa humana de barro por um momento se abre, permitindo a quem está atento captar uma visão fugaz da sublimidade do espírito. O jovem Bartolomeu proporcionar-lhe-á essa visão, se o observar como se deve. E' um rapaz totalmente puro; é uma das mais encantadoras obras de Deus.

— E não perceberá que eu o estou observando?

— Se o olhar fixamente, sim, viu o abade, mas se o estudar como eu lhe recomendei, não. Precisa aprender a observar sem dar na aparência. O trabalho manual proporciona-lhe uma oportunidade ideal para estudar os caracteres.

— Mas como saberei distinguir os que dizem “sim” e os que dizem “não”?... Lembre-se de que nossa Regra nos impõe o silêncio.

— Não é provável que eu esqueça isso, padre. Mas podem-se distinguir perfeitamente os que assentem e os que negam sem violar o silêncio. Os que dizem “não” são geralmente os ativos, os enérgicos, os empreendedores. Repare em Bernardo. Os que dizem “sim” são menos enérgicos e totalmente opostos aos empreendedores. Precisam ser conduzidos.

— Então Bartolomeu não pertence a essa classe, pois embora não se possa dizer que é empreendedor, está muito longe de ficar ocioso.

— Esquece-se de que Bartolomeu é um dos que dizem “sim” bem pensado. Amadurece nêles um chefe bem estável. Nunca brilhará como Bernardo, se êste evoluir devidamente. Mas será muito menos excêntrico e poder-se-á confiar muito mais nêles. Já o viu alguma vez fazendo os exageros de Bernardo?

— Não. E’ muito mais comedido.

— Por isso não o veremos brilhar como seu irmão. Por isso poderemos ficar descansados com êle. Os homens exagerados preocupam-me. Os extremistas não me agradam, porque como bom inglês sou conservador. Mas não me importa confessar-lhe que prefiro Bartolomeu a Bernardo, porque amo as pessoas simples.

Não fujas...

O que o abade Estêvão confessara privadamente ao prior naquela tarde dourada de verão, tornaria a proclamá-lo diante da comunidade toda numa manhã de junho de 1115, com as lágrimas que lhe corriam pelas faces ao despedir-se de Bartolomeu e de seus irmãos, os quais enviava para fundar um nôvo mosteiro.

— Lembre-se de mim quando pedir a Deus com especial fervor, soluçou o abade, abraçando o jovem monge, que conservava a cândida espontaneidade da adolescência.

Bartolomeu balbuciou com uma grande emoção que quase o impedia de falar:

— Sim, padre, farei...

Os irmãos e parentes acompanharam Bernardo e abandonaram o berço de sua vida religiosa entoando salmos.

Andaram noventa léguas em direção ao Norte de Cister.

No dia 25 de junho tomaram posse oficial do vale de Wormwood com suas espessas matarias, suas enormes árvores e íngremes colinas para o Norte, para o Sul e para o Poente, cortado no meio por uma corrente cristalina.

Claraval foi fundado.

E pelo mesmo motivo pelo qual Estêvão Harding solicitara uma recordação de Bartolomeu, Bernardo nomeara-o sacristão. Sabia que seu irmão mais môço tinha sido abençoado de um modo especial por Deus com o grande dom da oração.

Os nove anos seguintes viram o jovem monge viver quase sem interrupção na presença sacramental de seu Deus. Bartolomeu amava a Igreja e tudo quanto com ela se relacionasse. Por isso passava os momentos que não dedicava ao trabalho na sacristia ou no santuário, de joelhos diante de um Crucifixo numa das capelas laterais.

Foi então, quando Estêvão Harding, súbitamente, mandou recado a Claraval, dizendo que gostaria que Bartolomeu fôsse a La Ferté, primeira casa filial de Cister, para ocupar o pôsto do abade Pedro, que acabara de ser elevado à sede episcopal de Tarentaise. Bernardo, sempre fiel, não vacilou um só instante. Chamou o irmão e disse-lhe:

— Bartolomeu, lembra-se quando o nosso primo Roberto nos abandonou há uns cinco anos?

— Sim, respondeu seu irmão mais nôvo, com um olhar tranqüilo, mas inquiridor.

— Naquela ocasião escrevi-lhe uma carta muito longa. Num dos pontos tratados eu o exortava a “não fugir”. Segundo me lembro, meu argumento era que a “fuga é a única causa da derrota”. Parece-me que lhe disse mais ou menos isto: “nem ferido, nem atirado ao chão, nem pisoteado, nem (se possível fôsse), morto mil vezes, serás despojado da vitória se não fugires”. A única causa da derrota é a fuga! “Bendito se morreres lutando, porque assim em breve serás coroado!”

Está de acôrdo com êsses argumentos, Bartolomeu?

— Oh! Bernardo, bem sabe que sim. Êste é o meu grito de guerra: Lutar! Fugir nunca!

— Eu mesmo tive de recorrer a êle muitas vèzes. Agora, meu irmão, terá que pôr em prática seu grito de guerra. O abade Estêvão quer que você vá a La Ferté.

— Irei de boa vontade.

— Calma, môço, calma! O abade deseja que vá para um cargo de muita responsabilidade. Quer que vá para ficar. Quer que...; espere um pouco.

E Bernardo levantou-se. Dirigiu-se para o canto mais escuro do quarto, voltando com uma cruz de madeira de uns cinco pés de altura.

— Sabe o que é isto, Bartolomeu?

— Uma cruz...

— E' um símbolo, não é mesmo? E o que simboliza?

— O sofrimento e a morte.

— Sim. Mas depois da morte vem a ressurreição. Não esqueça isso nunca. Lembre-se também que é o sinal de salvação. Sabe onde a adquirir?

— Parece aquela que o abade Estêvão lhe deu quando saímos de Cister...

— E' a mesma. Não preciso dizer-lhe que ela foi para mim um símbolo muito adequado, embora atualmente alguns abades comecem a usar mitra. Que a usem. Nós levaremos cajados e báculos. E é um símbolo adequado. Somos pastores. Mas isto, Bartolomeu, e ergueu a cruz, é o símbolo mais adequado de todos, porque uma abadia é uma crucificação. Está preparado para ela?

— Para quê?

— Para uma crucifixão.

— De que está falando, Bernardo?

— De La Ferté. Do desejo de Estêvão Harding. Da agonia e da morte de meu irmão Bartolomeu.

— Quer dizer que...

— Quero dizer que vai ser o abade de La Ferté.

— Mas, Bernardo, eu...

— Tem de lançar seu grito de guerra... "Lutar! Não fugir!" Precisa dirigir-se a seu Crucifixo preferido e aprender a ser homem de verdade. Tenho dó de você e ao mesmo tempo me regozijo. Este é o momento de mostrar a sua grande fé. Preciso preveni-lo, Bartolomeu, que se dirige para o martírio. Assim, pois, é preciso que se recorde do elemento essencial do martirológio. Não é o sofrimento, não! E' a fé. Veja, o martírio é capaz de suprir o batismo, não é

mesmo? Pode fazer do homem um filho de Deus, selá-lo como propriedade de Deus, lavar tôda a mancha do pecado e revestir sua alma da graça. Mas o que é que opera êsses efeitos extraordinários? Repito-lhe: não é o sofrimento, mas a fé. Porque, além da fé no mártir, que é o martírio senão o sofrimento de uma condenação? Você vai para sofrer, Bartolomeu, mas se o fizer com fé, então terá ganho a coroa do martírio.

— Está-me assustando.

— Não se preocupe com isso. Se você não sentisse temor, acusá-lo-ia de orgulho e presunção. Mas tudo isso tem de ser feito depressa. Tem de partir amanhã mesmo.

— Então diga-me agora tudo o que pode. Tem dez anos de experiência...

— Não tenho nada que dizer-lhe, meu irmão. Nada. Seja o que você é. As palavras significam pouco entre os homens. O que haverá de falar a seus subordinados é a vida que viver. Eles têm um ouvido especialmente agudo para captar mensagens. Não precisa recordar nada mais: subindo e não fugindo, chegaremos ao alto da escada. Por isso, suba com os dois pés, e ensine seus inferiores a fazerem o mesmo. A meditação e a oração são os dois pés de que necessitamos. Porque a meditação nos ensina o que nos falta e a oração nos obtém o que necessitamos. Você sempre utilizou devidamente êsses dois pés, durante sua vida de religioso. Por isso digo-lhe que não precisa ser nada além do que é atualmente.

— Sim. Mas como deverei manejar os homens?

— Lembrando-se de que são homens. Meu primeiro êrro foi pensar que eram anjos. Não são. Não são mais do que homens, e alguns dêles... crianças. A santa Regra lhe diz tudo, Bartolomeu. Medite-a cuidadosamente. Não se deixe guiar por outra coisa. Que seu trato seja doce, despoje-se de tôda a aspereza. Na realidade não necessito dizer-lhe, porque Deus o dotou de uma natureza agradável. Contudo, devo adverti-lo de um perigo: tenha cuidado quando se encontrar com uma alma descontente e murmuradora, especialmente quando lhe vomitar em cima insultos e críticas. Lembre-se então de que é médico e não patrão. Prepare para a febre daquela alma, não o castigo, mas um tratamento de calmante.

— O senhor acentua muito a ternura, a caridade e a consideração, Bernardo!

— Sim, Bartolomeu, porque acredito que o abade ideal será o que fôr capaz de ser como uma mãe nos carinhos e como um pai nas correções. Somos membros de um corpo, cuja cabeça está coroada de espinhos, é certo; somos austeros contemplativos, também é certo; mas o mais certo de tudo isso é que somos caminheiros, filhos pródigos com os pés doloridos que coxeiam pelas estradas até o solar de Deus.

Somos exilados, abandonados, solitários, e ao mesmo tempo homens com corações que pulsam. Não os destroe, Bartolomeu. Não lhes cause dores. Amolde-os ao ritmo do grande Coração de Cristo. E isso só o conseguirá mediante a doçura, que nunca é debilidade, mediante a amabilidade e consideração que nunca é sentimentalismo, e mediante a caridade que é tão viril como Cristo o foi. Oh! como eu gostaria de praticar o que prego! Cristo é o nosso modelo. Nós somos os seus seguidores. Todavia a mim me parece que não o alcancei. Eu tenho de alcançá-lo.

— Conte-me, Bernardo, como é possível que haja alguém que diga que o senhor é duro?

— Dizem-no muitos de meus adversários e muitos dos meus amigos, respondeu Bernardo rindo. Sou demasiado violento, Bartolomeu. Aprenda de mim tudo o que não deve falar e tudo o que não deve fazer. Sou um vulcão e às vezes ponho fogo nas coisas que não deveriam ser incendiadas. Você, pelo contrário, tem por bênção de Deus um temperamento completamente diferente. Sobre ele é que deverá basear um caráter mais profundo e melhor. Agora que nos vai deixar, posso dizer-lhe que edificou a todos nós com seu trabalho e sua oração na igreja e na sacristia. Para mim, pessoalmente, foi um consôlo, uma inspiração e uma fonte de inveja. Vou sentir sua falta, Bartolomeu, e o mesmo sentirá toda a comunidade. Mas o preço da vitória é sempre o sacrifício. Estou certo de que Deus irá abençoar Claraval que se desprende de você para dá-lo a La Ferté... Tem licença para falar com Guido, com Geraldo, com André e com Nivaldo. Não se esqueça de dizer adeus a Gauderico. Ele estima-o muito. E agora eu o abençoo com todas as forças que Deus me deu. Pegue a mão de Deus, Bartolomeu, e não a solte nunca. É o único jeito que temos para andar no mun-

do, sejamos abades ou sejamos sacristães. E agora a bênção do Deus Onipotente...

Bartolomeu caiu de joelhos, e Bernardo pôs toda a ternura de seu coração na voz ao invocar a bênção do Pai, do Filho e do Espírito Santo sobre o seu irmão mais novo. E, ao colocar as mãos na cabeça, Bartolomeu sentiu todo o calor do carinho que ardia por ele no coração de Bernardo.

Levantou-se. Beijou seu irmão, porque não podia falar. Mas a pressão daqueles braços que o apertavam falou a Bernardo mais alto do que podiam ter falado as palavras de Bartolomeu se a emoção não o tivesse privado da fala.

Um magnífico vagabundo

Uns dez anos mais tarde, quando toda a Europa estava suspensa dos lábios de Bernardo e seguia suas diretrizes no horrível cisma que dilacerava a Igreja, Bartolomeu voltou a La Ferté, depois de ter feito uma visita oficial a sua primeira fundação.

Em 1132 enviara uma colônia para fundar um mosteiro em Mazières, na Borgonha. Quando seus monges partiram, sentiu-se invadido pela idéia de que, apesar de não ter ainda trinta e cinco anos de idade, a responsabilidade dos dois mosteiros recaía sobre si: o de La Ferté, diretamente porque era seu abade, o de Mazières indiretamente por intermédio de seu padre imediato.

Com ansiosa solicitude, acorria cada ano a visitar a casa filial, e sempre voltava maravilhado com os caminhos que Deus adota para com as almas.

Em 1135 cavalgava de volta de La Ferté com o coração fervente de gratidão, porque havia achado no mosteiro de Maria de Maceriis perfeita consonância com as diretrizes de Cister. Embora fatigado pelo duro trabalho e preocupação, sentiu o espírito elevar-se quando no final de sua longa jornada divisou a brilhante cruz de seu próprio mosteiro de La Ferté.

— Ah! — exclamou — vosso rebento é digno de vós! Quando vejo a mãe, tenho de felicitá-la por causa da filha; quando visito a filha, tenho de felicitá-la por causa da mãe. Não faço isso por diplomacia ou por cortesia, mas por sinceridade e honradez.

O sorriso que iluminou seu rosto ao erguê-lo para o campanário encimado por uma cruz era revelador: estava agradecendo ao Crucificado. Quase ao mesmo tempo em que Bartolomeu cantava os louvores da casa filial, o abade Pagano encontrava-se sentado no locutório de Mazières e, mostrando um rosto alegre, iluminado por um sorriso revelador como o de Bartolomeu, dizia:

— Se achais fervorosa minha comunidade, conde Pedro, não é a mim que deveis agradecer. Agradecei àquele que ontem conhecestes aqui. Agradecei ao abade Bartolomeu, porque ele ensinou a mim e a muitos dos meus subordinados como fazer da vida *uma magnífica vagabundagem*, sem ter com que viver e viver esplendidamente; sem ter para onde ir e, contudo, ir caminhando sem temor; sem apoio algum, mas apoiando-nos em Deus! Há uns dez anos chegou a La Ferté e ensinou-nos coisas que outros monges não aprendem em tôda a vida. Fêz-nos cultivar os instintos cavalheirescos para com Deus, o cavalheirismo que nos faz suportar os dardos e os golpes com coragem; o espírito de aventura que nos faz olhar a vida como uma viagem gloriosa em sua fé e em sua esperança. Isso quase resume o abade Bartolomeu como um cavaleiro de Deus, ávido de aventuras, resplandecente de uma fé magnífica e de uma esperança gloriosa.

O conde era homem de elevada estatura e constituição robusta, e de seus penetrantes olhos negros brotavam chispas ardentes. Essas chispas iluminavam suas faces másculas e corroboravam suas palavras ao dizer:

— Isso parece quase um discurso daqueles que eu costumava fazer aos meus homens antes de uma batalha. Torna-se curioso que nós homens de armas atribuamos aos monges tão pouco espírito marcial e cavalheiresco, não é mesmo?

— Não, meu Conde, não estranho nada. Não é mais do que uma das freqüentes contradições da natureza humana. Todos nós pensamos possuir exclusivamente tudo quanto ocorre em nossa profissão individual. Pois vós, homens de armas, credes ser os únicos homens marciais do mundo, enquanto os monges crêem ser os únicos que possuem religião. Vós nos atribuíis muito pouco espírito cavalheiresco, e nós estamos inclinados a atribuir-vos pouca virtude religiosa. E todos nós estamos equivocados! Mas, bom Conde, o abade Bartolomeu poderia vestir vossa couraça e a cota de malhas com a mesma facilidade e garbo com que veste a cogula e

poderia empunhar a lança a vosso lado com a mesma desenvoltura com que maneja o báculo!

— E' bem difícil acreditar depois de se ter conversado com êle. Creio que é um dos homens mais bondosos e tranquilos que conheci em minha vida. A amabilidade e a doçura parecem irradiar-se de sua pessoa.

— E' a bainha de couro que oculta a espada de aço. Não se esqueça de que, antes de se tornar Bartolomeu de La Ferté, êle foi Bartolomeu de Fontaines.

— Então é um dos filhos de Barba-Ruiva? exclamou surpreso o conde. Como gostaria de ter sabido isso ontem. Conheci seu pai há muito tempo. Eu era ainda um pedaço de gente, mas a impressão que me causou não desapareceu até hoje. Pareceu-me um perfeito cavaleiro. Fêz-me a impressão de uma força terrível, perfeitamente dominada. Creio que era algo como há pouco me dizia: uma bainha de couro, encerrando uma espada de aço. Que família excepcional foi aquela!

— Quereis dizer: "é", conde Pedro, retificou sorrindo o abade.

O conde pareceu ficar surpreso.

— Vem o senhor outra vez com antíteses do que há pouco falava. Porque deixaram Fontaines e ingressaram na religião, falamos dêles como se fôsem mortos. Contudo, Bernardo é a voz da Europa; Geraldo, seu companheiro inseparável, e os outros irmãos, dirigentes de um mosteiro que abriga mais cavaleiros dos que eu tenho como vassalos.

— Talvez não sejam tantos assim... Claraval conta com muitos cavaleiros. E reparai que eu não digo "que foram cavaleiros".

— Isso mesmo eu ia fazê-lo notar, senhor abade. Parece-me que o senhor iria dizer: "Cavaleiro uma vez, cavaleiro para sempre".

— Exato. Trocaram de armas e soberano, e só. E se tivésseis escutado êsse manso e humilde Bartolomeu como eu o escutei dia após dia durante nove anos, saberíeis que os religiosos devem ser homens combativos.

— Fale-me mais dêle, pediu o conde, aproximando sua cadeira da mesa, enquanto afastava seu soberbo capacete, coroadado de belo penacho, para que não ocultasse parcialmente o abade Pagano. E conte-me mais de sua vida. Por que é que precisam ser combativos e qualifica sua existência

como sendo *uma magnífica vagabundagem*? Consideram-se soldados de fortuna?

— Soldados de boa fortuna, isso mesmo, respondeu o abade, rindo-se. Mas não interpreteis mal quando chamo nossa vida “vagabundagem”. Nós não andamos errantes, mas cultivamos o espírito desapegado dos vagabundos. E por que não? Nós somos os soldados de Deus. Ele é o nosso Rei que nos provê. Mas é uma vida dura.

— Que é que tem de duro, meu bom abade? Os jejuns, o trabalho, o silêncio?...

— Não! Essas coisas são fáceis, senhor Conde! E’ a cegueira...

— Cegueira?... Que quer dizer?

— Talvez vos possa explicar melhor se contar o que me ocorreu há uns dez anos. Estava vivendo já há uns oito anos na Ordem. Dera de mim mesmo o melhor ou, ao menos, cria assim, quando olhei ao meu redor com olhos bem abertos e me dei contas de que minha vida estava vazia. Comecei a raciocinar sôbre mim mesmo e sôbre tudo de minha vida. Asseguro-vos que foi uma experiência aterradora.

— E por quê?

— Porque eu era um homem de meia idade que, num momento de entusiasmo juvenil, me desprendera de tudo quanto os homens apreciam. Tinha abandonado família, amigos e riquezas. Havia abandonado minha carreira na vida e minha posição social, comprometendo-me a viver para sempre como monge cisterciense. Os idealistas chamariam minha ação um belo gesto, um “gesto magnífico”; mas os homens práticos me chamariam “bôbo”. E era isso que eu me chamava a mim mesmo naquele momento. Como me parecia estúpido tudo aquilo! Cantar salmos e morrer de fome, cavar a terra como um empregado, comer alimentos ruins, ter as piores habitações, uma vida desagradável, e, apesar de tudo, chamá-la: atributo do bondoso Deus. Podeis acreditar-me se digo que meus horizontes eram negros... Eu pensava em muitos de meus amigos, homens de categoria e da sociedade do ducado e da Igreja, homens bons e até santos, em cujas vidas não havia as extravagâncias que havia na minha. Comecei a raciocinar que Deus nunca quisera que os homens desperdiçassem suas vidas nem enterrassem seus talentos dessa forma. Que nunca exigira essa forma de serviço, nem essa classe de louvores. Comecei a pensar que me

equivocara desde o começo. Fôra enganado, como o haviam sido os seguidores de Pedro de Bruys ou de Henrique de Lausanne. Comecei a pensar que os cistercienses eram hereges que haviam confundido João Batista com Cristo. Nossa vida parecia-me uma fanática caricatura da vida do Precursor, levada no deserto, jejuando, vigiando e esperando o Salvador, em vez de seguir o manso, amável e social Jesus. Devo confessar que fiquei espantado.

O conde, remexendo-se em sua cadeira, comentou:

— Torna-se espantoso ouvi-lo agora. Mas, meu senhor abade, não está fazendo outra coisa que aguçar meu apetite para a solução, pois êsses mesmos pensamentos eu também muitas vezes tenho. Suas vidas não se parecem com a de Jesus que “passava fazendo o bem...”

— Assim pensava eu naqueles negros dias e havia quase chegado à conclusão de que tinha malbaratado os melhores anos de minha existência, quando fui ter com o abade Bartolomeu para lhe expor minha aflição. Fui um homem muito feliz, meu conde. Não há nada pior do que suspeitar haver malbaratado os nossos melhores anos, destrôçado sem ter mais remédio a vida que já se viveu! Contudo, no mais profundo de minha alma, ouvia uma voz a me dizer: “Não, teu raciocínio está errado”. Essa voz é que tornava os dias uma agonia e as noites uma tortura para mim. Tive a coragem de recorrer a meu abade e de lhe falar com mais clareza do que estou falando agora. O abade Bartolomeu possui algo que convida à franqueza e inspira confiança. Escutou-me com tanto interesse e tanta atenção como vós me ouvís agora. Não me interrompeu nenhuma vez.

— Disse-lhe que se julgava um nêscio e os cistercienses uns hereges errados?

— Sim, disse-o e com palavras ainda mais fortes. Ele escutava-me e animava-me a soltar tudo quanto tinha por dentro. Disse-lhe tudo. Quando terminei, limitou-se a mover a cabeça e a dizer: “Alegro-me, alegre-me muito!”

— De que se alegrava? perguntou o conde, levemente indignado.

— Isso perguntei eu também. Mas como o disse num tom sincero e amistoso, limitei-me a esperar. Não tive de esperar muito tempo, porque não tardou a acrescentar: “Suspeito que, faz muito pouco tempo, Deus deve ter dito ao demônio: — “Visitou meu servo Pagano, do mosteiro de

La Ferté?" — Quer dizer que sou vítima de uma tentação? perguntei-lhe. — "E' exatamente o que quero dizer. E por isso me alegro. Isso prova que é o servo fiel de Deus. Prova que Ele pode confiar no senhor como confiou em Job".

— Isso é muito estimulante. Mas quantos o aceitariam? Não se pode silenciar um tropel todo de objeções razoáveis como o senhor expôs só com uma referência à Sagrada Escritura.

— Não, não se pode. Pelo menos, com homens que pensam seriamente. Algumas almas excessivamente piedosas e simples poderiam dar-se por satisfeitas com isso. Mas o abade Bartolomeu é alguma coisa mais que piedoso. Como dissestes, seu primeiro comentário foi estimulante. Dava alma àquele sussurro que eu julgava ouvir nas profundezas de minha alma. Comecei a suspeitar de que Satanás estava usando comigo de suas manhas. Mas não estava nada satisfeito, pois as tórrides de minhas objeções continuavam de pé. Bartolomeu, porém, não terminara ainda, apenas começara. Voltou-se para mim e me analisou em voz alta. Parte por parte, primeiro física, depois moral e depois mentalmente, mostrando minha constituição inteira. Foi magnífico. Primeiro atacou a parte física para mostrar-me que eu estava cansado, nem muito disposto, nem na melhor forma para começar o combate. Depois disse que meu coração era forte, minha espinha dorsal dura e meus músculos vigorosos. Mas minha vista muito deficiente.

Pagano fez uma pausa e perdeu os olhares, divagando muito longe. Parecia querer recolher as recordações. O conde, no entanto, achava-se demasiado interessado para lhe permitir aquela divagação.

— Espero que me explique isso.

— Sim. Explicar-vos-ei como me fez Bartolomeu. Começou por dizer-me que eu havia olhado as coisas sob um prisma errado e isso estragava minha vista. Disse que as árvores e erva pareciam pretas à luz das estrelas, pardas à luz da lua e verdes à luz do sol. Eu necessitava da luz do sol para ver as cores devidamente. Depois continuou: "Precisa da luz do Filho, do Unigênito do Pai, d'Aquêle que disse que era a Luz do mundo". Depois para explicar isso dissecou-me moralmente: em mim não faltava amor nem esperança; insistiu, porém, que eu era débil na fé.

— Sim, mas nossa fé deve ter uma base racional, interrompeu o conde.

Pagano deu um golpe com a mão aberta sobre a mesa e sorriu, ao dizer:

— E' emocionante ver como nossas mentes correm na mesma pista. Naquele dia respondi a Bartolomeu citando São Paulo: "Estou de acôrdo, Reverendo Pai, mas precisamos ter razão para a fé que em nós se encontra". E, ao dizer, pensava em tôdas as razões que tinha para a fé que em mim não existia.

O conde sorriu ante o jôgo de palavras, mas instou com Pagano, perguntando-lhe:

— E que respondeu o filho de Tecelino?

O abade antes de responder, aproximou um pouco mais sua cadeira da mesa, puxou as pregas do seu branco hábito, compôs o escapulário que trazia sobre o peito, ajeitou o cinto de ouro. Depois, pondo ambos os braços sobre a mesa, inclinou-se e disse:

— Mostrei-lhe o abade doce, amável e delicado. Agora vos mostrarei o monge santo, o verdadeiro homem. Sem uma palavra minha que o levasse a isso, mas com mais veemência do que eu havia feito, quase me deixou sem respiração ao admitir cada uma das minhas objeções. Admitiu que o alimento, o vestuário, a habitação eram mais do que pobres, eram miseráveis. Admitiu que o trabalho era degradante; até chegou a admitir que muitos dos meus irmãos eram fastidiosíssimos. Pediu que eu lhe estendesse as mãos. Quando o fiz, disse-me: "Estão vazias, Pagano, absolutamente vazias, e seus anos foram desperdiçados". Virou-se para outro lado. Asseguro-vos que me sentia intrigado. Por um momento suspeitei que Bartolomeu de La Ferté era um homem desiludido como eu. A suspeita não havia ainda tomado forma, quando o ouvi dizer: "Sim, sim, se utilizarmos só a luz da razão ou limitarmos nossa visão à luz da vida pública de Cristo". Voltou-se para mim e acrescentou: "Pagano, a mim não me agrada a solidão. Sou homem. Gosto de companhia. Não gosto de verduras sem tempêro, de pão duro e de vinho aguado. Tenho paladar e estômago. Não me agrada o trabalho manual. Não. Sou folgazão como tantos homens que conheço e como todos os animais. Mas, Pagano, amo a Jesus Cristo! E isso faz com que tudo no mundo seja diferente. Suas objeções seriam irrefutáveis se não olhássemos de-

tidamente Jesus Cristo no Getsêmani e no Gólgota. Ele passou por toda parte "fazendo o bem", Pagano, mas também seu sangue, foi açoitado, insultado, cuspidado, corado de espinhos e crucificado. O autor de tudo isso foi o pecado. E o pecado continua sua missão. Se os homens e as mulheres fossem puros como os anjos e honrados como os santos, não haveria necessidade de que existissem La Ferté, Clara-Val e Cister. Mas a raça que Deus elevou à sublime dignidade de sua filha adotiva não lhe dá a honra devida. Por isso me comprazo em fazer coisas odiosas à minha natureza.

— Que homem! admirou-se o conde.

— Depois da explosão daquela paixão santa, voltou-se para mim de novo e disse: "Acredita ter perdido os melhores anos de sua vida, e isso parece a muitos enquanto se refere ao mundo. Mas devo manifestar uma coisa: Pagano deu a Deus o melhor que tinha. Está procurando empregar em seu serviço cada um dos talentos de sua vida e toda a energia de sua alma, longe de tudo aquilo que legitimamente poderia ter desfrutado. Ele não pode ser indiferente a isso, Pagano, não pode! Nunca! Deve estar comovido com seu gesto até o fundo do Coração. Do contrário não seria o nosso Deus, seria Moloc. Mas é o nosso Deus, e sabe que, mesmo caindo freqüentemente ou errando diariamente, procuramos oferecer-Lhe o que de melhor possuímos. E qual é o resultado? Veja, Pagano, qual é o resultado? O resultado é a melhor adoração que esta terra pode oferecer-Lhe. Seus anos foram malbaratados como o foram as três horas que Ele, o Cristo, passou na Cruz! Você viveu oito anos de fé, de esperança e de amor, e viveu-os numa ação máscula e vigorosa. Poderia pedir mais ao homem mortal? Que sacrifício! Que adoração a Deus! Que vida de amor! Pagano, você imitou o Salvador do mundo!"

— Por Deus, que o tem imitado! exclamou enfaticamente o conde, dando um forte murro na mesa.

Depois colocando a espada sobre os joelhos, o que lhe permitiu trocar de posição, perguntou:

— Bartolomeu disse isso com tanto ardor como o senhor agora?

— Com muito mais. Ele é manso, moderado, misericordioso. Mas quando começa a falar de Cristo ou do serviço de Cristo, ele se inflama e transfigura. E' um lutador. Lembrou-me de que naquele dia terminou dizendo: Pagano, Deus

outorga a luz da fé, mas você tem de dar a Deus toda a força de sua vontade e até o último miligrama de sua energia combativa. A luz de Deus é a luta do seu lado! Esta a combinação que leva à vitória. A única combinação! Lutar! Não fugir! Esse há de ser seu grito de guerra! Confie em Deus, Pagano. Isso é o mais importante. Confie cegamente n'Ele, coisa que, como pensam alguns, é difficilima para os homens com imaginação. E' difficil seguir cegamente. Sim, muito difficil, mas também tem seu heroísmo. Quanto mais orar e quanto mais se entregar em suas mãos, com maior clareza também verá. Mas quanto mais raciocinar e quanto mais lutar por ver, mais escuro tudo se tornará!" E eu vi que ele tinha toda a razão, meu conde!

— Que queria dizer? Acabaram-se seus comentários?

Pagano pôs-se a rir:

— Sim, quando chegar a certo ponto. Já sabeis que existem mistérios?

— Sim, sei. Mas sua vida "de cisterciense" não tem nenhum mistério.

— Não, ainda há algum mistério. Por exemplo, por que sou abade de Maria de Merceriis, se fiz voto de ser monge de La Ferté? Mistério da Providência de Deus. Por que Bartolomeu de Fontaines foi enviado de Clara-Val a La Ferté? Outro mistério da Divina Providência. O mesmo achareis em cada alma, mistérios mais negros e perturbadores. Por isso temos de caminhar às cegas. Por isso temos de ser lutadores e cavaleiros.

— Acredito, respondeu o conde lentamente. A inação é sempre mais perigosa para uma pessoa que a ação. Os momentos mais duros de uma prova costumam ser os que precedem uma batalha. Uma vez lançados no combate físico, a coisa é mais simples. Esta luta do espírito deve exigir nervos de aço. O senhor abriu-me os olhos.

— Conde Pedro, a vida é um exercício da mais difficil e esquisita cavalaria. Vede o que o monge tem de fazer: jurar fidelidade eterna a um chefe a quem nunca viu com seus olhos corporais; viver uma vida de vassalo, servindo a um senhor a quem nunca ouviu e de quem nunca ouvirá uma palavra; suportar uma guerra cruel e interminável por um rei a quem jamais verá neste mundo. Isso requer o mais acendrado cavaleirismo. Para mim seria muito mais fácil jurar-vos fidelidade. Vejo-vos, conheço-vos, admiro-vos. Luta-

ria por vós com todos os meus brios, pois sei que recompensais com fartura o valor de vossos soldados. Mas servir ao Rei dos reis como cavaleiro de Cister, requer muito mais. Exige fé. Não a fé que move montanhas, mas uma fé ainda maior. A fé que transforma homens. Talvez penseis que sou um vaidoso quando digo isto...

— De modo algum. O que está fazendo é envergonhar-me e a todos como eu. Somos indivíduos de mentalidade tão estreita, tão egocêntricos, e tão cheios de nós mesmos, que medimos todos os homens pelo metro de nossa própria mesquinhez. Duvido que existam no ducado muitos nobres que não pensem que os senhores são homens entrincheirados atrás dessas muralhas por temor da outra vida. Acho que nenhum pensará que são cavaleiros de Cristo, empolgados por um ardente amor que os faz desprezar a vida para que Ele possa ser louvado e os homens sejam salvos. Ajoelho-me diante do senhor, reverendo pai abade, ajoelho-me e rendo-lhe meu atributo de admiração para solicitar seu perdão por meu juízo precipitado e estulto.

— Levantai-vos! Lembrai-vos de que eu só vos disse o que aprendi de Bartolomeu de La Ferté. Também eu me ajoelho diante dele por pura admiração e para que me absolva. Bartolomeu é outro Cristo. E' o abade perpétuo de São Bento.

— Julga-o um guerreiro oculto sob a cogula?

— Em certo sentido, sim. Embora fôsse melhor defini-lo como um homem de mente e ações de Jesus Cristo. O abade Bartolomeu jamais feriu os sentimentos de algum de seus subordinados, e contudo não deixou nenhuma falta sem corrigir. Todos o amam, porque ele ama a todos. Quando eu vim para cá para ocupar meu cargo de abade, exortou-me a tomar como lema as palavras de São Bento: "Prodesse magis quam praeesse". Lute para ser o servo, disse-me, em vez de senhor. Lute para ser o que o chamam: um pai. Estou certo de que essas palavras breves me transmitiram o segredo de sua vida e de seu serviço.

— Quanto mais o senhor fala, tanto mais admiro esse homem. Aprendeu todas essas táticas com seu irmão Bernardo?

— Não. Pelo que sei, a força de Bernardo reside no amor; a de Bartolomeu na fé. Uma vez lhe perguntei quem mais lhe ensinara, Estêvão Harding ou seu irmão. A única resposta que obtive foi uma sonora gargalhada e estas pa-

lavras: nenhum dos dois. Depois acrescentou que as lições mais profundas aprendeu-as em seus trabalhos de sacristão. Pensa que todos nós deveríamos levar a cabo nossos estudos: o do Crucifixo e o da Hóstia Consagrada. Ambos, dizia, enraizam o homem e o fortalecem na fé, e uma vez que se haja enraizado e fortalecido, saberá agradecer a Deus a obscuridade que envolve nossa vida toda na terra, tomando-a como uma gloriosa oportunidade de demonstrar nossa confiança em Deus.

— Que conceito! exclamou o conde com sincera admiração. Que verdade!

Depois num tom mais calmo, pensativo:

— Como os julgava mal e como abandonei a fé! Meu senhor abade, presumimo-nos demais de nossos dons. Nesta tarde o senhor abriu-me os olhos. As perspectivas que me desvendou oferecem ricos contrastes... Agora vejo o senhor e o abade Bartolomeu com temor. Ao olhar para mim mesmo e ao pensar em outros como eu, tenho vergonha. Creio que os prejudiquei ao falar como falei.

— Por quê?

— Vai ter de sofrer com muita frequência, a não ser que proíba que eu venha, pois eu quero aprender a verdadeira noção de cavalaria. E enquanto se me dá oportunidade, penso visitar La Ferté para saber mais coisas sobre o grande filho de Barba-Ruiva, a mansidão personificada, ocultando a paixão de um amante ardente. Assim julgo, depois de tê-lo ouvido, o abade Bartolomeu.

— E' uma boa definição. Acertastes. E quanto a vossas visitas aqui, sereis sempre bem-vindo. Sempre achareis tempo para falar de Cristo.

Pagano abriu-lhe a porta. O conde Pedro deteve-se no umbral e, contemplando seu séquito composto de quatro valerosos cavaleiros que o esperavam na antecâmara, disse:

— Cavaleiros, nestes monges achei quem nos seja superior. Eles possuem um sentido de cavalaria que nós nem chegamos a sonhar. Eles são os reais cavaleiros, e nós páli-das imitações. O campeão de todos eles é o abade Bartolomeu, que os senhores viram aqui ontem. Prestemos-lhes homenagens. Nós estivemos ontem num torneio; estes homens encontram-se num torneio contínuo. Inclinem-nos...

Os cinco homens, vestidos de cotas de malhas e com elmos de penachos, inclinaram-se diante do abade Pagano, rendendo homenagens a todos os cistercienses.

Pronto para a vida e para a morte

Pagano havia captado o sêgrêdo da vida de Bartolomeu no "magis prodesse quam praeesse" da Regra e o conde Pedro descreveu-o admiravelmente: "A mansidão personificada ocultando a paixão de um amante ardente". Porque Bartolomeu tinha penetrado até o mais profundo a legislação de São Bento sobre os abades e estava decidido a ser um verdadeiro "pai" para seus subordinados.

Isso não era fácil porque sua comunidade era grande e nela existia uma enorme variedade de caracteres, uns dóceis, perfeitamente tratáveis, outros de gênio, difíceis e arredios, outros ainda teimosos e indomáveis. Bartolomeu amava a todos e com sua doçura e moderação acabou por convencer os mais teimosos e dobrar os mais inflexíveis. Mas comprava suas vitórias pagando com moedas que ninguém gostava de gastar: penitências duríssimas. Não se esquecera das palavras de despedida de Bernardo: "Com os homens, obras e não palavras". Por isso disciplinava-se e dominava-se tão perfeitamente que sempre aparentava majestosa calma.

E' claro que para conseguir isso tinha uma base solidíssima no seu temperamento. Utilizava-a como ponto de partida. O resto aprendeu em seu estudo do Crucificado e da Hóstia Consagrada. Por isso não exageravam os que diziam que êle possuía três corações: um de fogo para Deus, um de carne para seus semelhantes e um de pedra para si mesmo.

Seu mandato na abadia foi longo e frutuoso, e precisamente quando parecia que ia adquirindo alguma virtude, quando acreditou ter chegado a hora de poder tratar a todos os homens com a mesma amabilidade e escutá-los com a mesma doçura, quando começou a considerar-se apto à vida de abade, foi convocado pela morte.

Ao saber de seu falecimento, o conde Pedro exclamou:

— A morte levou o homem mais bem preparado para viver.

Ao que o abade Pagano replicou sorrindo:

— Não o lamente, bom amigo, pois isso é o que nós queremos dizer com nossa frase "maduros para o céu". Deus leva os seus, quando estão perfeitamente maduros. Bartolomeu pensava que só ia adquirindo virtudes; mas nós, seus subordinados, sabíamos que estava coroando com a auréola da perfeição uma virtude longa como sua vida. Tal santidade não é para êsse mundo. Era um homem por demais encantador para que Deus o deixasse aqui embaixo. A morte levou-o quando estava justamente preparado para a outra vida e não para essa.

* * *

Na crônica cisterciense, no dia 9 de dezembro, o sempre amável Bartolomeu é chamado "Beato". Os bolandistas mencionam seu nome no dia 1º de julho.

Quanto ao ano em que partiu para Deus, não se sabe ao certo. O fogo, o saque e as revoluções destruíram muitos documentos preciosos... Manrinque, Mabillon e Le Nain afirmam que morreu em 1144, no mesmo ano que seu irmão, o Beato André.

Mas outros, com mais probabilidade, em vista de certos documentos que trazem seu nome e são posteriores a 1144, assinalam as datas de 1158 e até de 1160.



CAPITULO IV

O POBRE MENINO RICO

"Vocês escolheram o céu e para mim deixaram a terra".

NIVALDO TIROU seu pesado casacão e deixou-o sôbre uma pedra.

— Já estamos na primavera, disse a seus cinco companheiros, e faz muito calor para que a gente o traga sôbre as costas.

— Você poderá resfriar-se, disse seu primo Maurício, e Umbelina o mandará para a cama.

— Umbelina não é mais que minha irmã. Não poderá dar-me ordens, respondeu Nivaldo, empertigando-se atrevidamente.

Tinha completado 12 anos e, como era o mais nôvo da família Fontaines, era mimado como costumam ser os caçulas de quase tôdas as famílias; por isso tornava-se um pouco malcriado.

Achava-se em pé, com os calções azuis até os joelhos, com franjas de sêda amarela e um cinto da mesma côr. Tornava-se um grande contraste entre seus companheiros. Sua presença no meio dêles era a de um grande chefe. Seu corpinho era bem talhado e denotava o cuidado, o treino e a saúde, enquanto a altiva posição de sua cabeça, ao dirigir-se a Maurício e aos outros amigos, mostrava claramente que era filho do senhor daquelas paragens.

Era nos primeiros dias de março de 1112, e um ventinho cáldo fazia estremecer as hastes amareladas das plantas sêcas no último verão e flutuar os louros e sedosos cabelos de Nivaldo. Os seis garotos estavam brincando numa ladeira em frente ao castelo de Fontaines. A atividade e energia exigidas pelo jôgo, e o calor do sol e o vento mórno, predispunham Nivaldo a desafiar a autoridade de sua irmã mais velha.

Maurício não encontrou a resposta adequada para a frase atrevida de Nivaldo: "Não pode dar-me ordens".

Além disto, o gesto de independência de Nivaldo, com os braços apoiados nos quadris e os olhos desafiadores, não o animaram a responder. Todos sabiam que Maurício tinha razão, mas não se atreviam a contradizer o caçula da família Fontaines. Limitaram-se a olhar para Maurício e depois para Nivaldo. A tensão ia crescendo e ninguém previa como iria terminar, se uma voz masculina não fôsse ouvida:

— Nivaldo, venha para cá.

Ouvindo as primeiras sílabas do chamado, Nivaldo virou-se como movido por uma espiral de aço. Quase antes que soassem as palavras: "venha para cá", o casacão sumira de cima da rocha e já estava nos ombros do menino.

Nos lábios de Maurício aflorou um sorriso de triunfo e os que o rodeavam ouviram-no murmurar:

— Bem que eu disse...

Mas Nivaldo não o ouviu, porque havia descoberto seu irmão mais velho Guido, que sob o arco da entrada principal do castelo acenava para que se aproximasse.

Atrás de Guido, achavam-se Bernardo, Bartolomeu e André. Os quatro faziam acenos a alguém que se achava na janela da tôrre.

Nivaldo subiu a ladeira depressa. Desde outubro não via seus irmãos e a impaciência em abraçá-los fazia-o julgar que suas pernas eram fracas e lentas. Quando se apro-

ximou, lançou-se nos braços de seu irmão mais velho, exclamando:

— Oh! Guido, você voltou para casa para ficar? Como tudo estava tão triste sem vocês!

— Pelo que parece, voltei para que você me mate, respondeu Guido. Você não percebe que não é mais um menininho? Um choque de seu corpo é suficiente para derrubar um gigante.

— Perdão, Guido! Causei-lhe algum mal?

— Não! Não foi nada. Mas tome cuidado no futuro. Você está crescendo depressa. Agora vou dar-lhe uma boa notícia.

Naquele momento os outros irmãos chegaram, saindo da porta do castelo e os rodearam, sorrindo ao pequeno.

— Uma boa notícia? Vão ficar em casa? perguntou ansioso o pequeno com o rosto radiante de alegria.

— Não! E' mais importante do que isso.

— Vão organizar um torneio?

— Mais importante ainda.

— Fale logo e não me faça ficar bravo, disse Nivaldo impaciente.

André começou a rir e, pondo a mão no ombro do garoto, animou-o:

— Vamos, rapaz. Faça-o falar.

Nivaldo abraçou André pela cintura e, sorrindo, perguntou-lhe:

— O que é, André? Qual é a grande notícia? Diga a êle para me contar!

— Fale logo, Guido, não o faça ficar com raiva, interveio Bernardo.

— Está bem, respondeu Guido. Então venha para cá, Nivaldo.

Os demais os seguiram. Maurício e os outros pequenos formavam outro grupo. Nem o suficientemente perto para fazerem parte, nem o suficientemente longe para não ouvirem o que se falava.

— Está vendo êsse magnífico castelo? perguntou Guido, estendendo o braço direito em direção às sólidas muralhas e tórres.

— Estou... murmurou Nivaldo.

— Bem, um dia êle será seu, totalmente seu. Pedra por pedra, desde os alicerces até as mais altas tórres.

Girou em redor, estendeu os braços com amplo gesto e prosseguiu:

— Veja essas terras... Tudo quanto a vista abarca, vales, colinas, bosques; tudo quanto se vê ao Norte: vinhas, pomares, prados... Não são realmente formosíssimos?

— Sim! respondeu Nivaldo com pouco caso.

— Pois tudo isso será seu também algum dia. Porque você, meu irmãozinho, será o senhor de Fontaines! Bernardo, Bartolomeu, André e eu iremos hoje mesmo para Cister. Geraldo não tardará a nos seguir. Deixamos tudo para você. Que tal a notícia?

E pôs a mão sôbre os ombros de Nivaldo, olhando ansioso para o semblante do pequeno.

A boca do menino foi-se escancarando até deixar escapar um "oh!". Seus olhos procuraram o rosto sorridente de Guido. Depois olhou rapidamente para Bernardo, Bartolomeu e André. Também eles esperavam uma resposta. Nivaldo tornou a olhar para Guido e, por fim, disse:

— O castelo, hein?

Com a mão esquerda apontou as muralhas e tôrres que se achavam atrás:

— E tôdas essas terras, hein?

Sua mão direita apontava agora o vale a seus pés:

— Então tudo isso será meu, porque vocês irão para Cister? Não é mesmo?

— E' sim, respondeu com entusiasmo Guido. Não é estupendo?

— Estupendo?... perguntou Nivaldo com o lábio inferior a tremer. Estupendo? O que tem de estupendo? Vocês escolhem para si o céu e me deixam a terra. Não acho isso nada estupendo. E nem sequer é justo... Não quero!

E separando-se dos irmãos, pôs-se a correr para a porta do castelo. Esta parecia tremer através das lágrimas que escorriam de seus olhos. Guido e André iam correr atrás dêle. Mas Bernardo os reteve com um grito:

— Não, Guido! Não vá. Deixe-o, André. Deixe-o ir. Será melhor não nos despedirmos dêle. Cortaríamos o coração do pobre menino.

— Acho que você tem razão, respondeu Guido.

Mas André vacilou. Contemplou a veloz figurinha de seu pequeno irmão, e parecia disposto a correr atrás dêle, quando Bartolomeu disse:

— Vamos, André! Se você voltar, só vai fazer com que Umbelina fique mais nervosa ainda, o que servirá pouco de consôlo a papai.

André moveu lentamente a cabeça e voltou para o meio do grupo. Os quatro irmãos lançaram um último e prolongado olhar ao castelo onde nãsceram e cresceram. Fontaines fôra seu lar e nêle ficavam os entes mais queridos. Contemplaram-no em silêncio até que, por instinto talvez, volveram as costas, desceram resolutamente a ladeira e entraram no bosque sem voltar a cabeça uma só vez. Foi seu adeus a Fontaines.

Seis meses antes tinham partido para Châtillon-sur-Seine. Alguns membros mais velhos do grupo tinham ainda que regularizar alguns negócios antes de poderem julgar-se em completa liberdade para se apresentarem como aspirantes em Cister, pelo que Bernardo decidiu mantê-los reunidos em Châtillon e fazê-los levar uma severa vida religiosa para que se habituassem aos poucos.

Naquele dia, Bernardo e seus irmãos tinham voltado a Fontaines para despedir-se do pai, da irmã e do irmãozinho.

Tecelino recebeu-os estranhamente silencioso, e Umbelina, lendo em seus olhos a dor, enfureceu-se, dando rédeas sôltas a seus pensamentos, culpando Bernardo de esvaziar o castelo, deixando-o sem vida e entristecendo os últimos anos do velho. Parecia ter-se transformado num tigre, e rodeando com os braços o pescoço do velho pai, enquanto as lágrimas brotavam em caudais de seus formosos olhos, acusou Bernardo de arrastar os seus irmãos ao que ela considerava um fanatismo religioso.

Tecelino procurou acalmá-la, acariciando seus negros cabelos e murmurando:

— Não diga isso, criança, não diga isso!

Tôda a fôrça de seu furor logo se transformou num prolongado soluço que lhe sacudia todo o corpo. Então Tecelino, apoiando suas faces na cabeça dela, acrescentou:

— E' a vontade de Deus, minha rainha, é a vontade de Deus!

Bernardo permanecia com a cabeça inclinada, distraído a contemplar a palma da mão, sem pronunciar uma só palavra.

Umbelina olhou-o com olhos reluzentes como estrêlas e, deixando seu pai, correu para êle, abraçando-o em soluços:

— Está bem... se é a vontade de Deus, vá. Vá e não deixe de rezar por nós todos os dias...

A cena foi terrível para todos. O ancião suportou melhor que os outros, embora seu coração fôsse talvez o mais ferido.

O encontro com Nivaldo parecia que talvez alegrasse um pouco aquela triste despedida. Mas sua corrida e suas lágrimas fizeram com que os irmãos cavalgassem um bom trecho do caminho em silêncio. Contudo, uma vez no meio do bosque, André falou:

— Vocês ouviram o que o pequeno disse? “Vocês escolheram o céu e a mim deixaram a terra. Não a quero. Não é justo”.

Todos se puseram a rir, vendo como imitava bem o pequeno na entoação de voz e mímica dos gestos. Guido exclamou:

— O pequeno é o mais esperto da família.

Se naquele momento o pudessem ver, não estariam rindo, porque o rapaz havia atravessado o pátio correndo, e, precipitando-se escadas acima, entrou no quarto soluçando alto. De bruços sobre o leito, dizia com o rosto afundado nos travesseiros:

— Quem quer este velho castelo com suas terras?... Eu não quero! Não quero!... Eu quero meus irmãos!...

Quando passou a primeira crise de angústias e as salgadas lágrimas deixaram de correr pelas faces, esfregou os olhos, exclamando:

— Não é justo! Não é justo!

Parou de repente, cerrou os punhos, e olhando através de seus cílios empapados em lágrimas, exclamou:

— Já sei o que vou fazer! Eu irei com eles. Eu também serei monge. Não quero ser um velho senhor!

Teria partido naquele momento se a porta não se tivesse aberto sob a mão serena de seu velho pai, que entrou, sentou-se na cama, abraçou-o e sorriu corajosamente para ele, dizendo:

— Vamos, homenzinho! Os senhores de Fontaines não choram!

Os dois corações solitários acharam consolo em seu mútuo carinho.

A idade para agir

Naquela noite, em princípios de março, Tecelino conseguiu acalmar os sentimentos de seu caçula. Mas ainda maio não tinha coberto as árvores de flôres, quando Umbelina o surpreendeu dizendo:

— Nivaldo está desaparecido.

— Desaparecido? perguntou Tecelino, assombrado. Que está dizendo?

— Desde esta manhã bem cedo ninguém mais o viu.

— Como? tornou a perguntar o pai, e saltando da cadeira, percorreu a sala em largas passadas. — Vamos ver o que se passa.

O senhor de Fontaines dirigiu-se para a estrebaria. Sua filha acompanhava-o cheia de preocupação. Dirigiu-se para a última baia, e exclamou:

— E' o que eu estava pensando... A égua ruana não está. Onde está o Luís José?

Em voz mais alta chamou:

— Luís José! Luís José!

— Pronto, senhor! respondeu uma voz fina lá de dentro.

Não tardou a entrar um criado que coxeava com uma das pernas.

— Que deseja, senhor? Quer montar agora?

— Não. Quero saber quem está montando agora a égua ruana.

— A égua não está aí?... fingiu sobressaltar-se o velho. Como é possível? Quem poderá?...

— Vamos, Luís, atalhou Tecelino com severidade! Não procure encobrir. Quando saiu e para onde foi?

— Senhor, não sei do que se trata, respondeu o criado de cavalaria, apoiando-se num esteio, afastando a palha com a perna manca.

— Sabe muito bem, gritou Tecelino. A que horas Nivaldo saiu do castelo?

— Nivaldo? Ele não está no quarto?

— Não! Não está no quarto, como a égua não está na sua cocheira.

— O senhor pensa que podem estar juntos?

— Sim, creio que possam estar juntos e creio que você sabe para onde foram.

— Seria capaz de dizer que eu sei onde estão?... Vamos, meu senhor, não me atribua uma vista tão arguta.

— Chega, Luís! rugiu Tecelino. Quando o menino saiu?

— Pois veja, meu senhor, o que se... passou... Eu estava... passando a raspadeira com muito cuidado no seu corcel... E' um belo cavalo, meu senhor... e precisa de muitos cuidados... E' claro... eu estava... raspando com todo o esmero...

— Não se preocupe com o meu cavalo, e fale-me logo de meu filho.

— Oh! minha senhora Umbelina, como é difícil falar ao senhor seu pai!... Quer que se acabe tudo antes de haver começado...

— Está bem, Luís! Onde está Nivaldo?

Luís José compreendeu que tinha abusado da paciência de Tecelino, e chamou prudentemente:

— Gautier! O patrão está esperando! Venha correndo!

No mesmo instante que um mocinho da idade de Nivaldo entrava correndo, ouviu-se no pátio o trotar de um cavalo. Umbelina e o pai precipitaram-se para a porta da estrebaria, justamente no momento em que Nivaldo desmontava de sua égua e, acariciando suas ancas suadas, dizia ao animal:

— Muito bem! Muito bem!

Sem olhar em seu redor, chamou:

— Luís José! Luís José!

O velho e seu filho dirigiram-se para a porta da estrebaria interrogando Tecelino com um olhar. O patrão limitou-se a fazer um aceno com a cabeça, dando-lhe permissão. Eles foram cuidar do animal.

— Nesta noite, dêem-lhe ração dobrada, ouviram? ordenou Nivaldo. Está cansada e com fome. E eu também, acrescentou, enquanto se dirigia para o castelo com passos vacilantes.

Umbelina ia correr atrás dêle, mas Tecelino a deteve e disse em voz baixa:

— Deixe-o primeiro entrar em casa. Chegou cansadíssimo. Apenas se pode manter em pé. Depois falaremos, assim que tenha jantado alguma coisa. Não se preocupe, pois Maria se ocupará dêle.

Virando-se para Luís José, perguntou:

— A que horas saiu do castelo?

— Ao amanhecer, patrão. Disse que iria a Cister. Fico surpreso, vendo-o regressar. Pensei que teríamos outro monge na família.

— Ai eu irei ajustar as contas com você e seu monge se outra vez acontecer coisa semelhante!...

— Sim, senhor!... respondeu Luís José, enquanto se afastava mancando...

Uma vez dentro da estrebaria, Gautier ouviu-o dizer:

— Bem, êle será monge, quer o senhor queira, quer não!

Duas horas mais tarde, Nivaldo encontrava-se diante do pai no grande salão do castelo. Umbelina estava bordando, sentada diante da estufa. O pequeno confessou sua fuga e contou que o abade Estêvão Harding, depois de lhe ter permitido falar com Guido, Geraldo, Bartolomeu, André e Bernardo, e depois de lhe dar a bênção, despediu-o dizendo: "Quando você fôr mais velho, poderá voltar".

Umbelina deixou-o contar sua história. Logo interrompeu o trabalho e fez um sem-fim de perguntas a respeito de Bernardo e dos demais irmãos. As respostas de Nivaldo indicavam que não havia observado muito seus irmãos, pois não sabia dizer se estavam mais gordos ou mais magros, risinhos ou sérios, iguais ou mudados. Suas respostas vagas não faziam mais que provocar novas perguntas da irmã, até que Tecelino disse finalmente:

— Umbelina, minha filha, para êsse menino o que interessa é a vida em si e não os que a vivem. Creio que a melhor coisa é deixá-lo ir para a cama. Cavalgou muitas horas, e precisa dormir outras tantas. Neste momento não está em condições de escutar o que lhe tenho para dizer.

No dia seguinte, o senhor de Fontaines conversou com seriedade com o único filho que lhe restava. Falou longamente da vida, do ducado, da sociedade; descreveu cenas magníficas que fariam emocionar qualquer rapaz de doze anos e prometeu-lhe o favor de seu soberano, o duque. No final de seu discurso, conseguiu de seu filho esta resposta:

— Quando é que se tem idade bastante?

Tecelino pôs-se a rir. Compreendeu que mais adiante estaria o problema. Precisava distrair seu filho e tirar-lhe da cabeça a idéia de ir a Cister. Aquela idéia parecia atormentar inutilmente sua imaginação, pois cada vez que inventava alguma coisa brilhante para Nivaldo, só obtinha dêle estas palavras:

— Já estou me tornando de maior idade?

Afirmção que ninguém podia ignorar e que demonstrava a todos onde se achavam presos seus sentimentos. Cada vez que Umbelina o ouvia perguntar: “Já estou me tornando mais velho?”, respondia:

— Todos os dias e em todos os sentidos, Nivaldo. Mas ainda não é bastante.

Depois, durante seis meses, ninguém o ouviu aludir a seu crescimento. O pai e a irmã poderiam ter achado suspeito seu silêncio. Chegaram a crer que talvez o encanto de Cister se ia desvanecendo. Não tardaram a compreender que se equivocavam, pois um dia Nivaldo gritou exultante: Já tenho treze anos e vou para os catorze! E correu para a estrebria, seduzindo Luís José para que lhe encilhasse a égua e lhe permitisse cavalgar sozinho pelos bosques, como presente de aniversário.

O velho não precisava de muitas palavras do menino para se deixar convencer. Encilhou o animal e fez uma advertência:

— Os bosques estão muito frios nesta época, especialmente, acrescentou num sussurro, os que estão próximos de Cister. Desejo-lhe muitas felicidades, futuro senhor ou... talvez futuro monge...

Nivaldo não respondeu e apressou o velho.

Cavalgou as quinze léguas de ida e as quinze de volta, porque o abade Estêvão Harding lhe fez o mesmo carinho acolhimento e a mesma carinhosa despedida das outras visitas. Mas desta vez Nivaldo percebeu uma frase mais alentadora, pois o abade lhe disse:

— Quando você for “um pouquinho mais velho”, posso recebê-lo.

Para Nivaldo aquilo tinha o valor de uma promessa. Já se julgava cisterciense. As palavras “posso recebê-lo” mantiveram-no erguido sobre a sela durante o cansativo regresso.

Quando se encontrou no caminho com seu pai, Umbelina e Guido de Marcy, nem pensou em desculpar-se ou de dar uma escusa. Não fez outra coisa que gritar a plenos pulmões:

— Pai! Pai! O abade Estêvão disse que me admitirá quando eu for “um pouquinho mais velho”.

Tecelino inclinou-se diante do inevitável, e conseguiu evitar aquela insistente pergunta: “Já sou bastante mais ve-

lho?”, entregando seu filho a um sacerdote para que lhe ensinasse Humanidades. Foi a única solução, porque Nivaldo considerava suas aulas como uma espécie de postulado. E isso manteve-o calado.

Quando, enfim, o sacerdote compreendeu que estava educando um futuro monge e não um futuro grande senhor, percebeu por que Nivaldo lhe havia feito mais perguntas em relação à vida religiosa do que às lições de latim.

Também adivinhou quando viu que ardia nos olhos do rapaz uma estranha luz. Em 1116, quando Nivaldo pôde enfim exclamar: “Tenho já dezesseis anos e vou a caminho dos dezessete!”, pediu a autorização do pai e a aceitação do abade Estêvão Harding. Sua persistência ganhou a ambos. Cavalgou altaneiro as quinze léguas de distância até Cister, e devolveu a égua ruana a Fontaines, dizendo:

— Acabaram-se para mim e para você as fugas, Dama. Enfim já sou maior!

Parecendo-se com Deus

Se Tecelino achava que seu filho estava impaciente para se tornar mais velho, Estêvão Harding achou-o muito mais impaciente para se tornar perfeito. Custou muito ao abade convencer o rapaz de que a perfeição religiosa, como todas as coisas no vasto mundo de Deus, se adquire passo a passo.

Certo dia o prior encontrou o abade sorridente e alegre. Ao perguntar por que sua euforia, recebeu esta resposta:

— E' por causa da natureza humana.

Ao dizer isso, sabia que dava uma resposta exata, pois seu sorriso era motivado pela natureza humana; mas sabia também que suas palavras não satisfaziam a curiosidade do prior, pelo que acrescentou:

— Hoje levei Nivaldo de Fontaines ao pé de minha frondosa azinheira para dar-lhe uma boa lição. Mostrando a velha árvore, disse-lhe: “Isto, Nivaldo, outrora foi uma bolota. Sim. Faz uns cem anos, lá pelos dias em que Guido de Arezzo descobriu a escala musical. Precisou de todos esses anos para alcançar sua perfeição atual. Nem sempre pôde, como hoje em dia, afrontar sem medo as tempestades nem fazer face aos tufões. Esta robusta azinheira cresceu lentamente, pouco a pouco, ano após ano. Deus faz assim com todas as coisas na ordem natural, e muitas vezes na ordem

sobrenatural. A perfeição religiosa só se alcança por um crescimento gradual. Se nos submetemos à graça de Deus, como fez essa planta, submetendo-se à terra, à chuva e ao sol, cresceremos e prosperaremos. Mas se tivermos demasiada pressa e procurarmos precipitar as coisas, somente conseguiremos estropiar as obras de Deus”.

— Continue a lição no mesmo tom por um espaço de tempo, disse o abade. Mas aos dezesseis anos essas lições não calham bem.

Nivaldo não gostou. Nesse momento eu ria comigo mesmo, pensando que tampouco agradam essas lições aos trinta e seis, aos quarenta ou aos cinquenta anos. Somos uma raça de homens impacientes, Padre Prior. Sinto que essa tendência é ainda forte dentro de mim, por isso não deveria ser intolerante com Nivaldo.

Essa idéia fez sorrir o prior, ao pensar que o abade, tão cordial e compreensivo, pudesse ter sido intolerante com alguém. Nivaldo também teria sorrido, porque Estêvão Harding era a amabilidade personificada. Durante um ano instruiu, admoestou, corrigiu e repreendeu suavemente o noviço que ia crescendo em idade e sabedoria. A maior parte das reprimendas originaram-se das imperfeições normais: a impaciência e impetuosidade de caráter.

Em 1117, depois que o noviço proferiu seus votos solenes, Estêvão Harding fez uma das coisas mais simpáticas de sua vida: enviou-o a Claraval para que vivesse sua vida religiosa junto ao irmão Bernardo, abade, e dos outros companheiros.

Nivaldo vibrava de alegria, e ao chegar a Claraval, encontrando-se com Guido, estendeu os braços e girando sobre si mesmo, exclamou jovial:

— Que tal lhe parece o hábito com que se veste o futuro senhor de Fontaines, Guido?

— Já deixou de ser o “futuro” para converter-se naquele que “poderia ter sido”, Nivaldo.

— Exato. Aquêlo que poderia ter sido o senhor de Fontaines, que teria sido o suficientemente louco para aceitar o “cavalo de Tróia” com que o presenteavam. “Tímeo Danaos et dona ferentes”: Temo os gregos ainda quando oferecem presentes. Mas como vê, fui bastante esperto para igualar-me aos meus irmãos mais velhos, e, como eles, mandei às favas terras e castelo.

Mais tarde Guido diria a Bernardo:

— Alegro-me, reverendo pai, pelo fato de observarmos estrito silêncio.

— Por quê? Por acaso está se dedicando totalmente à oração?

— Não tanto. Mas penso que, sem esse silêncio, todos nós receberíamos algumas alfinetadas de nosso irmão mais novo.

— Não se preocupe com Nivaldo, falou Bernardo com orgulho e bom-humor. Passará na frente. Talvez seja uma lástima que observemos esse silêncio, pois penso que alguns de meus irmãos mais velhos aprenderiam mais de uma coisa boa, ouvindo as argutas saídas do pequeno.

Bernardo e Guido tinham razão. Nivaldo foi para a frente e lhes disse mais de quatro verdades, como aquelas que seu primo Maurício teve ocasião de ouvir, quando em 1132, visitando o mosteiro de Claraval após seu regresso de Paris, encontrou-se com Nivaldo.

Estivera estudando na grande cidade, e, como é natural, sentia-se superior a seus primos monges. O excesso de cultura, o pedantismo sobretudo, costuma ser perigoso!

Sem ser convidado, Maurício começou a relatar acontecimentos cheios de colorido e interesse dramático. Relatou a horrível epidemia ocorrida em 1130, conhecida como o “fogo sagrado”.

Descreveu a Nivaldo a enorme catedral de Paris abarrotada de gente que rezava, enquanto na nave central jaziam trezentos empestados que procuravam inutilmente respirar naquela atmosfera densíssima. Depois contou a entrada triunfal da urña com os despojos de Santa Genoveva e como, no mesmo momento em que passava os umbrais do templo, os trezentos moribundos puseram-se de pé e ficaram completamente curados.

Naturalmente Nivaldo, ao ouvir isso, ficou boquiaberto.

Depois mudando de tom, narrou a coroação do jovem rei Luís, na catedral de Reims, pelo Papa Inocêncio II, no ano de 1131.

Com incrível colorido pintou ao monge que o escutava absorto a deslumbrante cena. Colocou o Papa e o rei sobre o estrado, rodeou-os com as cabeças mitradas e capas pluviais de treze arcebispos e encheu o fundo do cenário com as figuras de duzentos e sessenta e três bispos, vindos de

tôdas as regiões da cristandade. Referiu como o Papa molhou os dedos no mesmo óleo que São Remígio utilizou para o batismo de Clóvis.

Nivaldo ouvia-o impressionado.

Certo e orgulhoso do êxito que suas palavras logravam, Maurício mudou de tom pela terceira vez e com ares de grande superioridade explicou as conferências do brilhante Abelardo e do não menos loquaz Hugo de São Vítor. E assim prosseguiu sem parar, assombrando seu primo com as vivíssimas descrições dos acontecimentos. Quando lhe pareceu ter suficientemente pasmado o jovem monge, voltou-se para êle e perguntou com grande condescendência:

— E você, querido primo, o que fez durante êsses anos todos?

Nivaldo sorriu com calma e respondeu com grande suavidade:

— Procurei parecer-me com Deus.

Suas palavras produziram o efeito desejado. Maurício cambaleou como um balão murcho. De seus olhos desapareceu o fulgor da arrogância e de sua fronte o porte altivo. Todo o ar de superioridade que tinha exibido em seus modos desvaneceu-se ante aquelas palavras quase sussurradas: "Parecer-me com Deus..."

— Sente-se, Maurício, e não faça essa cara de assombro. Sente-se e escute, pois realmente tenho algumas coisas maravilhosas para lhe contar. Eu quero que você pense...

— Mas... mas... balbuciou o primo, isso que você disse há pouco é uma blasfêmia. Disse que lutou para se parecer com Deus...

— Sente-se, sente-se, insistiu Nivaldo. Eu explicarei tudo. E' melhor ouvir uma blasfêmia dos lábios de um humilde monge do que ouvir tôdas as heresias que ouviu dos lábios do brilhante Abelardo. Mas fique sabendo que eu não disse heresia alguma, embora possa não ter sido exato. Deveria antes ter dito que estive lutando por fazer-me parecido com Deus.

— Vem a dar no mesmo, censurou o primo.

— Olhe, Maurício, respondeu Nivaldo com grande naturalidade, eu não posso contar-lhe nada tão vivamente e tão dramaticamente como as cenas que me acaba de descrever. Minha vida nem sequer foi interessante nesses anos. Já passei três lustros neste mosteiro e passei-os na aborre-

cida monotonia dos cânticos, trabalhos e orações. Tôdas as minhas segundas-feiras foram idênticas aos domingos e tôdas as têrcas iguais às quartas-feiras. A próxima semana será essencialmente igual à passada, e dentro de dez anos, qualquer dia será idêntico ao de hoje. Durante quinze anos fiz sempre a mesma coisa, do mesmo modo, no mesmo lugar e com os mesmos homens.

— Isso é criminoso! exclamou Maurício.

— Já imaginava que iria dizer isso, replicou Nivaldo sem mudar de tom. Mas eu lhe asseguro que é também vivificante, alentador e capaz de transformar por completo a um homem.

— A mim parece mais uma estagnação, um apodrecer lento e irremissível.

— Resumindo, dir-lhe-ei que passo umas dezessete ou dezoito horas por dia em oração e penitência. Ou se quer em número exato: passo o dia inteiro em oração.

— Isso é impossível, retrucou Maurício altaneiro. Ninguém é capaz de se conservar o dia inteiro plenamente concentrado. E orar sem atenção não é rezar.

— Durante quanto tempo você seria capaz de conversar com... digamos com um homem como Hugo de São Vítor ou Abelardo?

— Ah! disse Maurício, recuperando seu tom de entusiasmo e superioridade, com homens como êsses seria capaz de conversar o dia e a noite inteira. Nem imagina você, Nivaldo, a inteligência privilegiada que ambos possuem! Pode estar certo de que seria capaz de falar, com êles, dias inteiros.

— Não lhe seria difícil manter-se concentrado? perguntou Nivaldo tranqüilamente.

— Com Abelardo e Hugo de São Vítor? Já se vê que você nunca os ouviu para fazer essa pergunta! Abelardo e Hugo são homens por demais interessantes. Êles cativam. Seria impossível distrair-se um instante quando se está em contacto com êles.

— Portanto, poderia conversar com êles dias e noites inteiros?

— Poderia passar a vida inteira conversando com êles, não duvide! afirmou Maurício com veemência.

— E você não crê que a inteligência de Deus possa ser igualada, ao menos, com a de seu Abelardo?

— Como?... O quê?... Abelardo?... O que está dizendo? De que está falando?

— Da oração, Maurício! Da oração! Rezar é falar com Deus!

— Deus não fala!

— Deus falou pela boca dos patriarcas e profetas e, finalmente, pela boca de seu Unigênito Filho, respondeu Nivaldo. E o universo não lhe diz nada, Maurício? As flores, os pássaros, as vozes das florestas, o murmúrio das águas, não lhe dizem nada? São mudos para você o sol, as estrelas, a lua, o mar?... Não ouve a grande voz de Deus no mundo da natureza? Pois eu ouço. E se com você não ocorre o mesmo, alegro-me então por ter vindo para Cister em vez de ter ido para Paris, porque consigo ouvir coisas para as quais seus ouvidos estão cerrados. Vejo coisas para as quais seus olhos estão cegos. Eu encontro Deus onde você apenas encontra terra, mar e céu!

— Você está delirando, Nivaldo! respondeu o primo com certo escárnio. Não fale como um sonhador. A vida é realidade! A vida é ação! A vida é a sociedade! O homem precisa do contacto dos demais homens e de aguçar a sua inteligência no choque com inteligências estranhas. Você está prejudicando a sua por falta de contraste. O homem só amadurece e produz, no bulício da vida. As inteligências só crescem e prosperam no mundo, com o choque das idéias. O que você precisa é de atividade, e porque isso lhe falta nunca chegará a parecer-se com Deus, como proclamou blasfemando, porque Deus é pura atividade.

— Vá! Você conhece alguma coisa sobre Deus? Bem! Muito bem! Felicito-o! Sabe alguma coisa também sobre o Filho de Deus?

— Claro que sim!

— Sabe onde nasceu Ele? Lembra-se como transcorreram os primeiros trinta anos de sua breve existência? Lembra-se, por acaso, onde, como e por que morreu?

— Sou católico, atalhou Maurício, com indignado movimento de cabeça.

— Se assim é, por que negar então que eu me estou parecendo com Deus? Jesus nasceu na obscuridade, exceto três anos, sua vida inteira transcorreu na obscuridade, e, finalmente, morreu de morte infame para conseguir com ela a graça divina para o homem. Isso não é poesia, Maurício,

é História! Agora, olhe a semelhança: você admite minha obscuridade e caçou de minhas palavras, chamando-as infames. A única coisa que lhe falta ainda admitir é que consigo a graça divina para os homens.

Enquanto enumerava os pontos de seu paralelo, Nivaldo golpeava a mesa com os punhos. Depois, olhando fixamente para seu primo, disse:

— Bem, estou parecendo com Deus ou não?

Maurício só pôde emitir um som ininteligível.

— Você está vendo, Maurício, insistiu Nivaldo num tom mais conciliador. Os efeitos chamam a atenção mais que as causas. Pode ficar extasiado contemplando uma flor, e nem sequer dar uma olhada para a semente. Esse imenso mosteiro deleita seus olhos com a harmonia, a proporção e a perfeição de seus detalhes, não é mesmo? Mas teria de vê-lo em pleno processo de construção! Que revolução! Por toda parte jaziam grandes pedras sem lavrar e vigas de todos os tamanhos; restos de madeira num canto, fragmentos de pedras noutro canto. Argamassa, ferros retorcidos e oxidados em toda a extensão do vale. Era alguma coisa de espantar... E' o mesmo com a vida, Maurício! Você admira o homem que alcançou a santidade. Reverencia quem realmente chegou a alcançar a Cristo. Esse caráter acabado agrada-lhe muito, e, no entanto, não parece o processo de construção, os elementos que entram na fabricação de um santo, os passos de gigante que dá sobre as montanhas, as colinas e vales profundos e obscuros, indispensáveis para todo aquele que pretende alcançar a Cristo. E' um erro lamentável e muito frequente. A gente quer o produto terminado; mas nega pagar o preço que custa para ser produzido. E' triste. Triste para a humanidade e para Cristo, pois é uma forma de cegueira...

— Que está você insinuando? Quer dizer que nós todos deveríamos tornar-nos lenhadores ou lavradores? Insiste talvez que toda a França deva tornar-se cisterciense? Acredita que só quem se dedica a trabalhos manuais e canta hinos, os misantropos, melancólicos e rudes habitantes de um vale profundo ou de um pântano infecto podem servir a Deus? Pensa que é necessário que nós todos tosemos as cabeças para salvar nossas almas? Diga!

— Claro que não, pois do contrário você não estaria tão formoso se raspasse essa formosa cabeleira — brincou Nivaldo, enquanto passava a mão na tonsura monástica —

e suas finas mãos brancas encher-se-iam de calos e de bô-lhas de sangue se fôssem recolher o estêrco no curral ou cortar lenha. Você nunca seria um bom monge, nem eu o aconselharia a tentar essa vida. Vi muitos homens, com o temperamento igual ao seu, chegarem e saírem. Pouco aproveitaram de sua estada aqui no mosteiro. Antes temo que lhes fôsse prejudicial. Não deve ser agradável no fim da vida ver-se perseguido pelos fantasmas do que poderia ter sido. Não, Maurício, não quero que o mundo se converta num mosteiro. Queria antes que o mundo tivesse uma idéia exata do que seja a vida monástica. Isso agradaria também a Deus! E muito! Um homem instruído como você deve entender o que eu quero dizer. Sabe o que significa o prefixo "monos". Significa "um, uno, só, solitário". Portanto, ter uma mentalidade monástica significa ter compreendido totalmente o significado das palavras de Cristo: "Uma só coisa é necessária". O mal é que a maioria dos homens considera a vida como um cálice que se deve esgotar até o fim. E não é isso! E' uma medida que deve estar cheia!

— Cheia de quê?

— Do melhor dos dons de Deus: o amor.

— Amor?

— Amor, sim! E em primeiro lugar do amor de Deus. O que você deu a Deus durante todos êsses anos em que esteve em Paris?

A pergunta foi como um raio. Nivaldo deixara seus modos humildes e seu corpo todo ficou tenso.

— Que dei eu a Deus? balbuciou Maurício.

— Aí está! interrompeu-o Nivaldo rapidamente. Não sabe responder, gagueja, vacila e fica surpreendido com minha pergunta. A idéia de "dar alguma coisa a Deus" é tão estranha, não é mesmo? Que vergonha, Maurício, que vergonha! Durante anos e anos andou pelas catedrais e escolas, ouvindo termos sobre Deus sem aprender nada de Deus. Não sabe que fomos criados para dar?

— Só para dar? perguntou Maurício, incrédulo.

— Só! Só para dar! Para dar glória a Deus. Para dar amor a Deus. Que fez Cristo na terra?

— Salvou a humanidade!

— Isso eu pensava também. Mas nunca ouviu dizer que ofereceu uma satisfação a Deus?

— E' a mesma coisa.

— E' o mesmo e não é ao mesmo tempo, observou Nivaldo. Insistimos egoisticamente em que Deus se fez homem por causa do homem, o que é certo. Mas não de todo adequado. Fêz-se homem por causa de Deus e por Deus. E' o que ignoramos freqüentemente.

— Não vejo a diferença.

— E' esta: você crê que Ele veio somente como Salvador, esquecendo-se que o fez também como modelo, para ensinar-nos a cumprir o único fim da criação que é glorificar e adorar a Deus. Essa grande diferença nos faz cientes de que devemos ser adoradores e glorificadores do Deus glorioso. Deus criou-nos para si, não para nós mesmos e nos faz compreender que nossa primeira obrigação não consiste tanto em salvar nossa alma, como em conhecer, servir e amar nosso Deus. Tudo isso você já ouviu algum dia, mas sem compreender sua verdade. Porque fomos criados para amar a Deus, posso afirmar que durante quinze anos me fui parecendo com Deus. Passei êsses quinze anos como Cristo passou os trinta e três de sua vida: "fazendo as coisas que agradam ao pai" e não aquelas que agradam a mim.

— Você olha o homem do ponto de vista de Deus, observou Maurício pensativo.

— Exato. Olho o homem do ponto de vista de Deus, porque não existe outro ponto de vista donde possa olhá-lo. Mas ao mesmo tempo olho também Deus desde o ponto de vista do homem. Maurício, Maurício, se já lhe tivesse ocorrido alguma vez pensar na grande desilusão que deve causar a Deus êsse tempo em que vivemos! A Igreja está em pleno cisma; os mesquinhos governos católicos, em guerra; a sociedade, envenenada de anticlericalismo. O que Deus obtém da raça humana criada à sua imagem e semelhança? O que obtém do homem tirado do puro nada com o fim primordial de manifestar sua glória e comunicar sua bondade? Que desastre se tornou tudo isso! Há monges que não vivem em seus mosteiros; abades que não governam suas abadias; mosteiros completamente antimonásticos. Aquêles que juraram pobreza vivem na opulência; aquêles que juraram castidade não guardam a pureza; aquêles que juraram viver como vítimas não buscam mais que suas comodidades, seu prazer e sua complacência sensual. E' horrível!

Maurício contemplava a exaltação do seu primo que lhe descrevia o mundo, e respondeu com grande calma:

— Em Paris aprendi uma coisa muito importante, Nivaldo. E' perigoso generalizar com afirmações levianas, universais e contundentes. Podem ser negadas com suma facilidade.

— Muito obrigado, pela indireta, querido primo! replicou Nivaldo prontamente. E como você parece que quer dados concretos, aí vão: Os cardeais da Santa Madre Igreja gastam meses e meses disputando, enquanto nós, suas ovelhas, andamos extraviados, pois enquanto um pastor afirma que o Papa é Inocêncio, o outro nega e tem por Pontífice a Anacleto. Qual a consequência? Que a Igreja está desnorteada de alto a baixo. Por quê? Por causa do orgulho. Por causa da avareza. Os homens são ambiciosos. Imperadores, reis, duques, condes, barões usurpam os poderes do Santo Padre e se permitem nomear bispos, arcebispos, abades, párcos à sua vontade. Por quê? Por avareza, por orgulho! Porque são ambiciosos!... Rogério da Sicília reúne um exército para apoiar a causa de Anacleto. Por quê? Por princípio? Nada disso! Por política. Porque lhe parece pequena demais a coroa de duque e aspira a cingir a de rei! Isso é orgulho. Isso é avareza! Isso demonstra o homem fútil. Guilherme de Aquitânia é na França o único que não se submete a Inocêncio. Por quê? Por princípio? Nada disso! Por vingança e rancor! Como o seu favorito Geraldo de Angoulême foi despojado por Inocêncio de sua dignidade e poder de legado apostólico, Guilherme vinga-se repudiando o sucessor legal de Cristo-Rei. Isso não é outra coisa senão o orgulho e demonstra como o homem é ambicioso. O dinheiro e a falsa ambição regem a Igreja!... E, no entanto, que faz Arnaldo de Bréscia, discípulo de seu admirado Abelardo? Ataca a fundo a estrutura eclesiástica, espalhando a semente do anticlericalismo. Há muitos prelados imensamente ricos. Ninguém pode negar. Por isso fundou-se Cister. Por isso floresce Claraval. Nós representamos o protesto contra a falta de pobreza, de humildade da Igreja e do mundo. Mas o que pretende Arnaldo de Bréscia? Separar o espiritual do temporal, divorciar completamente a Igreja do Estado, numa palavra, separar a alma do corpo! O homem perdeu a razão. Penso que aí você tem uns dados concretos. E expostos por alguém que não pisa o mundo há quinze anos!

Maurício mostrou-se incomodado, movendo-se em sua cadeira, enquanto Nivaldo prosseguia:

— Talvez agora, depois de lhe expor esses fatos particulares, você me permitirá fazer uma afirmação geral. O homem é orgulhoso! O homem é avarento! O homem é ambicioso, glutton, cego. O dinheiro fascina e a paixão do poder cega. Está perdido pelas preocupações deste mundo, esquecendo-se totalmente das preocupações do outro. O homem não se importa com Deus, Maurício, e, em seu egoísmo estúpido, não compreende que está se esquecendo de si mesmo.

Nivaldo fez uma pausa. Maurício assombrado pelo quadro realista traçado pela ardente palavra de seu primo, a quem considerava fora da realidade, teve a suficiente perspicácia para compreender que Nivaldo via muito mais fundo do que êle e reconheceu isso com grande sinceridade.

— Nivaldo, disse com um tom de humildade contido até então, você está me abrindo os olhos. Realmente utilizamos os termos e esquecemos as verdades que representam. Na verdade é muito pouca a glória que damos a Deus.

— O que proporcionamos a Deus são as dores! murmurou Nivaldo, abismado naquele momento em seus pensamentos dolorosos sobre Deus e o mundo. Temo, Maurício, que no mundo haja muita cultura e pouca sabedoria. Temo que os povos andem confundindo os fins com os meios.

— Como?

— Que convertem em fim coisas que não passam de meios para fins mais elevados. Repare em minha vida. O que você viu e o que vê você? Não olhava mais que meios e só via trabalhos manuais, silêncio, solidão e o canto dos salmos. Olhava e só via obscuridade e com essa falsa impressão tirava as consequências. Poderiam deixar de ser falsas? O que viu são só meios, não fim. Servem para me ajudar a parecer-me com Deus. Toda a vida monástica em si não é um fim! Jamais! E' um meio de ligar-me mais estreitamente a Deus que me criou. Por isso digo-lhe que você e todo o mundo mudarão de conduta quando aprenderem a distinguir os fins dos meios, quando aprenderem a utilizar os meios tais quais são. Não é preciso mudar de estado de vida, querido Maurício, para salvar a alma e glorificar a Deus. Não. Você, e milhões como você, terão de mudar de estado de ânimo.

— Crê que deveríamos pensar mais em Deus?

— Sim. Você poderá continuar seus estudos junto às cátedras dos sábios de Paris, mas sem se esquecer que culti-

va sua inteligência para Deus, que Iha concedeu. Não, o mundo não é mau, Maurício. São maus seus povoadores. Raras vezes fazem as coisas por Deus, e isso é mau para eles e para Ele. Pobre Deus! Quão poucos benefícios recebe de sua grande criação!

— Como estranho vê-lo compadecer-se de Deus!... E' algo insólito!

— Tenho o coração esvaado de pensar n'Ele! disse Nivaldo com voz entristecida. Por isso fiz os cinco votos. Por isso jurei viver pobre, puro, obediente a um abade, dei-xei meus costumes mundanos e morrerei monge neste mos-teiro. Pense bem, Maurício! Ele criou os exércitos angélicos, e muitos se rebelaram. Ele criou um homem e uma mulher: pecaram. Remiu o gênero humano com seu nascimento numa estrebaria e sua morte numa cruz, e a humanidade continua seu caminho de egoísmo, de esquecimento de Deus e de pecado. Oh! pobre Deus! Se milhões de homens se dizem cristãos, quantos cristãos verdadeiros existem? Nossa civi-lização chama-se civilização cristã, mas onde está a paz que deveria existir entre os seguidores do Príncipe do Amor e da Paz? Onde está o mútuo amor que deveria assinalar seus discípulos ante a face do mundo? Sim, Maurício, tenho o coração destroçado de pensar em Deus. E também estou cheio de pena por todo o gênero humano. Quando quererá aprender?

— Talvez logo, se o ouvisse falar...

Nivaldo pôs-se a rir.

— Não, Maurício, não são as palavras, mas o exem-plo a arma da reforma. Eu tenho esperanças, muitas espe-ranças para um futuro imediato.

— E em que se baseiam? Na heresia, no cisma ou na cegueira da nossa época? Como pode ser tão otimista, de- pois de pintar um quadro tão terrível da vida humana?

— Maurício, você não percebeu que Cister, sem pre- gar, sem ensinar se está tornando a mestra?

— Refere-se à influência extraordinária de seu irmão Bernardo?

— As palavras de meu irmão Bernardo careceriam de va- lor se as pessoas não pudessem contemplar sua vida e ver que ele não busca outra coisa que a glória de Deus e o bem dos homens. A voz de meu irmão Bernardo não seria mais que o rufar de um tambor se atrás d'ele não es-

tivesse Cister! Não contamos ainda cinquenta anos de exis- tência e já temos noventa mosteiros espalhados desde a Es- cócia e Noruega, até a Itália e Espanha. Não vê que Cla- raval com menos de vinte anos de vida já tem vinte e três casas filiais? A pobreza, a pureza, a humildade estão des- pertando o mundo de seu orgulho, de sua sujeira e de seu desmedido afã pelas riquezas. A consciência de Deus nos ho- mens que cavam a terra em silêncio e solidão estão sacudin- do o mundo e surpreendendo os povos que começam a com- preender o esquecimento em que Deus foi relegado. Sim, Maurício, minhas esperanças são tão grandes e tão altas como os mais altos píncaros dos Alpes!

— Outra vez me dá a impressão de que quisera converter o mundo todo num vasto mosteiro cisterciense.

O jovem monge apoiou o queixo na mão e, pondo o braço sobre a mesa, olhou seu primo com firmeza:

— Você tira-me do sério, querido primo. Quando irá captar o espírito das coisas sem fixar-se em sua forma ex- terior? Veja: meu pai morreu como irmão-leigo. Passou só dois anos em Claraval. Mas já pensou que êsses dois anos foram a soma total de toda a sua vida religiosa? Absoluta- mente não! Levou a vida inteira consciente de Deus. Sendo conselheiro do Duque da Borgonha louvava e glorificava a Deus, fazendo o mesmo quando estava na guerra justa como quando estava silencioso como irmão-leigo neste claustro, por- que conhecia todos os seus deveres na vida. E minha mãe era uma santa! Tinha o coração cisterciense. Deus era o seu centro. Foi uma mãe modelar, porque soube que Deus que- ria que fôsse isso e nada mais que isso. Como se lembra, o castelo de Fontaines não tinha nada de convento. Contudo aí ela se santificou, e tenho sérios motivos para duvidar se algum de seus filhos ou sua única filha alcançará a pro- ximidade dela com Deus. Você pode ser um santo e um grande santo, vivendo como estudante e como nobre no meio da sociedade, somente mudando seu modo de pensar e seus motivos. Viva na dependência de Deus, realize todas as coi- sas para O honrar e O glorificar, e chegará à santidade. Compreende?

— Pois... bem... sim... vacilou em responder Maurício.

— E eu vejo que não. Mas não me dou por vencido. Dir-lhe-ei o seguinte: O mosteiro não é para todos. E' essen-

cial para alguns e ajuda a outros. Mas não é para todos. Quanto a mim, posso afirmar que, se tivesse ficado em Fontaines, teria sido "um pobre menino rico", rico por possuir bens, dinheiro, prestígio e poder; pobre por me faltarem as coisas que constituem a verdadeira riqueza. Em troca, aqui em Claraval, sou o "rico menino pobre", pois tendo a Deus, tenho tudo. Estou-me fazendo como Deus.

— Está-me causando inveja..., murmurou Maurício, pondo-se de pé para ir-se embora.

— Sômente procurei fazer com que tenha um pouco mais de juízo, sorriu Nivaldo. Lembre-se do que disse São Paulo, Maurício: "Portanto qualquer coisa que façais, quer comais, quer bebais, fazei-o para a glória de Deus". Ponha isso em prática sempre e será um bom cisterciense, no meio do mundo, pois êsse é o nosso fim: glorificar a Deus. Os meios específicos são só meios. Lamento que Bernardo esteja ausente. Ele teria gosto de encontrar-se com você...

— E eu alegro-me de que não esteja, replicou o primo. Sua presença foi quem me afastou por muito tempo dêsse vale. Todos dizem que êle magnetiza. Ouvi dizer que por onde êle passa as mães ocultam seus filhos e as espôsas seus maridos. Povoaou êsse vale à custa de despojar os lares.

Nivaldo soltou uma gargalhada.

— Já vejo que o mundo continua afeiçoadíssimo a exagerar. Pode dizer a essas espôsas que não queremos seus maridos, e a essas mães que não nos fazem falta seus filhos. Não somos destruidores de corações, nem perturbadores dos lares. Somos tão sômente uma oficina onde se recrutam quantos queiram parecer-se com Deus.

Falando de Bernardo, chegaram até à portaria, onde o cavalo esperava pacientemente Maurício. Nivaldo olhou os freios cheios de prata e o arreio coberto de adornos, e dando umas palmadas no pescoço do animal, disse:

— Pobrezinho! Tudo em ti denota nobreza, fortaleza e vitalidade, e apesar disso te enfeitaram como se fosses uma mocinha... Aí você tem, Maurício, um bom exemplo da diferença entre o aparente e o verdadeiro espírito. Se não perdi o conhecimento sôbre cavalos, êsse é um animal magnífico. Mas seus arreios são degradantes para êle. Pense bem nisto durante seu regresso. Cada vez que o sol reverbera nesses freios ou se reflita nos adornos da sela, pergunte: — Qual é o espírito de Claraval e de Cister? Que se oculta

atrás de suas formas externas? Talvez isso o faça ter mais consciência de Deus. Boa viagem, primo! Muito obrigado pela visita. Com ela proporcionou-me um nôvo estímulo para continuar vivendo só por Deus e para Deus.

Maurício montou a cavalo. De cima, olhando para o monge, disse:

— Aviso-lhe, Nivaldo, que pretendo voltar. Quero averiguar quão estúpidos são os mortais. Muito obrigado.

Virou o animal, espicçou-o com as esporas, e Nivaldo pôde ver a beleza no movimento, quando o soberbo corcel, estirando o pescoço e sacudindo a crina airoosamente, se afastou a trote largo através do vale.

O cavaleiro ladrão

Quando Bernardo regressou de sua campanha em favor do Papa Inocêncio II, Nivaldo contou-lhe os pormenores da visita de seu primo Maurício.

O abade sorriu repetidas vezes enquanto o escutava, e quando Nivaldo terminou dizendo: "Despedi-o, assegurando-lhe que a prata e os adornos dos arreios deveriam servir-lhe para recordar que "uma só coisa é necessária"... , Bernardo soltou uma gargalhada.

— Indubitavelmente, suas receitas contêm muito purgante, meu bom doutor Nivaldo. Espero que não tenha dado a morte a seu paciente. Às vezes os médicos exageram a dose e deixam o paciente muito pior do que estava antes. Contudo, alegro-me que tenha abaixado um pouco o topete de Maurício, pois sempre foi algo pedante. Mas, diga-me: você ouviu alguma vez falar a respeito de um cavaleiro ladrão?

— Isso não existe! replicou Nivaldo rindo. Um ladrão não pode ser cavaleiro por maior que seja sua cortesia, e, se é um cavaleiro, não pode ser ladrão.

— Ouviu falar de Hugo d'Oisy?

— Hugo d'Oisy?... Hugo?... Ah! já sei... Hugo d'Oisy é o escândalo de Cambraia...

— Diga melhor: "foi o escândalo". Devo dizer-lhe que se tratava do escândalo mais cortês que conheci em minha vida. A polidez acentuava cada uma de suas palavras e de seus gestos, a cortesia parecia emanar de sua pessoa... Hugo era, na realidade, a encarnação da cortesia.

— E, apesar disso, um assassino.

— Isso era o que diziam e o que eu lhe disse na primeira vez em que lhe falei no ano passado. Tratei-o pior do que você tratou Maurício.

— E o que conseguiu? Concedeu-lhe uma parte de seus pensamentos?

— Não. Concedeu-me uma parte de suas terras. Quer que estabeleçamos em Vaucelles, nas margens do Escalda, nas planícies de Cambraia, uma colônia de monges de Claraval.

— E o senhor vai aceitar?

— Se vou aceitar? A abadia está construída. E você irá para lá.

— Para um ninho de ladrões, hein?

— Você sabe que se podem fazer restituições, contribuindo para fins piedosos. Creio que verdadeiramente entramos nessa categoria. De qualquer modo, dê-me suas sugestões sobre o que deve ser um mestre de noviços. Resuma isso em poucas palavras.

— Em poucas palavras?... Pois não! O mestre de noviços é o encarregado da desmama.

— Encarregado do quê? exclamou Bernardo.

Nivaldo pôs-se a rir diante do assombro do irmão.

— Falei da desmama, porque seu maior trabalho consiste em desmamar do mundo os postulantes e noviços. Ao meu ver é uma tarefa para homens "masculinos".

Bernardo reclinou-se em sua cadeira e olhou seu irmão com um brilho bailando nos olhos.

— Não está mal, juvenzinho, não está mal. De modo que para você o noviciado não é outra coisa que o processo de desmama do mundo?

— Exatamente. E, a julgar por alguns velhos exemplares que temos aqui, nem sempre o êxito acompanha o processo. Um mestre de noviços deve fazer desaparecer todos os sabores do mundo e todo o gosto pelo mundo. Se não o conseguir, fracassou.

— E como você pensa que deveria fazer?

— Proporcionando tão doce dose de Deus aos noviços que qualquer coisa que cheire a mundo lhes cause repugnâncias.

— E' um conceito muito vasto, comentou Bernardo com um olhar atento.

— Sei. Mas nesta comunidade há alguns velhos monges que não se sentem perfeitamente felizes, porque seu mestre de noviciado não soube proporcionar-lhes êsse sabor de Deus. O senhor sabe que há idéias exatas e idéias equivocadas sobre Deus. Um mestre de noviços deveria ater-se exclusivamente às idéias exatas e queimar as equivocadas até convertê-las em cinza.

— E você, pelo que vejo, faria isso com violência.

— Pode estar certo. Alguns esquecem, ou talvez nunca o tenham sabido, que Deus é o nosso Pai. Lembre-se um pouco de nosso pai. Houve alguém com um conceito mais rígido de justiça do que Tecelino, o Barba-Ruiva?

— Creio que não, respondeu Bernardo, observando atentamente seu irmão mais novo.

— Pois bem! Sentiu alguma vez medo de enfrentá-lo, mesmo quando cometeu alguma travessura? Tinha medo em comparecer diante dele?

— Não! replicou Bernardo lentamente. Creio que nunca senti medo, embora sumamente envergonhado.

— Isso é assim mesmo! exclamou Nivaldo. Temor? — Não! Nunca! Vergonha, sim! Vergonha? — Está certo! Não pensa, então, Bernardo, como muita gente pinta a Deus? Pintam-no como vingador. E isso é horrível, injusto e totalmente falso. Talvez no Antigo Testamento apareça assim alguma vez. Mas que versão nos dá Jesus Cristo nos Evangelhos? Diz que Deus é nosso Pai. Se essa idéia é incrustada na mente dos noviços, essa nossa vida, tão dura, converte-se em glória. O temor excessivo evapora-se; o amor ardente penetra.

— Mas o temor é o princípio da sabedoria?

— O temor que o senhor e eu tínhamos de ofender papai, sim, mas não qualquer outra espécie de temor.

— Você entrincheirou-se atrás da idéia da paternidade, hein?

— Nunca o estarei bastante. Há duas idéias principais sobre Deus: Deus nosso Pai, e Deus nosso Soberano. Se as tomarmos cegamente, a vida será gloriosa e a morte mais gloriosa ainda. E quanto ao juízo, por que haveria de atemorizar-me à idéia do juízo quando o Juiz é o meu Pai?

— Quem foi seu mestre de noviciado, Nivaldo?

— Foi uma mulher.

Bernardo levantou a cabeça bruscamente. Dirigiu a seu irmão um olhar penetrante e o viu sorrir diante do efeito dessa declaração.

— Está bem, Nivaldo, sorriu irônico o abade. Far-lhe-ei as perguntas que deseja responder. Quem foi essa mulher?

— Nossa mãe Alice de Montbar, senhora de Fontaines, respondeu Nivaldo orgulhoso e triunfante. Ela colocou os alicerces de nossa vida espiritual quando nos deu a idéia exata sobre Deus. Ela foi nosso “mestre” de noviços, um “mestre” perfeito. Treinou-nos magnificamente.

Os olhos de Bernardo iluminaram-se diante do entusiasmo do irmão. Era verdade que a mãe os havia preparado bem para a vida religiosa. Sorriu com seu sorriso contagiante, e disse:

— Nivaldo, você sempre nos surpreende com suas idéias inesperadas, mas certas. Mamãe preparou-nos. Por que então não lhe dá o título mais acertado: “mestra” de noviços?

— Porque não o foi, respondeu Nivaldo rapidamente. Disse que foi mestre e não mestra, porque em seus ensinamentos nunca houve nada que não fôsse virilidade vigorosa. O elemento feminino nunca interveio nela. Num mosteiro não há lugar para delicadezas femininas.

— Parece-me que está você insinuando alguma coisa. Que é?

— Não corra demais, respondeu Nivaldo com um tom de voz mais sério. O senhor começou essa conversa, mas eu vou fazer uso de minhas prerrogativas de benjamim da família para dizer-lhe uma coisa que há muito tempo queria dizer. Insisti sobre as idéias exatas que se devem inculcar sobre Deus, oração, sacrifício e cavalheirismo, tais como nossa mãe nos transmitiu. Mas, às vezes, quando o ouço falar no Capítulo, dá-me vontade de berrar como eu fazia em casa quando queria alguma coisa. Lembra-se como eu gritava: Mãe, Mãe, Mãe?

Bernardo pôs-se a rir, ao ver como Nivaldo imitava perfeitamente a sua própria voz de menino, com os gestos e tudo.

— Lembro-me de tudo. Mas por que tem vontade de chamar pela mãe em pleno Capítulo?

— Por causa de sua forma de pregar. Naturalmente o senhor conhece a comunidade melhor do que eu, e suponho que conhece também suas necessidades. Mas às vezes não

expõe as idéias adequadas sobre Deus. Acentua mais sua vingança. E com seu ardente estilo retórico, com sua queda para a hipérbole, exagera no colorido e no modo de dizer. Isso não produzirá nenhum bem duradouro. Mamãe não aprovaria isso nunca. Nem eu aprovo.

Bernardo aproximou sua cadeira da mesa e respondeu ao irmão:

— Você não é o primeiro, Nivaldo, a criticar o meu estilo. Muitos são da mesma opinião em julgá-lo exagerado. Talvez, em meu esforço em ser vigoroso, me exceda algumas vezes. Mas você precisa compreender que o temor é sempre necessário para alguns e em algumas ocasiões para todos.

— E' possível. Mas não para todos permanentemente. E logo, o terror não é necessário para ninguém. E contudo, seus sermões, alguns, estão calculados para aterrorizar os ingênuos. Essa é, na minha opinião, uma atitude equivocada com respeito a Deus, Bernardo. Deus é um juiz infinitamente justo, sei. Contudo insisto: é nosso Pai. Se o senhor estimula o cavalheirismo antes de incutir o temor servil, fará alguma coisa de grande. Fará o que deve ser feito. Essa insistência sobre o Juiz severo e inexorável, o terrível e vingador, o olho sempre vigilante, o espia que tudo vê e tudo ouve, é contraproducente. Amargura a vida e torna a morte uma coisa aterradora. Nós, os monges, não devemos ser movidos pelo terror. O amor, o cavalheirismo e a devoção para com o Pai são as forças motrizes.

— Mas, Nivaldo, não diga que eu não falo do amor...

— Nunca falará demais sobre ele, meu irmão. Perguntou-me qual o meu conceito sobre um mestre de noviços. Disse-lhe que era um encarregado da desmama, e sabe bem por quê. Temos de arrancar dos noviços os gostos mundanos, e produzir nêles uma verdadeira fome de Deus. Isso é um processo de substituição. Não se tira de um lactente o peito da mãe, dizendo-lhe que é insípido e nauseabundo. Não. E' necessário proporcionar-lhe outro alimento que se compare ou lhe seja superior ao paladar. Compreende o que eu quero falar?

— Penso que sim.

— Pois não o esqueça nunca. Às vezes, quando o senhor fala dos prazeres do mundo, da riqueza, da alta posição, da ambição, do poder, fico indignado quando o ouço.

O senhor vitupera tôdas essas coisas de um modo bastante néscio. Os prazeres do mundo são verdadeiros prazeres. Não se esqueça, Bernardo. O senhor fala dêles como se representassem dor. O dinheiro é dinheiro, e traz poder. A posição é posição, e traz influência. O prestígio é prestígio e a honra é honra, a reputação é reputação. E vituperá-los não muda os fatos. São bons. Podem ser grandes bens. Tudo o que o senhor diz contra êles parece-me o comentário que a rapôsa fêz das uvas: "estão verdes..."

Bernardo achou graça e, sorrindo, disse:

— Começo a suspeitar que todos os meus sermões não são do agrado de meu irmão mais novo.

— De meu agrado?... Às vezes quase fico doente quando os ouço. E' impossível, Bernardo, fazer com que alguém deixe de comer açúcar dizendo-lhe que não é doce. Limitar-se-á a prová-lo e a chamar de bôbo a quem disse tal coisa. O mesmo ocorre com os prazeres mundanos. São agradáveis, pois do contrário o homem não correria atrás dêles. Não se dedique a dizer aos homens que só são dolorosos.

— Bem, e que faria você? perguntou Bernardo, acenando a palavra "você" de propósito.

— Pois eu faria com que o homem deixasse o açúcar, dando-lhe algo mais doce. Não lhe diria que o açúcar não é doce. Poderia convencer-se com mais facilidade de que eu sou um embusteiro. Dir-lhe-ia que o mel é mais doce e faria com que o provasse para me dar razão. O mesmo faria com os noviços. Desmamá-los-ia do mundo, não lhes dizendo que o mundo é terrível. Isso é uma mentira. Mostrar-lhes-ia que o outro mundo é mais maravilhoso do que este. Arrancaria sua afeição ao movimento, aos torneios, aos sarauas, às riquezas, não porque são coisas más — o que seria mentira — mas proporcionando-lhes uma ação mais elevada, convidando-os para um torneio mais nobre, mostrando-lhes maiores riquezas e inflamando-os de uma ambição mais alta e levando-os para um sarau mais amável. Eu lhes proporcionaria um gôsto, uma sede e uma ânsia mais ardente de Deus, seu Pai, e os faria correr com mais afã atrás de Cristo.

— Vejam, vejam só, parece que meu irmãozinho se aca-lora com êsse tema, hein? Donde tirou tôdas essas idéias?

— Meditando em todos os seus erros...

— Muito bem! aprovou o abade. Sou demasiado retórico. Exagero. Insisto demais no temor. Não exponho as idéias exatas sobre Deus... Que mais?

Nivaldo ficou vermelho. Mas seus olhos não piscaram ao se encontrarem com os de Bernardo:

— O caçula falou assim, Bernardo, porque lhe quer muito bem. O monge de Claraval fala porque lhe quer muito, como muito lhe querem todos em Claraval, e o seguidor de Cristo fala porque ama a Deus. Compreende?

— Perfeitamente, Nivaldo. Não o estava censurando. Resumia. Sempre aprendo mais em meus erros do que em meus triunfos. Digo-lhe a verdade. Um amigo franco representa sempre uma ajuda maior que um exército inteiro de adutores falsos. Que mais notou você?

— Bem, antes de responder, quero esclarecer uma coisa. Eu não disse que o senhor expôs idéias equivocadas sobre Deus. Creio que nunca o fêz. Mas creio que algumas vezes carrega com tintas fortes, ao referir-se à sua justiça, ou melhor, não chega a equilibrar seu quadro com um retoque sobre a misericórdia. Mas agora vou responder-lhe com sinceridade. Digo-lhe que se fôsse mestre de noviços, depois de propagar as idéias devidas sobre Deus, expor-lhes-ia as idéias verdadeiras sobre êles. E' aí que penso que o senhor erra.

— Como?

— Eu sou uma criatura, não é mesmo? Uma criatura de Deus, um produto da Onipotência, não é, Bernardo?

— Naturalmente.

— Então como posso ser chamado: "nada"? Como posso pensar que não tenho nenhum valor? Será que a Onipotência iria incomodar-se em criar algo que não tivesse nenhum valor? Será que Deus se fêz homem e morreu por êsses seres que são "nada" e valem ainda menos?

— Um momentinho, jovem — interrompeu Bernardo. — Quando insinuei eu semelhantes falsidades?

— Sempre, com sua constante insistência sobre a humildade, respondeu Nivaldo, mostrando certo ar guerreiro. O senhor insiste em que a humildade é uma virtude que me levará a considerar-me desprezível.

— E não é?

— Não sou! A não ser que a imagem e semelhança de Deus seja algo assim.

— Devagar, Nivaldo. Está esquecido da queda dos nossos primeiros pais e a ferida que recebeu nossa natureza? Esquece-se dos pecados pessoais e a ferida que isso representa para Deus?

— Tenho isso tudo muito presente, Bernardo. Mas desde quando as feridas fazem alguém desprezível? E desde quando o Sangue salvador de Cristo deixou de conseguir lavar o pecado? Fui um pecador e ainda estou cheio de pecados; a concupiscência é inata em mim. Mas tudo me foi perdoado e combato para manter dominados meus instintos. Continuo sendo um filho de Deus e luto com afinco para alcançar a Cristo. Sim, sou filho de Deus, filho pródigo, se assim quiser, mas em todo o caso, filho. Mas agora diga-me: o que há de desprezível em tudo isso?

— Você não é um animal?

— Não sou um sôpro de Deus?

— Ah! você focaliza tudo em Deus!

— Não! Você é que está focalizando tudo para o lado do homem pecador e, por conseguinte, está errado, Bernardo. Será minha alma desprezível?

— Não.

— Meu corpo será desprezível?

— Tem más tendências.

— Tem? Penso que quando nossa natureza foi ferida por Adão e Eva, nossas inteligências se obscureceram e nossas vontades se enfraqueceram. Não seria essa ferida o pecado original? E quando Deus quis remir a raça decaída, não adotou uma natureza humana? E não foi crucificado seu corpo humano? Que há de vil nisso? Nada! Não diga a meu corpo que ele é desprezível. Nunca! Eu prefiro dizer-lhe: Lembra-te, pó, que tu és meu esplendor!

— Concedo, falou Bernardo, afastando-se da mesa. O corpo humano é a obra-prima da Onipotência Criadora. A alma humana um sôpro da Divindade. Mas eu sou desprezível em vista do uso que fiz do meu corpo e de minha alma.

— Está bem. Eu também lhe concedo isso, porque vem a ser assim: "Eu não sou essencialmente desprezível. Se o sou, é porque pequei".

— Precisamente, respondeu Bernardo, golpeando a mesa. Deus não me fez indigno. Eu assim me tornei.

— Foram perdoados esses pecados?

— Espero que sim.

— Então onde está a indignidade?

— Estamos-nos desviando do assunto, Nivaldo. A humildade é uma virtude. E' a virtude característica da ordem. Humildade é verdade...

— Então diga a verdade, interrompeu Nivaldo com os olhos flamejantes. A humildade é a nossa característica. Mas a verdadeira humildade não é o desprezo de si mesmo. Ouça, Bernardo! Que humildade teremos de conseguir, a sua ou a de Jesus Cristo?

— "Aprende de mim que sou manso e humilde de coração", são suas palavras. São palavras de Jesus Cristo e não minhas.

— Muito bem. Agora, diga-me, quando, onde ou em que ocasião, disse Jesus que Ele era desprezível?

— Você leu alguma vez êsse versículo que diz: "Sou um verme e não um homem"?

— Sim. Mas não saíram dos lábios de Cristo. Nem sequer está no Nôvo Testamento.

— Mas fala de Cristo.

— Sim, mas não dêle como era em si mesmo, nem de como se tornou, mas tão somente de como permitiu ao homem brutal tratá-lo na Paixão e na Cruz. Não, Bernardo, não posso estar de acôrdo com você. A humildade de Cristo não se apóia na indignidade. E é a sua humildade que temos de imitar. Seu nascimento foi humilde assim como sua posição social. Seu trabalho, humilde e sua morte, sumamente humilde. E essa humildade não imitaremos perfeitamente com o dizer: "Não sou nada", "não valho nada", "não sou mais que um ser desprezível". Mas dizendo: "Sou um cisterciense".

— Aonde vai você parar?

— O senhor e eu nascemos num castelo. Moramos agora no vale de Wormhoudt. Éramos de nobre linhagem e estávamos destinados a ocupar o lugar dos nobres na sociedade. Veja agora. Somos menos que servos. Vivíamos em tais circunstâncias que julgávamos nunca ser preciso sujar as mãos com o trabalho, vivendo sempre na alta sociedade. Repare agora em nós. Não vê que nossa humildade essencial se apóia em abraçar e amar êste estado baixo, não pelo que somos, mas pelo que Cristo fez. Eu sou um escravo, um trabalhador do campo, um sapador, um solitário silencioso, porque Jesus Cristo nasceu em Belém, morou em Nazaré e morreu

no Calvário. E esse é o único motivo! Não pelo que eu tenha sido, nem pelo que sou agora, mas pelo que Deus é. O senhor estava dizendo que a humildade é a verdade; eu digo que é amor. O senhor diz que ensina ao homem o seu verdadeiro lugar: o último, o ínfimo, o mínimo. Eu digo que, com efeito, nos mostra qual é o nosso lugar: o de um nobre cavaleiro que se entrega até o último alento a seu Salvador. A humildade olha até Deus, não até o homem. E mediante ela, o homem vê o domínio supremo de Deus, reconhece sua absoluta dependência. Tal é o meu conceito da humildade. E' uma virtude que me faz cair de joelhos para adorar o Supremo Ser, para agradecer-lhe o que sou, para pedir-lhe o que necessito, para dizer-lhe que lamento o que tenho sido. E' uma virtude que me converte em adorador. Seu conceito sobre a humildade faz-me... não sei... deixa-me doente...

— Há muita verdade no que você diz, Nivaldo, mas nossa ordem é a humildade da abjeção.

— Já sei o que é, mas em que consiste a abjeção? Em dizer mentiras sobre a criatura que Deus criou? Ou consiste no trabalho de servos, na aparência do mais pobre campônio, no alimento de porcos, no leito de um proscrito, na posição de um escravo sem nome?...

— A virtude está no interior, Nivaldo.

— Sim. E a humildade cisterciense se lança temerariamente e com todo o coração a uma vida baixa e humilhante, não porque a merecemos, isso não seria mais que uma justiça, mas porque o Filho de Deus aceitou isso antes de mim.

— Volta para a mesma tecla do amor, comentou Bernardo, franzindo a testa.

— Naturalmente, e qualquer virtude que não me leve a ele ou não emane d'ele não é virtude. A humildade é só um meio para nos fazermos como Cristo. Ouvindo-o, Bernardo, penso às vezes que você é um meio para nos tornarmos mais vis que as serpentes. Mas supondo que o senhor esteja certo e eu errado, poderá dizer-me se a insistência constante e a contínua consideração de minha baixaza podem ajudar-me em meu afã de parecer-me com Deus?

— Penso que sim; afastam-no da fonte de todo pecado, o orgulho.

— E me colocam na oficina do demônio, que é a preguiça. Se chegasse a convencer-me totalmente de que nada sou,

nada valho, de que só sou um ser desprezível, por que haveria de incomodar-me? Com que haveria de lutar para conseguir a perfeição?

— Com o poder de Deus. E isso é precisamente o objetivo pelo qual prego a humildade como faço. Você fala, Nivaldo, como se tivesse feito alguma coisa. Fala como se a santidade dependesse de você.

— Pare aí, Bernardo, interrompeu o irmão mais novo. Permita-me que lhe diga duas coisas nas quais quero que medite. A primeira é que o maniqueísmo ensina que o corpo é vil; e isso é uma heresia. A segunda é que a Igreja ensina que o homem pode realmente merecer. Portanto, se a santidade depende totalmente de Deus como o senhor parece insinuar, e o céu depende da santidade, então eu não posso merecer o céu, e isso é outra heresia. Pense nisso bem. Mas já é tarde... Deixe-me dizer somente que ainda que o senhor tivesse razão, estaria errado em pregá-la continuamente.

— Por quê?

— Porque deprime, desanima e entedia. Não há nada que agrade mais ao demônio que essas três coisas. Ergamos o espírito, Bernardo; alente-nos, inspire-nos, envie-nos ao trabalho com o coração cheio de canções e as mentes vibrando com a consciência de que com essa vida cisterciense podemos glorificar a Deus. Isso é o que deveriam fazer suas práticas no Capítulo. Você está aqui para edificar, isto é, construir e não demolir. E sua insistência em minha vileza hereditária é demolidora. Se eu fôsse mestre de noviços, lutaria por três coisas...

— Quer fazer o favor de trocar uma palavra dessa frase antes de prosseguir, Nivaldo?

— Qual?

— A primeira. Troque esse "se eu fôsse". Diga: "como vou ser mestre de noviços"...

— Mas, Bernardo...

E, surpreendido, o irmão mais jovem agarrou-se à beira da mesa com ambas as mãos.

— Mas, Nivaldo...

E Bernardo, rindo, imitou o tom de voz do irmão.

— Oh! Não! Bernardo, isso não! Com um na família que prepare, é suficiente. O senhor é abade aqui. Basta um Fontaines. Por favor!

— Oh! Não! Não vai ser aqui, Nivaldo, mas lá em Vaucelles, na propriedade que nos doou o cavaleiro ladrão, Hugo d'Oisy. Mas acabe a frase que começou; estou impaciente por ouvi-la.

— Eu, porém, não estou ansioso por completá-la, gaguejou Nivaldo com o espanto desenhado nos olhos.

— Coragem, homem, coragem. Você fascinava-me. Pensei que gostasse da notícia. Proporciona-lhe a ocasião de pôr em prática tôdas as suas teorias; uma oportunidade de evitar todos os erros.

— Indo para longe de você, de André e de todos...

— Bem, não falemos disso. Explique-me êsses três pontos, por favor! Esta tarde você me abriu os olhos para uma quantidade de coisas. Não feche a cortina agora que começo a vislumbrar a melhor perspectiva do dia. Vamos!

— Está bem, suspirou Nivaldo.

Havia desaparecido, porém, a vivacidade de sua voz e a animação do rosto do jovem. Continuou:

— Tentaria expô-las brevemente...

— Vai expô-las... corrigiu Bernardo.

— Tentarei expor, prosseguiu Nivaldo, as idéias adequadas sobre Deus e sobre a sua devoção.

— Quanto lamento tê-lo interrompido. Gostaria de escutá-lo falar sobre a devoção com seu ardor acostumado.

— Pois olhe: resumidamente consiste nisso: nada de exibições, nada de exterioridades. Somos gente fervorosa, Bernardo, mas isso não significa necessariamente que sejamos beatos. Eu lutarei por incutir em meus noviços uma devoção para com Deus tranqüila, profunda, forte, viril e oculta. Meu objetivo será cultivar as devoções com a mínima mostra de ostentação nas práticas piedosas externas. Não me agradam porque não fio nelas. São demasiado femininas. Nos homens de verdade existe algo instintivo que os faz render seu culto mais profundo e seu mais profundo afeto o mais oculto e silenciosamente possível. A principal devoção de meus noviços será prestar um cavalheiresco serviço a Deus. Sem barulho, mas contínuo, forte, silencioso, estável e bem fundamentado. Mais parecido com os rochedos das colinas eternas, do que com a passageira flor primavera, ou o relâmpago das tempestades.

— E como propõe consegui-lo?

— Proporcionando aos novos um espírito forte.

E continuou, animando-se por um momento:

— Bernardo, Bernardo, nós somos cavaleiros do Deus Altíssimo. O cavalheirismo para com o nosso Soberano é o espírito que deveria animar a todos. Deveríamos ser coragem e inteligência tanto na observância externa como na interna. Deveríamos ter até a medula dos ossos impregnada do afã de dar, dar e dar a Deus, nosso Pai. E aqui é que entra nossa humildade característica. Não pode haver humildade sem humilhações, diz o senhor, e tem razão. Mas que humilhações? As de nossa vida, nosso trabalho, nosso alimento, nosso hábito, nossa casa. Por que aceitá-los com os braços abertos e com o coração ardendo? Não porque eu tenha sido um pecador. Não porque eu seja desprezível. Nada disso! Sômente porque Jesus carregou uma coroa de espinhos e suas mãos e seus pés foram traspassados e seu lado aberto. Sômente porque Ele foi despojado de suas vestes antes de mim. Essa é a prova mais afrontosa e dolorosa de toda a Paixão. Imagine! O Deus todo-poderoso, despojado de suas vestes diante de suas criaturas. Por isso eu me despojo do nome de família, de bens, de fama, de posição social e de toda a possibilidade de adquirir nesta vida alguma coisa que não seja a glória de Deus. Abraço qualquer outra humilhação que me venha dos homens, e a abraço de boa vontade, porque, como disse ao meu primo Maurício, Deus Pai obtém uma mísera recompensa por seu prodigioso fiasco na criação. Os anjos caíram. Adão caiu. Os homens crucificaram Cristo no ano 33 e continuam crucificando sua Igreja no ano 1133. E' Deus! Oh! Deus para mim e para meus noviços.

As lágrimas brotavam dos olhos de Nivaldo, ao golpear a mesa com os punhos, repetindo:

— Deus! Deus! Deus!

Bernardo rodeou com os braços o pescoço de seu irmão, encostou seu rosto nas faces de Nivaldo, e através da neblina de suas lágrimas e dos soluços exclamou:

— Faça assim! Faça tudo por Deus e Ele o abençoará aqui e na outra vida! Irmãozinho, você acaba de proporcionar-me uma das maiores lições de minha abadia. Nosso espírito é cavalheirismo para com Deus.

Depois, afastando-se, enxugou as lágrimas e acrescentou:

— Sòmente um ponto, e seu plano será completo. Lembra-se de meu sermão no Capítulo: “Respice Stellam” (Olha para a Estrêla) “Et voca Mariam” (E chama por Maria)?

Nivaldo fêz um sinal afirmativo.

— Você planeja um noviciado cavalheiresco. Está muito bem. Então dê-lhe uma Rainha a quem os noviços possam amar. Proponha-lhes Maria. Faça com que eles dêem a Jesus através dela e que obtenham de Jesus por ela. Nas dificuldades, nas dúvidas, nas provações ou nas tentações, que olhem para a Estrêla e chamem por Maria. Ela nunca os abandonará se eles não a abandonarem primeiro. Você partirá amanhã, Nivaldo.

— Tão depressa?

— E’ melhor assim. Nesta noite poderá avistar-se com nossos irmãos. Poderá falar com todos. Poderá dizer-lhes adeus. Pode ser o último, pode também não ser. Isso está nas mãos de Deus. Não cometa os erros que eu cometi. Irei visitá-lo quando puder. Agora pode ir. Vê-lo-ei pela manhã. E muito obrigado por algumas idéias esplêndidas e por algumas verdadeiras inspirações. Será um bom mestre de noviços, Nivaldo. Duro, não áspero; doce, mas firme; entusiasmado, mas de modo algum exagerado; e, melhor que tudo, viril. Deus o abençoe!

E, levantando a mão, traçou o sinal da Cruz sôbre seu irmão mais nôvo.

Promessas não cumpridas

Nivaldo partiu na manhã seguinte, e durante três anos inspirou tal fervor aos noviços de Vaucelles, que muitos membros da Ordem começaram a dizer que êle levava vantagem à seu irmão como modelador de homens.

Insistiu em suas idéias e engendrou o espírito varonil. Vaucelles tornou-se tema obrigatório em Claraval e Cister sempre que os abades e priores se reuniam. Aquela comunidade formava uma unidade mais perfeita que nenhuma outra, e quantos visitassem o mosteiro maravilhavam-se com o seu ambiente de enérgica observância. Nivaldo preparou inúmeros nobres cavalheiros para Deus e quem fôsse perspicaz podia logo distinguir que ali se encontravam homens mais sinceramente humildes do que em Claraval.

Para Bernardo foi uma revelação. Começou a dar crédito ao programa estimulante de seu irmão mais nôvo, e ca-

çoando começou a chamá-lo: o “encarregado da desmama”.

Após seu regresso da Itália e visitas às obras dos novos edifícios de Claraval, Bernardo visitou Vaucelles em 1135. Durante sua permanência, chamou à parte Nivaldo e disse-lhe:

— Parece-me que você têm demasiado êxito como mestre de noviços, Nivaldo. Terei de tirar-lhe o cargo.

O irmão pôs-se a rir e exclamou:

— E o êxito é a causa de uma deposição? Isso eu não sabia! Mas o senhor é o abade e deve ter lá suas razões.

— Não pense que é invenção minha. Não leu por acaso a frase que diz: “Porque fôste fiel no pouco, constituir-te-ei no muito”?

— Não comece com rodeios e diga-me logo do que se trata.

— O Duque Cõnon da Bretanha...

— Por acaso, outro cavaleiro-ladrão? perguntou Nivaldo com um sorriso.

— Não. Agora não! Desta vez trata-se de um chefe. Quer que se estabeleça um mosteiro em seus domínios. Prometeu os terrenos, edifícios, o gado e uma renda para a manutenção. Estou por demais ocupado com os assuntos do Papa para poder ir pessoalmente. Você irá como prior. Continue com seu procedimento e modele em algumas almas generosas o espírito cavalheiresco que glorifique a Deus.

— Oh! então o senhor se converteu? Ou continua ainda insistindo que o homem é um ser desprezível?

— Sua memória é que continua desprezível, Nivaldo! replicou Bernardo vivamente. Alegro-me por morar o Duque Cõnon tão longe. Os caçulas das famílias são como uns insetos molestos... Espero e desejo que você goste de Buzay. Vá o mais cedo que puder. Irei vê-lo quando me fôr possível.

Assim era o temperamento de Bernardo. Mas Nivaldo não se importava, pois era um soldado sempre disposto para as batalhas. Escolheu doze monges com os quais se dirigiu para a Bretanha. Encontrou o terreno doado pelo duque. Mas não encontrou o duque, porque estava ocupado nas guerras contra os vizinhos.

Os edifícios eram pobres casebres. Não havia uma só cabeça de gado. O terreno jamais fôra cultivado. Nivaldo olhou para seu mosteiro e depois para a sua comunidade. Sorriu-lhes e eles responderam-lhe com outro sorriso.

— Ou me engano redondamente, ou haveremos de dar muita glória a Deus neste lugar. Estais dispostos?

Todos os semblantes se iluminaram. Todos consentiram e dois ou três arregaçaram as mangas, dispostos a começar logo o trabalho.

— Muito bem, falou Nivaldo. Faremos um grande trabalho.

Até três anos mais tarde ninguém poderia dizer que Nivaldo tinha razão. Em 1138, um ano depois que terminou o terrível cisma, o abade de Claraval pôde visitar Buzay. Ficou assombrado, ao ver os olhos fundos e o rosto descarnado de Nivaldo, suas roupas tornadas em molambos e suas mãos em estado lastimável.

— Que estêve fazendo nesses anos? Dedicou-se a fazer penitências extraordinárias? Você está um desastre!

— Estou estupendamente bem! respondeu Nivaldo com alegria.

— Onde está a comunidade?

— Colhendo morangos no bosque.

— Morangos?... exclamou Bernardo. Mas que acontece?

— De algum modo é preciso manter unidos alma e corpo, Bernardo, disse sorrindo Nivaldo. Os morangos foram muito úteis êste ano.

— Leve-me ao estábulo! ordenou Bernardo, em tom severo.

Nivaldo fez um sinal negativo com a cabeça.

— Para que irmos ao estábulo se não há uma só cabeça de gado?

— O quê? Não há gado?!... Mas então do que viveram?

— De morangos.

— Mas...

— Nada de "mas"... atalhou Nivaldo. A situação é esta: a terra não tinha sido cultivada até nossa chegada. Cada ano rende mais. Mas as colheitas são ainda muito escassas. O Duque não nos presenteou com gado algum nem contribuiu para o nosso sustento com um só ducado. A verdade é que não o vi desde que chegamos nem uma vez. Há três anos que está na guerra.

— Mas você também, hein? falou Bernardo amuado. Isto vai-se acabar. Amanhã mesmo irei ver o Duque Cónon, e lhe direi o que penso a respeito de suas promessas não

cumpridas. O que não posso compreender é por que não me disse antes. Nossa vida deve ser austera, mas não tanto que tenhamos de morrer de fome. Estou decepcionado.

Nivaldo coçou a cabeça e, com a fronte franzida, olhou para Bernardo com ar cômico e perguntou-lhe:

— Não ouviu alguém dizer alguma vez em alguma parte a pena que causa uma cabeça coroada de espinhos e que tenha membros tão débeis? Eu, parece-me ter ouvido, ou então minha memória me trai. Tenho uma vaga idéia de quem falou era um homem fraco, com grandes olhos e cabelos louros, a quem se costuma dar o nome de abade de Claraval...

— Tudo tem o seu limite, Nivaldo, respondeu Bernardo com um tom de voz compungido. Isto aqui é indigência, não é pobreza.

— E que foi o Calvário? Que é o cavalheirismo para com um Deus ultrajado? Nenhum de nós morreu. Sofremos, é certo. Mas creio que, com nossos sofrimentos, contribuimos para a extinção do cisma. Seu irmão mais moço deve de algum modo participar de suas obras maravilhosas, ouviu Bernardo?

— Está bem. Reconheço que você participou de minhas obras. Mas agora o cisma está terminado e a mesma coisa vai suceder com esta situação. Amanhã sem falta irei ver o Duque. Pode ir-se preparando para voltar com a comunidade para Claraval. Buzay deixa de ser uma fundação cisterciense por causa das promessas não cumpridas.

Bernardo estava furioso e decidido a acabar com a fundação; mas não quis fazer isso sem antes dizer uma porção de verdades ao Duque. No mesmo instante em que Bernardo ordenava a seu irmão que se preparasse para voltar a Claraval, Hermengarda, a mãe de Cónon, dizia a seu filho que o grande abade cisterciense se encontrava em Buzay, e que a cortesia exigia que fôsse imediatamente para lá, a prestar suas homenagens ao homem mais poderoso da Europa.

Embora ao Duque interessasse mais a guerra que os cumprimentos, reuniu apressadamente uma escolta e galopou até Buzay.

Fôra com a intenção de ser cortês; mas não teve ocasião de demonstrá-lo, porque no mesmo instante em que Bernardo o viu deu rédeas soltas à sua cólera. O Duque teve de suportar naqueles dez primeiros minutos uma saraivada

de dardos como não havia suportado durante os três anos de guerra. Bernardo disse-lhe que os cistercienses eram angélicos, mas não anjos; que tinham corpos de carne e ossos para alimentar e muitas coisas mais. Que o valor de um homem está no cumprimento de sua palavra e não em outra coisa, e terminou assim:

— O senhor provou que não vale nada, porque sua palavra carece de valor. A comunidade volta para Claraval e essas terras voltam para as mãos de um homem incapaz de manter suas promessas.

O Duque demonstrou ser um homem melhor do que Bernardo esperava. Golpeou o peito, reconheceu sua falta e acusou-se de egoísmo. Suplicou sinceramente que lhe concedesse outra oportunidade:

— Meu Ducado tem mais necessidade de um mosteiro do que de minha própria pessoa e eu necessito mais de homens que rezem do que de guerreiros. Se não tem compaixão de mim, tenha ao menos de meu povo.

Bernardo não se deixava comover.

— Rezaremos por seu povo, lá de Claraval mesmo! foi a resposta desabrida.

Mas naquele momento adiantou-se Nivaldo e com grande calma tomou a palavra:

— Aqui tenho uma valorosa companhia de cavaleiros de Deus, Bernardo. Atravessamos a mais dura campanha imaginável, e, apesar disso, conservamos o bom-humor. Estamos dispostos a ficar e até ansiosos para isso. Por que não conceder ao Duque a oportunidade de mostrar que é um verdadeiro duque e a nós a oportunidade de mostrarmos nosso amor a Deus?

Que podia Bernardo fazer?... Os monges ficaram. O Duque cumpriu a palavra e Buzay floresceu.

Fidalgos procuram o céu

Em 1146, Bernardo chamou para perto de si o “encarregado da desmama” e comunicou-lhe que o ia converter em construtor.

— Guido já se foi para Deus, e você precisa partir para a Normandia. Dizem que é uma terra formosíssima. Vá e procure nas proximidades da cidade de Vire um pedaço de terra, onde nos autorizem a construção do mosteiro de So-

leuvre. Veja que se construa conforme a mais estrita simplicidade cisterciense. Sabe qual o nosso plano. Esforce-se também para que a comunidade observe todos os nossos costumes. De nada adianta um mosteiro ser construído no estilo cisterciense se os monges não o forem também. Apresse-se em realizar tudo, porque pudei precisar de você antes que termine o ano para outro trabalho além dos Pireneus. Conheci na Alemanha uma princesa castelhana que tem o belo nome de Sancha. Pediu-me que enviasse uma colônia de monges até o sul. Talvez eu faça isso. E se assim fôr, será você quem irá.

Nivaldo sorriu alegre.

— Está bem, Bernardo. De “encarregado da desmama” o senhor me converteu em construtor. E de “construtor” em que me converterá? Em escalador de montanhas?

— Sim. Mas terá também de descê-las. Terá de subir os Pireneus, descer a Navarra, cruzar as terras de Burgos e chegar até Palência. A Infanta Sancha, irmã do rei Afonso, tem um feudo perto daquela cidade, chamado “Santos Espinhos”. Deseja que nos estabeleçamos nêle. Você gosta dos espinhos, não é mesmo?

— Sim, e gosto da Espanha. Parece-me que êsse rei Afonso está fazendo uma guerra magnífica contra os mouros.

— Por Deus! exclamou seu irmão, tapando os ouvidos com as mãos. Não me fale de guerras! Esta cruzada está me tornando louco. Percorri a França inteira e esvaziei cidade após cidade de todos os seus combatentes. Fiz o mesmo na Alemanha. E' alguma coisa de grandioso contemplar multidões inteiras inflamadas de santo ardor. E' emocionante ouvir como todos pedem a cruz. Contudo, dói-me o coração ao entregá-la. Porque dos milhares que partiram, nem todos hão de voltar.

— Essa é a guerra! exclamou Nivaldo. E que modo glorioso de morrer!... Por Deus, só por Deus!

— Eu sei. Mas as espôsas e as mães que ficam e não morrem?

— Será muito triste, é verdade. Mas será uma tristeza gloriosa.

— Não falemos disso, Nivaldo, estou farto dessas coisas...

— Coragem, Bernardo! Sua campanha na Germânia permitiu-lhe ao menos conhecer a Infanta Sancha, e talvez pos-

sa permitir-me atirar os fidalgos espanhóis em procura dos céus.

— Você é um otimista incorrigível. Vá para a Normandia, e eu lhe comunicarei se a Espanha precisa ou não de um “encarregado da desmama”. Pelo que pude averiguar sobre o país, penso que se precisa mais de um semeador que semeie almas para Deus. Disseram-me que os mosteiros estão muito relaxados. Agora, marche! Veremos o que nos trará o futuro.

Não havia ainda transcorrido o primeiro mês do ano de 1147, quando Bernardo enviou seu irmão para escalar os Pireneus. Palência, situada a nordeste da Espanha, ofereceu a Nivaldo um país novo e um novo clima que o revigoraram. Tornou a sentir-se jovem e entusiasta e deu a Castela uma comunidade maravilhosa de monges cavaleiros.

Achava-se no apogeu de seu vigor e inteligência. Todas as extravagâncias da juventude estavam dominadas. A excessiva energia de sua maturidade achava-se perfeitamente dominada e os erros cometidos em Cister, em Claraval, em Vaucelles, Buzay e em Soleuvre serviam de atalaia para sua conduta. Seu espírito amadureceu nas condições mais desfavoráveis para um homem: amadureceu nas adversidades. Agora era um mestre seguro de si mesmo, certo em seu caminho na vida cisterciense. Todas as interrogações de seus anos juvenis haviam obtido respostas e inclusive passara pela prova mais árdua da terra: sua aplicação prática. Agora era um verdadeiro e nobre cavaleiro de Deus. Nada restava nele de ostentação, nada de ruído, nada que chamasse a atenção. Sua devoção era tão firme como as estrelas e tão profunda como o mar. O benjamim da família Fontaines crescera a ponto de alcançar o porte da honradez cristã. Na Espanha demonstrou não ser só o “semeador” mas o “encarregado da desmama”, pois não só lançou os fidalgos espanhóis em busca do céu, mas sacudiu o torpor e a indiferença em numerosos mosteiros que se conformavam com as atitudes tibias no serviço de Deus. Naturalmente seu serviço exigiu esforços e dores, como todas as grandes empresas. Os “Espinhos” justificaram seu nome, ao cravarem-lhe agudas pontas na fronte, quando o exemplo de seu cavaleiresco serviço de Deus fez com que os monges de Toldanos se separassem do mosteiro de Carracedo, do qual dependiam, pondo-se debaixo da autoridade dos cistercienses.

Como é natural, Nivaldo navegava num mar de confusões. A luta entre os monges brancos e pretos não era novidade para ele. Mas doía-lhe ser motivo de atrito entre a família real. Ao se inteirar que a Infanta Sancha escrevera a seu irmão Bernardo, aconselhou-o a pôr toda a sua confiança na ilustre dama e dirimir a questão conforme seus desejos.

Quando Bernardo respondeu nesse sentido à Infanta, Nivaldo tornou-se ainda mais querido dos habitantes do palácio real de Castela. Dona Sancha e dona Elvira agradeceram a delicadeza com que se submeteu a seus desejos e o cavalheirismo com que Bernardo evitou as lutas internas. Afonso VII, quando soube do assunto, disse que tudo não passava de uma tempestade num copo d'água, acrescentando que Nivaldo era um completo cavaleiro.

E o rei tinha razão. E não passaram muitos anos sem que os Toldanos se incorporassem à Ordem sem ofensa aos monges de Carracedo.

Morreu o mais nobre cavaleiro da Espanha

Poucos anos depois, toda a Península Ibérica estava impregnada do espírito de Cister.

O rei Afonso de Portugal sobrepujou em muito o seu homônimo de Castela, pois não só pediu monges e doou mosteiros, como também praticamente converteu todos os seus domínios em feudos de Claraval.

Ao saber disso, a Infanta Sancha de Castela elevou os olhos para o céu, sentindo o legítimo orgulho de haver sido a primeira pessoa que chamou a atenção da Península para os monges brancos de Cister e agradeceu fervorosamente a Deus o ter-lhe enviado Nivaldo, que, com sua encantadora simplicidade e seu religioso cavalheirismo, cativou toda a Espanha. Portugal não fazia outra coisa que seguir seu chefe. Um dia o rei de Castela encontrou sua irmã desfeita em prantos.

— Sancha, disse-lhe docemente, Sancha, minha amada irmã, o que se passa? Qual o motivo desse pranto?

A Infanta levantou os olhos, e o rei percebeu toda a beleza daqueles formosíssimos olhos negros, dos quais brotava uma torrente de saudoso pranto. Enxugando-os com um lenço, respondeu:

- Senhor, morreu o mais nobre cavaleiro da Espanha!
- Qual? perguntou o rei com sincera ansiedade.
- Nivaldo de Fontaines!

A resposta da Infanta, apesar de sua tristeza, tinha um quente tom de carinhosa admiração.

— Não é possível! respondeu assustado o monarca. Ele era ainda um homem nôvo!

— Tinha mais de sessenta anos, embora seu coração fôsse tão jovem como o seu espírito. Que pena, senhor! Sente-se um pouco e falemos do último membro da família Fontaines. Castela amava-o sinceramente.

— E amá-lo-á sempre, Sancha. Nós, os castelhanos, não o esqueceremos. Nivaldo lançou nossos fidalgos em busca do céu. Pegava as almas e as convertia em espadas. Depois tomava as espadas e as convertia em cavaleiros de Deus. Fêz com que meu reino tivesse consciência de Deus. Como poderei esquecê-lo? Como poderão esquecê-lo meus vassalos? Era o homem sobrenatural mais natural que conheci. Simples, sincero, reto como uma lança! Considero justíssimo o título que lhe deram. Nivaldo de Fontaines era o mais nobre cavaleiro da Espanha!

— Quanto me alegra ouvi-lo falar assim, senhor. Nunca suspeitei que o amasse tanto.

— Os cistercienses estão transformando a Europa, Sancha. O fim dêsse século vai ser o contrário do seu começo, graças a um punhado de homens que tiveram a coragem e o valor de suas convicções e despojando-se de todo o superfluo, começaram uma vida sobrenatural. Creio que compreendi o espírito de Cister. Creio que conheci seu sêgrêdo. A pobreza em seu aspecto mais puro. A humildade em sua maior profundidade. A simplicidade em sua maior nudez. Admitem toda a classe de homens e fazem-nos ser sinceros com Deus, coisa que só os santos podem conseguir. Nós, os homens, raras vezes somos completamente sinceros. De uma ou de outra forma, a hipocrisia parece fazer parte de nossa natureza. Esses monges brancos parecem tê-la desarraigado do seu ser. Como freqüentei muito pouco a companhia de Nivaldo e rara vez estive em "Espinhos", você mesma dirá se interpretei bem tudo.

— Muito melhor do que eu! respondeu a Infanta com os olhos brilhando de júbilo. Também eu pouco convivi com ele e estive em "Espinhos" menos vezes do que desejava

ter estado, pois um dia me falou com suas maneiras cortesias, do abade Estêvão Harding que proibiu ao Duque Hugo de Borgonha visitar a clausura nos dias festivos. Embora o dissesse com grande delicadeza, compreendi sua intenção. Eu era bem recebida em "Espinhos", mas não devia abusar dêsse acolhimento. O senhor analisou-o muito melhor do que eu, que, por ser mulher, penso mais com o coração do que com a razão. Em Nivaldo e em sua comunidade percebi a santidade sem saber por quê. Tudo o que aprendi dêle foi que a vida nos foi dada para realizarmos um ato de amor e que êsse ato depende exclusivamente de um ato de fé. Um dia disse-me uma frase muito bela: "A fé vive nas coisas mais obscuras, como a esperança vive nos elementos mais desesperadores". Frequentemente pensei nela, achando-a absolutamente certa.

— Penso que é um resumo de sua existência, já que a vida religiosa e o espírito religioso têm de ser, no seu fundamento, um ardente ato de fé. De que vivem êsses homens? Sômente da fé!

— A qual eleva suas esperanças e converte suas vidas num prolongado ato de amor, completou a Infanta. Lembro-me também de outra frase belíssima: "Minha mãe proporcionou-me a mais sólida preparação para chegar a me parecer com Deus. Foi ela que pôs firmíssimos fundamentos".

— Falava muito em sua família? perguntou o rei, desejoso de prolongar aquela conversa que fazia tão feliz sua irmã.

— Não, embora eu costumasse perguntar. Mas averigüei muito pelo que não dizia. A luz que brilhava em seus olhos, as pequenas pausas que fazia em suas conversas, expressavam muito mais do que poderiam dizer suas palavras. Adorava a seu pai, a quem chamava o "nobre de Deus".

— Ouvi falar muito sôbre Tecelino, o Ruivo, disse o rei pensativo. O Duque de Borgonha dizia que era a alma mais sincera que encontrou em sua vida. Foi leal até a última gota de seu sangue, honradíssimo e temerário no serviço do Duque e mais santo que um anacoreta. Deve ter sido um sujeito estranho. Morreu em Claraval, não é mesmo?

— Sim, como irmão leigo. Imagine, senhor! Um nobre como êle, tornar-se irmão leigo! Isso sim que é um ato de fé!

— Eu diria melhor: um ato de amor! E' quase incrível. Bernardo não era o seu orgulho nem elle tampouco era o favorito de Bernardo. Falava com muito mais orgulho de André e Geraldo. Considerava Bernardo um extremista. Naturalmente estava orgulhoso d'ele. Mas penso que gostava mais de André. Costumava chamá-lo "o chistoso". Segundo Nivaldo, não havia coisa, pessoa, acontecimento ou situação que não provocasse um comentário saboroso de André. Jamais áspero ou azêdo, mas fino, profundo, e, como dizia Nivaldo, "chistoso". Suspeito que Geraldo foi o mais alegre e feliz da família. Quando se referia a elle, Nivaldo chamava-o o "sorridente Geraldo", em quem sempre se pode confiar.

— Eu só os conheço pelo que me contaram; mas pelo que ouvi d'elles, a minha favorita é Umbelina.

— E' natural! Não podia ser de outra forma, porque o senhor é homem, respondeu Sancha rindo.

Também o rei sorriu.

— Talvez tenha razão no que diz, Sancha. Mas pense no sacrificio que fêz. Era casada, e dizem, a mulher mais admirada e invejada do Ducado.

— Essas são conversas dos homens, disse Sancha com ironia.

— O que Nivaldo lhe falou dela?

— Talvez o senhor fique surpreso, e eu destrua seu ídolo. Mas já que deseja, dir-lhe-ei que Nivaldo uma vez me disse que Umbelina "era o maior homem da família".

— Homem?... Mas dizem que era maravilhosamente formosa!

Sancha sorriu alegremente.

— E era mesmo. Nivaldo admitia e, quando um irmão admite a beleza de sua irmã, podemos estar certos de que devia ser de uma beleza deslumbrante. O que Nivaldo queria dizer é que Umbelina tinha o espirito mais forte que todos os irmãos.

— Então devia ser algo terrível, comentou o rei Afonso com um sorriso melodioso, porque Bernardo foi um furacão, e do próprio Nivaldo não se pode dizer que tenha sido uma brisa suave. Família extraordinária! O irmão mais velho abandonou a esposa e as duas filhinhas, o mais novo renunciou ao castelo, à fama, às riquezas e todos se tornaram...

— Santos! interrompeu-o Sancha.

— Não ia dizer tanto, Sancha, disse o rei sorrindo.

— Pode dizer. Em Borgonha todos os consideram santos. Até o próprio Nivaldo costumava chamar Bartolomeu o "santo".

— Isso pode ser orgulho familiar e orgulho local.

— Dê o nome que quiser. Mas eu, sem ser borgonhesa, sempre falarei d'elles como de santos, e presumo que o mais novo santo da família Fontaines foi espanhol. Adotamos Nivaldo no momento em que atravessou os Pireneus. Que Claraval conserve o seu corpo! Castela e Leão conservarão seu espirito! Foi o cavaleiro mais nobre da Espanha.

— Bem, bem, bem, exclamou o rei alegremente. Minha irmã se apaixonou... Se Nivaldo inflamou todos os espanhóis como a inflamou, teria de nomeá-lo senhor do reino.

— Isso não espero nem quero. Mas dir-lhe-ei, senhor, que inflamou o povo mais do que o senhor supõe. Quando fôr conhecida sua morte, haverá uma grande demonstração de dor. Já poderá o senhor preparar-se para dela participar. O ato de fé do meu pequeno santo está consumado. Passou a vida preparando-se para a morte, e estou convencida de que sua morte trará uma nova vida católica para toda a Espanha. Obrigada, meu senhor e meu irmão, por esta prosa consoladora. E peçamos a São Nivaldo por nossas intenções.

— Fá-lo-ei, Sancha, disse o rei, tomando as mãos de sua irmã nas suas, inclinando-se para beijá-las. Nivaldo ensinou a nós todos uma coisa: o cavalheirismo é também indispensável onde menos se exhibe. Nós, homens, deveríamos reservar nosso melhor cavalheirismo para Deus como o fêz Nivaldo. Prometo-lhe procurar imitá-lo sempre!

— Louvado seja Deus! murmurou a Infanta.

E saiu majestosamente do quarto.

* * *

Sancha tinha acertado. A Espanha acolheu em seu coração a Nivaldo, e o honrou com mais devoção e maior favor que a seu irmão Bernardo.

A Espanha chamou a Nivaldo o "seu santo". E em nossos dias, no dia 7 de fevereiro, recita-se um Offício em honra do membro mais jovem da família Fontaines, do homem que foi, e ensinou aos demais a sê-lo, cavaleiro com Deus.

Também o caçula da família alcançou a Cristo.

INDICE

Introdução	5
Sumário	11

PARTE I:

OS PAIS

Capítulo I: <i>O Velho Guerreiro</i>	15
Recordações das cicatrizes	23
O Duque enfurecido	29
Bodas de prata	31
... O senhor não pode rezar?	37
A morte no mais amargo campo de batalha	42
Capítulo II: <i>A mãe que chegou a ser santa</i>	47
Faça-se a vontade de Deus	55
A capitulação	62
Voando até Deus	67
O amor acha um caminho	71

PARTE II:

OS IRMÃOS MAIS VELHOS

Capítulo I: <i>O irmão mais velho de Bernardo</i>	77
Está você falando sério?	82
Estranhos caminhos	91
O complexo do "irmão mais velho"	94
A ajuda do mais velho	102
Pode ser isso uma loucura?	108
Capítulo II: <i>O homem de idéia fixa</i>	111
Tempo para pensar	117
Dionísio visita Cister	123
Um homem só	133
Geraldo visita a granja	137
Bernardo faz um contrato com Deus	141
... Ao encontro da morte com uma canção	146

PARTE III:

BERNARDO

Capítulo único: <i>O homem que se enamorou de Deus</i>	157
Tecelino recupera um fugitivo	168
A espôsa de Guido visita Cister	175
O Cardeal e o Chanceler conversam	184
O Prior e o secretário discordam	199
Escureidão no Vale de Luz	214

PARTE IV:

OS IRMÃOS MAIS NOVOS

Capítulo I: <i>Colaboradora no serviço do amor</i>	223
Agridoce	228
Uma capitulação difícil	234
Associados no serviço do amor	243
Morte feliz	249
Reconhecimento	251
Capítulo II: <i>O homem que guardava a entrada</i>	253
Finos observadores	256
O sorriso de uma mãe	261
Quando houver desaparecido o encanto	265
Trinta anos no caminho do rei	272
"Nunc dimittis"	279
Capítulo III: <i>O homem sem artifícios</i>	281
Eu prefiro o homem simples	290
Não fuja	294
Um magnífico vagabundo	299
Pronto para a vida e para a morte	310
Capítulo III: <i>O pobre menino rico</i>	313
A idade para agir	319
Parecendo-se com Deus	323
O Cavaleiro ladrão	337
Promessas não cumpridas	350
Fidalgos procuram o Céu	354
Morreu o mais nobre cavaleiro da Espanha	357